# O MUNDO DO ESPÍRITO

FLORENCE MARRYAT

Tradução: Amadeu António

(SPIRIT WORLD)
Florence Marry Lean 1833-1899
Data de publicação: 1894

## CAPÍTULO I
## A MINHA CORRESPONDÊNCIA

Desde os meus primeiros dias, ainda sem pensar muito nas coisas, sempre senti que a grande falta deste mundo, a maior de todas, é a prova inegável de que, quando partimos, continuamos a viver — ou melhor, de que nunca deixamos de viver. Alguma coisa deve estar muito errada nas várias religiões que nos são apresentadas, porque dizem que nos dão tudo, menos isto — esperanças vagas, medos ameaçadores, promessas de recompensa e terror do castigo — mas nem um grão de prova de que, ao deixarmos este corpo, vamos continuar a existir, seja para gozar essas recompensas ou sofrer essas punições. E nunca estive tão convencido da verdade do que digo como desde que publiquei, há três anos, o relato da minha experiência com o Espiritualismo.

Desde que esse livro saiu, recebi cartas de desconhecidos de todas as partes do mundo, sete ou oito por dia, e todos dizem a mesma coisa: "Mostrem-nos os nossos mortos! Dêem-nos um sinal de que ainda vivem e de que nós viveremos com eles."

Mães, como Raquel, a chorar pelos seus filhos e a recusar qualquer conforto porque eles já cá não estão; jovens que estudaram todos os escritores ortodoxos conhecidos à procura da verdade e só ficaram mais longe de Deus por causa disso; idosos que, no final da vida, não tinham nada de concreto a que se agarrar; advogados, cientistas, escritores — todos estes e muitos mais escreveram-me ou vieram ter comigo depois de lerem *Não Há Morte*, e eu fiquei muito orgulhoso de ter despertado tanta curiosidade e interesse por um assunto que, para mim, é uma verdadeira religião.

Mas, se isso me deixou feliz, também me deixou triste. Aqui estava uma multidão de homens e mulheres cristãos, que tinham sido ensinados e guiados pelas suas igrejas desde pequenos, a virem procurar um estranho (tão ignorante como eles próprios) para lhes ensinar se é verdade que, ao deixarmos os nossos corpos, vamos reencontrar aqueles que amámos neste mundo. Então os seus líderes espirituais não lhes ensinaram este grande facto? Talvez tenham tentado — sem dúvida que sim — mas não tinham qualquer prova para lhes dar de que a sua doutrina era verdadeira. Só podiam basear-se nas tradições que foram passadas ao longo da história do mundo.

Um padre pode falar à sua congregação sobre o céu e o inferno, sobre os julgamentos de Deus e as suas recompensas, sobre uma eternidade de sofrimento ou de bênção — mas experimentem pressioná-lo para explicar como é que ele sabe que o que prega é verdade. Ele só pode voltar atrás e apontar para o testemunho da Bíblia, que, seja qual for a sua origem, sabemos que está pela metade perdida e completamente mal traduzida. E se a História pode ser suficiente para acreditarmos que Guilherme, o Conquistador, desembarcou em Inglaterra em 1066 (porque, sejamos sinceros, não nos interessa nada se ele lá chegou ou não), não é suficiente para basearmos todas as nossas esperanças de uma vida futura — para nós e para aqueles que amamos.

O coração que sofre e sente saudade precisa de provas — provas reais, incontestáveis — de que aqueles que partiram continuam a viver e a respirar algures; que não estão completamente fora do nosso alcance, do nosso amor, da nossa memória; que os sentimentos mais profundos dos nossos corações não foram em vão, mas continuam a dar frutos; e que até a nossa tristeza por eles pode trazer algum conforto aos espíritos que ainda nos acompanham.

Se eu pudesse publicar todas as cartas que recebi — se vocês pudessem ler os gritos de dor, dúvida e perda que elas contêm, o desespero de quem me escreve para saber, da minha boca, se o que escrevi é a pura verdade — então entenderiam muito melhor do que eu consigo explicar aqui qual é a grande falta deste mundo. O que a religião nunca lhe deu e nunca lhe dará, enquanto a Igreja continuar a reclamar para si todos os milagres que acontecem à nossa volta, a toda a hora.

Muitas das cartas de que falo eu respondi. Muitas mais tive de deixar sem resposta, por falta de tempo, porque as perguntas que me faziam precisariam de outro livro inteiro para serem discutidas como merecem. E é sobre isso que quero falar agora e, na medida do possível, responder como puder.

Mas, apesar de a maioria das cartas — com os seus bordos negros de luto — me terem feito chorar, ao ler aqueles gritos humanos, escritos quase com o sangue do coração de quem os mandou, outras fizeram-me rir pelo completo absurdo das perguntas e exigências que continham, e pela ignorância total que demonstravam sobre o significado ou a utilidade do Espiritualismo.

Mostravam bem como a bela ideia de uma vida depois da morte está praticamente ausente da religião cristã. As cartas e os sentimentos que exprimiam eram uma vergonha para os mestres e para a Igreja que não conseguiu inspirar nos seus fiéis uma esperança mais sólida ou um conhecimento mais profundo. Todos os cristãos dizem que acreditam numa vida futura, mas, se formos a ver bem, nem um em mil tem plena consciência disso. E não admira, considerando que nunca receberam uma única prova real de que essa vida será sua.

Que doente acreditaria num médico ou num dentista apenas com base na palavra deles, de que o podem curar? Ele quer o testemunho de quem já foi curado antes de confiar a sua saúde nas mãos deles. Neste mundo, não basta que os que curam dores e sofrimentos digam aos seus pacientes: "É assim!" As pessoas querem provas antes de acreditarem. E as igrejas já gritam há tempo suficiente: "É assim!" Agora as pessoas começam a responder: "Dêem-nos as vossas provas e acreditamos! Queremos algo mais do que meras suposições. O assunto é demasiado importante para nós. Se vocês não nos souberem dizer, nós vamos descobrir por nós próprios."

E como prova disso, um certo Cónego disse recentemente, num discurso aos seus padres, que, se a Igreja se recusar a reconhecer o poder e a verdade do Espiritualismo, ele acabará por ser o maior opositor que a Igreja já teve.

Há umas semanas, um conhecido profissional escreveu-me: "Gostava de acreditar numa vida depois da morte. Quero acreditar nisso — isso tornaria a minha vida mais feliz e faria de mim um homem mais justo e mais próximo de Deus. Mas, apesar de ter esperança de que seja verdade, nunca recebi qualquer prova de que o seja, e os padres que tentaram convencer-me disso não sabem mais do que eu."

E é aí que está o problema e a verdade! Eles não sabem mais do que nós. Só podem citar a Bíblia — e nós também a podemos ler.

Reparem na falta de precisão da Igreja ao ensinar este tema. Durante muito tempo, a Igreja Protestante negou que pudesse haver tal coisa como o regresso daqueles que chamamos de mortos. Mas quando foi forçada, pelos estudos e provas de cientistas e intelectuais, a admitir que era um facto, decidiu atribuir esses fenómenos ao diabo. Talvez a Igreja Protestante se lembre de que houve um tempo em que todos os fenómenos naturais — como trovões, relâmpagos e terramotos — eram atribuídos ao diabo. Ou seja, tudo o que as pessoas entendiam tão pouco quanto entendem hoje a ciência do Espiritualismo.

A Igreja Católica, por outro lado, admite que é possível e verdadeiro, mas que é diabólico — a menos que esteja sob a sua própria autoridade. Bernadotte, a pequena pastora que viu e falou com uma aparição da Mãe de Cristo em Lourdes (milagre que levou à fundação da famosa gruta de cura de Loreto), foi elevada a santa por causa dos seus poderes mediúnicos. Para ela, foi um milagre e algo divino, mas, se fosse contigo ou comigo, seria diabólico e blasfemo.

A Bernadotte era apenas uma criança pobre e ignorante, nada mais santa do que qualquer miúdo das nossas escolas públicas, mas era uma excelente médium física, e eu teria gostado muito de a ter orientado e ajudado a desenvolver os seus dons. Mas a Igreja deixou-a permanecer no mundo para exercer os seus poderes e ajudar os outros? Nada disso! Fechou-a imediatamente num convento para ficar com ela para si. Declarou que a sua visão foi um milagre — que veio diretamente de Deus. Mas quando eu vejo a aparição da minha filha Florence, que partiu para o mundo espiritual ainda bebé, com apenas dez dias de vida, dizem-me que estou a ver um demónio enviado pelo diabo para me condenar ao inferno! Acreditas numa coisa destas? Eu não.

Os padres sabem perfeitamente que não é assim, mas não têm interesse em levantar o véu. Se admitissem os ensinamentos do Espiritualismo e encorajassem as pessoas a procurar conselhos e orientação junto daqueles que estão mais próximos de Deus do que qualquer mortal pode estar, para que precisaria alguém dos seus serviços? Se caminhassem lado a lado com os seus fiéis nisto — procurando e aprendendo com eles — estariam muito melhor preparados para ensinar os ignorantes e confortar os que choram as suas perdas.

Os padres da Igreja Católica sabem muito bem do que se trata, mas desde o início decidiram manter tudo dentro da sua própria autoridade. A Igreja Católica está cheia de Espiritualismo — está repleta de milagres "oficiais"; os homens e mulheres que os testemunharam foram transformados em santos pelas suas habilidades maravilhosas. Mas esse conhecimento nunca deve chegar às massas.

E a razão é óbvia. Se o povo aprendesse demasiado, deixaria de acreditar que a palavra de um homem pode condenar uma alma ao inferno ou abrir-lhe as portas do céu. As pessoas começariam a usar a consciência que Deus colocou dentro de cada um de nós, para nos avisar sobre o que seguir e o que evitar. Em poucas palavras, seriam livres.

Se ser católico significa ser cego, surdo e mudo, então eu já não sou católico. Depois de tudo o que Deus me permitiu ver e ouvir, eu tenho de falar, senão estaria, de facto, a ser culpado.

Voltando às cartas que recebo: os meus leitores parecem pensar, para começar, que assim que um espírito se liberta do corpo, se transforma numa espécie de pequeno deus, com poderes sobrenaturais de profecia e visão do futuro, capaz de dar conselhos sobre todos os assuntos do mundo, de procurar e comunicar com espíritos desconhecidos, de voar de um lado para o outro a levar mensagens e a descobrir segredos — que, no fundo, perde todas as características humanas e passa a fazer milagres.

Acham também que os espíritos se interessam pelas coisas mais triviais, como encontrar objetos perdidos, ler testamentos, adivinhar os cavalos vencedores das corridas e ler os pensamentos mais íntimos dos seus amigos e familiares.

Um senhor das Índias Ocidentais pediu-me para "enviar o espírito da sua falecida mulher" (de quem eu nunca tinha ouvido falar antes) a uma certa hora, num certo dia, para a Jamaica, tendo em conta a diferença horária entre os dois países, para que ela lhe desse conselhos sobre como educar o filho.

O que teria ele pensado se eu lhe respondesse que, se ele mandasse primeiro a sua falecida mãe visitar-me, eu tentaria entrar em contacto com a sua mulher?

Quando é que as pessoas vão perceber que os médiuns não comandam os espíritos, não os controlam, não os invocam à vontade, nem os mandam fazer tarefas? Eles vêm para nos ensinar — não para serem tratados como empregados que correm a fazer recados ou a satisfazer curiosidades. Eles estão num nível superior — nós, no inferior. Eles são os pregadores — nós, a congregação.

Outro homem, da América, escreveu-me a dizer que, se os meus espíritos lhe dissessem o seu verdadeiro nome (ele tinha assinado com um nome falso), profissão, idade, cor da pele e características pessoais, ele tornar-se-ia espiritista. Que grande incentivo para eu me dar ao trabalho!

Mas, no fim das contas, se alguém recusa acreditar na verdade do Espiritualismo enquanto está vivo, o prejuízo é todo seu. Vai apenas estar menos preparado para quando entrar noutra vida. Mais cedo ou mais tarde, todos seremos espiritistas — assim que formos espíritos.

Uma senhora escreveu-me a dizer que há muito tempo sonhava repetidamente com um homem desconhecido, até que se convenceu de que ele existia algures neste mundo. E, se o Espiritualismo servisse para alguma coisa, os meus amigos espirituais deveriam ser capazes de o encontrar e juntá-los para que pudessem casar.

Outra senhora disse-me que tinha três filhas lindíssimas — descreveu-as todas ao pormenor — mas, até ao momento, nenhuma delas tinha encontrado marido. Então pediu-me para enviar um espírito que as fosse ver e dissesse se alguma delas se casaria e, se sim, com quem e quando.

Já recebi inúmeros pedidos deste género:

"Perdi um anel de grande valor. Pode perguntar à Florence onde está?"

"O meu pai morreu no ano passado. Pode perguntar a um dos seus espíritos onde ele está agora e se tem alguma mensagem para mim?"

"Estava noiva, mas o noivado foi rompido. Agora quero reatá-lo. Pode dizer-me se há alguma hipótese disso acontecer ou se os seus espíritos podem influenciar o meu ex-noivo a voltar para mim?"

As pessoas que fazem estes pedidos demonstram uma ignorância completa sobre o que é o Espiritualismo e para que serve. Como já disse antes, os espíritos não são rapazes de recados que podem ser enviados à nossa vontade para cumprir ordens de desconhecidos. Nem são omnipresentes, omniscientes ou omnipotentes, capazes de ler todos os corações e influenciar todas as mentes. Pensar neles dessa forma é atribuir aos mais humildes dos seres de Deus os mesmos poderes do próprio Deus.

Além disso, a missão dos espíritos não é apressar casamentos ou ajudar em interesses egoístas e materiais. Eles vêm para nos provar que continuamos a viver depois da morte — não para servir os caprichos dos gananciosos e dos curiosos deste mundo. E, mesmo que o fizessem, não seria para completos desconhecidos. Cada um ajuda os seus. Eles são os nossos anjos da guarda — e a sua recompensa é o privilégio de continuar a cuidar daqueles que amam, mesmo que, na sabedoria de Deus, isso lhes seja temporariamente negado após a sua partida.

Os senhores e senhoras que me escreveram essas cartas ficariam, sem dúvida, muito surpreendidos se lhes pedissem para fazerem esse tipo de coisas pelos outros. Então, porque é que imaginam que, depois de deixarem o corpo, iriam sentir-se mais inclinados a fazer esses favores a pessoas que não têm qualquer ligação com eles? Se lhes colocarem esta questão diretamente, respondem hesitantes: "Ah, sim, claro, mas eu pensei que os espíritos..." E isto prova exatamente o que eu digo: a maioria das pessoas não consegue compreender que elas próprias — sim, elas mesmas — existirão no mundo espiritual; que a vida espiritual não é uma outra vida, mas uma continuação desta; que não mudarão em nada, talvez por muitos anos, em relação ao que são quando passam para o outro lado; que o homem terreno continuará terreno e o homem espiritual continuará espiritual, e que ambos progredirão na mesma medida em que tenham progredido enquanto estavam aqui, nesta escola da vida.

Sabemos que o jovem que se esforça para adquirir conhecimento passa nos exames e consegue um lugar melhor na universidade do que aquele que foi preguiçoso ou desobediente. O mesmo acontece connosco. Quanto mais espiritualidade adquirirmos aqui, melhor preparados estaremos para viver uma vida espiritual depois. Lembram-se destes dois versículos? "Como a árvore cai, assim ficará." E ainda: "Quem é injusto, seja injusto ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, santifique-se ainda."

Eles aplicam-se exatamente ao que estamos a falar. O que me foi ensinado é que cada um permanece como era no momento da morte — até ao dia em que decidir melhorar. Mas isso pode envolver um grande sofrimento primeiro. Mas, para equilibrar as cartas de ignorantes como os que mencionei — pessoas que, talvez, nem sequer tenham espiritualidade suficiente para compreender o grande trabalho que os espíritos dos que partiram têm a missão de fazer na Terra — também recebi mensagens que me fizeram sentir o dobro da gratidão por ter tido coragem de partilhar as minhas experiências com o mundo.

E devo dizer-vos que fiz isso apesar de enfrentar muita oposição e desaprovação. Alguns dos meus familiares mais próximos avisaram-me de que, se publicasse *Não Há Morte*, iam chamar-me louca ou mentirosa, e que os meus romances iriam sofrer as consequências disso. Disseram-me que iria ofender os médiuns com quem me sentei e as pessoas com quem tive sessões. Achei tudo isso muito provável, mas argumentei que, tendo visto o que vi e ouvido o que ouvi, não tinha o direito de esconder a verdade do mundo.

Aos que acreditam no que digo, acho que vão gostar de saber que o meu nome como escritora não sofreu em nada com a minha ousadia. Pelo contrário, o livro foi recebido com mais entusiasmo do que qualquer outra coisa que já escrevi. E tenho a felicidade de saber que levou conforto e esperança a muitos corações que sofriam.

Mães voltaram a falar com os seus filhos, maridos com as suas esposas, amigos reencontraram amigos — tudo através da minha ajuda. E agradeço a Deus por isso. Mais do que isso, homens e mulheres que nunca acreditaram em nada antes de lerem o meu livro escreveram-me para dizer que, pela primeira vez, conseguiram conciliar a misericórdia de Deus com a sua justiça.

Alguns jornais católicos publicaram artigos a insultar-me, mas como foram escritos por um dos meus familiares mais próximos, não é de admirar. Afinal, como se costuma dizer, os inimigos de um homem são sempre aqueles da sua própria casa — e ainda mais quando esse homem tem sucesso.

Mas que tempo teria eu para me preocupar com artigos de jornal, quando recebi cartas como esta? Um jovem soldado escreveu-me da Cidade do Cabo. Não tenho autorização para dizer o nome dele, mas sei que, em consideração a todo o prazer que me deu, ele não se importará que eu partilhe aqui alguns excertos da sua carta:

"Aceite a minha mais profunda e sincera gratidão pelo trabalho maravilhoso que está a fazer pela causa do Espiritualismo, e pela ajuda pessoal que o seu livro me deu. E não digo isto apenas por mim, mas também por muitos outros que, como eu, o destino ou as circunstâncias dispersaram pelos cantos mais remotos do mundo, onde as ideias progridem ao ritmo das ações de quem nos rodeia, arrastando-se devagar; onde os raios de luz do pensamento avançado ainda não penetraram as escuras e poeirentas teias de ignorância e fanatismo; onde faltam as influências civilizadoras que refinam e suavizam a vida.

Acabei de fechar as páginas do seu último e maior livro (*porque assim pode ser chamado*) *Não Há Morte*, e deixei-o de lado, com um sentimento de admiração e um suspiro de gratidão. Exerceu uma influência estranha sobre mim. Elevou-me acima de mim mesmo — trouxe à superfície uma parte melhor de mim (*um visitante raro e distante, que só aparece nos sonhos*), uma parte de mim que ainda sobrevive, apesar da atmosfera carregada e pesada da vida de soldado. Tornou-me, de facto, um homem melhor.

Mas isto é apenas a minha experiência pessoal, e não é nada comparado com o efeito magnífico que o seu livro está a ter no mundo pensante. Quanto mais aprendemos sobre o Espiritualismo, especialmente sobre as fases que descreve, mais ficamos horrorizados com a natureza da maioria das pessoas à nossa volta, sobretudo na vida que levo atualmente. Vejo almas miseráveis, arruinadas, deformadas, sufocadas pelos muros decadentes da prisão do corpo — almas em tal estado que compará-las aos animais seria um insulto aos próprios animais.

A senhora está a espalhar nobremente um conhecimento cuja luz é a única capaz de reacender a chama espiritual de tais seres. Ao expor o seu coração ao mundo e partilhar as suas experiências maravilhosas, em nome da verdade e do progresso — desprezando as críticas de um público incrédulo — só aqueles como nós podem compreender plenamente a grande ajuda que o seu trabalho está a dar à causa, e o bem permanente que daí resultará. A humanidade deve-lhe uma dívida de gratidão que nunca poderá ser totalmente paga nesta vida, mas que, sem dúvida, será creditada a seu favor na vida além da morte.

Aceite os mais sinceros agradecimentos de uma alma perdida no deserto, pelo bem que me fez. Nunca antes tinha compreendido tão plenamente a beleza divina da fé e o seu poder transformador como desde que li *Não Há Morte*."

Recebi testemunhos semelhantes de colonos no mato, de soldados sob o sol tropical da Índia, de padres em terras remotas do Canadá, de primos americanos do outro lado do Atlântico, de irmãos e irmãs de todas as classes sociais. Todos me garantiram que a minha decisão de partilhar publicamente a minha crença no Espiritualismo lhes trouxe conforto e esperança, e os encorajou a investigar a verdade dessa doutrina. Mas todos me pediram mais informações sobre este assunto tão essencial para todos nós.

Em *Não Há Morte*, limitei-me de propósito a relatar as minhas experiências pessoais. Senti que, ao testemunhar publicamente sobre um assunto tão importante, não tinha o direito de repetir nada além daquilo que podia jurar que vi e ouvi com os meus próprios olhos e ouvidos. Mas agora a situação é diferente. Acho que a maioria dos meus leitores já está convencida de que o que escrevi é verdade, e eles próprios exigem mais detalhes sobre como podem seguir o mesmo caminho e encontrar a mesma paz. E sinto que não tenho o direito de lhes esconder nada que eu possa partilhar.

No geral, a correspondência que recebi tem sido tão gratificante e encorajadora que só posso agradecer aos que me escreveram. No entanto, algumas poucas cartas irritaram-me — sem intenção, tenho a certeza — ao perguntarem se tudo o que relatei em *Não Há Morte* era verdadeiro ou se não passava de um romance bem inventado.

(Este foi, na verdade, o termo usado por mais do que um dos meus correspondentes.) Agora, eu pensei que tinha deixado bem claro, logo no primeiro capítulo, que estava a relatar a experiência real da minha vida. Mas quem, acreditando que sou uma mulher, poderia suspeitar que eu estaria a brincar com um assunto tão solene como os corações feridos e sangrando dos meus semelhantes?

Com certeza, ninguém que já tenha passado pela dor terrível e indescritível de perder um amigo querido pela morte. Se for necessário repetir, que fique claro: todos os incidentes relatados em *Não Há Morte* aconteceram exatamente como os escrevi. E não foram escritos de memória, mas com base em notas que tomei na altura.

Outras pessoas conhecidas perguntaram-me se eu tinha a certeza, considerando o tempo que passou desde que muitos dos acontecimentos que descrevi tiveram lugar, de que os meus sentidos não me tinham enganado ou se me lembrava realmente do que aconteceu. A única resposta que lhes posso dar é a mesma: que fiz registos detalhados de tudo no momento em que ocorreu.

E, melhor ainda, talvez, é que experiências semelhantes continuam a acontecer-me todos os dias.

Outros ainda escreveram-me a perguntar se eu não teria sido hipnotizada nas sessões que descrevo e apenas imaginado que vi o que relato. O quê?! Então, trinta ou quarenta pessoas foram hipnotizadas ao mesmo tempo? Algumas para verem um amigo, outras para verem um estranho, todos na mesma forma? Um deles choraria ao reconhecer o pai ou a mãe, enquanto o outro ficaria indiferente porque não fazia parte da mesma emoção do vizinho?

Só aqueles que se julgam muito sábios, mas que na realidade são completamente ignorantes, tentariam explicar os fenómenos dessa forma. Nenhum homem de ciência faria isso, e atrevo-me a dizer que nenhum homem, científico ou não, que tenha começado a estudar seriamente o Espiritualismo, alguma vez tenta explicá-lo por completo. Se não estiverem convencidos da sua autenticidade, limitam-se a não tomar partido. Não conseguem refutá-lo com argumentos, nem nunca conseguirão.

Aquele jornal esperto, *Truth*, foi ao fundo do poço há uns tempos, ao publicar um artigo sobre as minhas afirmações acerca da reaparição do meu enteado Francis Lean, intitulado *"O Falso Fantasma de Miss Marryat"*.

Na altura, não dei importância ao artigo por várias razões, uma delas sendo que detesto polémicas com jornais. No entanto, vou abordar esse assunto neste livro e provar-vos que, embora *Truth* seja, em si mesma, uma publicação credível, neste caso aceitou o testemunho de uma pessoa que não é de confiança.

*"Francis", "Florence", "Dewdrop" e "Goodness"* não são apenas visões do passado, mas amigos íntimos no presente, e a eles juntaram-se muitos outros, que se reúnem à minha volta ano após ano, à medida que vejo e aprendo mais sobre esta ciência divina que traz tanto prazer e conforto à minha vida.

Desde que publiquei o meu livro, surgiram inúmeras pessoas a afirmar que dominam todas as maravilhas do Espiritualismo, e vários livros foram escritos sobre o tema. Mas deixem-me repetir o que já disse antes: isto não é um passatempo, nem algo que se aprende ou prova num só dia. Há muitas pessoas histéricas que declaram ter visto espíritos ou sentido as suas mãos serem guiadas pelos mortos, e que estão sempre prontas a ensinar os outros, como se já soubessem tudo antes mesmo de terem aprendido o básico da fé que dizem professar.

O Espiritualismo não se aprende, nem os seus benefícios se alcançam sem perseverança, paciência, estudo e investimento.

Muitas vezes, as pessoas vêm ter comigo cheias de entusiasmo, querendo saber se o Espiritualismo é verdadeiro. Dizem-me que estão ansiosas por serem convencidas da vida após a morte dos seus entes queridos, que desejam acreditar na eternidade e numa existência futura, e pedem-me que lhes diga onde podem ir para provar isso por si mesmas. Eu dou-lhes o nome e a morada de um médium em quem confio plenamente e explico os custos envolvidos.

E o que dizem? "Ah! Mas isso é um preço proibitivo!"

No entanto, pagam alegremente meia libra para ir ao teatro ver *"A Tia do Charlie"* (e, para ser justa, acho que a peça vale bem o dinheiro!) — mas consideram demasiado caro pagar para ter uma prova da vida eterna! Pessoas assim não são espiritistas, são apenas curiosos. Querem ir a sessões espíritas só por diversão, e estariam muito melhor se simplesmente ficassem em casa.

Não tenho muita fé nas propostas que ouço para a criação de "colégios de Espiritualismo". Talvez chamem a atenção para a doutrina, mas duvido que a façam avançar da forma correta. Acabarão por tornar-se mais uma igreja de outra religião qualquer, e sempre que o dinheiro e as doações se tornam a prioridade, a religião acaba por se perder. A principal razão pela qual a religião cristã caiu em descrédito nos últimos anos, ao ponto de os padres não conseguirem encher as igrejas, é porque custa demasiado dinheiro para ser praticada.

Toda a religião deveria ser gratuita. O nosso Espiritualismo deve estar dentro de nós e das nossas famílias. Esse é o único altar onde pode dar frutos. Se Cristo voltasse à Terra nesta geração, derrubaria as igrejas e atiraria os fiéis para a rua, da mesma forma que expulsou os mercadores do Templo. O que faz a maioria das pessoas no século XIX, senão transformar a Casa do Pai num antro de ladrões? Se todos tivéssemos uma crença indiscutível e uma convicção firme na verdade da vida após a morte, não precisaríamos de igrejas — apenas dos nossos próprios corpos, que o conhecimento do amor de Deus transformaria em templos para o Espírito Santo.

Ter a certeza absoluta de que continuaremos a viver — saber, pela única prova real possível, que é o regresso dos mortos, que passaremos desta vida para outra, muito mais bela — faria com que vivêssemos constantemente na presença de Deus e daqueles que amamos.

Uma crença universal no Espiritualismo faria aquilo que todas as igrejas do mundo e todas as religiões inventadas por nós falharam em fazer:

Transformaria uma humanidade blasfema, adúltera, assassina, mentirosa e traiçoeira num grupo de filhos gratos e adoradores, conscientes do amor do seu Criador e pacientes perante as dificuldades deste mundo, porque teriam a certeza de que passarão para outro.

Reconheceriam — algo que muito poucos fazem hoje — que os desígnios de Deus, ao afastar os nossos entes queridos da nossa vista por um tempo, são sempre para o melhor. Pois saberiam, com absoluta certeza, não só que se reunirão com eles em breve, mas que, mesmo enquanto ainda estão neste mundo, podem ser consolados pela presença dos seus espíritos e pela certeza de que continuam a amá-los e a esperar por eles.

Porque é que sofremos tanto, *como aqueles que não têm esperança*, quando perdemos os nossos entes queridos pela morte, e no entanto conseguimos suportar, com relativa calma, quando eles partem para outro país, onde ficam fora do nosso alcance, tanto para ver como para ouvir, e talvez expostos a todo o tipo de perigos, como doenças e acidentes de viagem?

Não haverá algo de errado numa religião que nos deixa entregues às nossas próprias dúvidas e medos — que não tem o poder de nos fazer confiar e ter esperança no nosso próprio futuro e no futuro daqueles que amamos?

Não ajudaria acreditar que eles nos podem visitar e ver o que fazemos? Não faria isso com que aqueles que ficam vivos tivessem mais cuidado com o seu comportamento, sabendo que aqueles que choram ainda podem sofrer com os seus erros?

*"Sabendo que estamos cercados por uma grande nuvem de testemunhas."*

E, no entanto, o clamor dos filhos da Terra continua a ser: *"Mostrem-nos os nossos mortos!"*

O ateu diz: *"Provem-me que Deus existe, e eu acreditarei nele."*

O que leva uma vida desregrada diz: *"Provem-me que este mundo não acaba aqui, e eu verei algum sentido em abandonar os meus maus caminhos e viver uma vida mais pura."*

O enlutado diz: *"Deixem-me acreditar que voltarei a encontrar o meu filho, o meu pai ou a minha mãe, e eu serei paciente e resignado, em vez de me entregar ao desespero."*

Pois bem, caros amigos — caros companheiros de sofrimento (*porque eu sofri tanto quanto vocês*) — deixem-me tentar, da melhor forma que puder, provar-vos que é verdade.

Deixem-me mostrar-vos, com toda a capacidade que tenho e com a ajuda dos meus amigos espirituais, como fazer o que eu fiz — ou seja, como abrir comunicação com aqueles que partiram antes de nós, para que eles próprios possam convencer-vos de que ainda vivem, e que basta esperar mais um pouco para estarem com eles novamente.

Deixem-me mostrar-vos que, ao chegar ao outro mundo, tudo vos parecerá natural — e que levarão convosco o vosso próprio céu ou o vosso próprio inferno, tal como o criaram para vocês próprios enquanto estiveram aqui.

Que ali não há nenhuma tortura planeada para vocês por um Pai Todo-Misericordioso desde o início dos tempos, mas apenas aquilo que vocês próprios construíram, ao não exercitarem ou ao reprimirem o amor natural que Ele colocou nos vossos corações para o bem dos vossos semelhantes.

Venham comigo, e vamos discutir este assunto juntos. Vamos descobrir como podemos provar, da melhor forma, que a minha teoria é verdadeira. Lembrem-se de que isso é tão importante para mim quanto para vocês. Eu estou tão ansiosa quanto vocês para descobrir *"a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade."* Se me enganei durante vinte e cinco anos (*o que acho impossível*), estou tão disposta a reconhecer o meu erro e abandonar tudo agora, como estaria se ainda estivesse nos meus primeiros dias de investigação.

O mais importante, para vocês, para mim e para toda a gente, não é apenas pensar sobre isto ou acreditar naquilo, mas sim descobrir a verdade por nós próprios. É evidente que as igrejas não nos ensinaram essa verdade. Se o Espiritualismo é real, porque é que fomos mantidos na ignorância sobre ele? Porque é que esta realidade nos foi negada vezes sem conta?

Por ordem de quem foi que os ministros da Igreja Anglicana, até há poucos anos, declararam que tudo isto não passava de um disparate ridículo, e agora quase todos admitem que é verdade — e muitos já o pregam diretamente do púlpito?

Somos nós crianças, para que nos escondam os segredos da natureza? Tenhamos mais coragem! Decidamo-nos a conhecer tudo e julgar por nós próprios! Se descobrirmos que o Espiritualismo nos faz mal — que nos impede de cumprir os nossos deveres neste mundo, ou que prejudica a nossa saúde e força — então, por todos os meios, devemos abandoná-lo, porque não é para nós.

Mas, se nos dá conforto e alegria, se nos dá mais fé na bondade de Deus e coragem para cumprir a missão que Ele nos deu na Terra, então devemos agarrá-lo como a maior bênção que Ele concedeu ao Homem. E agora, deixem-me pegar-vos pela mão, como quem diz, e mostrar-vos porque acredito que o Espiritualismo é uma bênção absoluta e sem reservas.

## CAPÍTULO II

## A CURA PARA A MORTE

Gostava de falar convosco, primeiro, sobre a morte — essa mudança que, para a maioria de vocês, é um pesadelo de terror, mas que, na realidade, devia ser o acontecimento mais feliz de toda a vossa vida.

Este medo irracional de uma mudança tão natural como nascer é uma das maiores provas que temos do pouco bem que as religiões do mundo realmente fizeram — de quão pouca influência tiveram, de facto, na compreensão e na alma dos homens.

Porque, se tivessem conseguido fazer com que os seus fiéis realmente acreditassem nos ensinamentos que pregam, a esperança nas alegrias do Céu teria acabado com o medo da morte, e o terror do Inferno teria feito desaparecer os vícios da humanidade. Mas nem uma coisa nem outra aconteceu, mesmo depois de mil e oitocentos anos de sermões e orações.

Porque é que tememos tanto a morte, quando se trata de nós próprios, ao ponto de, na maioria dos casos, nem sequer termos coragem para nos sentarmos e olharmos de frente para o "bicho-papão" da nossa infância? Sabemos que é inevitável — que nos vai acontecer a todos. As nossas vidas são todas diferentes. Alguns nascem para a prosperidade, outros para a desgraça. Alguns para a saúde, outros para a doença. Alguns para alcançar as mais altas honras e posições de prestígio, outros para viver e morrer na obscuridade.

Mas, mais cedo ou mais tarde, todos chegamos ao mesmo fim — esse fim que iguala o rei e o mendigo; que transforma o corpo do jovem, rico e nobre Duque de Clarence, deitado no seu caixão forrado a veludo carmesim, no mausoléu da Capela de São Jorge, em Windsor, na mesma poeira — nem mais fina, nem menos repugnante — que os restos do último pobre desgraçado, doente e subnutrido, atirado para fora de uma carroça do asilo, para dentro de uma vala comum, já sobrelotada com uma dúzia de outros como ele.

A morte não é como a febre tifoide ou a varíola, doenças que podemos esperar evitar ou superar com cuidados e precauções. Ela é inevitável — todos temos de passar por isso.

E, no entanto, a maioria das pessoas afasta o pensamento da morte como se fosse um assunto proibido. Arrepiam-se só de ouvir falar dela. Aquilo que todos terão de enfrentar

um dia é afastado para os cantos mais escuros da mente, como se fosse o maior dos inimigos. Mesmo aquilo que a sua religião lhes ensina ser a entrada para uma eternidade de felicidade é evitado como se fosse, na verdade, o início do típico Inferno que lhes foi imposto à força, sem outro efeito senão o de os fazer temer a ideia de comparecer perante o seu Pai Celestial.

Então, a culpa está na religião ou no ensino? Se acreditam na sua religião, porque é que têm medo da morte? Se não acreditam, será porque, no fundo do coração, sentem que não é verdade? Que o Céu e o Inferno, tal como nos foram apresentados, não passam de "bichos-papão" inventados para nos manter debaixo do controlo dos nossos pastores espirituais e impedir-nos de questionar e aprender por nós próprios? Se lerem a história das igrejas, vão ver que, desde o início, as pessoas foram sempre incentivadas a entregar os seus juízos e as suas consciências às mãos dos sacerdotes. E não foi apenas a Igreja Católica que se arrogou o direito da infalibilidade.

Cada uma, à sua maneira, fez o mesmo — desde a Igreja Calvinista, com a sua doutrina cruel da *eleição pela graça*, até às pequenas capelas onde se gritam sermões sobre *fogo do Inferno e tormentos eternos* aos ouvidos de congregações ignorantes. Mas, graças a Deus, há uma perspetiva muito melhor e mais racional do que essa. E se o Espiritualismo não servisse para mais nada senão para acabar com esse medo irracional da morte e do que vem depois, já teria feito aquilo que nenhuma outra crença conseguiu até hoje.

Muito desse medo absurdo da morte foi-nos incutido desde crianças, mas tudo se deve à mesma causa — a incapacidade da religião de nos convencer da realidade da bela vida para a qual estamos a caminhar. Desde os nossos primeiros anos, quase nunca ouvimos falar do assunto sem que seja num tom sussurrado e solene. Uma das minhas primeiras memórias é a de ser arrastada por uma ama ignorante para ver todos os funerais que aconteciam no cemitério vizinho — de ver os enlutados vestidos de negro, as penas negras dos cocheiros, os véus de luto — de ouvir a terra a bater sobre o caixão e imaginar o rosto pálido e assustador que estaria lá dentro.

E, para piorar tudo, se uma noite não conseguisse adormecer tão rápido quanto a minha ama queria, ela ameaçava-me: *"Se não fechas os olhos já, vou chamar os mortos para te virem buscar e levar para o cemitério!"*

A minha mãe era muito religiosa — *religiosa segundo as histórias que lhe ensinaram como sendo a verdade* — mas nunca, nos meus tempos de infância, me disse uma única palavra para aliviar o medo que cresceu dentro de mim por causa da forma como os cristãos lidam com os seus funerais. Nada sobre a felicidade da alma livre que, talvez, estivesse a assistir à cerimónia *com o orgulho despreocupado de um espírito ressuscitado*. Eu só via a sepultura escancarada e os rostos chorosos. Só ouvia os soluços dos que ficavam. E, quando se falava da morte, era sempre acompanhada das velhas ameaças do *abismo sem fundo* ou da alternativa — que não era muito melhor — de passar toda a eternidade a cantar salmos diante de um grande trono branco.

Tive um irmão mais novo, chamado Willy, que morreu com sete anos, muito antes de eu nascer. A minha mãe — que, dentro das suas crenças, era uma mulher bondosa — costumava contar-me como ficou angustiada no momento da morte dele. O pobre rapaz estava a morrer com uma inflamação nos intestinos, que causa uma sede insaciável. E, enquanto ele se debatia para viver, a minha mãe perturbava os seus últimos momentos descrevendo-lhe o

Céu, o lugar para onde achava que ele estava prestes a ir. De repente, Willy ergueu-se no leito, apoiado no cotovelo, e exclamou desesperado:

*"Eu não quero ir para lá! Eu quero é cerveja!"*

Pobre mãe! Ela acreditava realmente que o nosso querido e misericordioso Pai, Deus, castigaria um menino de sete anos por dizer uma blasfémia dessas, e que, se o pequeno Willy algum dia entrasse no seu Céu mítico e nada desejável, isso só aconteceria depois de ser purificado pelo fogo.

Mas agora ela sabe melhor. Ela passou para o outro lado depois de mais de dez anos de sofrimento, e as primeiras palavras que me disse, quando voltou a comunicar comigo, foram:

*"Oh! É tudo tão diferente do que eu imaginava, tão, tão diferente."*

Charles Dickens, que demonstra a sua natureza sensível em cada linha que escreveu, mostrou bem o que pensa sobre esta mania de meter medo às crianças com a morte, nas palavras que põe na boca da ama Polly, no livro *Dombey e Filho*.

Quando a pobre e negligenciada Florence lhe pergunta:

*"O que fizeram à minha mamã?"*

Ela responde:

*"Era uma vez uma senhora — uma senhora muito boa — e a sua filhinha amava-a muito. Uma senhora muito boa, e a sua filhinha amava-a muito,"* repetiu a criança. *E quando Deus achou que era o momento certo, essa senhora ficou doente e morreu."*

A criança estremeceu.

*"Morreu, para nunca mais ser vista por ninguém na Terra, e foi enterrada no chão onde crescem as árvores."*

*"No chão frio,"* disse a criança, estremecendo de novo.

*"Não! No chão quente,"* respondeu Polly, aproveitando a oportunidade, *"onde as sementes feias se transformam em belas flores, e em erva, e em trigo, e em tantas outras coisas. Onde as pessoas boas se transformam em anjos brilhantes e voam para o Céu."*

A criança, que tinha baixado a cabeça, ergueu-a novamente e ficou a olhar para ela atentamente.

*"Então, quando esta senhora morreu, para onde quer que a tenham levado, ou onde quer que a tenham posto, ela foi ter com Deus! E ela rezou a Deus, essa senhora rezou,"* disse Polly, emocionada, *"para ensinar a sua filhinha a acreditar nisso no seu coração, e a saber que a mãe estava feliz ali, e que ainda a amava, e para ter esperança e tentar — oh! por toda a vida — encontrar-se com ela lá um dia, para nunca, nunca, nunca mais se separarem!"*

*"Era a minha mamã!"* exclamou a criança, saltando para o colo de Polly e abraçando-a com força.

Sempre achei que esta é uma das passagens mais tocantes que o grande autor alguma vez escreveu. Agora, um dos principais objetivos do Espiritualismo é tornar esta morte, que tanto temem, menos horrível para vocês. Mostrar-vos que ela é tão natural como viver nesta Terra, porque nada mais é do que uma continuação da vida. Mostrar-vos que não há morte, na verdade (*no sentido em que sempre nos ensinaram a vê-la*), mas apenas um segundo nascimento para um segundo plano de existência.

O Espiritualismo ensinar-vos-á que temem demasiado porque sabem demasiado pouco, e que ele é a luz que tornará a vida mais fácil de suportar e a morte mais bem-vinda. Não quero, nem por um instante, desvalorizar a dor terrível que sentimos ao perdermos aqueles que amamos pela morte. Isso é um assunto completamente diferente de temê-la por nossa própria causa. Perder um ente querido é a maior dor que esta vida pode trazer, mas até essa dor pode ser muito aliviada quando sabemos que há apenas um véu fino a separar-nos daqueles que já não vemos.

Acredito que não há ninguém que leia estas palavras que nunca tenha passado por isso. Nenhuma pessoa que nunca tenha estado ao lado do leito de morte de um pai ou de uma mãe; de um irmão ou de uma irmã; de um marido ou de uma esposa; ou, pior do que tudo, de um filho! Porque é da ordem natural da vida que os nossos pais partam antes de nós, e é sempre uma questão de sorte qual dos cônjuges ou irmãos parte primeiro. Mas os filhos que trouxemos ao mundo — os bebés que amamentámos nos nossos peitos — os jovens que vimos crescer e florescer…

Oh, mães! Pergunto-vos: haverá alguma dor maior debaixo dos céus do que ver um filho morrer?

Ver as mãos que sempre ajudámos estendidas para nós, implorando por ajuda, sem que possamos fazer nada? Ver aqueles olhos queridos ficarem vidrados à medida que a morte se aproxima? Tentar captar as últimas palavras sussurradas?

Ouvir a respiração entrecortada tornar-se cada vez mais difícil, até que, antes mesmo de nos apercebermos de que o fim chegou, sabemos que o destruidor veio — que tudo acabou.

Que aquela criança quente e viva, que tantas noites segurámos contra o peito — *nossa carne, nosso sangue* — desapareceu para sempre, transformada num pedaço de barro, sem voz, sem movimento, sem alma.

E que, dentro de poucos dias, por mais que os nossos braços tentem segurá-la, irão arrancá-la de nós e enterrá-la na terra fria e húmida, onde se tornará putrefata, nojenta, repulsiva.

Oh, aquele enterro horrível! Quando os torrões de terra pesada batem com estrondo contra a tampa do caixão que guarda o nosso querido morto, como se quisessem parti-lo. E gritamos, como se a nossa frágil súplica pudesse interromper o ritual. E sentimos o coração a fraquejar dentro do peito, ao percebermos que não há nada a fazer, a não ser aceitar. Deus, que ordenou a morte como meio para os Seus filhos passarem para uma existência

mais pura e mais elevada, é o único que pode compreender a dor que sentimos ao vê-la a levar aqueles que amamos.

E depois vem o vazio avassalador que se segue. Lembram-se de como foi voltar para casa? Ver a cadeira vazia? A cama desfeita? Os objetos pessoais deixados para trás? E sentir que aqueles braços queridos nunca mais se enlaçarão à volta do nosso pescoço? Que aquela voz, que adorávamos ouvir, está para sempre silenciada? Que aqueles olhos, nos quais nos perdíamos, estão fechados e apagados? Que o nosso filho nos deixou?

Que agora jaz num caixão estreito, debaixo das terras cruéis, no frio, na geada, na chuva — e que nunca mais o veremos, até que também nós passemos pelo mesmo mistério terrível?

Não ficavas acordado à noite, a soluçar em vez de dormir, a espreitar, com os olhos inchados, para a escuridão impenetrável, ansiando pelo *"toque de uma mão desaparecida, e o som de uma voz que se calou"*—sentindo que darias tudo, que arriscarias tudo, só para ouvir uma única palavra, para ter um pequeno vislumbre que te convencesse de que o teu amado não tinha partido para sempre, para além do alcance do teu amor e das tuas lágrimas?

Pobre enlutado! A quem foste procurar consolo na tua terrível dor? Ao teu ministro? E o que foi que ele te disse? Sem dúvida que foi muito amável e teve pena do teu sofrimento, mas não tinha nenhum poder para o aliviar.

Falou-te de um céu vago, indistinto, indefinido, localizado não se sabe onde, governado por leis que ele não te podia explicar, sujeito a condições que ele próprio desconhecia. Uma ideia confusa e nebulosa de uma cidade pavimentada de ouro, situada algures por cima das nuvens. Um lugar onde bebés inocentes, se não forem aspergidos com água por um homem, não podem entrar — mas onde velhos pecadores e assassinos, que gritam no último sopro de medo *"Eu acredito!"*, são recebidos de braços abertos.

Um lugar onde, como a misericórdia de Deus não tem limites, podes apenas confiar e esperar que o teu filho tenha sido admitido.

Isso confortou-te?

Isso fez desaparecer um só pensamento sobre a sepultura escura, o caixão estreito, as feições queridas a tornarem-se pálidas e os membros arredondados a apodrecer?

E se o teu ente querido não fosse uma criança? E se fosse um jovem distraído, que nunca fez grande bem nem grande mal na sua curta vida? O que te disse o ministro, então? Para onde foi ele com as suas teorias? Não abanou a cabeça, manteve a boca fechada e deixou-te ainda mais desesperado e sem esperança do que antes?

A culpa não foi dele — ele fez o melhor que pôde para te confortar — mas não sabia mais.

Como haveria de saber, pertencendo a uma comunidade que impõe regras rígidas aos seus membros e não permite que ninguém pense ou fale, a não ser de acordo com aqueles que estão acima dele?

De todas as pessoas neste mundo, os pastores, padres e ministros são aqueles que mais precisam de aprender sobre espiritualidade. Eles são realmente *os cegos a guiar outros*

*cegos*, a cair juntos no fosso da ignorância. E os teus amigos, deram-te algum consolo mais satisfatório? Ou tentaram apressar tudo o que te lembrava a tua perda para longe da tua vista, aconselhando-te a mudar de ambiente, dizendo que não valia a pena alimentares a tua dor, que chorar não ia trazer os mortos de volta e que o teu dever era com os vivos? E talvez tenhas caído de joelhos, meio enlouquecido com essas palavras vazias, e estendido os braços vazios para o céu, clamando a Deus que te dissesse porque é que alguma vez criou o teu filho — ou a ti próprio — apenas para te deixar na mais indescritível miséria.

E o que terias sentido, se nesse momento supremo ouvisses a voz que julgavas perdida para sempre, chamando *"Mãe!"*?

Se pudesses virar a cabeça e ver aquela forma querida ao teu lado — não envolta num brilho celestial e afastada de ti por uma luz angelical, mas vestida como estava em vida, a falar e a sorrir como sempre falava e sorria — só que agora sem tristeza, sem doença, sem qualquer vestígio de morte ou decadência, mas radiante de vida em cada traço e movimento? Não teria essa visão, por mais breve que fosse, feito mais para secar as tuas lágrimas do que todas as teorias dos padres ou os conselhos dos teus amigos?

Não teria essa única palavra, *"Mãe"*, trazido mais conforto e convencido-te mais da bondade de Deus do que mil sermões alguma vez poderiam fazer? Não terias caído de joelhos de novo, mas desta vez em gratidão, por te ter sido concedida a única prova infalível de que há vida para além do túmulo?

Isto é o que tive o privilégio de ver — aquilo que milhares de pessoas, além de mim, já viram — a bênção que desejo convencer cada alma de que é um facto indiscutível: que os mortos não estão para além do alcance daqueles que os amam.

Vamos olhar para esta questão de uma forma racional: As Escrituras dizem-nos que Deus ordenou a morte como castigo pelo pecado.

Pessoalmente, não acredito nesta afirmação. Não acredito que Deus alguma vez tenha querido que morrêssemos, ou pecássemos, ou fôssemos doentes ou infelizes. Fomos nós que trouxemos esses males sobre nós mesmos, tal como criamos o nosso próprio inferno ou o nosso próprio céu, consoante usamos ou desperdiçamos a vida que Deus queria que fosse eterna na Terra. Mas o facto é que morremos, e que essa sentença foi proferida ao mesmo tempo que a terra foi amaldiçoada por causa do homem, e que à mulher foi prometida dor na maternidade.

Mas que bênçãos vieram escondidas dentro dessas maldições! E não foram bênçãos apenas para o futuro — mas que surgiram imediatamente a seguir. O homem foi condenado a ganhar o seu pão com o suor do rosto — mas que doce é o pão assim ganho! O rico, que herdou dinheiro dos seus antepassados, não tira metade do prazer de gastá-lo que eles tiraram ao ganhá-lo. O que lucramos com o trabalho! Hoje em dia, a falta de trabalho é que é vista como uma maldição! E a mãe, que dá à luz com dor e sofrimento! Quem pode negar-lhe a sua recompensa? É da mulher sem filhos que devemos ter pena. A mãe sente-se cada vez mais orgulhosa a cada "maldição" que o Senhor lhe coloca. E acham que Deus teria deixado a morte — a punição mais amarga e cruel que trouxemos sobre nós mesmos — sem um remédio, mesmo neste mundo?

O Céu indistinto e nebuloso das igrejas, com os seus habitantes de vestes brancas, perdendo-se numa eternidade inútil a dedilhar harpas, nunca nos trouxe esse consolo. Espreitámos, com olhos cansados, para o espaço insondável onde nos dizem que ele se situa, tentando imaginá-lo, tentando acreditar nele, e esperando que fosse verdade. Mas, no fim de contas, tudo isso não passa de suposições — e os pregadores da nossa fé não podem negar que é assim. Eles dizem-nos tudo o que podem, mas de que serve? Eles leem as suas Bíblias, nós lemos as nossas — e um sabe tanto quanto o outro! E o mundo continua a clamar por provas:

*"Mostrem-nos os nossos mortos! Dêem-nos uma certeza de que há vida depois desta!"*

O Espiritualismo, então, é a cura para o pior dos males que trouxemos sobre nós mesmos. Deus sabe que pecámos — que, com o pecado, veio a morte — mas Ele não nos deixará sem consolo. Todas as coisas na Sua criação se combinam para formar uma harmonia perfeita, de modo que o remédio nunca está longe da doença. E Ele ordenou que a folha da *planta-dos-dock* (*Espiritualismo*) crescesse ao lado da *urtiga* (*morte*) — uma folha que podemos colher, ainda nesta vida, e colocar sobre os nossos corações feridos.

O bálsamo que cura a ferida aberta e nos ensina a paciência e a aceitação da nossa perda temporária, com a certeza do reencontro no mundo além. Os mortos não estão mortos! Eles estão no meio de nós, hoje! Eu, que vos escrevo estas palavras, vi-os, falei com eles, toquei-lhes; e não trocaria esse conhecimento por nada de bom que o mundo me pudesse oferecer.

Admito que não é uma experiência tão comum quanto deveria ser. Durante séculos, as igrejas condenaram-na e esconderam-na como se fosse algo impuro.

O medo tem sido o chicote com que governaram o povo, e, com os ignorantes, essa estratégia funcionou, em grande parte. Mas o Espiritualismo não é nenhuma novidade. Ele existe desde que o mundo começou. Nos últimos anos, tem vindo a ganhar mais força, e continuará a crescer à medida que os homens se libertarem do jugo e da ignorância do passado, e tiverem a coragem de pensar por si próprios.

A lei proíbe que se aceite dinheiro para a prática da mediunidade, e, dadas as circunstâncias atuais, essa é uma boa e sensata lei, porque a curiosidade sobre o Espiritualismo é tão grande que acaba por incentivar a fraude. Mas nenhuma fraude pode mudar o facto de que os espíritos daqueles que partiram antes de nós continuam entre nós, enquanto percorremos este mundo.

Se todos os médiuns que já existiram fossem fraudulentos, se todas as igrejas do país ruíssem por terra, o Espiritualismo continuaria a ser uma verdade, porque existia muito antes de alguém ter ouvido falar em médiuns ou igrejas. E a sua prática foi sancionada pelo próprio Deus e seguida pelo Seu povo.

O conhecimento de que, quando os nossos entes queridos desaparecem da nossa vista, eles não são levados para um lugar inacessível, de onde não podem comunicar connosco, mas que, em certas circunstâncias, lhes é permitido voltar e confortar-nos com a sua presença, foi revelado aos mais humildes da humanidade e acreditado pelos mais ilustres.

Não fazem ideia, até investigarem o assunto, de quantos milhares de pessoas acreditam nesta doutrina confortadora, em Inglaterra, na América e no mundo inteiro, embora poucos

tenham coragem de admitir essa crença abertamente. A ideia de que os mortos não podem regressar — de que todas as histórias de fantasmas e aparições são apenas invenções para assustar os supersticiosos — está tão enraizada nas suas mentes que temem o ridículo que possa cair sobre eles se disserem o contrário.

Mas entre aqueles que, com ousadia e honestidade, declararam a sua crença — e que a comprovaram — há nomes perante os quais até os mais brilhantes e perspicazes dos mortais não se envergonhariam de escrever os seus próprios.

Basta mencionar nomes como S. C. Hall, William Crookes, Professor Tyndall, Sir Edwin Arnold, Professor Huxley, o poeta Longfellow, Alfred Wallace, Gerald Massey, Lord Brougham, Lord Lyndhurst, Lord Lytton, Arcebispo Whateley, John Wesley, e uma centena de outros, para provar que, se os espiritistas estiverem errados, pelo menos erram na melhor das companhias.

Mas, como muitos dos meus leitores podem ter uma fé sincera na autenticidade das Escrituras, tentarei primeiro convencê-los de que o Espiritualismo não só é legítimo, como está fundamentado na própria prática da Bíblia; que foi permitido e incentivado por Deus; e que foi apenas a crescente maldade e materialismo dos homens que levou os espíritos a afastarem-se, por não conseguirem mais comunicar com a humanidade.

Durante séculos, o Espiritualismo foi condenado pela Igreja e lançado para a obscuridade como se fosse algo impuro. A mesma Igreja que apoia o Estado na manutenção de leis que são totalmente contrárias aos ensinamentos do seu suposto Mestre, Cristo; que celebra casamentos que não passam de prostituição; que permite o divórcio, a pena de morte e os processos judiciais; que fecha os olhos à corrupção (*simonia*) e distribui fortunas entre bispos e arcebispos, enquanto os pobres definham e morrem de fome — esta mesma Igreja proíbe-nos de comunicar com os espíritos, os primeiros a denunciar as suas práticas corruptas.

Mas o Espiritualismo não é nada de novo. Começou quando o mundo começou. O conhecimento de que, quando os nossos entes queridos nos deixam, eles não são imediatamente levados para um país inalcançável, de onde nunca mais podem comunicar connosco, mas que lhes é permitido, em certas condições, regressar à Terra e confortar-nos com a sua presença, foi revelado aos mais humildes e acreditado pelos mais sábios.

Não fazem ideia, até investigarem o assunto, de quantas milhares de pessoas acreditam nesta doutrina reconfortante — em Inglaterra, na América, na Austrália e no mundo inteiro — estimando-se que sejam onze milhões.

Mas, se eu conseguisse convencer-vos de que o Espiritualismo é verdadeiro, e consolador, e a única prova real que temos da vida imortal, poderiam ainda dizer-me (*como outros já disseram*):

*"Mesmo que eu acredite nisto tudo, acho que é errado."*

Errado? Errado falar com aqueles que Deus nos deu como nossos? Errado o marido falar com a mulher que foi *uma só carne* com ele? Errado a mãe falar com o filho que trouxe ao mundo? Para mim, essa é a objeção mais absurda de todas. Digam que não querem reencontrar os vossos entes queridos. Digam que a mera ideia de ver um espírito vos

aterroriza. Digam que já deixaram de chorar por eles. Que o seu lugar já foi ocupado por outra pessoa. Que há pensamentos, sentimentos e intenções dentro de vocês que não gostariam que eles conhecessem.

Mas não me digam que acham que é *errado*! Porque, se o Espiritualismo é errado, então Deus está errado. Cristo está errado. A Bíblia está errada. E então, não vos resta nada a que se agarrar, nem no tempo nem na eternidade! Vou dizer-vos o que é errado. Os homens e as mulheres estão errados! As suas paixões, as suas tendências, os seus corações e inclinações estão errados.

E a maioria deixa este mundo errada, e volta para ele errada, para aqueles que os incentivam a fazê-lo. Se alguma vez ouvirem alguém dizer que recebeu comunicações malignas através do Espiritualismo, ou que ouviu espíritos falarem de atos perversos como se fossem banais, podem ter a certeza de que essa pessoa, na sua própria essência, é má, vulgar e sensual — e atrai espíritos iguais a si. Ela atrai para si os mesmos espíritos que escolheria como companhia neste mundo — e também no outro.

Acham que, no momento em que um espírito deixa o corpo, ele se torna puro e angelical? Quantas das pessoas que morrem estão preparadas para se tornarem anjos? O que acontece aos assassinos e ladrões, aos devassos e cruéis, aos blasfemos e mentirosos? Acham que esses espíritos não têm a mesma facilidade de regressar à Terra que os bons e puros? Pelo contrário, têm ainda mais facilidade! Sendo espíritos grosseiros e carnais, conseguem assimilar-se mais facilmente com as partículas da Terra.

É por isso que devemos ter muito cuidado com este assunto, tal como devemos ter cuidado com tudo na vida. Mas, só porque existe o mal, devemos rejeitar o bem?

Só porque há assassinos e blasfemos neste mundo, devemos deixar de nos comunicar com aqueles que amamos e respeitamos?

A primeira coisa que devem aprender sobre os espíritos desencarnados é que o seu regresso a este mundo *não* é algo sobrenatural. Não existe nada que seja *sobrenatural*! A vida nos planos espirituais não é mais do que a continuação da vida nesta Terra. Os nossos espíritos são como pássaros presos em gaiolas.

As portas das gaiolas deles já foram abertas — as nossas ainda estão fechadas.

Mas podemos comunicar através das grades. As leis que vos guiam moralmente na Terra também se aplicam à vossa conduta espiritual em relação aos que partiram. Não fariam amizade com ladrões e bêbados enquanto estão vivos? Então, não o façam depois de eles passarem para o outro lado. Lembrem-se do aviso de São João sobre este assunto:

*"Amados! Não creiais em qualquer espírito, mas ponde os espíritos à prova, para saber se são de Deus."*

Já disse que, se buscar o conhecimento do Espiritualismo é errado, então Deus e a Bíblia também estão errados. Pode parecer uma afirmação ousada da minha parte, mas estou disposta a sustentá-la. Muitos dos meus leitores acreditam sinceramente na autenticidade das Escrituras e baseiam a sua rejeição do Espiritualismo no facto de que os seus pastores os ensinaram que a Bíblia proíbe essa prática.

Ora, é precisamente para essas pessoas que estou a escrever. E comprometo-me a provar, usando o próprio testemunho da Bíblia, que os seus mestres estão errados. Que o Espiritualismo não só é permitido, como foi *incentivado* por Deus. E que foi apenas a crescente maldade dos homens que fez com que a orientação espiritual se tornasse menos presente entre nós. Vou provar que todas as manifestações do Espiritualismo — a *voz direta*, a *levitação*, a *mediunidade de transe*, a *escrita automática*, a *materialização*, a *clarividência* e a *cura espiritual* — são todas mencionadas, praticadas e aprovadas na Bíblia.

Além disso, há apenas *um* milagre mencionado nas Escrituras que ainda não foi reproduzido pelos médiuns do século presente. E, para além disso, não há nada de surpreendente nisto, pois já foi *profetizado* que assim seria.

## CAPÍTULO III
## O ESPIRITUALISMO E A BÍBLIA

Em primeiro lugar, ao ler as Escrituras à luz do Espiritualismo, há uma coisa que nos chama logo à atenção. Nos primeiros livros da Bíblia, a conversa entre espíritos e homens é referida com frequência, não como um milagre, mas como algo do dia a dia. No entanto, à medida que o mundo foi crescendo e os seus habitantes se tornaram mais duros e rebeldes, a aparição dos espíritos passou a ser mencionada apenas como um acontecimento ocasional, permitido apenas para trazer alguns pecadores empedernidos, como Belsazar, de volta ao bom caminho.

Sem dúvida, eles continuavam lá no meio deles, mas os olhos e ouvidos dos homens tinham-se tornado demasiado grosseiros e carnais para os ver e ouvir. Mas, quando a maldade humana parecia ter atingido o seu auge e a ira de Deus se acendeu contra o Seu povo ingrato, os espíritos voltaram a aparecer, e os escritos dos profetas estão cheios disso.

Se começarmos pelo início e dermos uma vista de olhos ao Antigo Testamento, vamos ver que o Espiritualismo começou quando o Senhor Deus (que é o primeiro de todos os espíritos) andava "pela viração do dia" no Jardim do Éden, com Adão e Eva, e os seus olhos (ainda não cegados pela grosseria, carnalidade e incredulidade) conseguiam vê-Lo e falar com Ele.

Já vos ocorreu perguntar por que razão Deus veio na viração do dia? No Oriente, "a viração do dia" significa escuridão. Não há crepúsculo lá. Assim que o sol se põe, é noite. Lembram-se de que, quando Deus criou a Terra, "a escuridão" pairava sobre a face das águas? Que quando Moisés quis ver o Senhor, a resposta foi: "Virei ter contigo numa nuvem espessa"? E que, no mesmo livro do Êxodo, está escrito: "as densas trevas onde Deus estava"?

Estes textos, e muitos outros como eles, foram-nos repetidos vezes sem conta desde a infância, antes de termos sequer capacidade para os compreender, até perderem todo o seu verdadeiro significado para nós. Agora, precisam de ser lidos sob uma nova luz para que os possamos entender devidamente. Ensinaram-nos que é nosso dever ler um trecho da Bíblia todos os dias, e passamos pelos mesmos capítulos vezes e vezes sem conta, até os

sabermos de cor. Mas, se alguém habituado a este hábito trancasse a sua Bíblia durante alguns meses e depois a voltasse a abrir, lendo-a de ponta a ponta como faria com qualquer outro livro de história, ficaria surpreendido com a forma diferente como a veria. Quero que os meus leitores se lembrem destas palavras quando voltar a referir este assunto mais à frente.

A comunicação espiritual era tão comum nesses primeiros tempos que até os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram-nas por esposas, conforme a sua vontade. Abraão recebeu três anjos, que ele acreditava serem homens, pois estavam tão materializados que comeram e beberam com ele, e descansaram na sua tenda. O mesmo aconteceu com os dois anjos que foram ter com Lot a Sodoma e o salvaram da cidade condenada.

Vão dizer-vos que esses anjos eram espíritos criados por Deus como anjos e que nunca tinham vivido na Terra, mas isso é apenas uma conjetura.

E mesmo que essa conjetura fosse verdadeira, se os anjos, que devem ser muito mais puros do que os espíritos dos homens que já viveram na Terra, podem vir cá, comer, beber e falar com os mortais, porque não poderiam fazê-lo os espíritos mais carnais dos próprios homens? Se têm de acreditar em algo sem provas, então acreditem na explicação mais lógica de um milagre, e não na menos provável. Faz muito menos sentido pensar que Deus teria enviado os Seus santos anjos para serem contaminados pelo contacto com os mortais do que enviar um dos seus próprios iguais.

No Antigo Testamento são mencionados quatro tipos de médiuns: profetas, videntes, mulheres sábias e intérpretes de sonhos. Entre estes últimos, temos José, uma das personagens mais admiráveis da Bíblia, quando foi chamado para interpretar os sonhos do faraó, do seu copeiro-chefe e do seu padeiro. E, quando o seu pai, Jacob, estava prestes a morrer, disse aos seus filhos: "Ajuntem-se, para que vos diga o que vos há de acontecer nos últimos dias"—o que nada mais foi do que um exercício de clarividência, algo muito comum nos moribundos.

No Êxodo, lemos que o Senhor ensinou Moisés a ser aquilo que hoje chamaríamos um ilusionista. A sarça ardente; o cajado que se transformava em serpente; a mão que ficava leprosa e depois voltava ao normal; a água que se tornava em sangue ao ser derramada sobre a terra—o que foram estas coisas senão atos de encantamento?

A história da jumenta de Balaão é demasiado conhecida para precisar de ser citada aqui, mas ninguém com bom senso pode acreditar que o animal falou com uma língua e um palato que, naturalmente, não articulam sons humanos. Foi, claro, controlado temporariamente pelo anjo que estava ao seu lado.

No décimo terceiro capítulo de Deuteronómio, o povo de Israel é avisado contra os profetas ou sonhadores que tentassem afastá-los da adoração a Deus, o que prova que lhes era permitido ouvir esses profetas, desde que estes os aconselhassem corretamente. No primeiro livro de Samuel, no capítulo nove, temos a história de Saul que, ao procurar as jumentas perdidas do seu pai, pondera regressar a casa. Mas o seu servo diz-lhe: "Há aqui nesta cidade um homem de Deus, e é um homem honrado, tudo o que ele diz acontece; vamos ter com ele, talvez ele nos diga qual o caminho que devemos seguir." Saul hesita

porque não tem uma oferta para dar ao vidente, mas o servo responde: "Tenho aqui um quarto de siclo de prata; darei isso ao homem de Deus, para que nos diga o nosso caminho."

Como podem ver, os homens de Deus não só eram autorizados a aconselhar as pessoas sobre o que deviam fazer, como também podiam aceitar dinheiro pelos seus serviços. Depois, temos este verso notável:

"Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar Deus, dizia: 'Vamos ter com o vidente', porque aquele que hoje se chama profeta, antes chamava-se vidente."

Saul foi então ter com Samuel, que lhe revelou o seu futuro, pois "o Senhor tinha dito ao ouvido de Samuel, um dia antes, que Saul viria ter com ele."

"E Samuel respondeu a Saul: 'Eu sou o vidente. Eu te direi tudo o que está no teu coração.'"

Ora bem, aqui temos exatamente as mesmas coisas que a Igreja hoje proclama como diabólicas, praticadas pelos homens de Deus, cujas histórias foram escritas para nossa orientação e exemplo. Isso faz sentido? Tem alguma lógica? Se têm um mínimo de inteligência e discernimento, decidam por vocês próprios se aquilo que era justo e honrado no tempo de Samuel pode ser hoje algo maligno e diabólico, aos olhos de um Deus que "é o mesmo, ontem, hoje e sempre".

Presume-se que Saul tenha depois se tornado um médium, pois, no capítulo dezasseis, lemos que "um espírito maligno da parte do Senhor o atormentava." Portanto, até os "espíritos malignos" podem vir da parte do Senhor e, certamente, não podem aproximar-se de nós sem a Sua permissão.

"Quando o espírito maligno da parte de Deus estava sobre Saul, David pegava na harpa e tocava, e Saul sentia-se melhor, e o espírito maligno afastava-se dele."

Saul estava claramente possuído, pois no capítulo dezoito lemos que, quando o espírito se apoderava dele, ele pegava numa lança e atirava-a contra David. E Saul enviou mensageiros para capturar David, mas "o Espírito de Deus estava sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram. Quando contaram isso a Saul, ele enviou outros mensageiros, e também eles profetizaram. E Saul enviou ainda um terceiro grupo de mensageiros, e também eles profetizaram."

Portanto, está-nos dito de forma clara que a profecia, ou clarividência—"prever o futuro", como lhe chamaríamos agora—era um dom do Espírito de Deus.

Que a materialização é um facto, prova-o a visita de Saul à bruxa de Endor, para lhe pedir que chamasse o espírito de Samuel. Samuel apareceu com a mesma aparência que tinha na Terra e falou com Saul sobre o que iria acontecer. No segundo livro de Samuel, somos apresentados à mulher sábia de Tecoa, sobre quem não há uma única palavra de censura, nem sobre Joab por a ter consultado. E, novamente, durante o cerco de Bete-Maacá, uma mulher sábia falou assim a Joab:

*"Antigamente dizia-se: Certamente pedirão conselho em Abel, e assim resolverão a questão. Eu sou uma das pacíficas e fiéis em Israel; tu procuras destruir uma cidade e uma mãe em Israel: porque queres arruinar a herança do Senhor?"*

A mulher aconselhou Joab corretamente, e a história termina com estas palavras: *"Então a mulher foi ter com todo o povo na sua sabedoria."*

No livro dos Reis, o próprio Salomão, o homem mais sábio da Terra, não era apenas um sonhador e um visionário; lemos sobre Natã a prever o futuro; sobre Aías a fazer o mesmo; e sobre o "homem de Deus", que veio de Judá e ficou junto ao altar onde estava Jeroboão. Quando o rei tentou agarrá-lo, a sua mão secou-se, e depois voltou ao normal pelo seu misterioso poder. O rei pediu então ao profeta que fosse com ele a casa e tomasse uma refeição, mas ele recusou porque Deus lhe tinha dito para não comer nem beber pelo caminho. Os médiuns que comem e bebem muito nos dias de hoje não conseguem obter boas manifestações, e, à medida que o meu argumento se desenvolve, vão perceber que as manifestações dos tempos antigos, independentemente de quem as realizava, estavam sujeitas às mesmas leis e condições que as manifestações de hoje.

No entanto, um profeta mentiroso (o que mostra que já nessa época havia médiuns fraudulentos, tal como agora) persuadiu o homem de Deus a desobedecer às ordens que recebera, e ele pagou com a própria vida.

Depois, o filho de Jeroboão, Abias, adoeceu, e ele disse à mulher:

*"Levanta-te, por favor, e disfarça-te, para que não saibam que és a mulher de Jeroboão (quantas pessoas, ainda hoje, não se disfarçam ou tentam fazê-lo quando vão consultar um médium?), e vai a Siló; lá está Aías, o profeta, que me disse que eu seria rei sobre este povo. Leva contigo dez pães, uns bolos e um cântaro de mel, e vai ter com ele: ele te dirá o que será do menino."*

Ela obedeceu ao marido, e Aías anunciou-lhe o destino de Jeroboão e disse-lhe que o seu filho morreria aos seus pés, antes que ela pudesse atravessar de novo a soleira da sua casa—e assim aconteceu.

No décimo sétimo capítulo do mesmo livro, temos o relato das profecias de Elias, dos milagres que realizou com a vasilha de azeite e a farinha da viúva de Sarepta, e de como devolveu a vida ao filho dela—o que não seria um milagre assim tão incomum nos dias de hoje, se fosse tentado logo após uma morte aparente; pois, na maioria dos casos, o espírito permanece ligado ao corpo durante algum tempo depois de a pulsação cessar.

*"E a mulher disse a Elias: agora, por isto, sei que és um homem de Deus."*

A vida de Elias está cheia de histórias como esta. Ele é chamado de grande profeta porque, quando enfrentou os sacerdotes de Baal, o fogo recusou-se a consumir o sacrifício deles, mas desceu sobre o seu. O falecido Sr. Home pegou, não uma vez, mas dezenas, talvez centenas de vezes, em brasas vivas da lareira e segurou-as nas mãos, colocando-as também nas mãos dos seus amigos, sem que se queimassem. Até colocou uma brasa viva e flamejante no longo cabelo branco do querido e velho Samuel Carter Hall, sem deixar um único vestígio de fogo ou chamusco. Mas chamaram-lhe um embusteiro por isso!

Um dos sinais pelos quais Cristo disse que os seus seguidores seriam reconhecidos era a imunidade com que deveriam lidar com tais coisas:

*"Estes sinais seguirão aqueles que crerem (reparem, aqueles que crerem, não apenas os discípulos, e não apenas naquela época): expulsarão demónios, falarão novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem alguma coisa mortal, não lhes fará mal algum; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados."*

Agora, qual dos membros da Igreja, que dizem crer, alguma vez fez tais coisas? O Arcebispo de Cantuária? O Papa de Roma? Conseguiriam eles pegar numa brasa viva com as mãos nuas e não se queimarem? Mas aqueles que são ajudados pelos espíritos, conseguem!

E quem se atreverá, depois de ler este texto que citei, a dizer que isso acontece pelo poder do diabo? Realmente, esta é uma geração teimosa e de cabeça dura, que acredita apenas no que quer acreditar. E chamariam Elias de charlatão—sim! até os próprios sacerdotes que pregam sobre ele seriam os primeiros a virar-lhe as costas e a dizer que ele tinha ligações com o maligno, se ele reaparecesse na Terra e fizesse os mesmos milagres que fez antes.

Naqueles tempos, as pessoas deviam ter os seus médiuns privados, pois quando Josafá quis consultar Elias, disse-lhe: *"Vai ter com os profetas do teu pai e com os profetas da tua mãe."*

Mas nem sempre tinham sucesso, porque quando a mulher sunamita foi ter com Elias, depois da morte do filho, ele não conseguiu perceber o que a levava ali: *"O Senhor escondeu isso de mim e não mo revelou."*

No primeiro livro das Crónicas, lemos: *"E o Senhor falou a Gad, o vidente de David"*—como se David tivesse Gad apenas para seu uso pessoal. Mas, se isso fosse errado, certamente Deus não teria falado através dele. Num outro versículo, lemos que o anjo apareceu na eira de Ornã, o jebuseu, e que Ornã e os seus quatro filhos o viram e ficaram cheios de medo—o que nos leva a concluir que as visitas dos anjos aos homens estavam a tornar-se cada vez mais raras. O mundo tinha-se tornado perverso e rebelde, e a fé simples de Abraão, Isaac e Jacob era coisa do passado.

Que relação poderiam ter os espíritos com eles?

Só pensavam nos seus próprios corpos e em formas de se engrandecerem. Não teriam apreciado a comunicação espiritual, nem sequer teriam entendido a linguagem dos espíritos. Quase não ouvimos mais falar de anjos ou espíritos até chegarmos às lamentações dos profetas (ou videntes) sobre a maldade da humanidade. Elifaz, o temanita, diz a Job: *"Um espírito passou diante da minha face; os pelos do meu corpo arrepiaram-se. Ele ficou parado, mas eu não conseguia distinguir a sua forma; uma imagem estava diante dos meus olhos, e ouvi uma voz que dizia: 'Será o homem mortal mais justo do que Deus?'"* Mas só em Ezequiel é que voltamos a ler muito sobre os espíritos.

A certa altura, parece ter havido uma explosão de Espiritualidade sobre os profetas, para acordar e alertar o mundo. Ezequiel fala deles de forma muito natural:

*"O espírito entrou em mim e pôs-me de pé."*

*"Depois o espírito levou-me, e ouvi atrás de mim uma voz como de um grande estrondo, dizendo: Bendita seja a glória do Senhor do Seu lugar. Também ouvi o ruído das asas dos seres vivos, que tocavam umas nas outras, e o ruído das rodas ao lado deles, e um grande estrondo. Assim o espírito levantou-me e levou-me embora, e fui cheio de amargura, com o espírito agitado, mas a mão do Senhor era forte sobre mim. Então cheguei aos cativos de Tel-Abibe, que viviam junto ao rio Quebar, e sentei-me onde eles estavam, e permaneci ali, espantado, entre eles, durante sete dias."*

Isto é um caso claro de levitação—e um caso que se repete ao longo da história. No versículo 24 do mesmo capítulo, ele escreve:

*"Então o espírito entrou em mim, pôs-me de pé e falou comigo, dizendo: Vai, fecha-te dentro da tua casa."*

Isto mostra que o espírito de que ele fala era uma entidade separada de Ezequiel, que tomou posse do seu corpo e falou através da sua boca—e não uma maneira figurativa de falar sobre o espírito ou a vontade de Deus, como alguns teólogos tentam argumentar. Aliás, a ouvir certos homens, dir-se-ia que o grande objetivo da vida deles é distorcer todas as palavras das Escrituras para lhes dar um significado completamente oposto ao que parecem dizer.

Se a Bíblia é a palavra inspirada de Deus, e é tão incompreensível que ninguém a pode entender, exceto os teólogos—e cada um deles a interpreta de forma diferente—qual é, então, o significado da promessa: *"Quem corre, lerá."*

Que sentido faz Deus inspirar um livro e depois deixá-lo num estado de confusão tal que só os sacerdotes conseguem decifrá-lo?

Se um escritor mortal escrevesse algo que significasse exatamente o oposto daquilo que pretendia que o público entendesse, os críticos cairiam em cima dele sem piedade. Eu, muitas vezes, penso que os piores amigos do Todo-Poderoso são aqueles que dizem saber tudo sobre Ele. Acredita em mim, Deus não existe apenas para os eleitos e os eruditos. Ele é para todos os Seus filhos, e, se houver uma única palavra nas Escrituras que possa levar o mais ignorante ao erro, se deixado à sua própria interpretação, então todo o livro não passa de uma fábula e de uma fraude.

Voltando ao meu argumento, no décimo terceiro capítulo de Ezequiel, lemos:

*"Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas tolos, que seguem o seu próprio espírito e nada viram."*

Isto sugere que, se tivessem seguido um espírito que não fosse o deles próprios, teriam visto algo.

*"Eles têm visto vaidade e adivinhação mentirosa, dizendo: 'O Senhor disse'—mas o Senhor não os enviou; e fizeram os outros acreditar que confirmariam a palavra."*

Logo, o Senhor *sim* enviou alguns médiuns, que estavam autorizados a dar esperança aos outros! Deixemos Ezequiel de lado e passemos a Daniel, o santo homem de Deus, a quem

nem os leões quiseram tocar. É-nos dito: *"Nabucodonosor teve sonhos que o inquietaram, e perdeu o sono."*

Como os magos, os astrólogos, os feiticeiros e os caldeus não conseguiram interpretar os seus sonhos, este simpático senhor decidiu ordenar a execução de todos os sábios— incluindo Daniel.

*"Então Daniel foi ter com o rei e pediu-lhe um pouco de tempo, para que pudesse interpretar o sonho,"*—e, no fim, conseguiu fazê-lo.

No quinto capítulo, lemos que, quando Belsazar, filho de Nabucodonosor, viu uma mão materializada surgir e escrever na parede, ficou apavorado. Mas a rainha disse-lhe:

*"Há um homem no teu reino em quem está o espírito dos deuses santos; e nos dias do teu pai, encontraram nele luz, entendimento e sabedoria, como a sabedoria dos deuses. O rei Nabucodonosor, teu pai, fez dele o mestre dos magos, astrólogos, caldeus e adivinhos. Porque nele se encontrou um espírito excelente, conhecimento, entendimento, interpretação de sonhos, explicação de enigmas e solução de dúvidas. Agora, chama Daniel, e ele te dará a interpretação."*

Depois disso, segue-se a conhecida história de *"Mene, Mene, Tekel, Upharsin"*, que é perfeitamente compreensível para qualquer pessoa familiarizada com clarividência e interpretação de sonhos. Mas há uma frase nela que talvez ninguém, exceto um espiritualista, tenha reparado. Quando Daniel diz ao rei que o aviso lhe foi enviado porque não humilhou o seu coração, ele continua, no versículo 24, dizendo (depois de ter falado sobre Nabucodonosor, seu pai):

*"Então foi enviada a parte da mão da parte dele; e esta escritura foi escrita."*

Alguém já reparou que a mão pertencia ao rei Nabucodonosor e que, consequentemente, ele apareceu parcialmente materializado para o seu filho?

Mas imaginem o que aconteceria a Daniel no século XIX, se fosse levado perante um magistrado da cidade por algum desses opositores fanáticos do Espiritualismo. No mínimo, apanharia um ano de prisão, ou três meses de trabalhos forçados, sem direito a multa. E no entanto, que coisa estranha num país cristão que afirma basear a sua fé na *"Bíblia, e nada mais do que a Bíblia"*, tendo em conta que Daniel praticou essas "artes ilegais" por ordem de Deus e sob as Suas instruções.

O profeta, ao que parece, também jejuava, tal como os médiuns fazem hoje, quando querem ter visões:

*"Naqueles dias, eu, Daniel, estive em luto durante três semanas completas. Não comi pão saboroso, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi de maneira nenhuma, até se cumprirem as três semanas inteiras. E, no vigésimo quarto dia do primeiro mês, estando eu à beira do grande rio, que é o Hidéquel, levantei os meus olhos e vi, e eis que estava ali um homem vestido de linho, com os lombos cingidos de ouro fino de Ufaz. O seu corpo era como o berilo, o seu rosto brilhava como um relâmpago, os seus olhos eram como tochas de fogo, os seus braços e pés tinham o brilho do bronze polido, e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão."*

*"E quando ouvi a voz das suas palavras, caí num sono profundo, com o rosto em terra. E eis que uma mão me tocou, e fez-me pôr de joelhos e sobre as palmas das mãos."*

*"E depois, veio novamente um que tinha a aparência de um homem, e fortaleceu-me."*

Aqui, podem perceber que não há dúvida sobre serem anjos ou espíritos vistos de forma clarividente. Daniel escreve sobre eles como homens, e, sem dúvida, foi assim que lhe pareceram, pois eram espíritos materializados—exatamente aquilo que as pessoas ignorantes têm tanta dificuldade em acreditar que acontece, pois voltam a parecer-se com mortais.

E agora, chegamos ao que me parecem ser duas das provas mais notáveis contidas na Bíblia, de que a comunicação espiritual, quando verdadeira (e, naturalmente, tanto neste como em qualquer outro tempo, a mentira e a fraude são sempre rejeitadas), não só é permitida, mas é uma bênção de Deus, pois só pode proceder d'Ele.

No décimo terceiro capítulo de Zacarias, quando o Senhor dos Exércitos prevê uma purificação para Jerusalém, Ele diz:

*"Farei com que os profetas e o espírito impuro desapareçam da terra. E acontecerá que, quando alguém ainda profetizar, o seu pai e a sua mãe, que o geraram, lhe dirão: 'Tu não viverás, pois falaste mentiras em nome do Senhor.' E o seu pai e a sua mãe, que o geraram, atravessá-lo-ão com uma lança quando ele profetizar. E acontecerá naquele dia que os profetas ficarão envergonhados, cada um da sua visão, quando profetizar."*

Citei este texto de propósito, para mostrar como as pessoas argumentam de forma desonesta quando estão determinadas a opor-se a algo. Um padre a quem citei este trecho agarrou-se a ele imediatamente como prova de que Deus desaprovava toda e qualquer comunicação com o mundo espiritual e que a proibiu, ao dizer que a faria desaparecer da terra.

Mas eu sempre guardo um trunfo na manga para pessoas assim. No segundo capítulo de Joel, onde Deus fala das bênçãos que promete derramar sobre a Sião arrependida, depois de prometer trigo, vinho e azeite, e que o Seu povo terá fartura, Ele acrescenta:

*"E acontecerá depois disto que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o Meu Espírito. E mostrarei maravilhas nos céus e na terra."*

Claro que sei que muitos dos meus leitores não aceitarão as palavras da Bíblia como prova. Consideram-na apenas uma história confusa dos tempos antigos, escrita muito depois dos acontecimentos relatados e no estilo fantástico e alegórico do Oriente, tornando difícil saber o que os seus autores quiseram ou não quiseram dizer.

A interpretação da Bíblia foi-nos dada, não por Deus, nem sequer por um Daniel, mas por homens que se sentiram obrigados a explicá-la de alguma maneira e, por isso, moldaram-na conforme as suas próprias doutrinas.

O simples facto de que o Novo Testamento, que nos ensinaram desde crianças a acreditar que se baseia nos ensinamentos de um Salvador enviado ao mundo para a salvação dos cristãos, ser apenas uma cópia dos ensinamentos de Buda (que já existia 560 anos antes do nascimento de Cristo), já é suficiente para nos fazer questionar toda a veracidade das afirmações bíblicas.

Sei que, por mim, senti-me terrivelmente enganado quando li "*Buddha and Early Buddhism*", de Arthur Lillie, como se me tivessem feito crer numa mentira injustamente.

E o que diz a Igreja sobre afirmações como as contidas nesse livro? Ela nega-as? Pode provar que são falsas? E, se não pode, como se atreve a continuar a pregar as mesmas fábulas e a induzir em erro as pessoas que sabem menos do que ela própria?

Ainda assim, verdadeiro ou falso, se a Bíblia não contém qualquer proibição contra o Espiritualismo, o que é que contém? Se os únicos registos que possuímos e que afirmam transmitir-nos as leis de Deus mostram que Ele permitia ao Seu povo praticá-lo, quem nos pode dizer o contrário? A Igreja! Sim, certamente, e para os seus próprios fins! Não foi sempre assim desde o princípio? Moisés e Aarão, que estão entre os primeiros sacerdotes de que temos registo, praticaram todos os tipos de mediunidade antes de serem chamados para liderar os israelitas. Mas, assim que tiveram de estabelecer leis para eles, proibiram qualquer homem ou mulher de lidar com espíritos familiares. Foi então exatamente como é agora. Moisés foi criado no Egito, e os egípcios sempre foram mestres nas artes da magia e da necromancia.

Ele próprio era um mago, como provou quando se apresentou perante o Faraó; mas, quando se tornou sacerdote, proibiu os seus seguidores de o imitarem. Ele queria guardar esse tipo de poder apenas para si e para Aarão, para que pudessem parecer mais extraordinários aos olhos da congregação. Moisés, com os seus "espíritos familiares", e a Igreja, com o seu "diabolismo". Alguém pode apontar onde está a diferença? Ambos quiseram manter o poder dentro do círculo da sua própria autoridade. Dentro dele, era a revelação de Deus; fora dele, tornava-se contato com o diabo! Não é isto bastante claro? Ensinados pelos espíritos, somos ensinados por Deus, tal como Daniel, Joel e Ezequiel foram ensinados. Se lerem atentamente a Bíblia, perceberão que, no início, não havia sacerdotes.

O povo era ensinado pelo seu Pai Celestial através dos Seus anjos. Mas, à medida que foi criada uma Igreja, construído um templo e ordenados sacerdotes, a comunicação espiritual foi-se tornando cada vez menos mencionada. E o mesmo acontece hoje. Quanto mais pura e simples for a vida, maior é a fé em Deus e no ministério dos Seus anjos guardiães. Conheço um pastor no norte de Inglaterra, responsável por uma comunidade mineira, que diz não conseguir influenciar os seus paroquianos porque são todos espiritualistas. Esses mineiros rudes, que passam as suas vidas na escuridão física, são demasiado iluminados espiritualmente para se interessarem pelas suas velhas teorias religiosas. Concluo que a maioria dos meus leitores aceita a história de Cristo como um relato fiável do que aconteceu.

O mundo cristão é ensinado a acreditar que se trata da palavra inspirada de Deus, escrita especialmente para a sua edificação. Como essa teoria se concilia com a história de Buda, à qual já fiz referência e que foi documentada 460 anos antes, deixo para os meus leitores decidirem; mas uma coisa é certa—nem os milagres de Cristo nem os milagres de Buda receberam qualquer explicação satisfatória até que o Espiritualismo os tornou claros. Quem

quer que tenha visto um amigo ou ente querido aparecer após a morte em forma materializada pode entender a ressurreição de Cristo. Ninguém mais pode. E, como não podem entendê-la, chamam-lhe milagre. Cristo foi o maior médium que este mundo já conheceu. Bem foi chamado Josué, o Curador!

Digo isto com toda a reverência e sem qualquer intenção de diminuir os seus extraordinários poderes. Por que razão deveríamos ter tanta ansiedade em atribuir tudo o que ele fez a uma agência sobrenatural? Se ele tivesse introduzido o telefone, o fonógrafo ou a luz elétrica, isso pareceria tão milagroso naqueles dias como qualquer coisa que ele fez. Além disso, ele negou constantemente possuir um poder maior do que qualquer um dos seus seguidores poderia ter, caso tivesse a mesma fé—um facto que os teólogos, ao que me parece, sistematicamente ignoraram ou deliberadamente silenciaram. Passo intencionalmente por cima da história do nascimento miraculoso de Cristo. A mesma ou uma história muito semelhante foi escrita sobre o nascimento de Buda.

Se foi verdadeira para um, pode ter sido verdadeira para o outro; mas sempre me pareceu estranho que o Deus que condenou o adultério e a fornicação nos Seus filhos tenha ordenado ou permitido tal nascimento. Prefiro tentar provar-vos que Cristo foi um médium; e, se ele era Deus, os seus milagres não foram maiores do que os que já foram realizados depois dele, conforme ele próprio prometeu. Ele era um médium de cura. "Curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo; e a sua fama espalhou-se por toda a Síria, e trouxeram-lhe todos os enfermos, acometidos de diversas doenças e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos; e ele os curou." "E eis que veio um leproso e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo. E Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: Quero; sê limpo.

E imediatamente a sua lepra foi purificada." "E, entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sua sogra deitada e com febre. E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou." "E, ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem misericórdia de nós! E Jesus perguntou-lhes: Credes que sou capaz de fazer isto? Eles responderam: Sim, Senhor. Então ele tocou-lhes os olhos, dizendo: Seja-vos feito segundo a vossa fé." Quero chamar a vossa atenção para o facto de que, em todos os casos de cura, Cristo teve de tocar na pessoa doente; além disso, ele não conseguia praticar a sua mediunidade de cura sem perder parte da sua vitalidade ou poder natural.

O que foi que ele disse quando a mulher com o fluxo de sangue veio por trás dele na multidão e tocou a orla da sua veste? "Alguém me tocou, pois percebo que de mim saiu virtude." Quando reuniu os seus doze discípulos ou alunos, deu-lhes o mesmo poder que ele próprio possuía. Como poderiam eles herdar algo que pertencia exclusivamente a Deus, a menos que fosse um poder natural, acessível à capacidade dos homens? "Curai os enfermos", disse Cristo, "purificai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios." Ninguém jamais atribuiu poderes milagrosos aos discípulos. Eram apenas um grupo de pescadores sem instrução. Jesus escolheu-os, sem dúvida, pelas suas capacidades mediúnicas (que todos possuímos em maior ou menor grau); mas eles não poderiam ter realizado milagres sem serem controlados por agências espirituais. E ele previu o que a sua mediunidade lhes traria, quando acrescentou: "Se chamaram ao dono da casa Belzebu, quanto mais aos da sua casa?"

Essa profecia não se cumpriu nos dias de hoje? Não dizem todos os opositores do Espiritualismo que ele é realizado através da agência do diabo? E não torcem esse texto em

meia dúzia de significados diferentes, em vez de admitirem que ele se refere claramente à mediunidade dos dias atuais? Quando os fariseus disseram que Cristo expulsava demónios por Belzebu, ele respondeu-lhes: *"Se eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam então os vossos filhos? Mas, se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, então é chegado a vós o Reino de Deus."*

Cristo foi um médium físico! Transformou água em vinho. Multiplicou sete pães e dois peixes para alimentar uma multidão. Caminhou sobre as águas. Fez dinheiro aparecer na boca de um peixe. Mas esses poderes não estavam sempre com ele. Dependiam das circunstâncias e das condições, tal como acontece hoje. Se não fosse assim, qual seria o significado do texto: *"E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles"* (ou seja, por causa do seu ceticismo)? E quando os discípulos lhe perguntaram por que motivo não tinham conseguido expulsar certo demónio, ele respondeu: *"Por causa da vossa falta de fé"*, provando que os poderes espirituais não ajudam aqueles que não têm fé neles.

Cristo foi um médium de materialização. Ressuscitou os mortos. Uma pomba branca foi materializada sobre a sua cabeça. A voz direta foi ouvida através dele. Chamou Moisés e Elias, materializados, para falarem com ele. E quero que notem que a nuvem os cobriu antes que a voz direta fosse ouvida. No entanto, esses milagres estavam sujeitos a influências externas. Ele não conseguiu ressuscitar a filha de Jairo até que *"pôs todos fora da sala"* (ou seja, eliminou todas as influências contrárias). E sobre certos demónios, ele disse: *"Esta espécie não sai senão com oração e jejum"*, provando que ele próprio tinha de se submeter a leis naturais, tal como os médiuns de hoje.

Quando os fariseus disseram que ele expulsava demónios pelo príncipe dos demónios, qual foi a sua resposta? *"Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo."* Da mesma forma, se o diabo viesse até nós hoje, sob a aparência dos nossos amigos falecidos, para nos incitar a viver vidas mais dignas e santas, estaria a contrariar o próprio propósito para o qual supostamente existe.

Cristo considerava errado o exercício da mediunidade? Ele disse: *"Quem recebe um profeta em nome de profeta, receberá galardão de profeta."* E também: *"Não há ninguém que faça um milagre em meu nome e que possa logo depois falar mal de mim."* Ele disse isso quando os discípulos tinham repreendido alguém por expulsar demónios. *"As obras que eu faço, ele também as fará, e maiores do que estas fará."* Mas que obras maiores do que as de Cristo foram feitas desde então? Os milagres dos discípulos nunca se equipararam aos dele. No entanto, ele afirmou categoricamente que deveriam acontecer.

Todos os homens que viveram e morreram desde então—os que pagaram pela sua fé com o seu sangue, e os que foram suficientemente cruéis para derramar o sangue dos seus semelhantes na tentativa de forçá-los a adotar as suas opiniões—mártires e carrascos, nunca realizaram um único milagre; no entanto, Cristo declarou, de forma enfática, que eles aconteceriam.

E assim será, quando eliminarmos a nossa carnalidade e cultivarmos mais a nossa espiritualidade; quando os nossos líderes forem à nossa frente como pastores que guiam as suas ovelhas e nos mostrarem como isso pode ser feito; quando deixarem de se preocupar tanto com os *pães e peixes* para si mesmos, com o poder e as vantagens temporais, e nos ajudarem a abrir a porta para os espíritos entrarem e nos auxiliarem, em vez de a

fecharem na cara deles, como fazem agora—então os milagres voltarão a ser realizados na Terra, e Deus voltará a caminhar com o Homem, como fazia antigamente.

Conseguem recordar-se da descrição detalhada da ressurreição de Cristo? Lembrem-se de que aconteceu à noite. Foi o milagre supremo, aquele que deveria esmagar a incredulidade do mundo, e ainda assim aconteceu na escuridão, dando aos judeus motivo para dizerem que os discípulos vieram de noite e roubaram o corpo. A ressurreição teria sido certamente mais convincente se tivesse ocorrido durante o dia e diante dos olhos de toda a gente! Por que razão não aconteceu assim? Simplesmente porque era impossível!

A escuridão foi necessária para a criação do mundo. A escuridão foi necessária para que Deus descesse e falasse com Moisés. E a escuridão foi necessária para que Cristo ressuscitasse o seu corpo. Mas, se hoje em dia falamos sobre a necessidade de escuridão para uma sessão de materialização, dizem-nos imediatamente que é apenas uma desculpa para fraude e engano.

Maria Madalena, que tinha ido ao sepulcro enquanto ainda era noite, com a intenção expressa de ver Cristo, voltou-se, viu-o de pé ao seu lado e não o reconheceu como Jesus.

Jesus disse-lhe: *"Mulher, por que choras? A quem procuras?"* Ela, pensando que era o jardineiro, respondeu: *"Senhor, se tu o tiraste daqui, diz-me onde o puseste, e eu o levarei."* Jesus disse-lhe: *"Maria!"* Ela virou-se e exclamou: *"Raboni!"* (que quer dizer Mestre). Jesus disse-lhe: *"Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus."*

Agora, peço-vos que ponham de lado todos os preconceitos adquiridos e considerem, por um momento, por que razão Maria Madalena teria confundido Cristo com o jardineiro. Cristo era um judeu de classe alta e, se a história contemporânea for verdadeira, era um homem de pele clara. Publius Lentulus, ao escrever sobre ele, disse: *"O seu cabelo tem a cor de avelã madura, liso e cheio até às orelhas, mas, a partir das orelhas para baixo, é um pouco ondulado e mais dourado, caindo-lhe sobre os ombros. A sua testa é lisa e serena [...] o seu rosto, nariz e boca são tão bem proporcionados que nada há a criticar; a sua barba é espessa, condizente com a cor do cabelo [...] os seus olhos são cinzentos, claros e vivos."*

O jardineiro era, muito provavelmente, um homem comum, um trabalhador oriental de pele escura, pertencente à classe mais baixa da população. Os cortadores de lenha e os carregadores de água eram recrutados, naquela época e ainda hoje, entre as castas mais humildes, simplesmente porque mais ninguém aceitaria esse tipo de trabalho. Os judeus usavam túnicas longas, brancas ou coloridas, que lhes cobriam os pés; já o jardineiro, provavelmente, vestia apenas um pano amarrado à cintura, talvez nem isso. Como poderiam, então, os dois homens assemelhar-se, mesmo que fosse por poucos instantes, a menos que o jardineiro fosse o médium que serviu para a reaparição de Cristo?

A semelhança parcial que a maioria dos espíritos materializados tem com os seus médiuns, especialmente na sua primeira aparição, tem sido tema de muita discussão e incredulidade entre os que investigam o Espiritualismo. A explicação que me foi dada sobre isso, abordarei noutro capítulo. Mas aqui está um exemplo direto de que esse fenómeno não pertence apenas ao nosso tempo.

Quando Jesus falou com Maria, ela reconheceu a sua voz e, provavelmente, correu para ele, tomada de alegria, para o agarrar pelas vestes. Quais foram as primeiras palavras dele? *"Não me toques!"*

E, no entanto, os céticos queixam-se se não lhes for permitido abraçar um espírito materializado!

Depois da morte de Cristo na cruz, o que aconteceu? *"Os espíritos de muitos que dormiam ressuscitaram, saíram dos seus túmulos, entraram na cidade e foram vistos por muitos."* E o próprio Cristo passou duas vezes por portas fechadas para visitar os seus discípulos, apareceu na praia e encontrou-se com os discípulos a caminho de Emaús. Dizem-me que é "ridículo" pensar que os espíritos podem comer e beber, pois "obviamente" não faremos isso depois de deixarmos esta Terra. Eis mais uma prova de que a maioria lê a sua Bíblia sem realmente a compreender, e para eles ela não passa de *"um sino que ressoa e um címbalo que retine."*

Não disse Jesus aos seus discípulos, na última ceia, que não beberia mais vinho até bebê-lo novo com eles no Reino de seu Pai? Quando apareceu a eles na praia, não lhes pediu comida? E não comeu com eles peixe assado e favo de mel? E quando se sentou à mesa com os discípulos em Emaús, não partiu o pão antes de desaparecer da vista deles? Uma velha amiga minha, que se considera uma cristã fiel e praticante da Bíblia, discutia comigo algumas afirmações do livro *"There is No Death"*, e criticava a forma como eu escrevia sobre as esferas espirituais.

*"Minha querida!"*—exclamou ela—*"é tudo muito interessante e maravilhoso, mas há partes que eu simplesmente não consigo entender. Escreves como se fôssemos continuar quase da mesma forma no outro mundo como vivemos aqui. Falas de comer e beber, e de casas, e é tão impossível acreditar que continuaremos a viver em casas, a sentar-nos e a fazer todas essas coisas, percebes?"*

A minha resposta foi dada sob a forma de outra pergunta:

*"Alguma vez leste a Bíblia?"*

A minha amiga ficou horrorizada com a pergunta. Levantou as mãos para o céu e respondeu:

*"Minha querida, sabes bem que a Bíblia é a minha companheira constante, o meu guia diário."*

*"E não está o céu descrito lá como uma cidade 'pavimentada de ouro' e com 'portas de pérola'?"*

*"Certamente!"*

*"Quando os homens constroem uma cidade na Terra,"* perguntei-lhe, *"não fazem primeiro as fundações, depois erguem as casas, depois constroem as estradas e, por último, assentam os pavimentos? E para quê? Para proteger os pedestres do trânsito. Que utilidade teria um pavimento de ouro, a não ser que houvesse edifícios e estradas? De que*

*serviriam portas de pérola, se não houvesse muralhas? Achas que elas se abrirão para te deixar entrar num descampado coberto de ouro?"*

Ela ficou pensativa por um momento e depois disse:

*"Bem, isso é muito estranho, mas nunca tinha pensado nisso dessa forma antes. Sempre entendi que tudo isso era figurado, uma representação simbólica das glórias que nos aguardam; mas a tua perspetiva realmente parece muito lógica."*

E é assim que a maioria dos cristãos encara a Bíblia—como uma espécie de conto de fadas, que podem interpretar conforme lhes convém. E não digo que não seja um conto de fadas; mas, se a aceitamos, devemos tomá-la exatamente como está escrita.

Cristo materializou-se em duas ocasiões, quando os discípulos estavam reunidos numa sala superior, sendo mencionado de forma específica que *"as portas estavam fechadas"*. Nessas ocasiões, ele tocou-os e falou com eles. Depois disso, os seus seguidores começaram a profetizar, a pregar em diversas línguas e a enviar lenços do seu próprio corpo aos doentes, que foram curados. O que foi isso senão mediunidade de cura, praticada da mesma forma que é até hoje? Lembram-se do *"forte vento impetuoso"* que encheu toda a casa no dia de Pentecostes, quando os apóstolos foram inspirados? Esse *"vento"* é ainda hoje um dos sinais mais inconfundíveis de uma sessão espiritual bem-sucedida, quer o Espírito Santo visite ou não os participantes.

A partir das citações que vos apresentei, devem perceber que, se o Espiritualismo é diabolismo, então as práticas dos servos de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, também teriam de ser diabolismo. As leis da Natureza não mudam, por mais séculos que passem; e, se é errado para nós comunicarmos com os amigos que nos precederam na morte, então também teria sido errado para eles. E, uma vez que não podemos questionar a legitimidade daquilo que Deus faz ou permite, podemos concluir que Ele nos concede os mesmos privilégios que concedeu a eles como uma bênção especial.

Mais uma citação, e termino. São Paulo disse: *"Há diversidade de dons. A uns, é dado o dom da cura; a outros, o de operar milagres; a outros, o de profetizar; a outros, o de discernir espíritos; a outros, a diversidade de línguas; a outros, a interpretação dessas línguas. Mas todas estas coisas opera um só e o mesmo Espírito. Portanto, irmãos, desejai profetizar."*

Ou seja, desejai fazer exatamente aquilo que centenas de clarividentes fazem, neste momento, por todo o mundo: prever o futuro, para que possamos estar preparados para o enfrentar.

Não há outra interpretação possível para estes textos para aqueles que os leem sem preconceito. Os teólogos podem debater o assunto, mas são especialistas em torcer as Escrituras para se adequarem aos seus próprios interesses. Nunca encontrei um teólogo que argumentasse de forma justa e direta, nem dois que argumentassem da mesma maneira. Mas, como já disse antes, se aceitamos a Bíblia, temos de aceitá-la como está escrita. Caso contrário, quem pode decidir, com toda a distância do tempo e baseando-se nas traduções incompletas que nos são oferecidas, qual é o seu verdadeiro significado e o que não é?

De qualquer forma, espero ter deixado claro que o Espiritualismo, independentemente do que a Igreja diga, nunca foi proibido ou desencorajado por Deus. E também espero que aquilo que escrevi leve alguns dos meus leitores a abrir novamente as suas Bíblias e a lê-las sob uma nova luz, que possa lançar um significado diferente sobre as suas revelações.

## CAPÍTULO IV
## O QUE OS AUTORES E POETAS PENSAM SOBRE O ESPIRITUALISMO

Agora que já vimos o que os escritores das Escrituras pensavam sobre o Espiritualismo e lemos o que escreveram sobre ele, voltemo-nos para os autores e poetas de épocas posteriores e analisemos as suas convicções sobre o mesmo tema. Se pesquisarmos os registos deste e de todos os tempos, encontraremos vestígios da crença dos seus escritores—mesmo que, talvez, não admitida conscientemente—no poder dos espíritos dos mortos de regressarem a esta Terra.

Todos conhecem o que Longfellow, um dos maiores poetas e um dos homens mais notáveis que a América já produziu, escreveu sobre o assunto:

*"Não há morte, o que assim parece é transição;*
*Esta vida de sopro mortal*
*É apenas um subúrbio da vida Elísia,*
*Cujos portais chamamos de morte."*

E o Reverendo John Keble escreveu:

*"Pois, na verdade,*
*O espírito do homem não conhece a morte, mas afasta*
*Os limites interligados da carne,*
*E nos seus pensamentos, que são a sua própria essência,*
*Mantém-se em comunicação com aqueles que são invisíveis,*
*Como se ainda estivessem connosco."*

E assim escreveu Adam Clarke (que, por sinal, era bisavô de Bessie Russell Davies, a clarividente), nos seus *Comentários Bíblicos*:

*"Acredito que há um mundo sobrenatural e espiritual, no qual os espíritos humanos, bons e maus, vivem num estado de consciência, e acredito que qualquer um desses espíritos pode (de acordo com a ordem de Deus, nas leis do seu lugar de residência) ter comunicação com este mundo e tornar-se visível aos homens."*

Citei esta passagem numa palestra há algumas semanas, e um suposto sábio tentou refutar-me publicamente, acusando-me de ter dito que Adam Clarke era espiritualista. No entanto, nunca disse nada disso. Mas, se a frase acima não expressa a essência da fé espiritualista, não sei o que expressa. A única diferença é que um espiritualista teria trocado as palavras *"Acredito"* por *"Sei"*.

O falecido Dr. Cumming, que foi um dos homens mais pragmáticos e menos sentimentais do seu tempo, escreveu:

*"Isto é certo: os anjos descem e ministram conforto aos que sofrem; esses anjos regressam do seu ministério para os coros dos bem-aventurados, e podemos supor que permanecerão em silêncio sobre o que viram e a quem ministraram aqui em baixo?"*

E ainda:

*"Devemos admitir que os anjos caídos podem alcançar o coração humano, independentemente da vontade do seu possuidor, e que os anjos bons não podem fazer o mesmo?"*

E ele acrescenta:

*"Não posso acreditar que um espírito maligno falaria a verdade ou atestaria a inspiração da Bíblia; pois se um reino estiver dividido contra si mesmo, como poderá permanecer de pé?"*

Aqui está uma citação dos escritos do Reverendo David Thomas:

*"Os que partiram continuam a pensar, a sentir, a agir. Seus corpos estão no pó, mas são apenas os seus corpos que ali jazem – não eles; os seus instrumentos, não as suas almas. O partir da harpa não destrói nem a vida nem a música do harpista. A ciência e o amor pelos sons doces ainda podem inspirar o seu peito; ele pode segurar outro instrumento e emitir melodias ainda mais ricas, mais profundas, mais encantadoras do que nunca."*

E esta é a opinião de William Ellery Channing:

*"Embora estejamos habituados a pensar no Céu como algo distante, não temos qualquer prova disso. O Céu é a união, a sociedade dos seres espirituais superiores. Poderão eles não preencher todo o universo? Um novo sentido, um novo olhar, poderiam mostrar-nos o mundo espiritual a envolver-nos de todos os lados."*

Estas são apenas algumas joias, colhidas apressadamente aqui e ali, dos escritos de alguns dos nossos teólogos. Se tivéssemos de citar todas as passagens que encontramos na nossa leitura e que comprovam a universalidade desta crença, encheríamos um volume muito maior do que o que estou agora a compilar. Mas, ao examinarmos os poetas, somos levados a acreditar que é impossível ser poeta sem ser, no fundo, um espiritualista, ainda que não o confesse abertamente.

Começo com um excerto de *"História da Alma Fiel"*, de Adelaide Anne Proctor:

*"Se eu ao menos pudesse vê-lo—se eu ao menos pudesse ir*
*E dizer-lhe uma palavra de conforto e alívio—então eu sei*
*Que ele suportaria com paciência e lutaria contra a sua dor."*

*"Podes procurar aquele que chora por ti e olhar o seu rosto*
*E falar-lhe de consolo por um breve instante no tempo."*

De *"Pegadas dos Anjos"*, de Longfellow:

*"Então, as formas dos que partiram entram pela porta aberta;*
*Os amados, os de coração fiel, vêm visitar-me mais uma vez."*

De *"Christabel"*, de Coleridge:

*"E se fosse o seu espírito guardião? E se soubesse que sua mãe estava perto?*
*Mas isto ela sabe, em alegria ou dor, que os santos ajudam se os homens os chamam;*
*Pois o céu azul se inclina sobre todos."*

De *"Lay of the Last Minstrel"*, de Scott:

*"Ele viu, com toda a certeza,*
*Uma forma envolta num manto sagrado,*
*Com um cinto espanhol trabalhado a envolvê-la,*
*Como um peregrino vindo do além-mar;*
*E soube—mas como, isso não importava—*
*Que era o feiticeiro, Michael Scott."*

De *"A Casa Assombrada"*, de Tom Hood:

*"Pois, sobre tudo, pairava uma nuvem de medo,*
*Um mistério que assombrava o espírito,*
*E dizia, tão claro como um sussurro ao ouvido,*
*"Este lugar está assombrado."*

De *"Manfred"*, de Byron:

*"Isto pode ser a morte? Há cor em sua face;*
*Mas agora vejo que não é um tom vivo,*
*Mas um vermelho estranho—como o rubor irreal*
*Que o outono imprime na folha que se apaga.*
*É a mesma! Ó Deus! Devo temer olhar para ela.*
*Astarte! Não! Não posso falar-lhe!"*

De *"Paraíso e o Peri"*, de Moore:

*"Ela chorou—o ar tornou-se puro e claro ao seu redor,*
*À medida que as lágrimas brilhantes corriam,*
*Pois há magia em cada lágrima que os bons espíritos vertem pelos homens."*

De *"Bertha in the Lane"*, de Mrs. Barrett Browning:

*"Mãe! Mãe! Tu és bondosa, estás de pé no quarto,*
*Envolta numa glória derretida, irradiando-se na escuridão!*
*Mas o teu sorriso é brilhante e frio, como as ondas geladas—*
*Não consigo falar; soluço nele e enfraqueço."*

De *"A Surprise"*, de Sir Edwin Arnold:

*"A maior maravilha é esta—ouço-te,*
*Vejo-te, toco-te, amo-te, querida!*
*E sou o teu anjo, que foi tua noiva,*
*E sei que, embora morta, nunca morri!"*

De *"A Rainha de Maio"*, de Tennyson:

*"Mas tu estavas a dormir, e eu disse: 'Não é para eles; é para mim.'*
*E se vier três vezes, pensei, tomá-lo-ei como um sinal.*
*E mais uma vez veio, e bem ao lado das grades da janela,*
*Então pareceu subir direto ao céu e morrer entre as estrelas.*
*Assim, agora, penso que a minha hora se aproxima."*

De *"Intimações de Imortalidade"*, de Wordsworth:

*"O nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento;*
*A alma que nasce connosco, a nossa estrela de vida,*
*Já teve, algures, o seu ocaso, e vem de longe."*

De *"Hamlet"* e *"Macbeth"*, de Shakespeare:

*"Ora, Horácio! Tremes e empalideces;*
*Isto não é mais do que uma fantasia? O que pensas disto?"*

*"Perdeste completamente o juízo?*
*Se eu estou aqui de pé, vi-o!"*

De *"Paraíso Perdido"*, de Milton:

*"Milhões de seres espirituais caminham pela Terra,*
*Tanto quando estamos acordados como quando dormimos."*

De *"There is No Death"*, de Lord Lytton:

*"E sempre perto de nós, embora invisíveis,*
*Os queridos espíritos imortais caminham,*
*Pois todo o universo infinito é vida—*
*Não há mortos!"*

De *"Não posso temer a morte tornada bela por ti"*, de Hedderwick:

*"Ó! Diz-me, descerás até mim,*
*Ou eu subirei até ti?"*

De *"O Mistério da Morte"*, de Charlotte Elizabeth:

*"Talvez ela me ouça falar.*
*Talvez tenha sentido as tuas lágrimas, enquanto caíam sem cessar.*
*E, quem sabe, quando te inclinaste para beijar a sua face,*
*Ela soube disso. Quem pode dizer?"*

De *"Pareces estranhamente próxima"*, de Dinah Muloch:

*"Que espírito é este que perpassa o silêncio deste quarto vazio?*
*E, ao erguer os meus olhos, que sombra desliza e desaparece na penumbra?*
*Os vivos estão tão distantes, mas tu—tu pareces estranhamente próximo,*
*Sabes tudo o que meu coração silencioso quer dizer, sua paz, sua dor, sua esperança, seu medo."*

Necessariamente, estas citações são apenas algumas entre milhares, e dei-lhes lugar aqui mais na esperança de incentivar os meus leitores a procurarem, por si mesmos, provas desta crença universal, do que para convencê-los com alguns exemplos isolados. Mas, tendo visto o que os homens e mulheres do passado escreveram sobre o Espiritualismo, passemos agora às autoridades do nosso tempo—nomes de pessoas que ainda estão entre nós, as opiniões *atuais* de pessoas dignas de crédito e atenção.

No mês de janeiro de 1893, um debate surgiu num jornal chamado *The Morning*, sobre o tema do Espiritualismo, provocado por uma carta do Reverendo Joseph Parker, do *City Temple*, dirigida ao Sr. W. T. Stead, editor da *Review of Reviews*. Seguiram-se várias outras cartas, das quais citarei apenas os trechos que comprovam o meu argumento.

A comunicação do Dr. Parker foi intitulada *"Uma Carta Aberta"*, e começava assim:

"MEU CARO SR. STEAD—
Agradeço-lhe calorosamente por me chamar a atenção para as suas notas sobre a Comunicação Espiritual, que publicou no número de Natal da sua *Review*. Alegra-me poder aceitar a sua declaração sem a menor sombra de dúvida quanto à sua precisão literal, porque me deu provas que tornam o ceticismo impossível.

Pessoalmente, não tenho dificuldade em acreditar que todas as sessões, todas as investigações do tipo que indica, todos os esforços sinceros para testar a realidade do espiritual, representam uma busca pela própria essência de Deus. *'Deus é espírito.'* Se os homens se dedicassem completamente à investigação sobre Deus, eu consideraria essa busca como a expressão mais profunda do verdadeiro Espiritualismo.

Parece-me que uma congregação, devidamente organizada, deveria constituir a maior e mais eficaz sessão espiritual possível.

Claro que, se as congregações não elevarem os seus pensamentos a esse nível superior, não podem esperar receber visões de Deus. Se se reunirem apenas por curiosidade, para assistir ao que está a acontecer sem um verdadeiro propósito, privam-se a si mesmas das maiores bênçãos.

Não posso minimizar a sugestão de que a inspiração é um facto presente nos nossos dias. Acredito que os homens ainda hoje podem receber mensagens diretas de Deus. Do meu ponto de vista, a inspiração não começou com o Cânon Sagrado, nem terminou com ele. Ela é a própria vida de Deus no universo. É a voz de Deus para a alma humana.

Não precisamos de uma nova Bíblia. Precisamos de uma nova leitura da Bíblia antiga.

Já conheci vários espiritualistas e fiquei impressionado com a sua sinceridade pessoal. Um ou dois dos homens mais piedosos que já conheci eram profundamente fascinados pelo Espiritualismo. Outros eram equilibrados, sérios, simples e diretos em todas as suas experiências com as forças superiores.

A inspiração vem a diferentes homens de diferentes formas. Os santos homens da antiguidade falaram movidos pelo Espírito Santo. Eles não sabiam o que iam dizer. Os profetas, provavelmente, não compreendiam sequer um décimo do que pronunciavam. Eles eram, literalmente e em todos os sentidos, o meio através do qual Deus falava a Sua palavra ao mundo.

Quando os discípulos foram avisados de que seriam levados perante tribunais, Cristo disse-lhes para não se preocuparem com a sua própria defesa, pois ele lhes prometeu que, naquela mesma hora, lhes seria dado o que deveriam dizer.

Agradeço-lhe por tudo o que fez nesta questão do Espiritualismo; mas atrevo-me a sugerir-lhe que tudo o que fez é apenas *alfabético e elementar*, e que não deveria ser surpresa para si, nem para ninguém, que a comunicação entre os mundos seja possível. A Bíblia tem ensinado isso ao longo de todos os séculos da sua existência. Não é uma verdade externa à Igreja, mas sim uma verdade que está dentro da Igreja, e no próprio centro do altar da Igreja.

A Igreja não deveria olhar para o Espiritualismo, quando os seus processos são conduzidos de forma honesta, com nada além de olhos amigáveis, porque a Igreja sabe bem que cada passo nessa direção significa um avanço para a verdade sublime de que *'Deus é espírito'*, e que Ele deseja comunicar-se, todos os dias, com os espíritos daqueles que O buscam com fé e amor."

Até este ponto, fica claro que os sentimentos do Dr. Parker e os meus são sinónimos. Ele compreendeu o verdadeiro significado e raiz do Espiritualismo e, se não sente necessidade de o praticar para ver os seus amigos falecidos, talvez seja porque atingiu um nível mais elevado de compreensão sobre o assunto. Ou, mais provavelmente, porque nunca perdeu alguém que desejasse ver novamente.

Fiz anotações sobre este tema e constatei, invariavelmente, que onde existe indiferença pela prática do Espiritualismo, é porque a pessoa ou tem um espírito frio e pouco sentimental, ou não perdeu ninguém que lhe fosse particularmente querido.

Na resposta do Sr. W. T. Stead ao Dr. Parker, ele diz:

*"Sou espiritualista apenas no sentido em que qualquer pessoa que aceita a Bíblia é espiritualista. Sou simplesmente um investigador. Estou perfeitamente aberto a convicções, mas também estou pronto para reconhecer factos e, espero, pelo menos, estar livre dessa superstição da incredulidade, que é, na verdade, muito mais densa e grosseira do que a antiga superstição contra a qual se rebela.*

*O Espiritualismo é inexplicável, exceto com base numa única hipótese: a de que a doutrina expressa em quase todas as páginas da Bíblia é verdadeira e não falsa, ou seja, que os nossos corpos não são uma parte essencial de nós mesmos, mas que o espírito é o verdadeiro ser, revestido de carne por um certo período, durante o qual vive e se move*

*sobre a superfície da Terra; mas ele não deixa de existir quando o corpo é posto de lado, mais do que um homem deixa de viver quando tira o seu sobretudo. Para já, a minha última palavra é esta: antes que muitos meses se passem, creio que será admitido por todas as mentes sinceras que a persistência do indivíduo após a morte, e a possibilidade de comunicar com esse indivíduo, estarão tão bem estabelecidas numa base científica quanto qualquer outro facto da natureza. Pode parecer uma afirmação ousada. Mas não é uma afirmação; é uma profecia, baseada em factos do meu próprio conhecimento, e sobre os quais falo com tanta confiança quanto qualquer outra coisa que tenha observado pessoalmente."*

O Reverendo Sr. Hawies, por sua vez, defende a investigação e afirma:

*"Chegou o momento de abolirmos de vez a palavra 'sobrenatural' e distinguirmos apenas entre o 'conhecido' e o 'desconhecido' na Natureza. Diante de certos fenómenos alegados, de caráter ininteligível, a experiência repetida finalmente colocou uma conclusão fora de disputa, a saber: que é imprudente condenar aquilo que pode ser difícil de examinar, mas ainda mais perigoso não examinar aquilo que pretendemos condenar. A importância dos espíritos, caso existam e sejam aquilo que afirmam ser, é incalculável.*

*Creio que, ao compreendermos as condições sob as quais as comunicações podem ser estabelecidas e testarmos esses meios com inteligência, podemos adquirir um aumento das faculdades humanas e abrir uma nova fonte de conhecimento e poder—talvez um novo mundo de realização espiritual—que pode elevar os nossos descendentes, num futuro próximo, a um nível tão superior ao nosso como nós estamos acima dos homens das cavernas do passado ou dos povos primitivos da atualidade."*

*"Pode um espírito ser fotografado? A câmara não tem fantasias—o negativo fotográfico não possui imaginação. Há razões para acreditar que fotografias anómalas não são tão incomuns quanto se pensa. Muitos fotógrafos têm o hábito de descartar chapas depois de uma revelação parcial, porque apresentam o que chamam de defeito—uma mancha ou marcas que obscurecem ou ocupam partes da imagem. No futuro, talvez os fotógrafos sejam mais cautelosos. Ouvi recentemente o caso de uma jovem, fotografada em Brighton, que teve a sua chapa rejeitada duas vezes devido a uma mancha. Na segunda vez, ela insistiu para que o fotógrafo revelasse a imagem.*

*Ao examiná-la com uma lente de aumento, percebeu-se que as manchas eram rostos—todos iguais. Ela reconheceu imediatamente a face de um pretendente rejeitado que havia falecido. Num outro caso, um grupo de jovens estava a fotografar um cenário fluvial ao ar livre. Quando a chapa foi revelada, mostrava um corpo humano a flutuar na água, que certamente escapou à atenção do fotógrafo, se é que era visível a olho nu. Mas os jovens estavam convencidos de que nada disso estava ali."*

*"O meu amigo, o General Taylor, forneceu-me uma fotografia interessante, tirada de um colega oficial seu, que visitou anonimamente um fotógrafo. Quando a imagem foi revelada, apareceu nela a forma do seu irmão, falecido há oito anos. Ele tinha apenas uma única fotografia do irmão, guardada a sete chaves no seu baú em casa. Tive a oportunidade de comparar a foto tirada em vida com a foto do espírito, e a semelhança era claramente reconhecível, embora a expressão do rosto do espírito fosse dolorosa."*

*"Quero apelar, sem dogmatismo ou fanatismo, a uma investigação sustentada e cuidadosa, até que tenhamos reunido os factos sobre os quais possamos, com legitimidade, fundamentar as nossas conclusões. Gostaria de perguntar, seriamente, se já conseguimos ou não esses factos. O tempo para essa questão chegou claramente. Toda a imprensa está em ebulição com esse assunto. A sociedade está impregnada de ocultismo. Até a ciência ortodoxa começa a vacilar e a tremer na velha cadeira do seu dogmatismo antiquado e parece ser forçada a admitir, relutantemente, que os centenas de homens distinguidos na filosofia, química, psicologia, medicina, literatura e arte—incluindo aqueles que já aceitaram a existência de inúmeros fenómenos anómalos—não podem ser todos tolos ou mentirosos."*

*"Mas há ainda pior para os descrentes. Parece que, sem recorrer a alguma hipótese de forças inexplicadas, dirigidas por leis desconhecidas e produzindo fenómenos incalculáveis, até a própria descoberta científica poderá ser prejudicada. Todos esses sinais são, para mim, indícios promissores dos tempos, e acredito que devem encorajar aqueles que, como eu, acreditam nos recursos infinitos e ainda inexplorados da natureza e da própria condição humana, a falar abertamente sobre aquilo que sabem e a testemunhar as coisas que os seus olhos viram."*

*"Nada contido nos factos ou especulações aqui apresentados está em conflito com os verdadeiros ensinamentos de Jesus Cristo. E deixem-me acrescentar, para o conforto daqueles que se assustam facilmente, que nada do que o Todo-Poderoso permitiu ser verdadeiro no mundo dos fenómenos físicos pode ser ilícito para ser conhecido, nem estar em oposição à religião, nem estar em contradição com qualquer outro tipo de verdade, seja ela física ou espiritual, sagrada ou profana."*

Estas são as opiniões e convicções de três dos homens mais brilhantes do seu tempo. É difícil imaginar que, por mais que se procure, se encontrem três mentes mais poderosas do que as do Dr. Parker, do Sr. Stead e do Sr. Hawies. Suas palavras deveriam ser suficientes para despertar no mundo inteiro o desejo de comprovar a verdade dos factos a que se referem. Mas eles foram apenas os líderes de um coro de testemunhos semelhantes.

Um homem, assinando-se como "Mejnour", escreve:

"Quanto à ocorrência real dos fenómenos em questão, não tenho, há muitos anos, qualquer dúvida e acredito que nenhuma pessoa sensata, que os investigue com paciência e privadamente, sob testes rigorosos, pode fazer outra coisa senão admitir a sua real ocorrência."

Segue-se o testemunho do Sr. W. H. Edwards, da Rua Southampton, 238, S. E., que escreve:

"Como regra, os espiritualistas, antes de se convencerem, são céticos, mas os factos são demasiados para eles e limitam-se a agir como homens e mulheres inteligentes, aceitando a teoria na ausência de algo melhor.

O Espiritualismo existiu, indubitavelmente, em todas as épocas e países. A grande dificuldade reside realmente no clero, pois os ensinamentos dos espíritos são vastamente diferentes dos da Igreja.

O Sr. Maskelyne está sob uma grande ilusão se pensa que o Espiritualismo está a desaparecer. A diferença é que as pessoas já não andam por aí a proclamar as suas crenças, porque fazê-lo é correr o risco de ser socialmente ostracizado.

Não vale realmente a pena incorrer em todo o desprezo que a admissão de ser espiritualista traz consigo. Entre os devotamente religiosos, por um lado, e os materialistas obstinados, por outro, o espiritualista tem uma bela experiência, sendo cordialmente detestado por ambos."

Não concordo com o Sr. Edwards quando diz que admitir-se espiritualista é ser "socialmente ostracizado". Às vezes, gostaria que tivesse feito isso por mim!

Mas a ânsia de investigar e aprender as suas maravilhas parece crescer a cada dia, até que o nosso tempo já não nos pertence e somos obrigados a parecer relutantes em ajudar, porque as exigências contínuas interferem com o nosso trabalho diário. Mas, quanto aos "devotamente religiosos" e aos "materialistas obstinados", nunca permiti que um ou outro interferisse com a minha crença ou a sua livre declaração. Considero que tenho tanto direito a ter as minhas opiniões quanto eles a terem as deles.

Quando me convenci da verdade do Espiritualismo, era mais jovem do que sou agora, mais entusiasta e com mais fé nos meus semelhantes. Assim, costumava tentar convencê-los também daquilo que tornara a minha vida mais feliz, mas desisti disso há muito tempo. Nunca mais tentei converter ninguém. Dá muito trabalho. O meu único objetivo é levar algum conforto a quem sofre pela perda de um ente querido e, graças a Deus, nisso tenho sido bem-sucedida.

Quanto ao resto—os céticos, os escandalizados e os tolos—deixo-os descobrir a verdade por si próprios. Terão de fazê-lo mais cedo ou mais tarde. Quando o meu bondoso e velho confessor, Padre George Oldham, da Igreja de Santa Maria Madalena, em Brighton, voltou e me abençoou, logo após os jornais católicos terem destilado todo o veneno que o seu cristianismo lhes ensinou contra mim por ter publicado "Não Há Morte", perguntei-lhe:

"Então não me condena, Padre, como os outros fazem?"

E a sua resposta foi:

"Minha filha! Todo espírito tem de ser espiritualista!"

Há cerca de dois anos, estava sentada numa sala de estar em Londres, bebendo o habitual chá morno entre as habituais amizades mornas.

A conversa voltou-se para o tema do meu livro, quando uma criatura presente (não lhe chamarei cavalheiro) educadamente comentou que o Espiritualismo era "um disparate" e que não acreditava numa única palavra.

Olhei para ele. Era um oficial—gordo e com o rosto inchado como um gato persa, com tão pouca expressão quanto um, e recostado numa poltrona como quem diz: "Estão todos autorizados a admirar-me e ver que belo sujeito eu sou."

A minha anfitriã comentou que, considerando que eu estava presente, não achava que a opinião que ele expressara fosse muito educada, ao que, percebendo que tinha ido um pouco longe demais e querendo, suponho, aliviar os meus sentimentos feridos, virou-se para mim e disse, numa voz como se tivesse a boca cheia de ameixas:

"Bem, então converta-me, converta-me!"

Olhei para ele por um momento antes de responder:

"Meu caro senhor! Imagina que pode fazer a menor diferença para mim no que acredita ou deixa de acreditar—para onde irá quando morrer ou para onde não irá?

Parece pensar que você e o seu futuro são de enorme importância; mas garanto-lhe que não me interessa minimamente."

Ele pareceu um pouco desconcertado, mas perguntou:

"Então porque o prega?"

"Para aqueles que precisam de conforto", respondi.

"Você está tão satisfeito consigo mesmo que, evidentemente, não pode precisar de nenhum."

Dou este conselho ao Sr. Edwards e a todos os interessados: guardem o vosso Espiritualismo para uso e prazer próprios e não sejam demasiado generosos em partilhá-lo com os outros.

Provavelmente, apenas vos insultarão pelo esforço.

Mas, se parecerem perfeitamente indiferentes ao assunto, provavelmente vos atormentarão a pedir informações.

É assim que funciona o mundo.

O Sr. Russell Davis escreveu assim para *The Morning*:

"Quanto à afirmação de que o Espiritualismo está a desaparecer, o Sr. Maskelyne deve admitir que os próprios espiritualistas são, ou deveriam ser, os melhores juízes disso, e eu, por um, peço respeitosamente para contradizer a sua afirmação.

Não tenho hesitação em dizer que o Sr. Maskelyne é absolutamente ignorante sobre a questão.

Há dezoito anos que vivo em Londres e, durante todo esse tempo, tenho usado os meus dons clarividentes como médium (privadamente) e, neste momento, posso declarar positivamente que a crença no Espiritualismo não apenas aumentou de forma constante, mas está a crescer de forma extraordinária e é esse facto que agora colocou a questão perante o público, que finalmente é forçado a admitir que deve haver algo nisto, afinal.

Há vinte anos, a resposta apropriada quando se mencionava o Espiritualismo era:

'Ah, sim, espiritualistas! São ou vigaristas ou tolos—os que enganam e os que são enganados.'

Agora é:

'Oh, não há dúvida de que essas coisas que menciona acontecem, mas é tudo obra do diabo e vai arruinar o seu corpo e a sua alma; por isso, reze para nunca mais se envolver com isso.'

Após vinte e cinco anos de experiência, posso dizer, felizmente, que não estou arruinado nem no corpo nem na alma.

Posso provar, sem dúvida, que o Espiritualismo não está apenas a crescer rapidamente, mas que já penetrou nos mais altos círculos e no próprio coração dos nossos maiores centros de aprendizagem.

A verdade forçou-se a entrar nas mentes e vidas de alguns dos nossos maiores homens e mulheres, e isto apesar da oposição contínua de todos os lados e diante do clero de todas as denominações, que há muito percebeu que, assim que as pessoas começassem a pensar por si mesmas e buscassem na verdadeira fonte da luz espiritual o seu próprio entendimento, o poder da Igreja desapareceria para sempre.

Novo Espiritualismo? De modo algum!

Velho Espiritualismo e nova Teologia, isso sim!

Porque o Espiritualismo existe desde o princípio e a verdade sempre se revelará.

Que nos deem agora justiça e profetizo que, assim que o público perceber que há algo nisto, o Espiritualismo avançará ainda mais rapidamente do que atualmente."

Outro correspondente, que assina como A. V. B., escreve assim:

"A minha própria experiência é que, desde que os fenómenos do Espiritualismo moderno atraíram a atenção das pessoas, nunca houve tantos investigadores inteligentes e sinceros sobre a sua veracidade como há no presente.

Concordo inteiramente com o Dr. Parker que os objetivos do Espiritualismo devem ser do mais elevado caráter possível; mas não estou de acordo com ele quando desvaloriza o aspeto fenomenológico do assunto, nem quando afirma que todos os esforços feitos para compreender o mundo espiritual são empreendimentos que, por si só, não podem trazer qualquer vantagem real a ninguém.

Parece-me que, se os fenómenos que ocorrem nas sessões espíritas podem ser provados como tendo origem no lado espiritual da vida, então esses fenómenos são, ou deveriam ser, da maior importância para as religiões do país; e, sendo importantes para as religiões, deveriam, sem dúvida, ser dignos do máximo interesse e atenção por parte dos seus representantes.

Estou perfeitamente disposto a admitir que o Espiritualismo não é uma religião, mas uma ciência; mas, se os líderes religiosos persistirem em ignorar um tema que afeta tão diretamente os seus ensinamentos, então não devem surpreender-se se as pessoas decidirem investigá-lo por si próprias.

Se é um facto, como afirmo que é, que nós, que estamos atualmente no estado material, estamos, no que diz respeito ao espírito, em associação com espíritos cujos atributos são semelhantes aos nossos, e cujo amor e aspirações são da mesma natureza, então isso deveria indicar que o caráter dos fenómenos produzidos numa sessão será guiado pelo caráter das pessoas que formam o círculo."

O Reverendo Dr. John Pulsford diz:

"Li o que o Sr. Stead escreveu na sua *Review of Reviews*, e sinto que o que ele registou da sua experiência pessoal é uma declaração extremamente simples e sincera.

Não me restou qualquer dúvida de que o que ali está descrito realmente aconteceu, como foi representado; e, na verdade, não consigo conceber que alguém pudesse inventar tal história.

Disse à Sra. Parker, depois de ter lido a declaração, que, se o objetivo final do Cristianismo é a unidade absoluta entre o Céu e a Terra, então deve existir alguma lei que rege essa unidade; e o que poderia ser mais provável como lei dessa unidade do que a comunicação entre os espíritos dos que partiram e as pessoas que ainda vivem neste mundo?

Parentes meus, na América, disseram recentemente que, nos acontecimentos que testemunharam nas sessões em que estiveram presentes, embora muitas vezes um nível inferior de espíritos descesse sobre eles, fazendo comunicações de menor importância, nem por nada no mundo deixariam de ter estado lá, pois algumas das mensagens eram, sem dúvida, de espíritos de entes queridos falecidos com quem tinham convivido.

A transfiguração de Cristo foi, na verdade, uma sessão espírita de altíssimo nível; e, se negássemos a utilidade do Espiritualismo nesta época, estaríamos a ir longe demais, pois seríamos levados a desprezar todos os episódios das Escrituras em que nos é dito que houve comunicação entre os espíritos e as pessoas em carne e osso.

Ao mesmo tempo, quem quer que se comprometa com algo semelhante a uma sessão espírita, com o propósito de investigação espiritual, deve estar num estado de oração e vigilância; e, se não se elevarem espiritualmente, estarão apenas a abrir a porta a espíritos inferiores e enganadores.

Deve-se lembrar que os espíritos que estão nas fronteiras da Terra não podem ascender. São espíritos que partiram num estado tão materialista que procuram constantemente acesso ao mundo físico e sentem-se encantados por encontrar uma oportunidade de usar os corpos das pessoas deste mundo."

Vários correspondentes diminuíram o valor do seu testemunho ao não darem os seus nomes completos.

Nunca consegui compreender essa falta de coragem na correspondência com a imprensa. Se têm vergonha de fazer algo, digo que não o façam.

No entanto, podem existir razões profissionais para certas pessoas ocultarem os seus nomes, embora eu acredite que a honestidade seja sempre a melhor política, independentemente das consequências que possa trazer.

J. C. D. escreve:

"Antes do ano de 1884, fui membro da *Secular Union of Freethinkers* e continuo a partilhar com eles a aversão ao dogma e o amor pela humanidade; mas, depois de uma investigação diligente e sincera, despertada por uma palestra do Dr. Nichols, intitulada *'Fantasmas que Vi'*, fui forçado, pela convicção, a renunciar à propagação de visões puramente materialistas.

Sou um simples mecânico, mas alegro-me ao saber que as aspirações do homem não são aniquiladas pela morte e que a ajuda invisível muitas vezes se encontra ao nosso lado, quando possível, através de orientação, sugestões e previsões, diretas e indiretas, por parte dos entes queridos que partiram antes de nós."

Segue-se o testemunho do Sr. J. T. Audy, de Winchester Hall, Peckham:

"O Sr. Maskelyne pode dizer que está convencido de que todas as chamadas manifestações são fraudulentas e que vê o Espiritualismo como algo em declínio.

Pergunto-lhe: ele classifica os relatos de manifestações na Bíblia da mesma maneira? Fazer afirmações e condenações é fácil, mas e quanto à vasta quantidade de evidências existentes sobre os fenómenos, confirmadas por homens de integridade? Essa tentativa de desacreditar testemunhas verídicas é desprezível e usada para afastar investigadores; é um velho truque publicitário, mas não destrói os factos. Fui testemunha ocular de muitos acontecimentos notáveis. Existem milhares de pessoas dispostas a testificar sobre a realidade da comunicação espiritual."

É claro que não fui deixada de fora desta guerra de palavras; mas guardei para o final as poucas observações que tinha a fazer sobre o assunto, pois já disse praticamente tudo o que queria dizer.

"Posso compreender perfeitamente que não seria vantajoso para ele (Sr. Maskelyne) ser um espiritualista, e que ele preferiria não acreditar nisso. Isso arruinaria metade do seu negócio, que se baseia na exposição do Espiritualismo. Mas, quando ele afirma que 'a coisa está a morrer rapidamente—deixem-na morrer', está a dizer algo completamente falso.

Nunca o Espiritualismo foi tão amplamente disseminado, tão firmemente acreditado e praticado como no momento presente, e não entre os analfabetos e as classes mais baixas, mas entre a aristocracia da Inglaterra. Asseguro-lhe que ele não está a morrer, que nem sequer está doente pelos golpes que ele e o Sr. Stuart Cumberland tentam desferir-lhe, mas que há mais espiritualistas em Londres, hoje, do que jamais houve antes, e que o seu número cresce diariamente.

O Dr. Parker escreve de forma muito branda sobre todo este assunto, como qualquer homem culto e profundamente reflexivo faria; mas ele não dissecou a questão tanto quanto poderia tê-lo feito. Ele pergunta que bem já fez o Espiritualismo e que bem há em receber uma mensagem de um tio ou tia falecidos. Pois bem, Dr. Parker, o Espiritualismo fez algo que a Igreja, em muitas ocasiões, falhou em fazer: convenceu os homens de que existe uma vida após a morte. Pode dizer, honestamente, que os ensinamentos da Igreja e a leitura da Bíblia conseguiram evitar a enorme quantidade de ateísmo e incredulidade nos dias de hoje?

O mundo está repleto deles. Houve alguma época em que os homens e mulheres acreditassem menos e frequentassem menos a igreja? Está completamente certo ao dizer que precisamos de uma nova leitura da Bíblia. Metade das pessoas que professam acreditar na autenticidade da Bíblia não sabem e nunca se preocuparam em estudar o significado dos seus textos mais simples. A Bíblia mantém os homens no caminho certo—a maioria dos homens, quero dizer?

A Igreja tem o poder de impedi-los de se tornarem renegados? Os seus pregadores têm o poder de convencê-los de que existe uma vida futura; ou, tendo-os convencido, de fazê-los compreendê-la? Não há renegados no Espiritualismo. Um espiritualista que tenha sido convencido de que viu os mortos nunca abandona a sua crença numa outra vida.

Somos chamados de insensatos e fanáticos simplesmente porque a nossa crença é tão firme. Conheço inúmeros homens que acreditam no Espiritualismo e que nunca acreditaram na Igreja, nem na Bíblia, até que os espíritos os ensinaram a fazê-lo. É verdade que uma congregação harmoniosa deveria formar uma vasta sessão espírita; mas quando é que os encontramos harmoniosos?

Não se reúnem, cada um ocupado com os seus próprios interesses, e, na maioria das vezes, não saem sem sequer compreender o que ouviram? Muito diferente é a reunião dos participantes de uma sessão espírita—e não apenas mulheres e crianças tolas, lembrem-se; mas homens de ciência, de capacidade e de conhecimento—esperando, com um interesse absoluto, a vinda dos seus entes queridos falecidos.

O Espiritualismo é um renascimento, e um renascimento que está apenas no seu início. Não prejudicará a Igreja. Antes, levará os seus seguidores para dentro das suas paredes. Foi permitido, nesta era de zombaria, descrença e ceticismo, para forçar os homens a pensar e a investigar por si mesmos se existe ou não uma outra vida.

E, acredito, continuará e crescerá e aumentará em poder, até que, como disse o douto médico, 'os homens recebam mensagens diretas de Deus'. Admiro a coragem do Sr. Stead e acredito que isso resultará, como acontece com todo esforço honesto, em grande benefício para ele próprio.

Pouco importa o que um ou dois indivíduos pensem sobre o assunto; ele veio para as massas.

É o que as massas querem—uma revelação direta da existência daqueles que julgavam perdidos.

Deus é amor, e o homem não pode viver sem amor; e convencê-lo de que o seu amor não foi desperdiçado, mas que aqueles a quem o dedicou estão vivos e à sua espera do outro lado, é incentivá-lo a encontrar os melhores meios para se juntar a eles lá.

Assim, o Espiritualismo favorece a Igreja, ao enviar aqueles que convenceu da verdade de uma outra vida para a Igreja—para encontrar o Deus que os reunirá com aqueles que perderam."

A partir destas observações, fica claro que a minha opinião não mudou em todo o tempo em que fui espiritualista; pelo contrário, fortaleceu-se com o passar dos anos. Como escrevi, nunca conheci ninguém que acreditasse no Espiritualismo e depois recuasse dessa crença; é impossível voltar atrás perante a evidência de todos os sentidos. Como o Espiritualismo se entrelaça maravilhosamente com a música.

Metade dos compositores são homens inspirados; metade da música que oferecem ao mundo carrega em si a marca da sua crença nesta grande verdade.

Já ouviu *The Distant Shore*, *The Mother's Dream* e *O Fair Dove! O Fond Dove!*, de Sir Arthur Sullivan?

Ou *In Shadow Land* e *The Land of Love*, de Ciro Pinsuti?

Ou *Spirits and Angels*, de Franz Abt, e *When the Pale Moon Arose, Last Night*, de Virginia Gabriel?

Estas, entre centenas de outras canções publicadas diariamente, mostram como os compositores gostam de tocar as cordas sensíveis do Espiritualismo quando compõem.

Até mesmo nas páginas de *The Youth's Companion*, encontrei recentemente versos tão doces e verdadeiros de Zitella Cocke, que não posso deixar de citá-los aqui.

Chamam-se *A Ministering Spirit*:

*"Quando há um ano eu morri, voltei para os meus; era tão doce*
*Ver os seus rostos, ouvir as suas vozes, embora não pudesse cumprimentá-los.*
*Na velha casa familiar, falavam e riam com o entusiasmo da juventude—*
*Bravos irmãos e queridas irmãs, sem nunca sonhar quem era o seu hóspede.*

*Planeavam o amanhã e contavam os júbilos do presente,*
*Seus olhos ansiosos buscavam apenas o que lhes era visível—*
*Eu era um ser que havia passado, sem existência para eles.*
*O mundo estava com eles, atraindo-os com sua multidão de coisas vivas e felizes;*
*Não podiam sentir o meu toque espiritual, nem ouvir o sussurro das minhas asas.*

*E todos saíram, exceto uma, que sozinha à janela se aproximou,*
*Onde, outrora, nos sentávamos juntos e, na angústia da sua alma,*
*Chorou longa e profundamente, com as mãos trémulas sobre o rosto banhado em lágrimas, e clamou:*
*'Deus tenha piedade de mim neste dia de dor! Este foi o dia em que meu irmão morreu.'*

*Então, com a percepção sutil de um espírito, dada por Deus, ministrei-lhe*
*Doce consolo; tal como Deus me dera, incondicionalmente, também eu lho dei.*
*E, saciada de tristeza e conforto, os que partiram retornaram,*
*E encontraram nela um novo semblante, radiante da glória de Deus."*

## CAPÍTULO V
## A FRAUDE DE MISS MARRYAT

No dia 14 de dezembro de 1893, apareceu um artigo na *Truth*, sob o título "Scrutator", com o nome acima mencionado, que deixou indignados todos aqueles que sabiam algo sobre mim—não porque tentasse lançar dúvidas sobre a minha honestidade relativamente às declarações feitas no meu livro *There is no Death* e provar que devo ser uma tola iludida—mas porque me difamava seriamente no que dizia respeito às minhas relações familiares, assunto com o qual não tinha mais interesse do que eu tenho com as relações familiares do editor da *Truth*.

Os meus amigos estavam ansiosos para que eu tomasse uma posição pública sobre o assunto e tornasse o artigo objeto de uma disputa jornalística. O meu advogado declarou que se tratava de uma calúnia, e acho que algumas pessoas ficaram um tanto desapontadas por eu ter lidado com a questão de forma tão calma, preferindo esperar o momento certo para refutar as alegações por escrito, de forma mais duradoura do que nas páginas de um jornal semanal.

É isso que agora me proponho fazer, embora muito a contragosto. É um assunto que preferiria ter deixado morrer uma morte natural. O rapaz a quem se refere está morto e não pode falar por si próprio (pelo menos na opinião do Sr. Davis e do seu aliado "Scrutator"), e dizem que dos mortos nada deve ser dito senão o bem.

Mas se o silêncio deve ser mantido à custa do caráter dos vivos, torna-se um crime contra si mesmo e contra a causa pela qual se luta.

Assim, citarei outro provérbio e direi que "Um cão vivo vale mais do que um leão morto" e, pelo bem do Espiritualismo e da minha honra, contarei a verdade sobre a vida de Francis Lean aqui.

Há membros da sua família que deveriam ter respondido a este artigo e desmentido muitas das suas alegações—membros que sabem bem quanto fiz pelo rapaz falecido e como ele retribuiu as bondades que lhe foram demonstradas pela maioria das pessoas—mas não tiveram a coragem, nem a gratidão para o fazer.

Portanto, só têm a si mesmos a culpar se eu agora defendo a minha própria causa.

Para cumprir o que me proponho, torna-se necessário que eu reproduza o artigo inteiro na íntegra, para que não me acusem de omitir partes a fim de servir os meus próprios interesses.

Devo mencionar que os itálicos são meus.

*"Há cerca de dois anos, sob o título* There is no Death, *Miss Florence Marryat apresentou ao público um relato altamente edificante das suas experiências no mundo espiritual. Como já foi tratado pelo meu crítico na época, não é necessário que eu faça agora quaisquer observações gerais sobre este livro, embora me pareça, de passagem, um dos mais dolorosos relatos de embuste e autoilusão encontrados nesta categoria de literatura."*

Agora, antes de ir mais longe, gostaria de perguntar a *Scrutator* por que razão o meu livro lhe parece um dos mais dolorosos relatos encontrados na literatura espiritualista.

Ele já leu outros livros sobre o mesmo assunto?

Leu Allan Kardec, o Coronel Olcott, Robert Dale Owen ou John Wesley?

Não narraram todos eles experiências com o Espiritualismo tão impressionantes quanto as minhas?

No meu próprio livro, mencionei vários nomes de homens de ciência e saber que investigaram comigo e testemunharam os mesmos fenómenos.

São todos eles tolos e lunáticos, incluindo o meu pai, o Capitão Marryat, cujas botas *Scrutator* não é digno de desatar (mentalmente falando)?

Ou será ele mais inteligente do que todos juntos?

Sem dúvida, ele pensa que sim; mas terá de provar esse título antes que o mundo siga o seu exemplo.

A minha reivindicação por atenção baseia-se muito mais na reputação dos pioneiros que vieram antes de mim do que no meu simples relato de factos que chegaram ao meu conhecimento.

Mas, voltando a *Scrutator*:

*"Basta dizer, para o presente propósito, que o livro contém relatos das alegadas entrevistas de Miss Marryat com um grande número de espíritos desencarnados, sob os auspícios de vários médiuns profissionais. Recentemente, porém, obtive provas que parecem tornar certas passagens do livro dignas de nova atenção, não apenas pela luz que essas provas lançam sobre as experiências pessoais extraordinárias de Miss Marryat, mas também pelo seu impacto no estudo dos fenómenos ocultos em geral.

As passagens a que me refiro descrevem as supostas aparições do seu enteado, o Sr. Francis Lean, na altura da sua morte por afogamento na costa do Peru e posteriormente.

A evidência que agora posso acrescentar ao relato de Miss Marryat surgiu da seguinte maneira:

Um companheiro de tripulação do Sr. Lean, que era seu amigo íntimo e conhecedor exato dos factos relativos à sua morte, deparou-se acidentalmente com o livro de Miss Marryat há alguns meses e, impressionado—como bem poderia estar—com certas declarações e,

ainda mais, com certas insinuações feitas pela autora e pelo suposto fantasma, redigiu, na sua seguinte visita à Inglaterra, um depoimento sobre as circunstâncias, que me enviou.

O nome deste cavalheiro é Frederick John Davis, tenente da Reserva Naval Real, e ele está disposto, se necessário, a confirmar o seu relato sob juramento.

Para que a história seja inteligível, no entanto, é necessário apresentar primeiro a versão de Miss Marryat.

A primeira referência à morte do Sr. Lean ocorre nas páginas 48-49 do livro.

Miss Marryat descreve aí como, em julho de 1880, foi sozinha para Brighton para concluir um trabalho literário.

Ela escreve:

'Costumava escrever o dia todo e caminhar à noite. Naquela altura, ainda havia luz até às oito ou nove horas, e a Esplanada costumava estar cheia até tarde.

Na noite de 9 de julho, estava a abrir caminho através da multidão, mais concentrada no meu trabalho do que em qualquer outra coisa, quando vi (ou assim pensei plenamente) o meu enteado, Francis Lean, encostado às grades à beira do penhasco e sorrindo para mim.'" Agora, peço aos meus leitores que observem, neste momento, que não menciono nenhuma hora específica em que vi o rapaz, pois, de facto, não poderia tê-lo feito, visto que já estava fora há algum tempo e não sabia a hora exata.

"Era um belo rapaz de dezoito anos, que se supunha ter embarcado no seu navio para o Brasil cinco meses antes. Mas ele tinha sido um jovem rebelde, causando muita preocupação e ansiedade ao seu pai, e a minha primeira impressão foi de grande aborrecimento; pensando, naturalmente, que, ao vê-lo ali, significava que ele nunca embarcara e fugira do navio no último momento.

Aproximei-me rapidamente dele, mas, quando cheguei ao seu lado, ele virou-se metódica-mente e desceu um lance de escadas que levava à praia. Segui-o e encontrei-me entre um grupo de marinheiros comuns que remendavam as suas redes, mas não vi Francis em parte alguma. Não sabia o que pensar do ocorrido, mas nunca me passou pela cabeça que não fosse ele próprio ou alguém incrivelmente parecido com ele. Naquela mesma noite, depois de me deitar, num quarto invadido pelo brilho incômodo do luar que entrava pela janela, fui despertada pelo som da maçaneta da porta a girar.

Ali estava Francis, com o seu uniforme naval, segurando o boné de pala na mão e sorrindo para mim, tal como fizera no penhasco. Sentei-me na cama, com intenção de lhe falar, mas ele colocou um dedo nos lábios e desapareceu lentamente. Essa segunda visão fez-me pensar que algo devia ter acontecido ao rapaz, mas decidi não dizer nada ao meu marido até que pudesse confirmar. Pouco depois de regressarmos a Londres, saímos, juntamente com o meu filho (também marinheiro), para visitar o navio dele, que estava ancorado nos estaleiros.

Enquanto atravessávamos Poplar, vi novamente Francis, desta vez parado no passeio e sorrindo para mim. Dessa vez, falei. Disse ao Coronel Lean: 'Tenho a certeza de que vi o Francis ali de pé. Será possível que ele nunca tenha embarcado, afinal?'

Mas o Coronel Lean riu-se da ideia.

Depois disso, fomos passar uns dias à beira-mar e, em setembro, enquanto estávamos em Folkestone, o Coronel Lean recebeu uma carta informando que o seu filho Francis se tinha afogado ao virar-se um bote no mar revolto da Baía de Callao, no Brasil (*sic*), no dia 9 de julho, o mesmo dia em que o tinha visto duas vezes em Brighton, dois meses antes de sabermos que ele estava morto."*

O leitor notará aqui que ou Miss Marryat é uma historiadora singularmente imprecisa, ou o seu conhecimento de geografia é deploravelmente deficiente, pois, pensei eu, seria de conhecimento geral que Callao não fica no Brasil, mas na costa do Peru, do outro lado do continente, tão distante da costa brasileira quanto a Baía da Biscaia do Golfo Pérsico.

Isso, no entanto, é apenas um detalhe.

*Scrutator* pensou que me tinha apanhado bem nesta questão—que eu ficaria terrivelmente envergonhada por ter de admitir um erro (o que é verdade) ou uma deficiência em geografia.

Mas ele está enganado. Reconheço que, ao escrever descuidadamente sobre Callao no Brasil, demonstrei tão pouco conhecimento do assunto quanto ele ao escrever sobre Espiritualismo. Talvez, se ambos fôssemos submetidos a um exame sobre os nossos temas, ele se revelasse o mais ignorante dos dois. Mas a minha falta de conhecimento de geografia nada tem a ver com o facto de eu ter visto, ou não, o espírito de Francis Lean.

*"A próxima menção ao Sr. Lean encontra-se na página 133, numa descrição das várias maravilhas realizadas por um médium chamado Colman, que 'materializou' este pobre rapaz, permitindo-lhe assim comunicar a Miss Marryat e, aparentemente, também ao Coronel Lean, as circunstâncias da sua morte e os eventos que a antecederam, assuntos até então desconhecidos para eles."*

*Scrutator* fala da minha imprecisão.

Permitam-me apontar a dele.

Não há qualquer menção em *There is no Death* de que Francis Lean tenha sido "materializado" através de Mr. Colman.

Ao escrever sobre a mediunidade em transe, menciono o nome de Francis.

Digo, ao falar dele:

*"Ele tinha um jeito peculiar—rápido e nervoso—e uma forma de cortar as palavras, que o seu espírito preserva até ao menor detalhe, o que constitui a prova mais forte possível da sua identidade para aqueles que o conheceram em vida."*

A relevância desta citação será mais evidente ao longo do capítulo.

*"É muito lamentável", prossegue Scrutator, "que Miss Marryat omita os detalhes das circunstâncias narradas nesta instância, pois, como irei demonstrar, quando o fantasma materializado do Sr. Lean fez declarações sobre o mesmo assunto sob os auspícios de outro médium, a sua precisão deixou muito a desejar."*

Passando por uma outra passagem altamente instrutiva, na qual o falecido rapaz é descrito pelo espírito da sua irmã natimorta como a "perseguir" à volta de uma fonte, voltamos a encontrar Francis Lean na página 241, sob a mediunidade de uma figura referida apenas como *o doutor*.

Como esta passagem contém o relato do espírito sobre as circunstâncias da sua morte, torna-se necessário citá-la na íntegra:

*"Quando ela nos deixou, uma figura escura avançou para a sala e exclamou: 'Ma! Ma!' Reconheci, de imediato, a entonação peculiar e a forma de falar do meu enteado, Francis Lean, com quem, desde que ele me anunciou a sua própria morte, não tinha tido qualquer comunicação, exceto através de mediunidade em transe."*

O que aconteceu com a materialização através de Arthur Colman?

*"'És tu, meu pobre rapaz?', perguntei. 'Aproxima-te de mim! Não tens medo de mim, pois não?' (Mas por que razão ele teria medo dela? É comum os fantasmas terem medo dos vivos? Ed. Truth.)"*

Agora, esta pergunta por si só prova que o homem que escreveu este artigo nunca fez mais do que folhear o meu livro—se é que fez isso—caso contrário, não precisaria de a colocar.

E, no entanto, presume-se apto para criticá-lo.

*"'Oh, não, Ma, claro que não! Só que estava na Ópera, sabes, com os outros, e aquele trecho que recitaste—sabes qual—é tudo verdade, Ma, e não quero que voltes para a Inglaterra. Fica aqui, Ma, fica aqui!'

Eu sabia perfeitamente a que o rapaz se referia, mas não queria discutir o assunto diante de um estranho.

Por isso, apenas respondi:

'Esqueces os meus filhos, Francis; o que diriam eles se eu nunca voltasse para casa?'

Isso pareceu confundi-lo, mas, após um tempo, ele respondeu:

'Então vai ter com eles, Ma, vai ter com eles.'

Durante todo este tempo, ele falava na escuridão, e eu só o reconhecia pela sua voz.

Perguntei:

'Não vais mostrar-te para mim, Francis? Faz tanto tempo que não nos vemos.'

'Nunca desde que me viste nos estaleiros. Era eu, Ma, e em Brighton também, só que não acreditaste completamente até saberes que eu tinha morrido.'

'Diz-me a verdade sobre o acidente, Francis', pedi-lhe. 'Houve jogo sujo?'

'Não', respondeu ele, 'mas começámos a discutir sobre ela, sabes, e a lutar, e foi assim que o barco virou. Foi culpa minha tanto quanto de qualquer um dos outros.'"*

Agora, antes de continuar, quero observar que "Ma" era a forma habitual com que Francis Lean me chamava, para meu grande desgosto. Parecia-me tão vulgar e comum. O pobre rapaz não era muito dotado de inteligência; na verdade, era singularmente carente dela, e o seu modo de "choramingar" por mim como fazia causava-me verdadeiro horror. Não era a única a sentir isso. Também irritava o seu pai tanto quanto a mim.

*Scrutator* aceita prontamente (como será visto mais adiante) cada palavra dita pelo Sr. Davis como se fosse uma verdade absoluta, simplesmente porque ele se opôs ao Espiritualismo.

O testemunho de um completo estranho tanto para ele como para a família Lean é tomado como mais credível do que qualquer coisa que os próprios familiares do rapaz possam dizer. O Sr. Davis afirma que foi amigo íntimo de Francis Lean durante dois anos antes da sua morte. Pode ser; mas certamente não era um amigo da família, nem nunca foi admitido dentro de nossa casa, pelo menos até onde a dona da casa sabe. De qualquer forma, se o Sr. Davis nada sabia sobre "ela", mencionada no último parágrafo, nem sobre os acontecimentos que tiveram lugar pouco antes de Francis Lean embarcar no *Stuart*, isso prova que havia algo que até o seu amigo mais íntimo desconhecia.

*"Como foi que o teu corpo nunca foi encontrado?", perguntei-lhe.*

*"Foi arrastado por uma corrente submarina, Ma. Já estava perto do Cabo Horn quando ofereceram uma recompensa por ele."*

Então, ele começou a iluminar-se e, assim que a figura ficou iluminada, vi que o rapaz estava vestido com um *jumper*, um suéter de lã escura, como os que usam no serviço mercante em climas quentes. Mas, por cima de tudo, incluindo a cabeça e os ombros, estava envolto numa grande quantidade daquele tecido branco e fluido que já mencionei antes.

*"Não suporto este tecido, faz-me parecer uma rapariga",* disse Francis, e, com as mãos, arrancou-o de si. Simultaneamente, a iluminação cessou, e ele desapareceu. Chamei-o várias vezes pelo nome, mas nenhum som saiu da escuridão.

Parecia que o véu, que ele tanto detestava, mantinha a sua materialização e que, com a sua remoção, ele se dissolvera novamente."

O rapaz foi posteriormente materializado outra vez, desta vez através da médium Virginia Roberts. Dessa vez, sem o véu branco, e, portanto, sem parecer uma rapariga. Mas, nessa ocasião, não revelou nada de importância.

Agora, ao analisar esta crítica conforme avançamos, observe-se que *Scrutator*, ao referir-se às reaparências de Francis Lean como "a suposta entrevista", "a suposta aparição" e "o suposto fantasma", não menciona o facto de que, quando ele apareceu com o "doutor", eu estava acompanhada por Mrs. Isabella Beecher Hooker, irmã de Henry Ward Beecher.

Nem menciona que, quando o vi com Virginia Roberts, numa sala privada de um hotel, eu estava acompanhada por Mrs. Palmer Stern (referida como Mrs. S.), ambas tendo visto a "suposta" aparição tão claramente quanto eu. Portanto, nessas últimas ocasiões, dificilmente se poderia dizer que fui enganada ou que me autoiludi.

Para prosseguir:

*"Agora, falemos do Sr. Davis. Ele começa por afirmar que é capitão da marinha mercante e que, em julho de 1880, era primeiro imediato do bergantim britânico* Stuart, *onde Francis Lean servia como aprendiz.

O capitão chamava-se Bradshaw e o segundo oficial era o Sr. F. Kerr, que estava no navio há dois anos e era amigo íntimo de Francis Lean.

A guerra entre o Chile e o Peru estava em curso nessa altura, e, a 9 de julho, o* Stuart *encontrava-se ancorado em Chorillos, um pequeno porto a sul de Callao, aguardando uma suspensão das hostilidades para poder descarregar a sua carga em Callao, que, naquele momento, estava sob bloqueio.

A primeira parte do depoimento do Sr. Davis prefiro, na medida do possível, não comentar, porque trata de assuntos familiares delicados; mas sinto-me obrigada a mencionar que ele afirma, com base nos seus dois anos de convivência com Francis Lean a bordo do* Stuart, *que os sentimentos do jovem para com a sua madrasta eram tudo menos afetuosos.

Na verdade, pelas frases específicas que cita, fica claro que, se, depois da sua morte, Francis Lean visitou a sua madrasta num estado de espírito sorridente e afável, dirigindo-se a ela com os termos carinhosos mencionados acima, então ele deve, de facto, ter sofrido uma grande transformação no mar após a catástrofe de 9 de julho.

O Sr. Davis recusa-se, categoricamente, a acreditar que Francis alguma vez se dirigisse a Miss Marryat, em vida ou após a morte, chamando-a de 'Ma', 'mãe' ou qualquer outro termo de afeto."*

Aqui reside a parte mais difícil da minha própria defesa, pois não posso limpar o meu nome dessas acusações insolentes, feitas por alguém que nunca me conheceu, sem lançar dúvidas sobre o caráter de Francis Lean. Mas não há outra saída. Tenho de provar que o Sr. Davis ou mentiu deliberadamente sobre o seu "amigo íntimo" ou que esse amigo não era digno desse nome.

Este capitão da marinha mercante, que nunca foi apresentado a mim nem admitido em minha casa, "recusa-se categoricamente a acreditar" no que qualquer membro da família de Francis Lean poderia garantir-lhe ser verdade. Francis Lean tinha todas as razões para se

dirigir a mim de forma afetuosa; pois, se não fosse pela minha intervenção, ele nunca teria sido readmitido na casa do pai.

Antes de me casar com o Coronel Lean, o seu filho roubara-o de tal maneira que fora expulso de casa, sendo-lhe permitido regressar apenas com a condição de ser imediatamente enviado para o mar. Houve uma briga tão terrível entre pai e filho naquela ocasião que o rapaz fugiu de casa e ficou desaparecido durante algum tempo.

Quando roguei para que fosse readmitido, fui informada de que, nesse caso, os seus familiares não se responsabilizariam por nada que desaparecesse da casa. Durante o curto período em que permaneceu connosco, o seu comportamento foi uma constante fonte de preocupação, pois quase diariamente surgia uma nova história de má conduta a ser levada ao conhecimento do pai. Nessas circunstâncias, eu era sempre o maior apoio de Francis.

Todos os que o conheceram nessa época sabem como ele ficava a rodear-me, abraçando-me ao pescoço e pedindo-me dinheiro ou qualquer outra coisa que precisasse." Considerando que eu me casei com um major na reforma, com meia pensão e oito filhos, não seria preciso grande perspicácia, por parte do público, para adivinhar de onde vinha a manteiga que barrava o pão. Não me lembro de alguma vez ter dado uma palavra dura a Francis Lean, mas lembro-me de ser frequentemente repreendida pelo seu pai por permitir que ele me dobrasse com palavras meigas que, se devemos confiar na palavra do Sr. Davis, eram todas mentiras.

Se o Sr. Davis era realmente um amigo tão próximo de Francis, talvez se recorde de que, quando este embarcou no *Stuart*, tinha tido, muito recentemente, escarlatina—tão recentemente, aliás, que ainda não tinha descamado.

Foi necessário obter o consentimento do capitão antes que lhe fosse permitido embarcar.

Talvez o meu enteado "tão grato" não lhe tenha contado que fui eu—a madrasta, por quem ele supostamente nutria sentimentos tão pouco afetuosos—quem cuidou dele e dos seus irmãos durante a doença, quando os seus próprios parentes estavam demasiado receosos do contágio para entrar no quarto dos doentes.

Fui eu que fiquei com ele dia e noite e, quando estava fraco e acreditava estar à beira da morte, fui a confidente de todas as suas confissões e segredos.

Isso não foi um ato realizado na sombra.

Toda a gente sabe que é verdade, desde o Dr. Howell, da Boundary Road, que tratou das crianças, até aos empregados da casa que lhes serviam as refeições. A última carta que Francis escreveu ao pai continha uma mensagem afetuosa para mim, com um acréscimo:

*"Diz-lhe que nunca esquecerei como ela cuidou de mim quando tive escarlatina."*

O que dizer, então, da gratidão e da honestidade do jovem que, segundo dizem, falava de mim de forma tão pouco lisonjeira entre os seus colegas de bordo? Aliás, o simples facto de o ter feito prova que, no fundo, era um covarde. Que homem, com um mínimo de sentimentos cavalheirescos, falaria das suas relações familiares diante de um grupo de

aprendizes grosseiros? E quem, capaz de tal coisa, poderia ser confiável para dizer a verdade noutras matérias?

*"O resto da narrativa prossegue assim:"*

*"O Capitão Bradshaw foi para terra cedo, no dia 9 de julho, e deixou instruções para que eu enviasse um dos botes salva-vidas do navio para terra pouco depois do meio-dia, e assim fiz. O bote foi comandado pelo Sr. Kerr, o segundo oficial, com cinco homens para remar. Pouco depois de terem partido, notei que o bote regressava e, ao se aproximarem, o Sr. Kerr chamou-me para pedir mais um homem para ajudar a remar, pois o bote navegava com dificuldade. Francis Lean estava ao meu lado nesse momento, e o olhar no seu rosto convenceu-me de que queria ir, então disse-lhe que podia.

Ele pediu, então, permissão para ir buscar o seu relógio e corrente ao beliche. Concedi-lhe o pedido e, poucos segundos depois, ele apareceu no convés com o seu casaco do uniforme no braço e um cachimbo e bolsa de tabaco na mão. Notei que tinha o relógio e a corrente presos ao colete. Entrou no bote e ocupou o lugar no remo da proa. Essa foi a última vez que o vi."*

O "amigo íntimo", como se verá, é um pouco irrelevante, pois o facto de Francis Lean ter levado consigo o relógio e corrente, ou a sua bolsa de tabaco e cachimbo, nada tem a ver com o facto de eu ter falado com ele após a sua morte. Mas prometi apresentar o relato na íntegra, então peço aos meus leitores um pouco de paciência. Peço-lhes, contudo, que reparem que o narrador destes factos, que está preparado, "se necessário, para jurar a veracidade do seu relato", nunca mais o viu depois desse momento.

"O bote chegou à costa em segurança, e a tripulação teve autorização para passear pela cidade durante algumas horas. Entre as quatro e cinco da tarde, partiram de novo, para chegarem ao navio antes de anoitecer. O segundo oficial estava a governar o bote, e Lean continuava a remar na proa. Quando estavam a meio caminho do navio, uma onda cega ergueu-se sob a proa do bote, seguida por uma onda enorme e quebradiça que virou a embarcação. Lean foi, aparentemente, morto instantaneamente pelo impacto do bote ao virar, esmagando-lhe a cabeça; de qualquer forma, nunca mais emergiu.

Cinco dos ocupantes encontraram-se agarrados ao casco do bote virado e dois estavam desaparecidos. Um dos desaparecidos, no entanto, estava preso sobre as travessas, debaixo do bote, e, ao abrir a válvula de escoamento, conseguiu respirar livremente. O acidente foi testemunhado a partir da costa pelo capitão do porto, que enviou um barco de resgate. Os sobreviventes que estavam a flutuar foram resgatados, e o bote foi rebocado até uma pequena praia, onde o marinheiro que estava preso debaixo da embarcação foi libertado, mais morto do que vivo. No momento do acidente, a tripulação do bote estava a rir-se de uma história que Lean acabara de contar-lhes."

Uma recompensa foi oferecida no dia seguinte, e um corpo foi encontrado a cerca de trinta e dois quilómetros de distância. O capitão Bradshaw enfrentou uma viagem desoladora para identificá-lo, mas era impossível reconhecer o jovem que fora tão belo, pois ele era, de facto, um rapaz muito, muito bonito. No entanto, o corpo era, sem dúvida, o dele e recebeu um enterro digno. Pretendíamos erguer um monumento em sua memória, mas os chilenos expulsaram-nos com poucas horas de aviso, e não conseguimos fazê-lo.

Ele era um esplêndido exemplar de um jovem inglês de dezoito anos. Íntegro, sincero, corajoso e cheio de alegria e travessuras, e tenho certeza de que o seu espírito não mentiria. Acho—não, tenho a certeza—de que o conhecia melhor do que a senhorita Marryat poderia tê-lo conhecido.

Esta narrativa da morte de Francis Lean, que *Scrutator* está pronto a aceitar como verdade absoluta sem qualquer investigação, em oposição ao meu testemunho, é, afinal, apenas um relato de segunda mão. O Sr. Davis não estava presente no momento do acidente e só pode relatar aquilo que lhe foi contado.

Na minha obra, eu relato apenas aquilo que vi pessoalmente; já o Sr. Davis, aparentemente mais privilegiado, está disposto a jurar a veracidade de acontecimentos que nunca presenciou, mas que apenas ouviu contar.

Ele afirma que foi "impossível" reconhecer o corpo encontrado como sendo o de Francis Lean; e, no entanto, tem "certeza" de que era o dele—o que prova que é uma pessoa de natureza crédula, talvez mais do que eu.

Ele descreve o seu amigo como "íntegro, sincero e corajoso, um verdadeiro jovem inglês". Quem me dera poder dizer o mesmo! Pobre Francis! Será que alguma vez contou ao seu "íntimo amigo" (que tão descaradamente afirma conhecê-lo melhor do que eu) que esteve envolvido num caso judicial cujos detalhes são demasiado abomináveis para serem publicados?

Que este foi o motivo principal da sua expulsão de casa e que levou o próprio pai a declarar que não suportava mais olhar para ele? O coronel Lean ainda está vivo. Se quisesse, poderia corroborar tudo o que a interferência desastrada do Sr. Davis me obriga a dizer aqui. Aliás, seria impossível negar os factos, pois ele próprio os tornou amplamente conhecidos.

*Scrutator* continua:

*"As partes da declaração que omiti são apenas detalhes irrelevantes ou comentários sobre as supostas revelações do espírito de Francis Lean. Já mencionei que o Sr. Davis está disposto a jurar a veracidade do seu relato, se necessário. Acrescento que ele apela para a confirmação dos factos junto do capitão Bradshaw, da tripulação do navio e do diário de bordo do 'Stuart'."*

Que provas poderiam estas fontes fornecer sobre o facto de eu ter, ou não, conversado com o espírito do meu enteado?

A tripulação e o diário de bordo poderiam, sem dúvida, confirmar a hora e o modo da sua morte, mas nada além disso.

Quanto à ânsia do Sr. Davis em jurar sobre aquilo que nunca viu, já conheci marinheiros que jurariam sobre qualquer coisa apenas pelo prazer de o fazer.

*"Agora, vejamos o impacto deste relato sobre a 'suposta' aparição do jovem à sua madrasta após a sua morte. Para começar, Chorillos está cerca de cinco horas a oeste de Greenwich. O acidente ocorreu, aparentemente, por volta das 17h00 ou pouco depois. O Sr.*

*Davis não especifica quanto tempo levaria para remar da costa até ao navio, mas que era um trajeto longo e árduo é evidente. Primeiro, pelo facto de o segundo oficial ter regressado para buscar mais um tripulante para ajudar a remar; segundo, porque o barco partiu da costa entre as 16h00 e as 17h00, a fim de chegar ao navio antes de anoitecer—sendo julho e a latitude de doze graus ao sul do equador. O bote, tendo partido entre as 16h00 e as 17h00 e virado a meio caminho entre a costa e o navio, significa que o acidente ocorreu, seguramente, por volta das 17h00. Qual seria a hora correspondente em Brighton? Cerca das 22h00 ou um pouco mais tarde. No entanto, a senhorita Marryat está convencida de que viu Francis Lean no passeio marítimo de Brighton antes de escurecer, nessa mesma noite. E, claramente, ainda estava claro. Ela viu-o a sorrir-lhe e apressou-se na sua direção; mas, ao se aproximar, ele afastou-se. Isto implica que ela o reconheceu a alguns metros de distância, e para reconhecer com certeza, àquela distância, os traços de alguém que se acredita estar do outro lado do mundo, implica que ainda havia luz do dia."*

Não tão depressa, *Scrutator*, se me permite. Sem insinuações. Não me permite usar nenhuma, então prefiro que se atenha a factos concretos, como eu faço. Em lado nenhum do meu relato específico a hora a que vi a aparição, nem a distância a que estava. Não digo a que horas saí para o meu passeio, nem quanto tempo fiquei fora.

A única informação que dou é que, naquela época, estava claro até às oito ou nove da noite—e, creio eu, mencionei isto apenas para justificar o facto de uma mulher estar a passear sozinha à noite em Brighton.

Menciono, mais tarde, a "luz do luar, desagradavelmente brilhante, que entrava pela janela do meu quarto". Se considerarmos a época do ano, a lua cheia e as inúmeras lâmpadas acesas no passeio marítimo de Brighton, é pouco provável que eu tenha encontrado qualquer "crepúsculo" ou "penumbra" durante a minha caminhada. No entanto, *Scrutator* continua:

*"Se estava a anoitecer ou já escuro, o suposto reconhecimento perde todo o seu significado."*

Mas o que dizer da segunda aparição, que ocorreu sob o luar, no meu quarto? E como explicar o facto de ambas as aparições terem ocorrido no dia 9 de julho—a data da morte de Francis Lean—um detalhe que nem mesmo o omnisciente Davis pode negar?

No dia 9 de julho, o sol teria se posto por volta das 20h12 ou 20h14, e não poderia ter sido muito mais tarde do que isso quando a "suposta" aparição foi vista. Às 20h15, pelo horário de Greenwich, seriam 15h15 no Peru, e, nesse momento, Francis Lean ainda estava em terra, em Chorillos. Mesmo supondo que a aparição tenha ocorrido às 21h00, pelo horário de Greenwich—quando a luz do dia já teria praticamente desaparecido—seriam apenas 16h00 em Chorillos, e o bote do *Stuart* ainda não teria deixado a costa. Parece, portanto, que o fantasma, ou espírito, ou seja lá como o queiram chamar, apareceu em Brighton de uma a duas horas antes da morte do jovem, ou então os olhos da senhorita Marryat a enganaram. Pessoalmente, prefiro a última alternativa, especialmente considerando sua visão subsequente do Sr. Lean sorrindo para ela em meio à multidão na calçada, enquanto atravessava as ruas de Poplar.

Agora, quanto às circunstâncias narradas pelo espírito do Sr. Lean quando foi "materializado" pelo "doutor". No primeiro ponto, o espectro está claramente correto: certamente, não houve jogo sujo. Não apenas não houve jogo sujo, como também não houve

qualquer suspeita disso, e, pelo que a senhorita Marryat nos informa, tampouco existia qualquer evidência que justificasse a sua pergunta.

Aqui, interrompo novamente para destacar que *Scrutator* está falando sobre algo que não conhece. Havia, sim, bastante suspeita na mente de mais de uma pessoa sobre a maneira como a morte de Francis Lean ocorreu—ou melhor, sobre o acidente que levou à sua morte—e eu estava absolutamente justificada ao fazer a pergunta que fiz ao espírito que apareceu para mim. A dúvida havia sido incutida em minha mente por outras pessoas—pessoas que certamente sabiam muito mais sobre a vida pregressa e os assuntos particulares de Francis Lean do que o Sr. Davis.

Mas, uma vez levantada a sugestão pela minha pergunta, veja como o "espírito" a agarra prontamente. Embora não tenha havido jogo sujo, houve uma briga, diz ele, uma briga por causa de uma mulher. Houve uma luta, e, no meio da confusão, o bote virou. O espírito, generosamente, admite que teve tanta culpa pelo ocorrido quanto o colega com quem brigava. Cada palavra disso é pura invenção, mas é um detalhe insignificante em comparação com a próxima afirmação. "Por que o seu corpo nunca foi encontrado?", pergunta a senhora. Como se vê, ela não sabia que o corpo não apenas foi encontrado, mas também enterrado; e, pela segunda vez, leva o pobre espírito para uma armadilha.

Mais uma vez, *Scrutator* se equivoca completamente. O coronel Lean e eu sabíamos, sim, que um corpo havia sido encontrado e enterrado, mas Francis já havia nos dito anteriormente, através de médiuns em transe, que aquele corpo não era o dele. E, uma vez que o capitão admitiu que não conseguiu reconhecê-lo, quem seria mais qualificado para saber a verdade sobre o assunto?

"O meu corpo foi arrastado por uma corrente submarina", responde o espírito, "e já estava a caminho do Cabo Horn antes mesmo de oferecerem uma recompensa por ele." Assim, não apenas se explica o não resgate do corpo, como também se lança uma segunda suspeita sobre os companheiros de bordo do falecido. Pobre fantasma! O Cabo Horn (embora ele aparentemente não saiba disso) fica a 2.624 milhas náuticas de Chorillos, e nenhuma corrente conseguiria carregar um corpo humano por essa distância sem despedaçá-lo, mesmo que, para facilitar as coisas, todos os tubarões entre o Cabo Horn e a costa peruana tivessem sido exterminados.

Na verdade, no entanto (embora ele também não saiba disso), o corpo do pobre espírito foi levado pela corrente até vinte milhas de Chorillos. Uma recompensa (embora ele não saiba disso) foi oferecida pela recuperação do corpo poucas horas após o acidente e, muito antes que qualquer parte de sua anatomia pudesse, por milagre, ter derivado até o Cabo Horn, seus restos mortais (embora ele também não esteja ciente disso) foram devidamente enterrados em solo peruano. Em suma, as declarações atribuídas a este infeliz fantasma são, do início ao fim, um amontoado de mentiras desavergonhadas, não apenas desmentidas, ponto por ponto, pelas evidências de testemunhas em carne e osso, mas também absurdas por si mesmas.

Agora, quero que os meus leitores observem o quão tolo pode parecer um homem que, presumivelmente, se considera inteligente, quando está ansioso para provar aquilo que deseja acreditar ser verdade. Se *Scrutator* estivesse no banco das testemunhas e fosse confrontado com Sir George Lewis ou Sir Charles Russell sobre estas últimas alegações, ele

teria sido virado do avesso como uma luva velha e esvaziado de argumentos antes mesmo de perceber o que estava acontecendo.

Em primeiro lugar, ele afirma que eu não tinha motivos para perguntar a Francis Lean sobre um possível jogo sujo. Aqui, ele está totalmente errado; não tem ideia do que está escrevendo.

Em segundo lugar, ele afirma que eu não sabia que o corpo havia sido encontrado. De fato, não sabia—e ninguém pode afirmar com certeza que sabia.

Em terceiro lugar, ele argumenta que, porque a corrente não poderia levar um corpo inteiro até o Cabo Horn sem despedaçá-lo, isso significa que o corpo de Francis Lean não foi levado para lá. Mas eu disse que ele chegou intacto ao Cabo Horn? Um corpo é um corpo, esteja ele em pedaços ou não.

Em quarto lugar, ele diz que o espírito "não sabia" que uma recompensa havia sido oferecida pelo seu corpo, enquanto, na verdade, o espírito disse que seu corpo já estava no Cabo Horn antes que a recompensa fosse oferecida.

Em quinto lugar, ele declara que o espírito "não sabia" que foi devidamente enterrado no Peru. Mas será que foi? Seus amigos ainda hoje acreditam que aquele corpo não era o dele. No fim das contas, é tudo mera conjetura, e as "mentiras desavergonhadas" provavelmente estão do outro lado desta discussão.

Qual é a conclusão?", continua *Scrutator*; "depois de tentar arduamente provar um fato que está envolto em mistério demais para ser provado, há quatro alternativas: (1) Ou o espírito de Francis Lean retornou à Terra com o propósito de pregar uma peça em sua madrasta e insinuar acusações difamatórias contra seus companheiros; ou (2) O Sr. Davis veio, gratuitamente e sem motivo concebível, cometer perjúrio para impugnar a veracidade de seu falecido amigo; ou (3) A Srta. Florence Marryat inventou as supostas revelações do espírito de seu enteado para enganar o público; ou (4) A Srta. Marryat foi vítima de uma fraude descarada. As duas primeiras alternativas eu descarto de imediato, e a terceira não me parece digna de consideração.

Não tenho dúvidas de que a Srta. Marryat acredita, honestamente, que viu o Sr. Lean em Brighton e em Londres, tanto na ocasião em que estava acordada quanto na ocasião em que dormia; nem duvido que ela tenha sido apresentada ao que supôs ser a sombra materializada do Sr. Lean por diversos médiuns na América. Porém, que ela tenha realmente visto, neste último caso, algo mais espiritual do que as farsas já expostas e ridicularizadas centenas de vezes em ambos os lados do Atlântico, ninguém em sã consciência duvidará; tampouco qualquer pessoa sensata terá dificuldade em perceber que o 'fantasma', ou o 'doutor' que o manipulava, sabia exatamente o mesmo sobre o destino do jovem Lean que a Srta. Marryat sabia e inventou o resto, com os resultados altamente interessantes que acima foram registrados.

De minha parte, absolvo cordial e incondicionalmente a Srta. Marryat de qualquer intenção de enganar. No entanto, uma senhora que, nos dias de hoje, se dá ao trabalho de publicar um volumoso livro inteiramente composto por truques de médiuns desgastados e supostas revelações espirituais, muitas delas de caráter ainda mais grotesco ou ofensivo do que a relatada aqui, merece, a meu ver, muito pouca indulgência. Parafraseando uma linha

bem conhecida, o mal é causado tanto pela estupidez ou credulidade quanto pela intenção deliberada; e que o mal, sob todas as suas formas, seja propagado pela circulação de um amontoado de disparates perniciosos como os contidos neste volume, disso não resta qualquer dúvida."

E aqui termina a valiosa contribuição de *Scrutator* para a causa do Espiritualismo e sua crítica "tolerante" ao trabalho de um colega literato. O objetivo do artigo é óbvio. Ele foi escrito contra o Espiritualismo, não contra mim, e, para alcançar esse propósito, *Scrutator* teria aceitado o testemunho de um tolo retirado do manicômio de Earlswood. Ele detesta o nome Espiritualismo; nunca investigou honestamente o assunto e ignora completamente, em sua ânsia de me provar uma tola, os nomes de todos os homens inteligentes e científicos que atestaram sua veracidade. Estes, sem dúvida, são, aos seus olhos, loucos ou insanos, enquanto apenas o Sr. Davis e ele próprio permanecem em pleno juízo. Agora, recapitulemos as acusações contra mim, que motivaram a publicação deste artigo tão prolixo:

Eu não poderia ter visto o espírito de Francis Lean no dia 9 de julho de 1880, pois ele se afogou às cinco horas e não poderia ter aparecido em Brighton antes das dez.

O seu espírito deve ter mentido ao dizer que seu corpo foi levado até o Cabo Horn, pois foi enterrado no Peru.

Ele mentiu ao afirmar que houve uma briga por causa de uma mulher.

Também, segundo o testemunho do mestre marinheiro, ele jamais me teria tratado com qualquer termo afetuoso.

E eu afirmo que nenhuma dessas acusações foi provada.

Eu nunca determinei um horário específico, além da data de 9 de julho, para ter visto o espírito do menino.

Não há qualquer prova de que seu corpo não foi levado até o Cabo Horn, nem de que o corpo enterrado era, de fato, o dele.

Houve, sim, uma mulher envolvida na questão, e já haviam ocorrido desentendimentos entre Francis e outra pessoa a bordo a respeito dela.

Para refutar essa afirmação, basta recorrer àqueles da família de Francis que nos conheceram enquanto ele estava vivo e àqueles que viram e ouviram o espírito falar comigo depois.

*Scrutator* faz várias alusões ao que "pessoas sãs" fariam ou pensariam; mas ele não percebe que todos nós estamos prontos para considerar nosso vizinho um louco por fazer algo que nós mesmos não faríamos? Um homem pode ser considerado insano por não abandonar o vício da bebida, mesmo sabendo que está sendo levado à ruína por isso; outro pode ser chamado de louco por, apesar de todos os avisos, atrelar seu nome a uma mulher de reputação duvidosa; e outros, ainda, podem ser corretamente julgados como insanos por investirem com fúria contra seus próprios demônios pessoais e acabarem envolvidos em processos por difamação como consequência.

De qualquer forma, considerando quem eu sou e quem é o Sr. Davis, *Scrutator* poderia ter dado uma chance a uma colega de profissão a quem ele "cordial e incondicionalmente" absolve de qualquer intenção de enganar, em vez de dar crédito irrestrito a um estranho cuja confiabilidade ele desconhece completamente, exceto pelo próprio relato deste. O Sr. Davis, sem dúvida, sabe tudo sobre latitude e longitude, bem como sobre o tempo médio entre Greenwich e os portos marítimos do mundo; mas ele nada sabe sobre Espiritualismo e, tampouco, conseguiu provar seu ponto. Se alguém me censura por falar abertamente, a culpa deve ser colocada sobre ele. Da próxima vez que sentir o desejo de se expor publicamente, seria melhor que considerasse se realmente sabe do que está falando. Ele acabou se revelando o pior amigo que Francis Lean já teve. Ninguém sabia nada sobre o rapaz; sua morte passou tão despercebida quanto sua vida, exceto para aqueles que lhe eram mais próximos.

O Sr. Davis retirou sua memória de um esquecimento desejável e, como consequência de seu ataque impertinente e pouco cavalheiresco contra mim, me forçou a dizer o que eu preferiria ter mantido para mim mesma. Era pouco provável que se esperasse que eu sofresse muito pela perda de um enteado sobre o qual seus parentes mais próximos disseram, ao saber que ele havia morrido: "Graças a Deus!" Ainda assim, o fato permanece: eu fui a única mulher que vestiu luto por ele, assim como fui a única mulher que fez algo por ele nos últimos anos de sua vida.

Coube ao seu amigo íntimo deixar registrado o espírito tão grato e honrado que ele possuía—tão honrado que nem sequer acredita que a morte possa ter aberto seus olhos para sua injustiça e ingratidão. Tudo o que posso dizer é que espero que, quando eu morrer, nenhum amigo íntimo meu exponha, da mesma maneira, os piores traços de meu caráter, sem motivo terreno algum além de ver seu próprio nome impresso. Pois, apesar de todas as insinuações difamatórias que *Scrutator* fez contra minha veracidade e lucidez, o fato permanece—e estou disposta, como o Sr. Davis, se necessário, a fazer uma declaração sob juramento—de que eu vi, toquei, ouvi e falei com o espírito de Francis Lean.

## CAPÍTULO VI
## COMO INVESTIGAR O ESPIRITUALISMO

Quase todos os meus correspondentes sobre este assunto me perguntaram como devem investigar o Espiritualismo para obter os mesmos resultados que eu. Agora, não posso prometer a ninguém os mesmos resultados que tive a sorte de alcançar, embora todos possamos tentar. Pois, em primeiro lugar, isso depende, em grande medida, das forças mediúnicas do investigador. No entanto, acredito que todos somos médiuns, em maior ou menor grau, e fomos criados, desde o princípio, com a capacidade de manter contato com o mundo espiritual. Mas esse poder foi suprimido e deixado inativo, até que, hoje, ele só se manifesta com grande força em algumas poucas pessoas, sem que estas tenham qualquer controle sobre isso. Eu sou uma médium física e, embora não possa produzir materializações sozinha, dizem que transmito muita energia para aqueles com quem me sento. Esse é o segredo, suponho, do meu sucesso constante. Mas, mesmo para mim, foi necessário muito tempo, esforço e perseverança para obter provas inegáveis da vida eterna.

Antes que as pessoas comecem essa busca tão envolvente, elas devem saber um pouco da verdade sobre como o espírito deixa o corpo e por que tantas vezes ele aparece no

momento da morte, mas depois pode não se manifestar por anos. Com relação a essa separação entre o espírito e o corpo, fomos criados na mais completa ignorância—assim como sobre quase tudo mais que diz respeito a nós mesmos.

Qual é a primeira coisa que fazemos quando alguém que temos vigiado durante uma longa doença começa a perder todas as forças e cai em nossos braços ou sobre o travesseiro, incapaz de falar ou se mover? Os olhos se tornam vítreos devido à extrema fraqueza, a mandíbula se abre, os membros estremecem convulsivamente e então ficam imóveis. "Ele se foi!" exclama alguém, e aceitamos esse aparente fato e saímos correndo do quarto, talvez dominados pelo pesar. Mas quem se foi? O que se foi? "Sua alma", vocês respondem, "foi para o Céu; já está a milhares e milhares de quilômetros além da Terra; ele não pode nos ouvir, nem nos ver, nem saber o que estamos fazendo."

Chamam-se criados, ou talvez completos estranhos, para realizar os últimos ritos para o morto. Seu amigo morreu, talvez, no auge do inverno. Durante sua doença, vocês mantiveram a lareira acesa, dia e noite, tentando preservar o calor de seu corpo fraco; mantiveram as janelas rigidamente fechadas e cobriram-no com cobertores e edredons de penas. Então, chega a profissional encarregada de preparar o corpo. Qual é a primeira coisa que ela faz? Abre as janelas, apaga o fogo, remove os cobertores e despoja o corpo de todas as roupas.

Aquele que, em vida, talvez fosse demasiado modesto para se desnudar diante de qualquer um além de si mesmo, agora é despido, lavado e esticado sobre uma tábua, colocado sobre o colchão nu da cama, coberto com um lençol e amarrado firmemente com um lenço, de modo que, se ainda houvesse alguma faísca de vida, o espírito não poderia sequer gritar por socorro. Depois, é deixado sozinho, trancado em um quarto gelado, sem a menor chance de ressurreição.

"Sem chance de ressurreição", vocês dirão, "mas a pessoa está morta!" Aos olhos de vocês, sem dúvida, mas talvez estejam enganados. *Dewdrop* me diz que muitos corpos aparentemente mortos poderiam ser revividos—isto é, o espírito poderia ser atraído de volta ao corpo—se um curso de ação diferente fosse seguido. Ela diz que, quando um mortal parece estar sem vida, ou seja, quando o corpo está tão fraco que o espírito escorregou para fora dele, essa separação pode não ser definitiva por algum tempo.

Se a pessoa estava em um quarto com lareira, aumente o fogo duas vezes mais; se não havia lareira, acenda uma. Se o doente estava sob uma pilha de cobertores, cubram-no com mais ainda. Se as janelas estavam abertas, fechem-nas. Muitas vezes, com o aumento do calor, o espírito pode ser capaz de retornar, e o "morto" pode recuperar-se como se saísse de um desmaio.

O erro está em supor que, assim que o espírito desliza para fora do corpo, ele se foi para sempre; mas, na verdade, ele ainda está ligado ao corpo por ligamentos de luz que o prendem ao cérebro, ao coração e aos órgãos vitais. Às vezes, esses cordões não se rompem por dias, ou até semanas, depois que o espírito deixou sua morada terrena.

O costume de deixar os últimos cuidados que podemos oferecer aos nossos amigos nas mãos de estranhos é extremamente cruel. Não pensem que o espírito não sabe disso e não vê o que está acontecendo; não imaginem que ele foi levado para uma esfera onde não pode ver, nem ouvir, nem compreender. Quando seu amigo deixa o corpo, ele muitas vezes

permanece no mesmo cômodo onde seu corpo está. Se ele nunca retornar ao corpo, ao menos vê tudo o que está sendo feito com ele e sabe se está sendo tratado por estranhos, que não têm respeito por seus sentimentos, ou por aqueles que ele amou (e ainda ama) na Terra.

As sensações de um espírito ao se separar do corpo foram-me descritas como sendo muito peculiares. Ele está apenas meio desperto; às vezes, não sabe que deixou o corpo; sente-se doente, fraco, frio e cansado. Não consegue compreender o que aconteceu. Em outras ocasiões, está plenamente consciente de que passou para o outro lado e rompeu, para sempre, todos os laços terrenos, exceto aqueles do afeto. O corpo não tem mais valor, mas não podemos tratá-lo com indiferença, pois o espírito que observa pode precisar tanto de nossa simpatia e carinho quanto precisava em vida. Ali está ele, ao lado da cama, atordoado, confuso, fraco e trêmulo, como uma criança recém-nascida que acaba de deixar o ventre materno!

Lembrem-se disso na próxima vez que estiverem presentes numa cena de morte. O espírito estará lá, no mesmo cômodo que vocês, ansiando por falar, talvez, por enxugar suas lágrimas e oferecer-lhes conforto. Não se entreguem a demonstrações ruidosas de luto— podem deixá-lo ainda mais desorientado. Não deixem o corpo na escuridão e sozinho.

O costume católico de manter velas acesas na cabeceira e aos pés do caixão tem origem no conhecimento de que o espírito ainda está presente e de que a luz impedirá que qualquer coisa maligna se aproxime enquanto ele permanecer ali. Em muitos países, também é tradição velar o corpo até que ele seja levado para o túmulo.

Conheci um médium que estava noivo de uma jovem chamada Amy. Ela morreu subitamente, para grande tristeza dele, sufocada à noite após ingerir um alimento indigesto. Seus pais prepararam o corpo como de costume e fizeram todos os arranjos para o funeral. No entanto, antes que este ocorresse, Amy apareceu para seu noivo e pediu que impedisse seu enterro, pois ainda não estava morta, ou seja, sua separação do corpo não havia se completado. O jovem foi imediatamente procurar o pai de Amy e implorou para que o enterro fosse adiado. No início, o pai recusou, pois o médico já havia atestado o óbito e a causa da morte. No entanto, o noivo insistiu tanto que obteve a promessa de que o corpo não seria sepultado até que aparecessem sinais de decomposição.

O corpo permaneceu no caixão, na casa do pai, por três semanas sem sofrer nenhuma alteração. No final desse período, Amy apareceu novamente ao seu noivo e, com alegria, disse-lhe que finalmente estava completamente livre de seu corpo e que agora poderiam enterrá-la quando quisessem. Ele correu para contar à família e descobriu que, naquela mesma manhã, o corpo, que havia permanecido intacto por tanto tempo, começara a se deteriorar rapidamente, de tal forma que o caixão teve que ser fechado imediatamente.

O espírito de um cervejeiro, que morreu acidentalmente, uma vez me contou a história de sua morte. Ele disse que tudo aconteceu em um dia muito quente, quando, vencido pelo sono, estava sentado na haste de sua carroça, balançando sonolento para frente e para trás. De repente, encontrou-se de pé, totalmente desperto, olhando, junto com uma multidão de estranhos, para o corpo de um homem que estava caído sob a roda da carroça. No início, ficou apavorado, pois achou que o acidente tinha sido causado por sua negligência. Ele sabia que havia cochilado em serviço e pensou que havia atropelado alguém na rua. Estava extremamente preocupado, temendo ter problemas, e quando as pessoas chamaram um

médico do hospital próximo (pois o acidente aconteceu em frente ao Hospital St. George), ele ficou ansioso para ver quem tinha sofrido um destino tão trágico.

O médico virou o corpo e o espírito viu seu próprio rosto. Mesmo assim, não conseguiu acreditar que era ele. Sentia-se exatamente como antes e não lembrava nada do momento em que deixou o corpo. Mas, quando se deu conta da verdade, ficou profundamente agitado e tentou desesperadamente voltar à vida. Seguiu as pessoas que levaram o corpo para o hospital e, enquanto os médicos o examinavam para ver se havia possibilidade de reanimação, fez enormes esforços para entrar nele novamente. Porém, como me disse, seu corpo estava tão ferido e destruído que era impossível. Ele descreveu que seria como tentar viver em uma casa sem teto ou paredes.

Disse que permaneceu ao lado de seu corpo enquanto este estava no hospital e, depois, ficou por um tempo no cemitério onde foi enterrado. Era muito difícil cortar os laços que ainda o prendiam à matéria. Ele era um homem forte e saudável, e morreu de forma repentina. Espíritos assim sempre têm mais dificuldade para se desprender de seu corpo físico do que aqueles que passaram por longas doenças.

Muitos espíritos me disseram que assistiram ao próprio funeral e ouviram e viram tudo o que aconteceu. Isso ocorre especialmente com aqueles que tiveram todos os seus interesses e afeições centrados nas coisas deste mundo—pessoas que nunca cultivaram sua espiritualidade e a deixaram enfraquecer até que quase não emitisse mais luz. E, lembrem-se, muitas dessas pessoas são queridas, boas (no sentido comum da palavra) e gentis, mas são completamente terrenas.

Alguns espíritos deixam a carne tão humanos que mal há espírito neles. Necessariamente, devem permanecer na Terra—"presos à Terra", como alguns dizem, mas eu prefiro dizer dentro do cinturão de éter que envolve o planeta—até que estejam preparados para respirar uma atmosfera mais espiritual. Como um amigo espiritual uma vez me disse: "Não é porque Deus não deseja que eles ascendam. É porque ainda são tão humanos que não poderiam respirar a atmosfera dos planetas superiores mais do que vocês poderiam respirar acima de uma certa altitude, caso subissem num balão."

E, mesmo quando superam a densidade deste mundo, se todos os seus interesses ainda estão centrados aqui, são facilmente atraídos de volta. Aí está o perigo de desejar com veemência que certos espíritos retornem e se manifestem quando não vêm voluntariamente. Imagino que seus amigos no além estejam frequentemente fazendo tudo o que podem para impedi-los de voltar à Terra (assim como tentaríamos manter um alcoólatra longe de um bar), porque as tentações aqui ainda são muito fortes para eles, até que sua espiritualidade tenha superado seu materialismo. Enquanto isso, os lamentos, os anseios e os suspiros dos que ficaram os puxam de volta, e eles retornam apenas para adquirir novamente a influência da carnalidade e desfazer qualquer pequeno progresso que possam ter alcançado.

Estou falando, agora, de pessoas mundanas, endurecidas e realmente grosseiras ou perversas. Com os jovens e aqueles que viveram vidas puras e espirituais, penso que a situação é muito diferente. Em primeiro lugar, seus espíritos se separam de seus corpos com muito mais facilidade e, uma vez separados, são levados imediatamente a esferas superiores. Se retornam, é para ensinar e auxiliar aqueles que deixaram para trás, como minha "Florence" faz comigo.

Os espíritos que atingiram as esferas mais elevadas podem voltar a este mundo para ensinar os outros a seguir seus passos. Um espírito me disse que o próprio Cristo passa, em intervalos regulares, por todas as esferas, da mais baixa à mais alta, para purificá-las. Essa afirmação é confirmada pelas Escrituras, que nos dizem que, quando Cristo morreu, desceu ao inferno (ou hades, ou seja, o local dos espíritos desencarnados) "para pregar aos que foram, em outro tempo, desobedientes". De que serviria pregar a almas que, segundo os dogmas da religião que nos ensinaram, já estariam condenadas ao inferno? Ele pregou para que elas pudessem aspirar a ascender e progredir.

A próxima vida é uma vida de progresso. Assim que nos livramos da carne, nossos olhos espirituais se abrem e vemos os pecados de que fomos culpados, não como os víamos e desprezávamos enquanto na Terra, mas em toda a sua amplitude, profundidade, altura e extensão. Veremos a nós mesmos como realmente somos; veremos a enormidade de nossos pecados, a dor que causamos aos outros e os efeitos de nossas ações, que podem repercutir "até a terceira e quarta geração". Isso nos levará a abominar o que fizemos e a ansiar pela purificação do mal cometido na carne. E, no primeiro desejo sincero de melhorar, começaremos a ascender até alcançar a presença de Deus.

Isso pode levar anos, centenas de anos, milhares de anos, mas, por mais longo que seja o purgatório, a felicidade será finalmente alcançada. Cristo falou sobre a lei do progresso quando disse aos escribas e fariseus que "as meretrizes e os publicanos entrarão no reino dos céus antes de vós". Os pastores religiosos nos diriam que as meretrizes e os publicanos jamais entrarão no céu, mas serão imediatamente condenados ao inferno. Oh, o que fariam se fossem privados do seu tão querido inferno? Mas Cristo não disse isso. Ele, evidentemente, pensava que os próprios pecados dos pobres publicanos e meretrizes—sua generosidade imprudente, sua fraqueza, sua despreocupação—eram mais suscetíveis de levá-los ao arrependimento e à transformação do que a arrogância, a rigidez e o orgulho dos fariseus.

Mas estou me desviando do meu assunto, que era falar sobre a passagem para o outro mundo dos jovens e dos (comparativamente) inocentes. Minha própria filha (não "Florence", mas outra filha que perdi mais recentemente), ao retornar à Terra pela primeira vez, quando perguntei quais haviam sido suas sensações ao entrar no mundo espiritual, respondeu: "Quando passei pelo estreito portão da morte, encontrei meu Pai, Deus, que me abençoou e me ordenou seguir adiante; e, imediatamente, encontrei-me nos braços de Granny Marryat" (com isso, ela se referia à minha mãe), "e estive com ela desde então."

Ela, evidentemente, não permaneceu um único minuto na esfera terrestre, mas foi diretamente para o lugar que lhe foi designado.

Tenho uma amiga, filha de uma família da alta sociedade, que é uma médium extraordinária, embora esse fato seja conhecido apenas por seus amigos mais íntimos. Seu pai faleceu há muitos anos, deixando sua viúva com uma grande família de filhos e filhas para criar, bem como um vasto patrimônio para administrar—o que ele tem feito desde então, por meio de sua filha médium.

Pouco tempo depois da morte do marido, a mãe percebeu que ele a guiava e lhe dava conselhos através da filha. Desde então, ele tem se comunicado com ela constantemente, dando orientações sobre seus filhos, seus negócios e sua propriedade. Para registrar essas

mensagens, a mãe aprendeu taquigrafia para anotar as palavras do marido enquanto ele as ditava através da filha e, depois, aprendeu datilografia para transcrevê-las.

Ela me mostrou vários volumes dessas mensagens digitadas, que ela consulta frequentemente. Mas a história que eu queria contar sobre essa jovem médium é a seguinte:

Alguns anos atrás, ela perdeu sua irmã mais velha, uma jovem belíssima de vinte anos, que morreu após poucos dias de doença, vítima de pleurisia. Edith (como chamarei a jovem médium) me disse que esteve com sua irmã durante toda a doença e que testemunhou, clarividentemente, todo o processo de separação do espírito do corpo.

Ela disse que, no último dia de sua vida terrena, sua irmã estava corada, excitada e levemente delirante, agitando-se no travesseiro e falando incoerentemente. Por volta desse momento, Edith percebeu uma névoa, semelhante a uma nuvem de fumaça, formando-se acima da cabeça da irmã, espalhando-se gradualmente até adquirir o formato do corpo da moribunda—um fac-símile, por assim dizer, da jovem agonizante, mas sem coloração, suspenso no ar, com o rosto voltado para baixo, a cerca de dois ou três pés acima dela.

À medida que o dia avançava e a agitação delirante cedia à fraqueza da morte iminente, Edith viu a coloração febril da irmã desvanecer-se e seus olhos tornarem-se opacos. Simultaneamente, a forma vaporosa suspensa sobre ela começou a ganhar tonalidade; primeiro, muito levemente, depois, gradualmente, mais e mais, até brilhar com a vida que estava rapidamente abandonando o corpo.

A jovem moribunda enfraqueceu cada vez mais, até que recostou-se no travesseiro, sem fala e inconsciente. No mesmo instante, o espírito acima dela, ainda ligado ao cérebro, ao coração e aos órgãos vitais por cordões luminosos semelhantes à eletricidade, tornou-se, por assim dizer, uma alma viva.

Quando sua irmã exalou o último suspiro terreno, Edith viu o espírito oscilar de um lado para o outro até erguer-se ao lado da cama—muito fraco, aparentemente mal conseguindo manter-se de pé, mas ainda assim a viva representação do corpo que agora jazia morto diante de seus olhos.

Enquanto Edith observava essa visão extraordinária, viu os espíritos de seu pai e de sua avó—que também haviam falecido naquela casa—aparecerem e segurarem o espírito recém-nascido entre eles, passando os braços sob os seus, enquanto sua cabeça repousava, como a de alguém desfalecido, sobre o ombro do pai.

Após segurá-la assim por um breve momento, parecendo ajudá-la a recuperar-se, os dois espíritos romperam, com as mãos, os cordões que ainda a ligavam ao corpo e, elevando-se com ela entre eles, passaram pela janela. Edith então os viu flutuando sobre uma colina verde e suave, até que desapareceram de sua vista.

Como poderia alguém, abençoado com tais visões, desesperar-se quando aqueles que ama partem por algum tempo?

A Sra. Russell Davis tinha um amigo que morreu lentamente de câncer e que ansiava para que ela estivesse presente em seus últimos momentos. Como o tempo de sua morte era mais

ou menos previsível, ela pôde atender ao seu pedido. Ela me contou que a maior preocupação dele era que sua esposa falecida viesse guiá-lo para o outro lado, e foi-lhe prometido que isso aconteceria.

No dia de sua morte, enquanto a Sra. Davis estava sentada ao seu lado, viu o espírito da esposa dele de pé ao pé da cama. O homem moribundo também a percebeu, pois, de repente, ergueu-se e estendeu os braços em sua direção. Ela abriu os seus, e a Sra. Davis viu claramente o espírito do marido disparar para fora do corpo—como se fosse um duplo—e voar para os braços da esposa, enquanto seu cadáver tombava sobre o travesseiro.

Andrew Jackson Davis, um escritor americano, publicou um pequeno panfleto (que creio poder ser adquirido por poucos centavos), no qual descreve detalhadamente a saída do espírito do corpo, comparando-a ao nascimento de uma criança a partir da mãe—os cordões luminosos, que mencionei antes, funcionando como uma espécie de cordão umbilical. A postura reclinada inicial e a extrema fraqueza ao tentar erguer-se completam a analogia.

Alguns espíritos me disseram que, ao recobrarem a consciência após a morte, sentiram-se "terrivelmente molhados". Todos os médiuns que entram em transe profundo relatam que são levados através da água. Isso corrobora a antiga crença pagã no rio Estige, sobre o qual os mortos eram transportados por Caronte.

A Bíblia contém diversas referências semelhantes:
*"Quando passares pelas águas, estarei contigo; os rios não te submergirão."*

*"Florence" me disse que sempre me observa através de águas cristalinas e que, às vezes, pareço estar muito distante dela—quando, na realidade, estou bem perto. Ela já me disse: *"Você me parece como se estivesse no fundo de um poço."*

Creio que seja sábio e correto que se conheça um pouco sobre essas coisas antes de começar a investigar o Espiritualismo. A ideia de que se pode ordenar o retorno dos espíritos de entes queridos, ou trazê-los de volta à força, ou chamá-los para cima ou para baixo, nasce apenas da ignorância generalizada sobre a verdade.

Se esses espíritos não estiverem habitando a camada de éter que envolve a Terra, duvido que possam voltar, a menos que sejam enviados por uma missão especial de Deus. Se ainda permanecem próximos da Terra e você lhes der a oportunidade de se comunicar, provavelmente encontrarão pouca dificuldade em fazê-lo.

Se falarem de maneira diferente do que você esperava de um ser espiritual, lembre-se de que talvez não estejam tão esclarecidos quanto você pensa, e podem acreditar que ainda estão no seu mundo. Muitos espíritos com quem conversei se recusaram terminantemente a aceitar que já haviam falecido.

Agora, se você deseja investigar a verdade do Espiritualismo por conta própria, a primeira coisa a se perguntar é:

Você está realmente disposto a buscar a verdade, sem medo e com total sinceridade?

Não é útil dedicar-se ao estudo de uma ciência por mera curiosidade—sentando-se à mesa com alguns conhecidos em uma noite e, na seguinte, com um grupo totalmente diferente;

afastando-se por dois meses e recomeçando do zero, conforme o humor, com qualquer pessoa que demonstre desejo de integrar o círculo. Não é assim que se começaria o estudo de grego ou latim, ou de qualquer disciplina abstrusa, cujo domínio fosse essencial para o seu futuro. Nesse caso, antes de mais nada, buscar-se-ia toda informação disponível a respeito do tema, para então sentar-se e aprender o alfabeto, os sons das letras e o significado das palavras, até que, pouco a pouco, se chegasse à interpretação das frases. Se deseja investigar o Espiritualismo de maneira séria, deve fazê-lo da mesma forma— engatinhando antes de ficar de pé, ficando de pé antes de caminhar e caminhando antes de correr.

Mas a maioria das pessoas, atraída pelo que leu ou ouviu e movida pelo desejo ardente de ver e conversar novamente com algum amigo falecido, recorre a mim pedindo o endereço de um médium confiável a quem possam recorrer e, sem dúvida, ficam muito desapontadas quando lhes digo que, por princípio, não recomendo nenhum deles. A razão para essa resposta é que sei que, se correrem, em seu estado de ignorância, a um médium público, provavelmente ficarão frustradas por não verem nenhum espírito reconhecível e o resultado será prejudicial tanto para o Espiritualismo quanto para elas mesmas. Essas são as pessoas que, tendo se precipitado para uma sessão pública e não encontrado nada que as convencesse da verdade, talvez provoquem uma cena desordeira ou saiam espalhando para todos que o Espiritualismo não passa de enganação; que tal médium é um farsante; que as formas que viram eram apenas pessoas vivas fantasiadas para imitar espíritos e que estão convencidas de que tudo não passa de embuste.

O mesmo poderiam fazer, com igual razão, se, ansiosas por aprender grego, comparecessem a uma palestra ministrada nesse idioma e declarassem, por não conseguirem entender nada do que era dito, que o grego não passava de um amontoado de palavras sem sentido. A essas pessoas não dirijo minhas instruções, mas sim àquelas que choram a perda de amigos tão queridos que jamais os encontrariam em uma sala de sessões pública, por nada neste mundo.

Não pense, entretanto, que ao dizer isso desmereço ou desacredito a integridade das sessões públicas ou dos médiuns que as realizam. Algumas das provas mais convincentes que recebi foram-me dadas em sessões públicas, conforme relatei com franqueza. Mas isso ocorreu muito depois de minha investigação privada ter me convencido de que o que via era real. As sessões públicas, em minha opinião, são para os espiritualistas, não para os iniciantes. Há mais de um médium com quem, sempre que me sento, já sei de antemão quais amigos espirituais se comunicarão comigo, porque eles o fazem com tanta frequência, através do mesmo canal, que não encontram dificuldades em fazê-lo novamente. Mas, se um completo estranho sentar-se ao meu lado nessas sessões, provavelmente não verá nada que o interesse e começará a suspeitar que devo ser cúmplice do médium, pois tantas manifestações ocorrem para mim.

A maioria das sessões públicas é composta por frequentadores regulares, noite após noite, cujos amigos espirituais ganharam tanto poder que não deixam oportunidade para os amigos dos novatos se manifestarem. É por isso que sempre aconselho os iniciantes a não frequentarem sessões públicas, mas sim a começarem sentando-se em casa. Depois que adquirirem algum conhecimento e domínio da ciência que estão investigando, é provável que seus amigos espirituais indiquem o médium através do qual desejam se materializar e se mostrar, caso em que será certo e prudente seguir suas orientações.

Agora, suponhamos que dois ou três amigos concordem neste propósito, estejam todos sinceramente interessados no Espiritualismo e igualmente ansiosos por se comunicar com seus entes falecidos, e eu lhes direi como proceder. Primeiro, aconselho-os a lerem tudo o que puderem sobre o assunto, começando pela Bíblia, para que possam refutar os argumentos daqueles que tentariam dissuadi-los sob a alegação de que se trata de algo errado. Depois disso, poderiam passar por um curso de autores modernos. Existem inúmeras obras publicadas sobre Espiritualismo; uma lista delas pode ser obtida nos escritórios dos jornais espiritualistas ou no "Borderland". Os autores que mais me interessaram foram Robert Dale Owen, Coronel Olcott, Alan Kardec, Edward Maitland, John Farmer, Epes Sargent e Andrew Jackson Davis. Leiam "Buddha and Early Buddhism", de Arthur Lillie; "Footfalls on the Boundary of Another World", de R. Dale Owen; "Nineteenth Century Miracles", de Emma Hardinge-Britten; e "'Twixt Two Worlds", de John Farmer.

Assinem a revista "Borderland", de Mr. Stead, onde encontrarão, a cada mês, uma lista de artigos sobre Espiritualismo, além de uma lista de bibliotecas onde poderão obter mais livros sobre o tema do que conseguiriam ler em toda a vida. Leiam também os jornais dedicados ao assunto, como "The Two Worlds", "Light" e "The Medium", nos quais frequentemente encontrarão informações valiosas, além dos endereços de determinados médiuns e avisos sobre reuniões e palestras para espiritualistas.

E quando tiverem aprendido tudo o que puderem com a experiência alheia, sentem-se em casa; não de maneira dispersa, como já mencionei, mas com regularidade e disciplina. Se houver um cômodo disponível em sua casa que possa ser dedicado a esse fim, tanto melhor. Não precisa ser um quarto grande, nem precisa ter uma lareira, desde que tenha uma janela.

Foi assim que "Dewdrop" descreveu para mim um aposento perfeito para sessões: "Não deve ter carpete, cortinas nem ornamentos de qualquer tipo, exceto uma cortina de lã escura cobrindo a janela para bloquear a luz. Não deve haver quadros nas paredes, nem enfeites; a mobília deve se limitar a uma mesa de madeira sem toalha e às cadeiras necessárias, que devem ser de assento de palhinha, para permitir a passagem da influência espiritual. Quando não estiver sendo utilizado, o aposento deve permanecer trancado e ninguém deve ter permissão de entrar nele.

Na manhã seguinte a uma sessão, a cortina deve ser puxada, a janela aberta, a mesa e as cadeiras lavadas com sabão e água, e então o cômodo deve ser novamente trancado até o próximo uso. Espíritos puros não vêm aonde há sujeira e poeira. Eles não conseguem respirar nesse tipo de atmosfera. Mantenham seu aposento de sessões perfeitamente limpo, puro e privado, e então terão boas manifestações."

Essas regras são muito simples e fáceis de cumprir. Investigadores que levam o Espiritualismo a sério fariam bem em tomá-las como guia.

Muitas pessoas colocam instrumentos musicais em suas salas de sessões e acionam uma caixa de música assim que se sentam. Não gosto desse método de fazer barulho, nem acho que seja necessário ou que os espíritos gostem dele. Ele teve seu propósito, não para abafar (como muitos céticos alegam) o ruído feito pelo médium e seus cúmplices ao se vestirem, mas porque o som agita o ar e o mantém em movimento, o que favorece a manifestação. No entanto, isso é melhor alcançado quando os participantes cantam em

harmonia, pois suas vozes unidas não apenas movimentam a atmosfera, mas também liberam a aura de seus corpos, que os espíritos utilizam para se manifestar. Mas deve ser em harmonia.

A terrível discórdia produzida por pessoas tentando cantar juntas, sem nunca terem praticado, é suficiente para afastar os espíritos—e os mortais também, nesse caso—para a maior distância possível. Esse é um aspecto que certamente poderia receber mais atenção. Você não gostaria de se expor ao ridículo diante de uma plateia mortal—por que tratar seus amigos espirituais dessa maneira? Certamente valeria a pena, antes de iniciar suas sessões, selecionar hinos ou músicas suaves, que todos possam cantar juntos, e praticá-los até estarem completamente familiarizados com a melodia e as palavras. O canto alto não é necessário; na verdade, é muito indesejável, e já ouvi, repetidamente, as influências espirituais interrompendo esse tipo de prática. O que eles desejam é uma harmonia baixa e doce, produzida simultaneamente por todos os participantes. O motivo não nos cabe questionar; se os espíritos não desejassem isso, não o exigiriam. E, aqui, deixo um aviso: se quiser sessões bem-sucedidas, siga exatamente as instruções que receber, em cada detalhe, e certamente fará o que é certo.

Depois de algumas sessões, um espírito provavelmente assumirá o controle dos trabalhos, e você deve seguir suas instruções à risca. Se ele pedir que determinados participantes troquem de assento, eles devem obedecer; se disser que alguém deve sair do círculo, essa pessoa deve se retirar, ou o restante será prejudicado. E, na escolha de quem fará parte do grupo, nem sempre se pode seguir os próprios desejos ou os de seus amigos. É melhor começar com um grupo pequeno, pelo menos no início, digamos, quatro ou seis pessoas, e, como regra, os sexos devem ser equilibrados e as constituições opostas.

Assim, se o círculo for composto por seis pessoas, devem ser três homens e três mulheres; se três forem de temperamento sanguíneo e pele clara, os outros três devem ser mais calmos e de pele escura. Não afirmo que essa regra seja absoluta ou que um círculo de sucesso não possa ser formado de outra maneira, mas, como norma, deve ser seguida sempre que possível.

Nem sempre alguém profundamente interessado no Espiritualismo ou ansioso por ver ou falar novamente com um ente querido falecido está apto a participar de um círculo—pelo menos, não no seu círculo. É um fato triste, mas verdadeiro, que um desejo muito intenso de ver um espírito específico pode ser justamente o que impede sua manifestação, pois a excitação e a agitação geradas interferem, de alguma forma, na materialização. Essa é a razão pela qual, na maioria dos casos, os espíritos não se manifestam logo após a morte, mas apenas quando a dor dos que ficaram já diminuiu um pouco.

Assim, ao formar seu círculo, não tenha certeza de que todos os participantes poderão permanecer nele; seus amigos espirituais logo deixarão claro quem pode continuar. Ao selecionar os integrantes, certifique-se de que eles poderão comparecer regularmente e não apenas quando lhes for conveniente. Se não puderem se comprometer a abrir mão de outros compromissos ou diversões em favor das sessões, não os inclua.

Repetidas vezes, pediram-me para formar um círculo em minha própria casa e, pelo bem da causa, concordei; mas sempre terminou de maneira precoce pelo mesmo motivo. O grupo poderia se reunir duas ou três vezes, e então o Sr. Jones enviava uma desculpa porque precisava cumprir um compromisso; a Sra. Brown tinha convidados para o jantar; ou o jovem

Hoop-de-dooden-do precisava ficar em casa porque era o aniversário de sua irmã. Mas todos garantiam que viriam na sessão seguinte.

Não comigo, no entanto. Sempre deixei claro que a primeira ausência (exceto por doença) seria a última, e o faltante era riscado da lista de participantes; por isso, o círculo geralmente se reduzia a mim mesma dentro de um mês. É por esse motivo que acredito que manter as sessões dentro do ambiente doméstico é preferível. Prefiro quebrar a regra de igualdade de sexos e contar apenas com uma irmã ou um marido, reservando a sala de sessões exclusivamente para isso e definindo dias fixos, do que correr o risco de ver o círculo se desintegrar. Sempre que isso ocorre, é preciso recomeçar tudo do zero.

Mas suponhamos que você tenha formado seu pequeno círculo, organizado sua sala de sessões e ensaiado seus hinos ou músicas. O próximo passo é definir o dia e o horário das sessões e manter-se fiel a eles, seja uma ou duas noites por semana, seja às sete ou às oito horas—não varie, se possível, nem mesmo por um minuto. Se tiver um violão, pode levá-lo para a sala; rolos de papel firme colados na forma de um tubo servem como trombetas de comunicação, permitindo ouvir diretamente a voz dos espíritos. Folhas de papel e lápis também devem estar sempre disponíveis, caso algum espírito prefira escrever a falar.

E agora, supondo que tudo esteja pronto, você e seu grupo entram na sala de sessões no horário marcado, trancam a porta, fecham a janela, puxam a cortina sobre ela e tomam seus lugares ao redor da mesa, sobre a qual colocaram uma vela e uma caixa de fósforos, para qualquer eventualidade. Algumas pessoas dão as mãos quando se sentam. Isso não é necessário, exceto como prova de boa-fé e para demonstrar que ninguém está tentando enganar o vizinho.

Ainda assim, no início, pode ser bom fazê-lo, caso algo surpreendente ocorra, para que todos os presentes tenham certeza de que não se trata de um truque. Pode ser necessário permanecer sentado por um tempo antes que algo aconteça; talvez seja preciso sentar-se por muitas noites antes de ouvir até mesmo uma leve batida sobre a mesa; mas, se você não estiver disposto a perseverar, é melhor nem começar. É muito improvável que nada aconteça; nunca ouvi falar de um caso assim, mas pode levar algum tempo.

Quando soar a primeira batida na mesa, ou ocorrer a primeira inclinação ou elevação, não haja com gritos, pressa ou agitação. Cada um do círculo deve perguntar, calmamente e em ordem: "Isso foi para mim?" e, quando a pessoa correta fizer a pergunta, a mesa geralmente repetirá o sinal. Muitas vezes, o espírito vem não para um indivíduo em particular, mas para o círculo como um todo, e, nesse caso, a pergunta pode ser reformulada dessa maneira. O mais importante, no entanto, é estabelecer a comunicação; depois disso, as coisas geralmente seguem tranquilamente. Você deve falar com o espírito comunicante como se estivesse conversando com um mortal, mas de forma calma e deliberada, ou a influência pode não ouvi-lo claramente.

A regra usual é informar ao espírito que, se ele pretende falar por meio da mesa, ele deve bater uma vez para "não", duas vezes quando estiver incerto e três vezes para "sim"; e que, ao soletrar qualquer mensagem que deseje transmitir, a pessoa repetirá o alfabeto e ele deverá bater ou inclinar a mesa quando chegar à letra correta. A primeira coisa que você naturalmente perguntará será o nome do espírito e, para isso, deve repetir o alfabeto bem devagar, pois os espíritos batem ao lançar sobre a mesa o magnetismo que absorvem do círculo, onde ele explode como pólvora detonante, de modo que eles precisam de um pouco

de tempo para se preparar. Se, ao repetir o alfabeto, você ouvir várias batidas em sucessão, geralmente isso significa que o espírito perdeu a letra e será necessário começar de novo. Esse método de comunicação, que no início parece muito demorado, torna-se rápido com a prática, de forma que posso conversar por meio dele quase tão rápido quanto pela fala.

Mas, caso haja um médium entre vocês, logo surgirão formas superiores de comunicação, e a pobre mesa será deixada para trás. Em relação aos médiuns, há muito mais deles no mundo do que se imagina, e há pouquíssimos círculos de seis pessoas em que não se encontre ao menos um médium entre os presentes.

Algum de seus amigos pode, de repente, desenvolver mediunidade de transe ou entrar em controle, ou mãos podem tocá-lo no escuro, ou os tubos de papel podem ser sacudidos, ou as cordas do violão podem ser tocadas e soadas. Agora, se alguma dessas coisas acontecer, não se assuste, pois não há nada a temer. Os espíritos não podem feri-lo, mesmo que quisessem, e, embora eu admita que manifestações poderosas, quando vistas pela primeira vez, possam ser impressionantes, é necessário passar por esse batismo para alcançar aquilo que se busca.

Se um dos participantes, de repente, começar a falar com uma voz estranha ou em uma língua desconhecida, deixe-o sozinho até que termine o que tem a dizer. Ele não sofrerá dano algum; mas, se tentarem despertá-lo ou acender a luz sobre ele, podem causar-lhe um sério prejuízo. Ou alguém pode entrar em controle, ou seja, parecer cair em um sono profundo, como se estivesse morto. Não tentem despertá-lo! Os espíritos provavelmente o utilizarão, nesse estado, para oferecer algumas manifestações ao círculo e cuidarão dele, trazendo-o de volta no momento certo.

A voz direta ocorre quando os espíritos falam usando uma laringe e um esôfago próprios, em vez de utilizar os órgãos vocais do médium. Esta é uma das manifestações que mais gosto. Acho mais satisfatório até mesmo do que ver nossos entes queridos, pois, quando os espíritos são materializados, tanto poder foi consumido na construção de seus corpos que raramente falam muito. Mas poder fazer perguntas a eles e receber respostas é extremamente satisfatório. Você será muito afortunado se conseguir obter essa manifestação.

Existem pelo menos uma dúzia de maneiras pelas quais seus amigos espirituais podem demonstrar sua presença antes mesmo de se mostrarem. Eles podem trazer objetos de outros cômodos da casa e colocá-los sobre a mesa; colher flores do seu jardim, ou do jardim de outras pessoas, e colocá-las em seu colo; você pode ouvir os passos deles andando pelo chão ou ver luzes espirituais flutuando pela sala. Essas luzes podem parecer pequenas estrelas, ovos brilhantes ou pequenos cometas com caudas. Você pode sentir um perfume agradável sendo derramado sobre você—uma manifestação muito comum—ou pode sentir sua cadeira sendo puxada para trás, ou até mesmo retirada de baixo de você.

Alguém entre vocês pode desenvolver mediunidade de escrita, geralmente evidenciada por um tremor convulsivo no braço direito, acompanhado por uma espécie de choque elétrico subindo pelo membro. Nesse caso, coloque um pedaço de papel diante da pessoa e um lápis em sua mão, e talvez receba mensagens escritas do espírito. Algumas semanas atrás, sentada sozinha com uma amiga, segurando firmemente suas mãos, recebi cinco cartas

escritas por diferentes espíritos em um espaço de quatro minutos, cada uma com uma caligrafia diferente.

Se houver um médium físico poderoso entre vocês, podem até experimentar levitação, ou seja, o médium pode ser levantado da cadeira, com cadeira e tudo; em alguns casos, até o teto, a ponto de tocá-lo com o dedo. Se isso ocorrer, não se levantem da mesa nem quebrem o círculo; se estiverem de mãos dadas, não as soltem, mas esperem pacientemente até que seu amigo desça ao chão novamente. Os espíritos sabem perfeitamente o que estão fazendo e o trarão de volta com segurança, desde que permitam que façam isso do seu próprio modo. Mas, se soltarem as mãos ou causarem alvoroço, irão interromper a corrente de aura por meio da qual eles estão operando e podem, sem querer, fazer com que o médium seja jogado ou caia violentamente ao chão.

Acredito que, se iniciarem suas investigações da maneira que descrevi, em nove casos de dez, seus esforços serão coroados de sucesso.

Existem, naturalmente, várias fases do Espiritualismo que você pode nunca conseguir desfrutar em um círculo privado, pois são mais raras; contudo, acredito que basta perseverança para experimentar a maioria delas: Levitação, voz direta, mediunidade de transe, escrita automática, escrita direta, clarividência, mediunidade de cura, profecia, materialização, fotografia espiritual e oratória inspirada são dons grandiosos e não estão ao alcance de todos. No entanto, acredito que todos nós somos médiuns de alguma forma e é impossível dizer o que podemos ou não desenvolver até que tentemos.

Se, após um teste razoável, você perceber que não consegue obter manifestações (o que acho muito improvável) ou que seu progresso é tediosamente lento, pode procurar o endereço de um médium confiável e contratá-lo para sentar-se com você em sua própria casa. Muitas vezes, a presença de um médium plenamente desenvolvido desperta os poderes latentes de um círculo, colocando-os em funcionamento e impulsionando seus esforços. Alguns médiuns são particularmente habilidosos em desenvolver outros, de modo que uma ou duas sessões com eles podem revelar o potencial do círculo. A presença de um bom médium em sua sala de sessões também a impregnará com sua influência e a de seus espíritos-guia, preparando-a, por assim dizer, para a atuação dos seus próprios espíritos.

Os iniciantes no Espiritualismo muitas vezes se surpreendem e se dececionam ao verem espíritos que lhes são completamente estranhos ou conhecidos pelos quais nunca tiveram interesse se manifestarem, enquanto os entes queridos que tanto desejam não aparecem. Sei como isso pode ser dececionante, pois passei por essa experiência. Quando comecei minhas investigações, um certo espírito chamado Priddis, que havia sido jardineiro de um velho amigo, mas era quase desconhecido para mim, costumava me visitar continuamente e, às vezes, para minha irritação, pois achava que ele afastava outros espíritos com os quais eu preferia me comunicar. No entanto, mais tarde, descobri que, por meio dele, muitos dos meus amigos conseguiram se aproximar de mim, coisa que, de outra forma, talvez não tivessem conseguido fazer, e, quando seu trabalho estava concluído, Priddis desapareceu, e nunca mais ouvi ou vi nada dele.

Há outra advertência que gostaria de dar aos iniciantes no Espiritualismo: nunca tentem, por meio de persuasão, orações ao Todo-Poderoso ou súplicas fervorosas, invocar espíritos que não tenham vindo por vontade própria. Os espíritos só podem nos visitar quando obtêm permissão de Deus, e devemos aceitá-los como vêm, sem nos preocupar tanto com quem são,

mas sim com o fato de que sua reaparição na Terra demonstra a verdade de que vivemos para sempre.

Já vi os efeitos nocivos de apelos insistentes para que determinado espírito reaparecesse até que a súplica fosse atendida, assim como orações que, às vezes, são respondidas para a ruína do próprio suplicante.

Quando comecei a me interessar pelo Espiritualismo, e, por ignorância do assunto, costumava sentar-me com qualquer pessoa que me pedisse, um jovem chamado Charlie H—, cujo nome não devo mencionar mais detalhadamente em respeito à sua família, frequentemente se juntava ao nosso círculo. Seu pai era tutor e, entre seus alunos, havia um jovem chamado Edward Ogilvie, por quem Charlie e seus irmãos e irmãs, quando crianças, haviam tido grande afeto. Edward Ogilvie, muito tempo antes, bebera até a morte, mas Charlie H— nutria um carinho imenso por ele e nunca participava de uma sessão sem pedir a algum dos espíritos comunicantes que trouxesse seu amigo para falar com ele.

Certa noite, o nome Ogilvie foi batido na mesa, e pensamos que ele havia finalmente se manifestado. No entanto, descobriu-se que era o espírito de William Ogilvie, primo de Edward, que apareceu apenas para implorar a Charlie H— que não tentasse chamar o espírito de seu amigo, pois ele não estava em condições de visitar a Terra sem perigo para si mesmo e para Charlie. Contudo, Charlie não quis dar ouvidos ao aviso e continuou suplicando que Edward fosse autorizado a retornar, nem que fosse apenas uma vez.

Por fim, Edward veio e continuou vindo por algum tempo. Notei, no entanto, que sempre que Edward aparecia, Charlie caía sobre a mesa em um sono profundo, de modo que não tirava proveito algum das comunicações de seu amigo. Mas, desde então, de um jovem sóbrio e bem-comportado, Charlie H— começou a se descuidar tanto que, três vezes durante aquela temporada, fui obrigada a adverti-lo de que, se continuasse a beber em excesso em minha casa, eu deixaria de convidá-lo. Ele fez um ou dois esforços tímidos para se livrar da influência que fatalmente se apoderava dele, mas sem sucesso, e, em poucos anos, ele também bebeu até encontrar uma morte prematura.

Esse caso sempre me vem à mente quando ouço pessoas suplicando para que determinados espíritos sejam autorizados a se manifestar.

Não somos os melhores juízes para decidir quem deve ou não deve voltar até nós. Eu receberia com atenção e respeito qualquer espírito que desejasse comunicar-se comigo, mas, uma vez percebendo que haviam sido descuidados em vida, teria muito cuidado ao encorajá-los a retornar. E, aqui, permitam-me dizer uma palavra sobre os espíritos com quem vocês mantêm contato. Lembrem-se de que, ao lidar com eles, estão lidando com mortais que apenas se despojaram da sua materialidade e retiveram aquela parte de si mesmos pela qual poderiam ter causado mais dano a vocês enquanto estavam aqui na Terra, ou seja, o espírito, intacto.

Não cometam o erro absurdo de achar que, assim que um espírito se liberta do corpo, ele se torna purificado e angelical. A maioria dos que retornam a este mundo, ou que nunca o deixaram, são muito mais mortais do que espirituais; passaram para o outro lado com tanto mais humanidade do que espiritualidade em sua composição, que continuam quase tão grosseiros e carnais quanto eram em vida.

Nunca mantenham comunicação com qualquer espírito que se recuse a dar seu nome. Estejam certos, nesse caso, de que ele tem vergonha de seu nome ou deseja se passar por alguém que não é. "Provem os espíritos para saberem se são de Deus." E, caso falem de forma frívola ou maldosa, não tenham mais nada a ver com eles. Se recusarem-se a sair da mesa, levantem-se e saiam vocês mesmos. Eles logo entenderão que é inútil tentar enganá-los. Não imaginem que, só porque podem xingar ou abusar de vocês, devem ser, necessariamente, emissários do diabo. Eles não são mais do que os homens que vocês, às vezes, encontram neste mundo – semi-brutalizados, blasfemos, pecadores que odeiam todos aqueles que tentam ser um pouco melhores do que eles próprios.

Se vocês fossem forçados a conviver com tais homens nesta vida, poderiam se sentir tentados a tentar ajudá-los um pouco. Da mesma forma, vocês podem, muitas vezes, fazer o bem a esses pobres espíritos, ajudando-os a desejar coisas melhores; mas não quando estão apenas começando a investigar o Espiritualismo – não até que seus guias espirituais superiores tenham assumido o controle do círculo, estabelecido sua proteção em torno dele e estejam aptos a manter as influências malignas afastadas. Se esses espíritos descuidados ganharem ascendência primeiro, podem nunca mais desistir dela. Vocês não podem ser cuidadosos demais com esse assunto. E a maneira de se protegerem é entregarem seu pequeno círculo à proteção de Deus e pedirem para que Ele não permita que se aproximem espíritos que possam lhes fazer mal, mas apenas aqueles que trarão o bem.

No período ao qual já me referi, quando sabia pouco sobre esses assuntos e costumava sentar-me sem me importar com a companhia, muitos jovens "da sociedade" costumavam aparecer para participar de uma sessão. Mas, depois de um tempo, percebi que eles traziam consigo os espíritos de muitas "infelizes", a ponto de minha mesa ficar literalmente infestada deles. Eles pareciam vir apenas para me pedir que orasse por eles, mas quase excluíam completamente qualquer espírito de uma condição mais elevada.

Isso não é de se estranhar, quando lembramos que cada um de nós é cercado por uma série de influências – não apenas aquelas que nos foram designadas, mas também aquelas que foram atraídas para nós por uma semelhança de gostos e estilo de vida. Os espíritos de alcoólatras se reúnem ao redor do homem que, apesar de todos os avisos, insiste em se matar com seu vício fatal, pois obtêm certo prazer da refração de sua sensualidade; e sua influência, agindo inconscientemente sobre ele, o impulsiona cada vez mais, até que ele tenha perdido completamente o controle sobre si mesmo. Como essa teoria é bem demonstrada na seguinte parábola:

"Quando o espírito imundo sai do homem, ele anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra; então diz: 'Voltarei para minha casa, de onde saí'; e, quando chega, encontra-a desocupada, varrida e adornada. Então, vai e toma consigo outros sete espíritos, mais perversos do que ele, e eles entram e habitam ali, e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro."

Portanto, não podemos ser cuidadosos o suficiente com quem nos comunicamos, seja no corpo ou fora dele. Tive uma conversa muito interessante com meu velho amigo, John King, outro dia, sobre esse assunto. Para o benefício dos meus leitores que talvez nunca tenham ouvido falar de John King, posso dizer que ele é o pai da célebre Katie King, que costumava aparecer regularmente, certa vez, por meio de Florence Cook (agora Sra. Elgie Corner). O nome adotado tanto pelo pai quanto pela filha é assumido, pois o verdadeiro nome de John King era Sir Henry De Morgan, e o de sua filha, Annie Owen De Morgan.

Sir Henry foi um bucaneiro, ou pirata, que viveu durante o reinado de Carlos I e parte do de Cromwell. Ele foi um audacioso corsário e, após uma carreira agitada, foi executado por traição em alto-mar. Mas, seja qual for sua conduta enquanto esteve na Terra, parece ter expiado completamente seus pecados agora, tornando-se um dos melhores e mais gentis espíritos, sempre trabalhando pelo bem dos outros. Eu o conheci através de Williams, Herne, Eglinton e Husk, e ele sempre foi o mesmo em voz, aparência e generosidade.

Recentemente, obtive grande prazer ao receber, pela bondade do Sr. James Tissot, o artista francês, uma bela gravura de sua pintura intitulada "L'Apparition Mediumistique".

A pintura representa a primeira esposa do Sr. Tissot, apoiada por John King, como ele prefere ser chamado. O Sr. Tissot sentou-se com William Eglinton durante uma visita a Londres e ficou tão encantado com a aparição de sua primeira esposa, por quem era ternamente ligado, que convidou o Sr. Eglinton para ir a Paris. Enquanto esteve lá, ele pintou, a partir de suas formas materializadas, os retratos tanto de Madame Tissot quanto de John King. Pelo que entendi, a pintura a óleo foi exibida no Salão de Paris, e um seleto grupo de amigos do Sr. Tissot recebeu uma gravura dela.

Tenho orgulho de me contar entre eles, e a gravura tem um valor duplo para mim, não apenas como uma lembrança do doador, mas porque o retrato de John King é exatamente como ele me apareceu através de cada um dos médiuns que mencionei. Ele é representado como um homem extremamente bonito, de cerca de quarenta anos, com traços judaicos refinados e uma expressão de grande benevolência. Ele aparece como se estivesse apoiando Madame Tissot ou encorajando-a a avançar. Ambos seguram uma luz espiritual, do tamanho e formato de um ovo, em suas mãos, e enquanto a jovem olha timidamente para cima, John King a observa com um ar meio paternalista, meio protetor. Eu prezo essa gravura mais do que qualquer outro objeto de recordação espiritualista que possuo.

John King me disse que eu não tinha ideia do grande número de espíritos necessários para tornar uma sessão bem-sucedida. "Neste momento," ele disse, "tenho uma banda ou cordão de espíritos cercando esta casa, com talvez um quarto de milha de largura, e, além deles, posicionei meus postos avançados e sentinelas para soar o alarme, se necessário." "O alarme para quê, John?" perguntei. "Caso algum espírito malévolo tente se aproximar do círculo! Eles o fariam assim que tivessem a oportunidade. Talvez te surpreenda saber que há mais oposição ao Espiritualismo nas esferas do que há neste plano. Muitos espíritos consideram que eu, e outros como eu, estamos errados em visitar a Terra depois de termos partido. Eles dizem que não podemos fazer isso sem levar de volta uma contaminação da mortalidade quando retornamos, em detrimento daqueles que habitam nas esferas."

Essa era uma ideia inteiramente nova para mim, mas percebi sua lógica com base na minha própria pequena experiência. O outro mundo é muito parecido com este. Os homens não abandonam imediatamente seus preconceitos lá, assim como não deixam para trás suas loucuras e vícios. Se Jones era um mentiroso enquanto estava na Terra, não engulam tudo o que ele possa lhes dizer ao retornar; pois tenham certeza de que, quando seu espírito estiver verdadeiramente purificado de sua maldade mundana, ele terá ascendido alto demais para voltar, exceto como um pregador para seus semelhantes. Mas, da minha parte, eu desconfiaria de suas palavras até o fim dos tempos. Portanto, sejam cautelosos. Vejam tudo o que puderem, ouçam tudo o que puderem e avaliem as provas de sinceridade com equilíbrio.

Mas se sua espiritualidade está em vocês mesmos; se são sinceros e prudentes, Jones (e outros como ele) não se aproximarão de vocês. Ou, se os seus conhecidos os trouxerem consigo (como aconteceu comigo), eles só se apegarão a vocês enquanto os encorajarem a fazê-lo. Nos meus primeiros contatos com o Espiritualismo, me livrei de um espírito muito desagradável que costumava nos incomodar com sua linguagem e suas ideias, simplesmente saindo da mesa sempre que ele aparecia.

Ele costumava tentar se disfarçar assumindo nomes falsos e fingindo ser extremamente piedoso, mas sempre o desmascarávamos no final e interrompíamos a sessão imediatamente. Quando ele percebeu que éramos firmes e mantínhamos nossa palavra, desapareceu por conta própria, e, há anos, não tenho notícias dele. Tratem todos os espíritos descuidados, brincalhões ou de mente baixa da mesma maneira, e eles não os incomodarão por muito tempo. Mas o remédio mais seguro é garantir que nenhuma pessoa descuidada ou impiedosa participe do seu círculo. Mantenham sua sala de sessões livre de todas as influências ruins e terrenas, e as espirituais ruins não se aproximarão de vocês.

## CAPÍTULO VII
## **O QUE OS ESPÍRITOS ME TRANSMITIRAM**

Muitas pessoas perguntaram-me: "Mas o que é que os espíritos dizem sobre o lugar em que vivem? Como são as suas moradas? Dormem, comem e bebem eles como os mortais? Têm algum emprego? Com efeito, a que se assemelha o mundo que se segue?" Um de meus correspondentes chegou a ponto de me dizer, não de forma muito educada, que se os meus espíritos não puderem responder a tais questões, a fim de satisfazer a curiosidade do homem, eles de nada valerão. Eu digo o mesmo repetidamente; ainda assim, parece necessário, uma vez mais, repetir que o uso do Espiritualismo está em que demonstra que existe um outro mundo, e não nos deixar tão entusiasmados com uma descrição dele a ponto de nos levar, porventura, a perder metade do interesse que sentimos por este.

"Se eles não puderem fazer isso, eles não poderão fazer nada!" diz um cético, rudemente. Eu nunca imaginei que eles *não* pudessem fazê-lo. Que eles possam não ter permissão para o fazer (por razões as quais não podemos adentrar), é teoria muito mais provável. Quanto dos mistérios de outro mundo Cristo revelou aos Seus discípulos e às pessoas a quem pregou? Positivamente nada! Ele mencionava-o constantemente, mas nunca fez qualquer descrição das alegrias ou prazeres que envolve; no que deveriam consistir, ou com quem partilhados. A única alusão à felicidade do Céu feita nas Escrituras está no texto:

"As coisas que o olho não viu, o ouvido não ouviu, nem acudiram à imaginação do homem, são as que Deus preparou para os que O amam."

Se os discípulos ficaram sem um conhecimento mais particular das glórias do Céu, por que devemos nós, degenerados mortais, esperar desfrutar de uma nova revelação? E, uma vez mais, você pode conversar com uma dúzia de espíritos e cada um pode vir de uma esfera diferente. "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu ter-lhes-ia dito." Os espíritos provenientes das esferas inferiores não sabem mais do que nós próprios, com exceção da bendita verdade, de que não existe morte. Eles sorriem do medo intrínseco que temos da morte; pois, embora, para eles, ascender a uma esfera superior acarrete uma morte semelhante ao sono, uma vez que passaram por ela,

eles não pensam mais nisso do que nós ao nos deitarmos nas nossas camas após um longo dia de trabalho.

Claro, não é provável que eu tivesse tido tantas oportunidades de conversar com espíritos sem lhes fazer perguntas sobre as suas vidas no outro mundo, o que fazem lá, etc. Tenho participado em sessões durante horas, por vezes, a conversar com eles, através da mediunidade de transe, sobre todos os tipos de assuntos; mas, como não fazia anotações taquigráficas na época, resulta imensamente difícil lembrar tudo o que dissemos um ao outro tal como seria recordar as conversas que tive com os meus companheiros mortais.

Conforme acontece com todas as conversas amigáveis, entretanto, se não conseguirmos recordar as palavras exatas usadas, o efeito da comunicação permanece na nossa memória: portanto, tenho a mente imbuída de ideias e revelações espirituais, embora as não possa transcrever textualmente, palavra por palavra. Na maioria das vezes, porém, cingem-se a explicações dos tratos que Deus tem com os homens e das punições que infligimos a nós próprios pelo pecado deliberado, e muito raramente descrições das moradas dos espíritos.

Pareceu-me que essa revelação de trivialidades fosse interdita ou objeto de reprovação. Pois, se tudo não passasse de um engano, como seria fácil para eles inventar uma imagem de felicidade perfeita. Mas, de tudo que reuni em vários momentos, nunca ouvi uma palavra sequer que fosse diferente dos ensinamentos da Bíblia, nem que não prometesse um purgatório para aqueles que não amam a Deus e paz para aqueles que amam.

Eu conversava com um espírito chamado Aimee, certa vez, sobre a importância ou não que os credos possuem. Estávamos sentadas em lados opostos de uma pequena mesa redonda, na época, e Aimee colocou a mão no centro dela.

"Credos..." disse ela; "Os credos são algumas das coisas mais iníquas da terra. Eles foram causa de mais derramamento de sangue, disputas de ódio e injustiça do que todos os ímpios colocadas juntos. Você acha que existirão credos nas esferas? Você acha que eles vão perguntar, quando os homens vão para lá, se eles são Judeus, ou Católicos, ou Protestantes? Nem um pouco! Eles serão julgados apenas por um padrão, ou critério: Terão tentado amar a Deus e ao próximo? Se eles tiverem sido cruéis com eles, eles tê-lo-ão sido com Deus. Não serve de desculpa eles fazê-lo isso por causa da religião.

Eles serão informados de que tal religião não passa de uma mentira. Aqui está Deus," prosseguiu ela, colocando o dedo no centro da mesa; "alguns de vocês andam ao redor da mesa antes de O alcançar; alguns pegam um atalho; outros perdem-se e vagueiam como se estivessem num labirinto. Mas, que importância terá isso, pensar-se-á, contanto que finalmente chegaram a Ele? Deus olha para baixo e ri dos seus credos. Ele preferia ver um homem, que nunca vai à igreja, partilhar a sua côdea com alguém que o quisesse mais do que ele próprio, do que ouvir todas as orações de todas as igrejas."

*"Devemos todos chegar a Ele finalmente, Aimee?"* perguntei.

"Certamente que chegarão. Poderá ser um longo... 'finalmente,' para alguns... milhares e milhares de anos, porventura, eu não posso dizer — mas ninguém pode perder-se para sempre, como dizem os vossos padres, e eu vou-lhe dizer porquê: quando Deus criou o homem, Ele insuflou (ou soprou) nele o fôlego da vida, e o homem tornou-se uma alma

vivente. Assim, você vê, a alma do homem é o sopro de Deus, parte da vida de Deus, e parte da vida de Deus nunca pode ser condenada para sempre.

"É aí que os párocos cometem tal erro; um grande erro, que eles precisarão corrigir algum dia. Eles terão que — como vocês chamam isso em Inglês? — *engolir as próprias palavras*. Eles colocaram palavras na Bíblia que nunca existiram. Eles dizem às pessoas que Deus criou o homem para ser bom e feliz; que Ele pretendia que ele vivesse nesta terra para sempre, mas que a sua própria desobediência transtornou tudo. Então, se isso for verdade, os desígnios de Deus fracassaram. Você não vê que, se você projetou que uma peça fosse direita e ela saísse torta, as pessoas diriam que você não sabia do que estava a tratar e que o seu trabalho seria um fracasso? A obra de Deus *não pode ser* um fracasso; então, se Ele pretendia que os homens e mulheres fossem felizes e bons, eles serão felizes e bons, embora atrasem um pouco a realização da obra perfeita de Deus.

"Mas o sopro de Deus destinado ao inferno — a única parte do homem que vive para sempre, viver no inferno — isso é uma besteira, acredite no que lhe digo. Os párocos também lhe dizem que Cristo morreu por *todos os homens*, justos e injustos, para que fossem salvos. Se assim for, então, se apenas *um homem não* for salvo, a morte de Cristo terá sido um fracasso. Mas aqueles que pregam sobre Ele nunca parecem ver as discrepâncias que os seus ensinamentos envolvem. Se Deus fosse um homem, é claro, uma falha ocasional seria apenas natural; mas, visto que Ele é omnipotente, omnisciente e omnipresente, uma falha deve ser impossível para Ele, especialmente uma que envolva toda a criação.

"É uma ideia terrível e perversa instilar na mente dos homens a noção de que Deus condene as criaturas, que Ele criou e ama, ao castigo eterno. Qual será a vantagem de um castigo, a menos que se preste a ensinar as pessoas a fazerem melhor no futuro? De que forma poderá uma punição que dura para sempre proporcionar a alguém a oportunidade de fazer melhor? Qual seria a utilidade do arrependimento? Não assaria de uma tortura desnecessária. Deus não é tão malvado assim- Ele é o seu Pai amável."

*"Você sente-se feliz, Aimee? Por vezes não desejaria poder voltar à terra, visto que a deixou tão cedo?"*

"Jamais! Eu não voltaria, mesmo que pudesse. Lamento pelo pobre A— -. (designando o homem de quem ela esteve noiva).

"Mas, afinal, foi para o bem dele que fui levada, e posso cuidar dele melhor agora do que jamais poderia ter feito nesta vida. Você quer que eu lhe fale sobre minha morada atual. Não há nada a contar. Eu sou uma pequena ama, só isso. Estou na esfera para onde todos os bebés, que morrem antes de distinguir o certo do errado, vêm, e eu cuido deles. A sua filha, Florence, encontra-se na mesma esfera. Ela veio para aqui quando faleceu, e nós somos grandes amigas."

*"De quantos bebés você tem que cuidar de cada vez, Aimee?"*

"Quatro ou cinco. Agora mesmo tenho um pobre menino sob os meus cuidados, que morreu queimado. Ele ainda não consegue esquecer a dor, de tão terrível que foi."

*"Vocês comem e bebem na esfera em que está, Aimee; e o que é que vestem? E alguma vez dormem?"*

"Quantas perguntas você faz ao mesmo tempo! Mas não tenho certeza se posso responder a todas. Sim, comemos e bebemos; mas não o mesmo tipo de coisas que vocês. Podemos envolver-nos com os nossos pensamentos; isto é, qualquer coisa que consigamos pensar aparece ao nosso redor; é por isso que os espíritos que visitam os seus amigos após a morte, muitas vezes parecem estar envergando as roupas que usaram enquanto estiveram na terra. Porque, ao pensarem em regressar, terão pensado, porventura, na última vez que viram o amigo que pretendiam visitar, e assim aparecem com as roupas que envergavam. Quanto a dormir, nós descansamos, mas não dormimos como vocês — não perdemos a consciência. Temos o poder de interromper todas as ações do cérebro à vontade, para que ocorra um repouso perfeito, embora tenhamos consciência do que esteja a ocorrer ao nosso redor no momento."

"Dewdrop" nunca foi muito sigilosa com respeito ao ambiente espiritual dela. Ela disse-me que mora numa cabana, com o seu companheiro, The West Wind. Ela descreveu-o como um "Bravo" muito belo, jovem e muito apegado a ela; mas, embora Dewdrop se mostre tão aberta noutras matérias, e trate as coisas pelo nome sem a mais pequena cerimónia, observei uma notável reticência nela sempre que aborda a questão dos seus afetos. Ela menospreza a ideia de deixar que o The West Wind visite esta esfera, ou se mostre aos mortais.

Quando eu lhe disse, numa certa ocasião:

*"Mas, nas esferas vocês não podem casar, como fazemos na terra?"* a resposta que me deu foi:

"Qual é a melhor parte dos vossos matrimónios terrenos? Não é quando, em algum momento, você parece de repente perceber a verdade de que o homem que você ama é realmente um consigo — um em coração, alma e corpo? Eu sei que é *muito*, *muito* raro que isso aconteça na vida terrena; mas acontece, por vezes, e então você sente que vale a pena todo o resto junto, e assalta-lhe a alma a feliz convicção de que você terá amor para todo o sempre. É assim que os nossos casamentos são — a melhor parte dos vossos, a nata deles."

Quando perdi a minha filha mais velha, a dor que sofri foi muito terrível de início, e fiquei desesperado durante algum tempo depois. Eu não vi, nem soube de nada acerca dela, mas jamais esquecerei os esforços que Dewdrop fez para me consolar.

"Olhe aqui, Florence," dizia ela, "você não deve se preocupar tanto com a Eva. Você não deve imaginar, lá porque você não a veja ainda, que Deus esteja zangado consigo ou com ela. Agora, deixe que lhe diga; é assim que sucede: quando Eva era criança, você sempre a amou demais para a magoar; mas, se ela fosse desobediente, ou travessa, de alguma forma, você dizia:

"Olha, minha filha, tu esqueceste o que eu te disse de novo. Eu não te quero bater, por te amar demais; mas preciso fazer com que te lembres do que te digo; assim, vai para aquele canto e fica lá até eu te dar permissão para saíres.' Isso é o que Deus fez com ela. Eva era o que o mundo chama de uma boa mulher; mas ela frequentemente fazia coisas que sabia

serem erradas, como todos nós, e por isso Deus *colocou-a a um canto, para a levar a recordar.* Ela quer voltar e vê-la, às suas irmãs e aos seus filhos; mas ele diz:

"Ainda não; quando tiveres aprendido a lição que pretendo ensinar-te, então tu poderás ir."

*"Ela sente-se feliz, Dewdrop?"*

"Ainda não; mas ela não está em sofrimento nem se sente infeliz. Eu a vejo com frequência. Posso fazer isso agora. Ela encontra-se num grande jardim, completamente sozinha, sentada sob uma árvore, com o seu bebé nos braços. Tem o cabelo solto; cai-lhe até os joelhos. Ela é muito atenciosa. Ela está a pensar si em e na vida que levou enquanto esteve aqui; mas ela sabe que, um dia, vocês irão estar todos juntos de novo. Mas ela irá voltar enquanto você estiver nesta terra" (profecia essa que já se realizou).

Todas as descrições que os espíritos me deram do trato que Deus tem com os homens foram tão comoventes, tão misericordiosas, tão paternais e justas, tão diferentes do terrível fogo do inferno e dos ensinamentos do forcado deste mundo. Uma teoria generalizada entre eles parece ser a da expiação — que todos os pecados que cometemos na carne, teremos que *desfazer* de novo no pós-vida. Certa vez, ao falar de um parente de quem não gosto muito, disse:

*"Espero que nunca mais me encontre com ele no outro mundo..."*

Porém, a resposta que recebi foi:

"Antes pelo contrário, ele será, com toda a probabilidade, o companheiro escolhido para si quando entrar na existência espiritual. Você será compelida a viver com ele, até que descubra todas as suas virtudes e os seus próprios defeitos, e veja como ele teria sido muito melhor se você soubesse como ter sido seu amigo, em vez de seu inimigo."

Aimee, ao falar de punição futura, certa vez disse-me:
"Se você estivesse a ensinar a sua filha a costurar e ela lhe apresentasse as tarefas diárias feitas sem cuidado, com pontos mal dados e mal alinhavados, o que deveria você fazer?"

*"Eu deveria dizer-lhe para o descoser e refazer tudo de novo,"* respondi.

"Ora, aí está. Agora chegou à raiz da questão. É assim que Deus lida connosco. Ele leva-nos a desfazer as nossas vidas, e a refazer tudo de novo."

E, em reforço desse argumento, sucedeu um incidente muito marcante, que me chegou ao conhecimento, só que recentemente. Uma jovem parente minha, chamada Annie, que era mulher casada e mãe de uma grande família de crianças pequenas, havia decidido, na sua própria ideia, que não iria ter mais filhos. Ela tinha uma certa desculpa, já que o marido não era capaz de os sustentar, e eles estarem a tornar-se numa fonte de sérias dificuldades para ela.

De modo que, quando descobriu que provavelmente se tornaria mãe de novo, foi precipitada o suficiente para adotar um dos diversos remédios sugeridos para tais dificuldades, em resultado do que ela perdeu a própria vida, bem como a de filho que

esperava. Durante algum tempo depois da morte, foram-me feitas descrições do estado de grande melancolia em que se encontrava, senão mesmo de sofrimento, e, mais de uma vez, disseram-me que, até que ela expiasse o pecado de destruir o seu próprio filho, por meio da tentativa ou esforço por preservar a vida de outro, ela não teria liberdade para progredir.

No ano passado, tive uma noiva e um noivo que ficaram em minha casa, por algumas semanas, noiva essa que tinha sido uma calorosa amiga íntima da jovem parente a que me refiro. Uma noite, quando a Sra. Russel Davis (Bessie Williams) se encontrava em minha casa, e o jovem casal igualmente presente, ela entrou, inesperadamente, em transe, e ouviu-se a voz da Annie, que nunca se tinha manifestado antes, proferir, com alguma dificuldade, as palavras:

"Diga à Maria — para não fazer — como eu fiz."

Isso foi tudo. Quando a voz cessou, a manifestação terminou e a médium voltou ao seu estado normal. Naturalmente, não consegui dizer nada naquela noite. Mas na manhã seguinte, enquanto caminhava com Mary, sozinha, no jardim, apresentei o assunto o mais delicadamente que pude e descobri que ela estava exatamente na mesma posição que o meu pobre e jovem amigo — na perspetiva de se tornar uma mãe, e de arriscar a própria vida a fim de o evitar.

Quando lhe implorei que deixasse as coisas seguirem seu curso, a desculpa que apresentou foi a que eu tinha ouvido tantas vezes antes. "Mas, nós não podemos ter uma família", etc., etc. No entanto, após alguns argumentos e súplicas, ela cedeu e prometeu-me que não faria mais nada para impedir o que tinha por diante. Pouco depois, ela e o marido deixaram a minha casa e passei a ver a Mary de vez em quando somente.

"Dewdrop," "Ned" e "Florence" estiveram muito ocupados nesse verão, segundo disseram-me, por terem que cobrir uma certa distância todas as noites para induzir a Mary no sono magnético, por ela estar a padecer de insónia.

*"Por que se interessam vocês tanto pela Mary?"* perguntei eu.

"Porque, se o seu filho nascer forte e saudável, o filho de Annie ser-lhe-á tirado dos braços e entregue ao cuidado de outro espírito."

*"Você quer dizer que ela o carregou nos braços todo esse tempo?"* (Tinham passado seis anos desde a morte de Annie.)

"Sempre! Ela nunca teve permissão para o deixar de lado nem por um único momento. Essa foi a sua penitência: olhar para o rosto do bebé que ela destruirá, a cada instante da sua existência. Mas ela salvou o bebé da Maria, e mal a sua vida terrena comece, a sua penitência terminará."

Esperava-se que o bebé de Maria nascesse em meados de Dezembro, mas ninguém sabia de mais nada. Na noite do dia 22, eu estava sentada com a Sra. Russel Davis, e apreciar a manifestação de diversas vozes diretas, quando ouvi a de Annie a dirigir-se a mim:

"Ah, dê graças a Deus comigo!" exclamou ela, "dê graças a Deus comigo!"

*"Porquê, Annie?"* perguntei.

"Estou livre — estou livre — estou livre!" respondeu ela, incrementando o volume de cada frase num crescendo, até ao máximo.

Na manhã seguinte, recebi um telegrama a dar-me conta de que o bebé de Maria nascera às cinco horas da tarde anterior, um menino bom, forte e saudável, como tem sido desde então. Desde aquela época, Annie tem-se manifestado com muito mais frequência do que antes, e diz-me que é livre de visitar as crianças que deixou para trás no desamparo, sem cuidados de mãe.

Florence esforçou-se por me descrever a sua morada na esfera espiritual, mas diz que faltam palavras à nossa língua que expressem metade do que ela quer dizer. Na América, poderá ser recordado, ela falou dos seus "campos de rosas," que ela se sentiu impotente em descrever mais adiante; das "flores azuis" (típicas da felicidade) que ela e eu colheríamos juntas, e dos "lírios" brancos de que ela sempre parecia rodeada. Desde então, ela disse-me que não deixará a sua esfera atual (embora pudesse estar numa muito superior) até que eu me junte a ela; pois, como os nossos espíritos se encontram tão intimamente unidos, um não pode elevar-se sem o outro.

Uma vez ela tentou levar-me a perceber o seu lar espiritual, mas acrescentou que as habitações espirituais mudavam consoante a vontade do habitante. A casa à qual ela estava de volta, naquela ocasião, era inteiramente construída de rosas. Ela disse que as paredes eram feitas de botões de todos os tipos de rosa empilhadas e "comprimidas." Mas ela vivera em casas que se pareciam com alabastro, e outras, como que de pedra clara.

A filhinha da Sra. Russel Davis, Mab, dever-se-á ter me mente, chorou porque não podia ter um vestido como "A garota da Sra. Lean," com o que se referia à minha Gertie. Quando solicitada a descrever o vestido que tanto cobiçava, ela disse que era todo "branco e claro, com flores douradas que se moviam como se estivessem vivas, e algo vermelho por baixo delas."

Florence sempre se mostrou clarividentemente tão envolta em branco, com flores azuis nos cabelos e seio. A própria Gertie disse-me, na memorável ocasião tão ridicularizada pelo editor de "Truth," que ela usava um vestido e uma faixa, e quando o seu irmão Francis a "caçou" ao redor da fonte, ele a empurrou para a "água de prata" e molhou-lhe a faixa. Perguntei como ela conseguiu o vestido e a faixa, e como eram, e ela disse que a Florence lhos dera; que o seu vestido se assemelhava a "teias de aranha, e sua faixa a flores." Os espíritos superiores envergam todos o branco. Cores escuras ou opacas parecem indicar uma condição terrena ou infeliz.

Phyllis G. — —, uma atriz com quem, num dado momento, tive uma certa intimidade, disse-me que a esfera em que ela começou por se ver inicialmente era horrível demais para ser descrita. Ela disse que era uma região destituída de verdura, água e luz. Que fazia um crepúsculo constante e o solo era composto de cinzas, de modo que era doloroso caminhar, e os espíritos, na sua maior parte, rastejavam de joelhos. Phyllis tinha sido mais que descuidada durante a sua vida, mas fiquei chocada ao saber que ela estava a sofrer tal penalidade. Eu perguntei-lhe com que tipo de pessoas ela estava associada, e a resposta que me deu foi: "Do pior possível; assassinos e ladrões."

*"Mas, Phyllis,"* exclamei, *"que afinidade tinha você com essa gente?"*

"Eu fui uma mentirosa," respondeu ela, "e não pode haver pecado pior do que a mentira inveterada. Se um homem conseguir descer ao nível da mentira, será capaz de tudo. É só os nossos semelhantes que receamos. A Deus, deixamos que veja o que deles ocultamos."

Este espírito tinha-se entregue ao hábito fatal de beber enquanto esteve na terra, e a agonia que sentiu, sempre que via vinho ou cerveja sobre a mesa ou na sala, ao descobrir que não podia mais permitir-se tal coisa, foi terrível de se escutar. Já ouvi pessoas dizerem que, uma vez que o Espiritualismo nega a doutrina do velho mundo da condenação eterna, deve ter um efeito negativo nas mentes dos pecadores; uma vez que, se a crença universal fosse de que eventualmente todos viriam a ser felizes, ninguém procuraria ser salvo desde o início. Esse é um erro grosseiro. Jamais imaginei um inferno mais terrível do que o que os espíritos me descreveram: Verdadeiramente o "verme que não morre, e o fogo que não se apaga."

Imaginem cada palavra errada que pronunciamos gravada no fonógrafo reproduzida durante eras infinitas; cada ato errado que cometemos fotografado e preservado para contemplação da posteridade; e a seguir imaginem aqueles que proferem tais palavras, os praticantes dessas ações, obrigados a caminhar por uma galeria dos seus próprios erros, enquanto as suas blasfémias e obscenidades lhes soam aos ouvidos, e todos os que caminham com eles sabem que eles cometeram os atos e proferiram essas palavras! Imaginem os de mente obscena e impura, a ser corporalmente submersos num mar de lodo, horrível demais para que as palavras o descrevam, que lhes entra pela boca e narinas, e que se agarra às suas roupas, e mancha cada parte delas com o seu fedor e sentimento asqueroso! Isso foi o que Dewdrop me disse, ainda um dia destes, que era a esfera daqueles homens e mulheres que esqueceram o seu sexo e a sua humanidade.

Quando penso no que os meus amigos do Espírito me ensinaram e no que eles me contaram, sinto como se eles tivessem transformado todas as ideias preconcebidas que tinha sobre o futuro. Eles mostraram-me como, nas palavras do Grande Mikado, de Gilbert e Sullivan "o castigo se adequa ao crime"; como as palavras de São João são cumpridas ao pé da letra: "Quem é injusto, faça injustiça ainda, e quem está sujo, suje-se ainda, e quem é justo, faça justiça ainda." E jamais os meus amigos do Espírito me disseram uma palavra que enfraquecesse a fé que tinha na bondade de Deus, nem na Sua justiça e misericórdia imaculadas.

Outro dia, minha filha Eva, ao me escrever, começou a carta assim:

"Mãe! se você tivesse conhecimento da imensidão do amor e da bondade de Deus."

E tenho razão para ter inteira fé no que eles me dizem. Há dez anos atrás, perguntei a Dewdrop se algum dia deveria vir a ter outro filho que singrasse. Naquela época, eu estava ansiosa por que isso sucedesse; e parecia haver toda probabilidade de que eu devesse.

Ela considerou a questão durante alguns momentos e então respondeu, de maneira incerta:

"Não sei bem como responder à sua pergunta. Não vejo nenhuma probabilidade presente disso, e ainda assim pareço ver, no distante futuro, uma influência mais jovem a crescer a

seu lado, e sua certamente — porém, não de Frank "(referindo-se ao meu marido, Coronel Lean)," não! Não tem nada do sangue dele nela, apenas o seu — o seu.

Esta profecia levou o coração a animar um pouco mais do que o normal, e sempre lamentei que Dewdrop tivesse mencionado o assunto, principalmente por parecer ser de realização bastante improvável. Neste mesmo mês, porém, quase doze anos depois — agora, que recordo as datas — a sua profecia cumpriu-se, com o cargo de uma criança pertencente a um parente próximo, que foi jogada inteiramente nas minhas mãos, onde ela permanecerá até a minha morte, ou à dela. E assim ela vai crescer a meu lado — essa influência mais jovem que tem o meu sangue nas veias, e não o do meu marido — conforme Dewdrop predisse. Repetidas vezes tenho ouvido profecias da boca dos meus amigos do Espírito que pareciam as coisas mais improváveis do mundo de suceder, mas que sempre foram cumpridas e que agora jamais duvido de que venham a ser.

Há dois anos atrás, Dewdrop disse-me que havia sido convocada uma grande conferência nas esferas, e os espíritos chegaram à conclusão de que o Espiritualismo não havia feito o progresso que deveria ter feito, desde que fora reintroduzido na terra, então havia quarenta anos. Eles tinham visto que ele havia progredido apenas entre as classes mais baixas, e que, a fim de lhe imprimir um ímpeto, precisava ser levado ao conhecimento de um grupo de pessoas mais educadas e refinadas. Eles tinham, pois, determinado selecionar um certo número de trabalhadores pela causa, que deveriam ter acesso a um círculo superior da sociedade, e entre os escolhidos estávamos Bessie Russel Davis e eu.

"Mas lembre-se," disse Dewdrop, em conclusão, "que os nossos trabalhadores serão pagos, e bem pagos. Faremos isso porque, sabemos que, enquanto viverem, precisarão comer e beber; e nenhum homem pode dar-se ao luxo de abrir mão dos seus meios de subsistência, mesmo pela causa que mais deseja. Mas vocês terão que trabalhar, queiram ou não."

Esta declaração foi seguida pelo facto de eu ter sido intermediária na introdução da busca do Espiritualismo a centenas de pessoas nas chamadas classes altas; e por ter apresentado médiuns, e círculos estabelecidos, onde eles nunca antes tinham sido sonhados. De forma bastante acidental, ao que pareceu, foi-me feita a proposta, nesta primavera, de dar um curso de palestras, nas províncias, sobre Espiritualismo, que eu achei por bem aceitar. Foi tão bem-sucedida que se fará seguir por uma longa turnê no outono, e quando este livrinho chamar a atenção do público, espero estar de visita a cidade após cidade por causa disso.

Tudo isso aconteceu sem o menor esforço da minha parte; e, não tenho dúvidas, foi tudo projetado e posto em execução pelos meus amigos do Espírito. A minha amiga, a Sra. Davis, também poderia dizer que ela nunca esteve tão ocupada na sua vida antes. Estranhos acorreram de todos os quadrantes do globo para ela, para ter sessões com "Ned" ou "Dewdrop"; homens dos Antípodas, que precisam que lhes localize óleo ou água, para os seus negócios; senhoras e cavalheiros de profissão à procura de um noivado; mães que perderam os filhos (e esses são os clientes mais generosos, pois são os amantes mais fiéis); esposas separadas dos maridos; maridos, que gostariam de se separar das suas esposas; todos esses, e dezenas de outros pobres mortais, que não conseguem ver um metro diante do nariz, e anseiam por descobrir se estão no rumo do bem ou mal, do paraíso da felicidade, ocupam-lhe de tal modo o tempo que é difícil conseguir uma sessão com ela.

Muitos outros trabalhadores pela causa foram, sem dúvida, escolhidos pelos espíritos (dos quais tenho certeza, embora não tenha autoridade para o afirmar, que a Sra. Corner e o Sr. B—. formarão dois), e o Espiritualismo há de abrir o seu caminho, cada vez mais, nos círculos dos educados e da alta classe. O erro está em que tenha sido deixado enraizado por tanto tempo entre aqueles que consideramos ignorantes e inadequados para associação. É uma ciência com a qual os homens mais eruditos descobriram ser incapazes de lidar; de que modo poderíamos, pois, esperar que florescesse quando o seu conhecimento, ou melhor, prática, estava confinada àqueles que o aceitaram conforme ele surgiu, e não tiveram a capacidade, nem o poder de analisar de onde ele veio, e dirigido por quem. Recebi uma resposta muito realista de um espírito, a quem tinha dirigido a pergunta: por que razão os médiuns, via de regra, eram tão ignorantes e, muitas vezes, pessoas burros.

"Por não pretendermos uma casa recheada", disse ele; "queremos uma vazia. Se o cérebro estiver demasiado cheio e suscetível, não comportará espaço para nós. Não podemos desapossar o espírito, nem submete-lo ao sono. É como uma criança inteiramente desperta. Mal pensamos que está sossegada, ele desperta de novo. Não podemos competir com uma cabeça ativa, inquiridora e inteligente. Devemos trabalhar por meio das organizações (corpos) mais simples e deixar que as mais profundas percebam que realmente estamos presentes. O médium não sabe nada do que está a acontecer enquanto ela, ou ele, está a dormir, entende? Se tivéssemos que influenciar os espertos, quem iria restar para divulgar o conhecimento do Espiritualismo?"

Há uma ou duas experiências particulares, que me ocorreram recentemente, que, creio, deva, apropriadamente, introduzir neste capítulo, que é inteiramente pessoal. Bessie Davis tocou num deles nas suas reminiscências, mas ela não o descreveu *in extenso,* pelo que vale a pena repetir aqui. É uma referência a "Ned" e ao meu cavalo Beauty-boy. Comprei este cavalo enquanto potro e domei-o eu própria, ou seja, muito mal, de modo que ele adotou todos os tipos de liberdade comigo. Um dia, uma quiromante conhecida olhou para a minha mão e disse:

"Você dirige uma carroça com um cavalo vigoroso em alta velocidade, não?"

Eu respondi pela afirmativa, e ela prosseguiu:

"Se você não se separar dele, você vai sofrer um grave acidente. Vejo um cavalo assustado por um trem, paralisado de terror, e a correr em disparada por uma estrada. Vejo vinte minutos de expectativa agonizante e, em seguida, um choque e escuridão. Você não será morta, mas sofrerá uma fratura do crânio, que será seguida por meses de inércia e incapacidade para o trabalho. Se você desejar evitar isso, livre-se desse cavalo de uma vez."

Fiquei devidamente impressionado com esse aviso, especialmente por os meus amigos não considerem o potro seguro e já virem a instar comigo, já há algum tempo, para o vender. Porém, não entendi como é que "Ned" não me advertiu com respeito, e quando lhe fiz a pergunta, ele riu da profecia da quiromante.

"Você acha, moça," ele disse, no seu jeito áspero, "que se fosse perigoso, eu teria deixado você levá-lo por tanto tempo? Você não o dirige, ele é que a dirige a si! Mantenha a mão firme sobre ele, moça, e ele ficará bem. Não tenha medo."

Eu fui convencida, durante um tempo, mas os meus amigos não estavam, e imploraram-me, com tanta força, para que seguisse o conselho, que coincidia com a opinião deles, que eu pus o cavalo à venda, nas mãos de um corretor, e no dia seguinte um comprador foi encontrado para ele, e o meu Beauty-boy foi conduzido para fora do meu portão. Assim que ele se foi, arrependi-me do mal e quis tê-lo de volta. Eu preocupei-me durante uma semana, durante a qual "Ned" zombou de mim, impiedosamente, sobre a minha falta de decisão e, por fim, chamei o revendedor e perguntei se ele poderia comprar o animal de volta para mim. Ele disse que achava que isso poderia ser feito, se eu estivesse disposto a dar novamente a metade do dinheiro que recebera por ele, apenas uma semana antes.

Ele tinha sido comprado por um capitão de voluntários, para um carregador, e ele não se sentia inclinado a desistir da barganha que fizera. Não achei graça em voltar a comprar a minha propriedade com uma taxa de juros tão exorbitante, de modo que acorri de novo ao "Ned" e perguntei o que eu deveria fazer.

"Bem, eu não lhe disse, moça, para não se separar do potro. Eu disse-lhe que era apenas espírito de potro da parte dele que o deixava animado. Awh, bem! E agora você quer obtê-lo de volta. Bem, vou tentar ver o que posso fazer por si, mas de momento não vejo nenhuma maneira; mas veremos o que deverá ser feito."

Agradeci, mas voltei para minha casa sem qualquer esperança de voltar a obter o meu favorito. No dia seguinte, porém, recebi uma nota apressada do revendedor a dizer:

"Se você realmente quer o seu cavalo de volta, envie-me um cheque com o dinheiro que você recebeu por ele que eu acho que posso cuidar disso para si. O Capitão J —, levou-o para o exercício de sabre esta manhã e ele derrubou-o por duas vezes; de modo que ele agora está hesitante e declara que não o vai montar mais. Mas se você o quiser, não demore a enviar o dinheiro, pois quando a notícia de que ele está à venda se espalhar na cidade, mais chover mais do que uma oferta por ele amanhã de manhã."

Enviei o cheque de volta pelo portador da nota e, antes que a noite caísse o Beauty-boy foi alojado no seu próprio estábulo. Naturalmente, acorri ao "Ned" com a notícia.

*"Como foi que isto aconteceu, Ned?"* perguntei. *"Eu não consigo entender. Nunca na sua vida o Beauty-boy alguma vez derrubou alguém. Esse não é um dos seus defeitos. O que o terá levado a fazer isso? Que lhe terá o capitão J—, feito?"*

"O capitão não fez nada, moça," foi a resposta tranquila que ele me deu. "Fui eu próprio, que lhe fiz cócegas sob o rabo."

Recentemente, experimentei dois casos em que um espírito apareceu imediatamente após a morte. A primeira foi a da minha querida filha Eva, que faleceu em minha casa, às oito menos vinte da noite de um certo dia 20 de Julho. Ela morreu durante o parto, e a sua morte foi altamente inesperada e repentina. Uma hora antes de acontecer, o médico que a atendia garantiu que ela não estava a morrer. O seu irmão mais velho, Frank, andava de viagem pelas províncias, na época, com uma companhia teatral, e a única indicação que ele recebeu da doença da sua irmã foi numa mensagem apressada da minha parte, em qual eu lhe dei a saber acerca da doença, e acrescentei:

*"O médico garante-me que ela não incorre em perigo; mas não posso deixar de me sentir ansiosa."*

Na noite em que ela faleceu, ele voltou do teatro por volta das onze horas e foi para a cama. Ele tinha um amigo a ocupar o mesmo quarto, e após Frank ter adormecido, esse amigo acordou-o, e disse-lhe:

"Olha aqui. Tem uma mulher parada aos pés da tua cama."

O meu filho fez o que o amigo sugeriu e viu claramente a irmã na direção que aquele lhe indicou. Ela tinha sido notável, ao longo da vida, pelo comprimento e pela exuberância do cabelo que tinha, que usava solto, segundo ele me disse, e solto até os joelhos. Ela apresentou-se vestida com sua camisola de noite e ficou ali durante alguns minutos, com um sorriso triste. A visão impressionou-o tanto, que a primeira coisa que fez pela manhã foi telegrafar-me:

"Mande notícias da Eva."

O seu telegrama cruzou-se com outro da minha parte:

*"A Eva deixou-nos ontem à noite às oito horas."*

Uma velha e muito querida amiga minha, a quem tratarei pelo nome de batismo, "Annette," faleceu também, muito subitamente, de pneumonia, há cerca de dois anos. Ela tinha acabado de se mudar para uma casa perto da minha e eu estive com ela durante as suas horas finais. Ela esteve, aparentemente, inconsciente durante algum tempo antes de dar o último suspiro, e o filho mais a filha imaginaram que ela não podia ouvir ou apurar o que quer que estivesse a suceder ao seu redor. Eu adverti-os uma ou duas vezes a respeito do que diziam, dizendo-lhes que nunca poderemos estar certos de quando a inconsciência completa se instala numa pessoa que está a morrer.

Depois que ela se foi, assistida pela filha, eu lavei e preparei-lhe o corpo, e coloquei alguns crisântemos brancos e samambaias de cabelo de solteira sobre a cama e o travesseiro. Devo dizer-lhe que, cerca de um mês antes da sua morte, a minha amiga pedira para me acompanhar a uma das sessões do Sr. Towns, por se sentir muito desejosa de lhe dirigir algumas perguntas.

Annette, à semelhança de muitas outras mulheres casadas, não levava uma existência particularmente invejável e tinha estado, virtualmente, separada do marido durante algum tempo. As perguntas que ela, *mentalmente,* fez ao Sr. Towns foram: primeiro:

- Se os seus problemas terminariam em breve.
- Se ela iria ficar preocupada com a presença do marido na sua nova casa.
- Se os assuntos de dinheiro com que estava a lidar iriam dar certo.

Como essas perguntas foram feitas mentalmente, eu, é claro, só ouvi as respostas, que foram dadas em voz alta, e que foram as seguintes:

"Muito em breve. Ele jamais irá entrar.  Não se preocupe com isso nem com nenhuma outra coisa."

Quando saímos da casa do Sr. Towns, Annette apertou-me o braço e subitamente disse com alegria;

"Estou tão feliz! Ele convenceu-me em todos os detalhes!"

De seguida revelou-me as perguntas que formulara e os receios que nutria a respeito do marido a perseguir até à sua nova morada. Um mês depois, ela passou de todos os problemas para sempre, e a casa não ficou poluída com a presença do seu marido.

Ela morreu na madrugada de uma quarta-feira e, assim que as providências que mencionei foram executadas, voltei para minha casa e fui para a cama, bastante cansada. Na madrugada de quinta-feira, apenas 24 horas depois que Annette nos deixou, ela acordou-me. Eu a vi parada ao lado da minha cama, vestida com um roupão de flanela roxo, que eu nunca a tinha visto usar na vida. Ela sorria-me no seu jeito peculiar doce, mas não disse nada.

Entretanto, ficou tempo suficiente para que eu pudesse observar todos os detalhes da sua aparência pessoal, principalmente o roupão roxo. Depois do enterro, e ele não se tornar mais útil, o marido apareceu na minha residência. Ele estava, é claro, dominado pelo luto — geralmente os maridos ruins ficam. Não custa nada, e parece bem, especialmente de um homem, como este, que adotava pose de santo. Contudo ele fez uma revelação que eu achei interessante. Ele disse:

"Você sabe o quão pouco eu creio em fantasmas, mas aconteceu uma coisa muito curiosa um dia depois da morte da minha pobre e querida Annette. Era manhã bem cedo — olhei para o relógio de seguida, e descobri que eram apenas quatro horas — e acordei, sem motivo, para ver minha pobre esposa ao lado da cama. Mas a parte estranha de tudo isso é que ela parecia estar a usar uma roupa que havia descartado anos atrás. O facto é que quando a sua mãe esteve enferma vitimada pela sua última doença e Annette ficou, noite após noite, à sua cabeceira, o fazia um tempo muito frio, e eu trouxe-lhe da cidade um vestido de chá de flanela azul ou roxo para seu uso, e eu poderia jurar que ela usava aquele vestido idêntico quando me apareceu. Ou terá sido tudo uma ilusão da minha parte?"

Então contei-lhe como eu também tinha visto o mesmo roupão e acreditado que o espírito de Annette o havia assumido, porque o presente era provavelmente uma das poucas coisas gentis que o seu marido tinha tido para com ela. Precisam entender que foi a uma das últimas sessões livres do Sr. Towns que Annette me acompanhou, consequentemente ele não falou com ela, exceto enquanto estava sob controlo durante a noite, nem sabia o nome dela, nem tinha conhecimento da amizade que nos unia. Três meses depois da sua morte, participei de uma dessas sessões gratuitas de terça-feira à noite novamente, e o Sr. Towns (que *me conhecia* bem) dirigiu-se a mim como a primeira de todas as participantes. Ele disse:

"A última vez que você se sentou naquele sofá, senhora, uma senhora estranha, vestida de preto, com um véu sobre o rosto, sentou-se ao seu lado. Não sei se ela era sua amiga íntima, mas ela encontra-se sentada agora no mesmo lugar, e com o mesmo vestido, e ela tem a seguinte mensagem para si:

"Ah, minha mais que irmã, que me segurou nos seus braços enquanto eu estava a morrer, você tinha toda a razão quando disse que eu não estava inconsciente, embora incapaz de me mover ou falar, e ouvi cada palavra do que foi dito; vi tudo o que se passava. Fiquei a seu lado quando você colocou os crisântemos nas minhas mãos e no meu travesseiro, e me arrumou o cabelo na testa, e ansiava por lhe agradecer os amáveis ofícios. Diga a este homem que as profecias que fez com respeito à minha pessoa se cumpriram, e de uma forma mais afortunada do que eu jamais imaginara! Seja uma amiga para os meus filhos por mim, tal como você sempre foi um amigo para mim. Eu visitei-a uma vez e voltarei a visitá-la de novo, mas não agora — não durante muito tempo. Adeus."

Agora, há várias coisas a serem observadas nesta narrativa. Em primeiro lugar, o Sr. Towns nunca tinha visto Annette antes de ela o visitar comigo, e apenas como alguém que fazia de um grande círculo público. Além disso, foi a primeira vez que ela assistiu a uma sessão de qualquer tipo. Despois, as questões que ele respondeu foram de carácter mental e, em terceiro lugar, não houve comunicação entre ele e eu desde a morte dela; ele não tinha ouvido dizer que tivesse acontecido, porém, ele pode repetir com precisão o que tinha acontecido na época, e estava a par do facto de Annette me ter visitado desde então. Se isso não é mediunidade, não sei que nome os incrédulos lhe dariam.

Não vi Annette desde então, mas não tenho dúvidas de que virei a ver; senão aqui, pelo menos na Summer Land, onde espero, mais cedo ou mais tarde, reencontrar tudo o que conheci nesta esfera e sentir que são amigos. Muitos dos meus correspondentes desconhecidos pediram-me o endereço do Sr. Towns, que, lamento dizer, passou para a vida superior, no inverno de 1892. Enquanto clarividente, foi uma grande perda para o Espiritualismo; mas a sua saúde havia decaído fazia alguns anos e, com problemas de saúde, os poderes mediúnicos logo entram em declínio. Algumas das suas visões do futuro estiveram maravilhosamente corretas, mas ele exauriu o seu poder de fazer tantas sessões em público, costume que, segundo ouvi dizer, apressou consideravelmente o seu fim na terra.

## CAPÍTULO VIII
## **CORRESPONDÊNCIA ESPIRITUAL**

Há várias maneiras de nos correspondermos com os nossos amigos espíritos. Existe a escrita automática, a escrita direta e a escrita através do Heliograph, Ouija e Planchette. A primeira mencionada, a escrita automática, foi completamente explicada pelo Sr. Stead, no seu relato sobre a correspondência com a sua amiga "Julia". Eu também já fiz referência a isso num capítulo anterior.

A mão ou o braço de uma pessoa começam a agitar-se violentamente; às vezes, quase de forma cómica, de tal maneira que não consegue mantê-los quietos, por mais que tente. Este movimento involuntário pode, por vezes, ser acompanhado por dores agudas, como choques elétricos, que percorrem o braço até ao ombro; outras vezes, há uma sensação como se o membro estivesse rígido e paralisado. Em qualquer dos casos, se colocarmos uma caneta ou um lápis entre os dedos e pusermos uma folha de papel à frente do médium, é provável que a escrita automática aconteça, ou seja, a mão, depois de algumas tentativas falhadas que

resultam apenas em rabiscos sem sentido, acaba por se acalmar e ganhar controlo suficiente para formar letras e palavras, ou até desenhar rostos, flores ou paisagens.

A escrita ou o desenho automáticos são uma das formas mais comuns de mediunidade. Já conheci dezenas de pessoas que eram peritas nisso. Isto é algo que os espiritualistas conhecem há anos, apesar de muitas pessoas pensarem que foi uma invenção do Sr. Stead. Isso deve-se apenas ao facto de tanto ele como essas pessoas serem novos na ciência do Espiritualismo.

A Planchette, a Ouija e o Heliograph funcionam todos segundo o mesmo princípio e diferem muito pouco na sua construção. São instrumentos feitos para facilitar a escrita espiritual e podem ser usados por uma ou duas pessoas ao mesmo tempo. Nas mãos de um bom médium, tornam-se ferramentas bastante poderosas, mas os principiantes podem enganar-se a si próprios ao utilizá-los. A tremedeira que acontece naturalmente quando se mantém as mãos numa posição fixa durante muito tempo pode ser confundida com uma orientação espiritual, e os rabiscos sem sentido e os círculos que daí resultam são muitas vezes interpretados como letras e palavras, mas apenas na imaginação de quem os escreve.

Ainda assim, eu não desprezo os pequenos começos. Já vi comunicações incríveis serem feitas através da Planchette e da Ouija e, claro, se um espírito estiver realmente a guiar a mão do médium, a facilidade com que pode comunicar torna-se enorme. Por isso, aconselharia qualquer principiante a comprar um desses "quadros falantes" (como algumas pessoas lhes chamam) e a experimentar a sua sorte com ele. São bastante acessíveis. Creio que seis xelins e seis pence seja o preço mais alto.

Ao usá-los, tentem não estar demasiado atentos às letras que se estão a formar – concentrem-se noutra coisa, conversem com o amigo que está convosco sobre outro assunto qualquer; se conseguirem, e qualquer comunicação que receberem será ainda mais convincente para vocês.

Uma irmã minha, que viu a Ouija em minha casa, levou-a para sua casa e, desde então, tem tido uma correspondência impressionante com um velho amigo falecido – e isto apesar de ela não ser espiritualista, embora seja uma médium poderosa.

Mas, sem dúvida, a forma mais satisfatória de nos correspondermos com os nossos amigos falecidos é através da escrita direta. Isto acontece quando os espíritos escrevem as suas próprias cartas sem a intervenção de ninguém.

No livro "*There is no Death*", eu disse que nunca tinha conseguido ver satisfatoriamente o espírito do meu velho amigo, John Powles, até visitar a América. Felizmente, já não preciso de dizer isso. Desde que regressei a Inglaterra (ou melhor, desde que publiquei esse livro), já o vi, ouvi e recebi várias cartas dele, através da mediunidade de Florence Cook (Sra. Elgie Corner).

No ano anterior, passei o mês de agosto com ela na sua encantadora casa, Usk Vale, em Usk, Monmouthshire. Ela já não fazia sessões havia doze anos. Tinha ficado completamente desiludida com a injustiça e a intolerância dos investigadores londrinos, que, regra geral, tiravam dela tudo o que podiam e depois ainda a insultavam por isso, ao ponto de ela chegar à conclusão de que a vida de um médium era a vida mais miserável do mundo. Se as pessoas que a rodeavam tivessem demonstrado algum apoio ao Espiritualismo, provavelmente ela não

teria deixado os seus dons extraordinários ficarem esquecidos; mas como não tinha ninguém da área por perto, pôs tudo de lado e nunca mais tentou comunicar com os amigos do outro lado.

No entanto, quando fui visitá-la, as coisas mudaram um pouco. Nós não fizemos sessões para chamar os espíritos – mas eles vieram ter connosco, na mesma.

Era verão, um tempo lindo, e passávamos os dias a passear pelo campo de carro, ou no jardim, a divertir-nos com os animais e as filhas da Florence, sem pensarmos em nada de muito sério. Mas assim que começava a anoitecer, e as crianças saíam para caminhar, ficando só eu e ela, os nossos amigos espirituais faziam questão de nos lembrar que não estávamos sozinhas na casa.

Cadeiras atravessavam a sala até ficarem ao nosso lado – especialmente uma cadeira de baloiço, que começava a mover-se assim que nos víamos sozinhas – batidas surgiam espontaneamente nas paredes e no chão, e a escrita direta acontecia em mesas que estavam bem longe do nosso alcance, mesmo que tivéssemos qualquer intenção de nos enganar uma à outra.

Foi assim que recebi várias cartas de Powles, que era a última pessoa de quem esperava receber notícias através da Sra. Corner, já que ela nunca tinha tido qualquer ligação com ele, nem nesta vida, nem depois da sua morte.

É necessária uma pequena explicação para tornar claras as frequentes referências a "C. B." nestas cartas. Estas iniciais referem-se a um homem que prejudicou muito Florence Corner, fazendo-lhe acreditar que seria generosamente lembrada no seu testamento – levando-a a gastar uma soma considerável de dinheiro com essa expectativa – e depois alterando o testamento a favor de outra pessoa, sem sequer lhe dar qualquer aviso da sua intenção.

A sua morte deixou, por isso, Florence e o marido numa situação difícil, da qual lhes custou muito sair.

O espírito de C. B. estava a assombrar a casa quando lá estive, provavelmente atormentado pela consciência e ansioso por justificar o que fez; mas Florence recusava-se a dar-lhe qualquer oportunidade de falar, pois sentia que a sua energia era demasiado negativa. Ele, aparentemente, tentava impedir que Powles se comunicasse comigo; pois, sempre que o nome dele aparecia nas cartas, havia riscos ou cortes feitos com lápis sobre essas palavras, como se C. B. tivesse tentado apagá-las.

A primeira carta foi escrita com dificuldade, com o lápis e o papel no chão, debaixo da minha cadeira. Vou transcrevê-las exatamente como foram escritas.

"É muito desagradável lidar com C. B. O seu nível é baixo, tanto moral como fisicamente." (Sobre a palavra "moralmente", há um risco profundo feito com o lápis. – F. M.)
*"Sou um amigo sincero desta médium e desejo-lhe o melhor. Mesmo agora, C. B. está preso às garras de uma mulher má e sem escrúpulos. Meu querido coração, tu e ela farão muito, mas tenham cuidado. Ela está em grande desvantagem. Deus te abençoe, Flo. J. P. Este homem C. B. é desprezível."*

Receber esta comunicação deixou-me espantada. Não percebi logo de quem vinha, pois a assinatura estava um pouco trémula e não tinha tido qualquer indicação prévia de que Powles andava por perto. Uns dias depois, no entanto, enquanto a Florrie e eu estávamos sentadas sozinhas, ela entrou subitamente em transe devido ao espírito de C. B., que também tinha sido um conhecido meu.

Ele recusava-se a ir embora, apesar de eu lhe ter dito que não queríamos ter nada a ver com ele, depois da sua atitude desonrosa para com a médium. Mas fui tão direta com ele que acabou por se sentir desconfortável e decidiu partir.

Naquela mesma noite, colocámos papel e lápis na mesa, enquanto nos sentávamos juntas num sofá próximo, de mãos dadas, no escuro. O resultado foi a seguinte nota. Foi escrita numa folha do meu próprio papel de carta, com o meu nome e morada impressos, que não estava entre os papéis que tínhamos colocado na mesa. Tinha sido retirada do estojo de escrita no meu quarto. A palavra "Londres" foi riscada e substituída por "Usk", mas não havia data.

"Minha querida, sinto que tenho de te avisar do grande perigo que há em permitir que C. B. se manifeste através desta mulher. Eu só a conheci por tua causa, meu querido coração; mas também sei que tu e ela estarão intimamente ligadas, só que não já. Nós (ou melhor, eu, representando aqueles que mais vos amam) perguntamos se vale mesmo a pena permitires as visitas de um homem tão baixo, que, mesmo em plena dor pela sua injustiça, continua a ceder à influência perniciosa daquela mulher má.

O que interessa se ele te contar como estragou tudo? Isso vai melhorar em alguma coisa a situação da Sra. Corner? Não! Só vai reabrir feridas antigas. Há um futuro brilhante e feliz a caminho. Não o estragues aceitando um espírito miserável e baixo. Minha amiga, nós vamos garantir que tudo fique bem. Mostra isto ao Sr. Corner. Ele é forte e sensato. Sempre teu, J. P.

A minha força desapareceu."

Estas últimas palavras foram, imagino eu, escritas porque eu tinha comentado, em relação à primeira carta, que a assinatura não se parecia muito com a escrita de Powles. Esta também não era muito melhor, embora fosse perfeitamente legível.

A terceira comunicação, também escrita no meu próprio papel, foi muito breve.

"Querida, estamos fracos esta noite. Contar-te-ei muitas coisas na terça-feira. Estou a descobrir como agir.
J. P.
Sem forças. C. B. está aqui."

Esta carta também está rabiscada, como se C. B. tivesse tentado apagar a menção ao seu próprio nome. Foi, claramente, escrita com o objetivo de evitar que a Florrie permitisse que ele se manifestasse fisicamente numa sessão comigo, já que não queríamos, de maneira nenhuma, que isso acontecesse. A carta seguinte confirma essa intenção.

"Estamos a ir muito bem e estamos contentes que o Sr. Corner não queira que C. B. se prenda à Sra. C. Acredita em mim, ele iria (ou irá) causar mais mal do que bem. Há uma

grande preocupação a caminho para esta mulher, mas ela está a agir corretamente, apesar de ser muito mal interpretada e de estar a ser e continuar a ser difamada. Mas tudo ficará bem, querida, e tu e ela (mesmo nome, mesmo coração) terão um futuro feliz. As entrevistas tão curtas que permitimos são apenas para evitar que influências inferiores se imponham. Consigo usar melhor o teu papel, por isso tomei o que precisava.
Teu para sempre, J. P."

A próxima carta foi escrita em circunstâncias notáveis e é, por si só, uma pequena história.

Powles, como se pode ver, continuava a usar o meu papel de correspondência profissional, que tinha o meu nome e morada impressos. Era o único papel que eu tinha levado para Usk e guardava-o dentro de um estojo de escrita de couro, em cima da mesa do meu quarto. Tinha total confiança na honestidade da minha amiga Florence Corner. Sabia que ela era incapaz de me enganar, pegando no meu papel para forjar cartas de espíritos.

Mas também sabia que o público em geral nunca aceitaria o meu testemunho sobre este assunto. O público não esteve presente quando estas cartas foram escritas; e bastaria o menor pretexto para que alguém alegasse que tudo não passava de uma fraude.

Por isso, para garantir que ninguém suspeitava, decidi guardar o meu papel de uma forma que impedisse qualquer pessoa de o alcançar no futuro – qualquer pessoa, exceto um espírito. Com este objetivo em mente, peguei no meu estojo de escrita, numa noite depois de me deitar, e tirei tudo de dentro. Contei 40 folhas de papel de carta ainda por usar. Dobre-as dentro de uma folha maior e amarrei tudo com um fio de algodão, escrevendo por fora "40 folhas".

"Agora", pensei para mim mesma, "se eu receber outra carta escrita no meu papel e estas 40 folhas continuarem intactas, saberei que a folha usada deve ter sido tirada antes."

Fechei então o meu estojo de escrita, coloquei-o dentro do meu baú de viagem, tranquei-o e pendurei a chave ao pescoço com um pedaço de fio. Fui para a cama, dormi tranquilamente, acordei e desci para o pequeno-almoço na manhã seguinte, com a chave ainda ao pescoço, sem dizer uma palavra a ninguém sobre o que tinha feito.

Acho que, nesse dia, fomos todos a uma exposição de flores e a um piquenique. Lembro-me que estivemos tão ocupados que acabei por esquecer completamente as minhas precauções secretas. Nem mesmo quando a Florrie e eu, demasiado cansadas para sair com as suas filhas, ficámos sentadas ao serão, a trabalhar e a conversar, me lembrei daquilo. A sala onde estávamos era uma espécie de boudoir da Sra. Corner, situada no mesmo andar que o meu quarto e mesmo ao lado, embora sem porta a ligar os dois espaços, apenas uma parede de tijolo. De repente, enquanto falávamos, a Florrie soltou um grito e um objeto grande atravessou a parede, passando rente à sua cabeça e aterrando no meu colo.

"O que é isto?" exclamou ela, assustada. "Quem fez isto? Alguém está a pregar-nos uma partida!"

Coloquei as mãos sobre o embrulho. Era o meu estojo de escrita e, com ele, tinha sido atirado um porta-canetas de cortiça que eu usava para evitar cãibras e que também estava dentro do estojo quando o tinha trancado na noite anterior. Fiquei espantada, mas

imediatamente contei à minha amiga a história que acabei de contar aqui. Ela estava completamente incrédula e recusava-se a acreditar. Tinha a certeza de que alguém tinha conseguido pegar na chave do baú. Então, tirei a chave de debaixo do fio que a mantinha pendurada ao meu pescoço o dia inteiro.

"Vá lá, Florrie," disse eu, "antes de abrirmos este estojo, vamos buscar uma luz e examinar o meu baú de viagem."

Fomos então para o quarto ao lado e tentámos abrir o baú, mas a fechadura continuava bem presa, tal como eu a tinha deixado. Depois destrancámo-lo, mas nada parecia ter sido mexido lá dentro. O passo seguinte foi abrir o estojo de escrita e contar as folhas de papel, que continuavam dobradas e amarradas com o fio de algodão, exatamente como eu as tinha deixado. Mas, em vez de quarenta, só havia trinta e nove folhas.

Ao examinar os outros compartimentos do estojo, encontrámos a seguinte carta, dentro de um envelope selado e endereçado a "À minha querida amiga, Florence Marryat." O conteúdo era o seguinte – as primeiras seis linhas estavam escritas a tinta, embora não houvesse tinta no estojo:

"Usk, agosto de 1892.

MINHA QUERIDA,
Estou a tentar escrever com a tua caneta e esta tinta, mas não dá. Tanto poder desperdiçado... Infelizmente, esta mulher está tão fraca fisicamente (não mentalmente) que conseguimos ver que a cabeça dela corre perigo. Ainda assim, enquanto houver poder, não vendas a casa."**

(Referia-se a uma das minhas casas em Kensington, pela qual eu tinha recebido uma proposta. – F. M.)

"Peguei na tua caneta, mas não serve."

(Aqui a comunicação continua a lápis. – F. M.)

"Florence Corner será uma grande peça no teu futuro. Farei mais antes de saíres daqui, mas agora ela está a correr atrás das miúdas e está a atrapalhar-me."

(A Florrie tinha estado a brincar no jardim com as filhas nessa tarde, enquanto, suponho eu, a carta estava a ser escrita. – F. M.)

"Ela é tão poderosa que é difícil mantê-la só para nós. Tira F. de Londres e mantém a casa dele em segredo. Peguei no teu papel, mas não devias tê-lo amarrado com algodão. Vou ficar com a tua renda, mas não com a tua caneta. Florence está aqui, mas agora quero-te só para mim.

J. P."

A referência a "F." eu compreendi perfeitamente, assim como a menção ao porta-canetas, que tinha sido atirado para o meu colo junto com o estojo de escrita. Mas a parte da renda deixou-me intrigada. Então, olhei dentro do meu baú e percebi que um pedaço de renda de

Honiton, que eu costumava usar como fichu, tinha desaparecido. Powles só me conheceu nos primeiros quatro anos do meu casamento, quando eu ainda usava algumas das minhas roupas de noiva. O pedaço de renda que ele tinha levado era a única peça, dentro do meu baú, que pertencia a essa época e que, sem dúvida, ele me tinha visto usar nos velhos tempos – renda boa é imortal.

Mas tinha desaparecido completamente, não havia dúvidas disso. Por isso, limitei-me a arrumar as minhas coisas e esperei que ele a devolvesse. Na manhã seguinte, estava no meu quarto depois do pequeno-almoço quando a Sra. Corner entrou. Era uma bela manhã de agosto, com um sol forte a entrar pela janela aberta.

"Agora, Florrie," disse eu, "vamos ver se o Powles já me trouxe o fichu de volta."

Abrimos o baú e revistámos tudo o que estava lá dentro, mas não havia sinal da renda desaparecida. Enquanto revirava as coisas no tabuleiro, ajoelhada em frente ao baú, exclamei:

"Oh, esse rapaz teimoso. Espero que não fique com ela para sempre, porque é a última limpa que tenho."

No momento em que disse isto, o fichu de renda veio voando de volta, aparentemente através da janela aberta, e caiu diretamente sobre o meu rosto virado para cima. Florrie e eu já tínhamos feito duas ou três sessões para materializações, mas, acho eu, por ela ter ficado tanto tempo sem praticar, os resultados tinham sido apenas parciais – ou seja, ainda não tínhamos conseguido obter uma forma completa, como antes. No dia 1 de setembro, encontrei a seguinte carta do meu amigo debaixo da minha almofada, quando me levantei. Descobri-a ao pegar no meu lenço que estava ali guardado.

"MEU QUERIDO CORAÇÃO,

Sem dúvida que estás desiludida com os resultados, mas tudo o que estamos a fazer agora é apenas uma preparação para o que em breve acontecerá. Não sou infalível, assim como nenhum outro homem o é, mas vejo claramente que precisas de tirar F. de Cardiff.

Gosto do cavalo"**

(Referia-se a um potro baio que eu tinha acabado de comprar. Powles era um excelente cavaleiro e entendido em cavalos, ao ponto de, no seu regimento, ter ganho a alcunha de "O Centauro." – F. M.)

"mas não o forces a trabalhar, apenas exercita-o durante quinze dias. Lava o olho só com água"

(o tratador estava a usar óxido de zinco. – F. M.)

"e mantém o ombro dele lavado com água de louro.

Tenho pena desta pobre mulher, mas os problemas dela na tua vida terminarão este mês. Tu e ela farão muito. Deus te abençoe.

J. P."

No dia 4 de setembro, tinha decidido deixar Usk e visitar alguns amigos em Devonshire.

Na noite anterior, enquanto estávamos sentados à mesa de jantar, uma mão pousou-se sobre o meu colo, debaixo da mesa, e depositou ali a seguinte nota. Eram oito horas; o gás estava aceso; à mesa estavam sentados o Sr. e a Sra. Corner, as duas filhas deles, duas amigas e eu própria. Os criados estavam a servir e a passar pela mesa naquele momento. Não havia qualquer possibilidade de truques.

A minha atenção foi chamada para o que estava a acontecer quando senti o meu vestido ser puxado levemente. Olhei para baixo e vi uma mão sobre o meu colo – uma mão nua, com um aspeto perfeitamente natural, segurando um envelope e estendendo-o para mim. Peguei nele.

Dentro havia metade de uma folha de papel, com as seguintes palavras escritas a lápis:

"MINHA QUERIDA F.,

Estou aqui, bem perto de ti, e vou ajudar-te com F. Tira-o daqui e tudo ficará bem. Vou vigiar-te e garantir que tudo corra bem.

J. P.

Esta mulher é aquela que fará mais do que todas as outras para confirmar o teu livro e a nossa realidade."

Agora, isto é o que eu entendo por escrita direta. Não tinha qualquer dúvida sobre a autenticidade destas cartas, não porque não conseguisse encontrar outra explicação para o facto de terem sido escritas, mas porque continham referências a coisas que só eu conhecia – e esse é o único teste que realmente vale a pena. Não voltei a visitar a Sra. Corner até ao mês passado (abril). Durante os dezoito meses que se passaram, não recebi qualquer comunicação escrita de Powles, por isso, concluo que ele não consegue escrever através de outro médium.

Na última ocasião, a Florrie e eu fizemos duas sessões para receber mensagens escritas. Colocámos o papel e os lápis sobre uma mesa, no escuro, e sentámo-nos com as mãos entrelaçadas – ela segurando ambas as minhas mãos, e eu as dela – sem mais ninguém presente além de nós as duas. As primeiras três comunicações, escritas por diferentes espíritos, demoraram quatro minutos a serem concluídas, e a seguinte demorou três minutos. Vou transcrever a primeira exatamente como foi escrita:

"Ne grondez pas, chérie Marie. Je danserai encore moi."

"É inútil resistires, Florrie. Temos-te e vamos manter-te, e cuidar de ti." (Sem assinatura.)

"Eu sei de todos os preparativos e vou garantir que os resultados sejam bons amanhã. Não permitas que ninguém entre neste quarto, a não ser que seja absolutamente necessário, durante o dia todo. Florrie, podes confiar em nós. Não tenhas medo, não deixaremos que te

magoem, e tens uma boa proteção à tua volta. C. B. está aqui, mas não nos interessa a sua presença neste momento.

Querida Sra. Ross-Church, não dissemos, há anos, que tu e a Florrie acabariam por se juntar?

A minha força está a falhar. I. E. B.

Vai agora. QUERIDA FLO, como sempre, J. P."

Agora, é inútil tentar convencer os leitores de que sei que estas cartas são genuínas, porque estava sozinha com a Sra. Corner e segurei-lhe as mãos o tempo todo.

Eles não estavam presentes; não seguraram as suas mãos; têm de confiar na minha palavra para tudo – e, por tudo o que sabem, eu podia estar a mentir descaradamente.

Mas há detalhes nelas que até um estranho pode notar como curiosos.

Se as cartas tivessem sido fabricadas, porque razão não recebi uma longa carta do Sr. Powles, em vez de apenas algumas palavras escritas apressadamente, só para me dizer que estava ali, sem poder para me dizer mais nada? A primeira mensagem foi, claramente, enviada por "Marie", que foi a entidade que passou a manifestar-se através de Florrie Cook depois de Katie King ter ascendido a um nível superior.

Marie tinha sido bailarina na sua vida terrena e costumava dançar assim que saía do gabinete espiritual, o que irritava Florrie, pois achava isso demasiado frívolo para um espírito e que os participantes das sessões não iam gostar. A sua saudação favorita para o médium, naquela época (há catorze anos, recordo), costumava ser "ne grondez pas!", e vejam só a audácia de acrescentar "je danserai encore moi!", como quem diz "vou fazer o que me apetecer".

A mensagem assinada I. E. B. – iniciais de Isabel Elizabeth Blunt – veio de um dos espíritos mais puros e respeitáveis que alguma vez se manifestaram através da Sra. Corner, mas que não se tinha comunicado connosco durante todo este tempo. Isso explica porque se dirigiu a mim como "Sra. Ross-Church", pois esse era o meu nome na época em que me conheceu. Também prova como é ridículo pensar que os espíritos são omniscientes e omnipresentes, como o Todo-Poderoso.

Isabel não tinha qualquer ligação comigo, exceto enquanto amiga do seu médium. Conhecia-me, como qualquer pessoa comum, por um determinado nome e, como não tinha estado perto de mim desde então, não sabia que eu o tinha mudado.

Mas muitas pessoas veriam isso como prova de que ela não podia ser um espírito, porque não sabia desse facto. A profecia de que Florence Corner e eu acabaríamos por trabalhar juntas pelo Espiritualismo já tinha sido dita há anos e continua a ser reforçada até hoje; por isso, não tenho dúvidas de que, eventualmente, se concretizará. Na manhã seguinte, mesmo antes de partir para apanhar o comboio, Florrie disse-me:

"Vem ao meu quartinho. Tenho a sensação de que vamos receber alguma coisa."

Fui com ela e, depois de prepararmos tudo, sentámo-nos com as mãos entrelaçadas, como antes. Na noite anterior, tínhamos feito uma sessão de materialização com um cavalheiro estranho – estranho, quero dizer, ao Espiritualismo – e ele revelou-se tão forte e harmonioso que os espíritos ficaram encantados com a sua energia.

Para uma primeira sessão, depois de tanto tempo sem praticar, foi um sucesso surpreendente, pois a forma completa apareceu quase de imediato, embora não fosse reconhecível.

(Soube-se depois que era Marie.)

Acredito que é a esta sessão que I. E. B. se refere na sua carta.

"QUERIDA SRA. ROSS-CHURCH:

A antiga profecia cumpriu-se, e o destino da Florrie está selado."

(Para mim, isto significa que, apesar de a Sra. Corner ter declarado repetidamente que nunca mais usaria os seus dons mediúnicos para o público, terá de seguir a vontade dos seus guias espirituais e voltar ao trabalho, quer queira, quer não. Enquanto não tinha ninguém para se sentar com ela, isso era impossível; mas os espíritos conseguiram apresentá-la, através de mim, à família desse cavalheiro, e acredito que será através deles que acabará por voltar à vida pública. – F. M.)

"Ela terá muito sofrimento pela frente, mas isso é necessário. O Sr. B. é a sua outra metade mediúnica. Não lhe digas nada, mas deixa as coisas acontecerem naturalmente. Nos próximos meses, nada de grande importância acontecerá, exceto o desenvolvimento dela e dele.

I. E. B. Para Flo, não para Florrie."

"MINHA QUERIDA FLO,

É difícil ver-te e não poder estar perto de ti, ainda mais porque esta rapariga se adapta tão bem a nós; mas não há nada a fazer, porque o momento decisivo da vida dela chegou e, por enquanto, temos de dar-lhe espaço. Meu amor, estás sempre no meu coração e, quando ouço novamente a tua voz querida, esqueço o tempo que passou e sinto-me como sempre fui: teu,

J. P."

Esta é, na verdade, uma carta tão íntima e apaixonada que quase sinto que não devia torná-la pública – mas, como é para demonstrar a verdade e a força do Espiritualismo, o meu amigo escreveu-ma. Estas duas cartas, que juntas contêm duzentas palavras (tive de omitir algumas partes muito pessoais), foram escritas em três minutos, pelo meu relógio.

Escrevê-las no escuro absoluto, e com tal rapidez, não seria uma proeza que muitos humanos conseguissem realizar. A Bessie Davis e eu já conseguimos obter muita escrita direta ao sentarmo-nos juntas. Uma noite, depois de participarmos numa sessão mista, encontrámos uma folha grande de papel coberta de rabiscos aparentemente sem sentido.

Virámos o papel para todos os lados, tentámos diferentes iluminações, mas não conseguíamos perceber nada.

Até que a Sra. Davis teve a ideia de segurá-lo contra um espelho – e, de repente, tornou-se perfeitamente legível. Estava escrito, numa caligrafia grande e redonda:

"PARA A QUERIDA FLORENCE MARRYAT:

Gosto do teu círculo e vou ajudá-lo sempre que puder.

Fiz uma grande confusão da minha própria vida, mas agora estou livre para mostrar a outros como serem mais felizes do que eu fui.

O teu, M. K."

Esta nota não foi assinada apenas com iniciais, mas com o nome completo de uma senhora conhecida por ambas, e que, na altura (pelo que se acreditava), ainda vivia em Nova Iorque. Por isso, pensámos que devia ser outro espírito a usar o seu nome para nos enganar. No entanto, pouco tempo depois, lemos no jornal sobre a sua morte – que tinha ocorrido exatamente na tarde do dia em que me escreveu.

"Florence" e, mais recentemente, a minha querida filha Eva, costumam escrever-me pequenas notas através da Sra. Davis e, às vezes, até prendem flores, como botões de rosa, ao papel onde escrevem.

Há anos, quando tinha o hábito de usar a Planchette, costumava receber cartas longas escritas em caracteres alemães – uma área de estudo que, lamento dizer, nunca cheguei a dominar. Naquela altura, isso irritava-me, porque parecia que eu conseguia adivinhar as palavras antes de a Planchette as terminar.

Por exemplo, se escrevia *han*, eu sabia imediatamente se ia ser *hand* (mão), *handkerchief* (lenço) ou *handle* (cabo, manípulo). Por isso, comecei a pensar que a escrita devia ser apenas uma reação do meu próprio cérebro nos meus dedos e decidi deixar de usar a Planchette. No entanto, os meus amigos espirituais insistiram para que eu continuasse e, a partir desse momento, todas as palavras passaram a ser escritas ao contrário, de forma que eu só conseguia lê-las depois de as soletrar.

## CAPÍTULO IX
## AS SESSÕES QUE TIVE COM CECIL HUSK

Dedico este capítulo a um relato das sessões que desfrutei sob a mediunidade do Sr. Cecil Husk, de 29 South Grove, Peckham Rye, e ainda mais feliz fico por poder fazê-lo, por acreditar que o Sr. Husk foi muito deturpado e injustamente acusado. Ele teve, como a maioria dos médiuns, de passar sob a amargura da ignorância e da intolerância, e sofreu agudamente com isso. Mas, uma vez que as experiências que estou prestes a relatar, aconteceram sob os seus auspícios durante os últimos dois anos, confio que o testemunho da indubitável autenticidade do que testemunhei pode ter o efeito de dissipar a lembrança

de qualquer coisa que meus leitores possam ter ouvido contra os poderes desse notável médium.

A primeira vez que o seu nome foi mencionado ao meu ouvido, foi em 1882, quando eu estava em turnê com a D'Oyley Carte "Patience" Company, em que a Srta. Angela Husk (sua irmã) desempenhava o papel de "Lady Angela." Assim que ela percebeu as minhas tendências espiritualistas, ela disse-me: "Ah, como eu gostaria que você conhecesse o meu irmão Cecil! Você precisa ir e ter uma sessão com ele, quando você voltar para Londres," o que eu prometi fazer. Muitas coisas, no entanto, intervieram para atrasar o cumprimento da minha promessa, e não foi senão em 1892, dez anos depois, que o nome do Sr. Husk foi novamente trazido com destaque ante o meu conhecimento, e eu tive a minha primeira sessão com ele.

Eu considero-o um homem superior em muitos aspetos. Ele, como a sua irmã, foi um cantor profissional durante alguns anos, até que a visão fraca o obrigou a desistir de aparecer em público. Ele agora está tão cego que, embora possa distinguir formas ao entrar numa sala, ele não consegue reconhecê-las até que falem com ele. Alguns dos opositores do Espiritualismo foram bons o suficiente para espalhar a notícia de que a cegueira do Sr. Husk era fingida, com o propósito de enganar melhor os clientes. Com isso, a Baronesa Wauchtermeister levou-o até o velho Crichett, já falecido, que declarou a cura impossível.

Considero a cegueira do Sr. Husk, embora infeliz para ele, um grande fator na sua mediunidade. Qualquer um que saiba como é difícil "compensar" adequadamente o palco, mesmo com a vantagem de algumas luzes, irá entender como seria absolutamente impossível um homem assumir uma dúzia de personagens diferentes, quando fechado no escuro, ou mesmo à viva luz, quando ele está, infelizmente, cego. Ainda assim, os pretensos detractores de Cecil Husk insistiram que, quando na escuridão perfeita, é muito fácil para ele transformar o rosto, de um homem jovem no de um velho, ou de uma menina no de uma mulher; e aparecer à luz, sem uma mancha no rosto ou na barba, nem na peruca torta.

Quando ouço pessoas discutirem assim, fico doente de pensar em como o mundo em que vivemos está cheio de tolos, que insistem em condenar coisas que são inteiramente incompetentes para julgar. As pessoas por vezes consideram-me desagradável, por me recusar a estender-lhes a apresentação a médiuns que conheço, e a dar-lhes os seus nomes e endereços.

Há alguns meses, apresentei um cavalheiro de quem tinha a mais elevada opinião, ao Sr. Husk e, até agora, minha apresentação mostrou-se justificada. Mas esse cavalheiro, por sua vez, mandou alguns amigos seus até o Sr. Husk, que foram aceites com a mesma boa-fé que ele. Esses dois homens (pois não posso chamá-los de cavalheiros) foram admitidos numa sessão com o Sr. Husk, nas mesmas condições que o seu introdutor, ou seja, que eles observariam todas as condições impostas aos assistentes pelos controladores, uma das quais é, como o mero novato sabe, não acender uma luz enquanto as manifestações estão a decorrer.

Esses homens, porém (contrariando todas as regras de honra e boa fé), exibiram uma luz elétrica, enquanto os espíritos se manifestavam, e denunciaram todo o processo como fraude, por não haver espíritos à vista, e a cortina branca, segundo a sua versão (e eu, por exemplo, nunca poderia aceitar o testemunho de homens que poderiam cometer tal quebra de confiança, sem uma pitada muito grande de sal), estava estendida sobre a mesa, e a cabeça e os ombros do Sr. Husk. Bem, tivessem esses homens sido clarividentes e capazes

de ver no escuro, e eles teriam visto que, quando as cabeças dos espíritos apareciam sobre a superfície da mesa, eles procediam *do peito do Sr. Husk* e estavam ligados a ele. Eles são formados em parte fora do cérebro dele, em parte pelas forças contribuídas pelos presentes.

Se, quando a luz foi lançada sobre eles, eles não tivessem voltado imediatamente para o médium, a vida deste provavelmente teria pago a perda do ultraje cometido contra ele por aqueles homens. À medida que as partículas espirituais se mesclavam novamente com as partículas do médium, a cortina (que, na desmaterialização, sempre desaparece após a forma) seria, naturalmente, deixada sobre a mesa, ou corpo do médium. Quando a forma completa se desmaterializa à vista e desce pelo chão, a cortina, invariavelmente, é deixada para trás por alguns segundos, até que faça o mesmo. Já vi isso ser feito inúmeras vezes e sei que é um facto. Mas é assim que a maioria das pessoas investiga o Espiritualismo.

Eles vão a fim de descobrir, não uma grande verdade, mas uma grande fraude, e por isso nunca descobrem nada, porque é maravilhoso demais para eles captarem tudo a um só tempo, e eles não se permitem ir mais longe. Se eles apenas se prejudicassem, no entanto, isso teria pouco significado; mas o mal é que prejudicam o médium. Qual foi o efeito do ultraje que relatei cometido com respeito ao Sr. Husk? Ele sofreu um derrame paralítico depois disso. Quando ele foi acordado do transe em que se encontrava daquela maneira repentina, ele ficou paralisado de terror e correu como uma criatura louca. O resultado foi que ficou muito doente durante algum tempo, e o médico que o atendeu pode testemunhar o forte choque que sofreu.

Durante meses ele não conseguiu fazer sessões, excepto a amigos, e tudo porque dois ignorantes foram suficientemente desonrosos para não ter fé nele e se acharem mais sábios do que todos os que haviam trilhado o caminho antes deles. Será de admirar, depois de tal experiência, que os médiuns se recusem a fazer sessão com pessoas de cuja boa-fé não estejam perfeitamente seguros? Isso me lembra a Florence Cook e o Sr. Volckman, e a noite que eu e Lady Caithness passamos ao lado dela, enquanto dois médicos estavam presentes e a médium em convulsões. Mas eu não sei se o Sr. Volckman alguma vez confessou que estava errado, por ter agarrado a forma espiritual nos seus braços e ter feito o médium ter ataques. Os homens sobre os quais tenho escrito, e o cavalheiro que os apresentou a Cecil Husk, andaram a afirmar que o haviam detectado com artimanhas e levaram muitos outros, sem dúvida, a acreditar que estavam certos.

Que o meu testemunho pese contra o deles na escala das evidências. Desde que participei pela primeira vez em sessão com o Sr. Husk, há dois anos, tenho sido uma visitante frequente dele, e em circunstâncias difíceis; pois, quase todos os amigos a quem tenho mencionou o seu nome, fizeram questão de que eu comparecesse à primeira entrevista, quando os olhos e os ouvidos, via de regra, estão todos atentos para descobrir a razão e o motivo de tudo. Eu familiarizei-me bem, pois, com os seus controladores e o método de trabalho dele. John King é o principal controlador de sua sala de sessões, e os outros encontram-se todos sob as suas ordens.

Em 1892, participei com cerca de uma dúzia de amigos em doze sessões com o Sr. Husk. Elas aconteciam todas as quintas-feiras, sob condições muito estritas, e todos os assistentes eram homens e mulheres de educação e posição social. As sessões eram de gabinete, ou seja, o médium entrava num gabinete formado por uma cortina escura estendida sobre um canto da sala, com uma cadeira colocada dentro dele, e as

materializações eram todas inteiramente formadas. Assim que o Sr. Husk tomava assento no gabinete, ouvíamos os controladores subordinados a conversar sobre todos os tipos de assuntos; mas, logo que John King chegava, seguia-se um silêncio absoluto.

Esses controladores subordinados consistem em cinco homens, que são tratados pelos apelidos de "Tio," "Christopher," "Ebenezer," "Tom Hall" e, por último, embora não menos importante, exceto no tamanho, o meu querido e velho amigo, "Joey," que costumava manifestar-se por meio de William Eglinton nos velhos tempos, e que me seguiu ao Novo Mundo, e se me mostrou lá.

Esses controladores são empregados na recolha dos materiais com os quais John King trabalha, para que não haja demora na sua chegada. Assim que isso acontece, pode-se ouvi-lo a emitir as suas ordens para uns e outros, tipo: "Faz esses passes mais para a direita"; ou, "Mantem a cabeça erguida"; ou, "Dois de vós levantem os ombros, de modo a colocá-lo numa posição mais ereta"; e os outros espíritos respondem: "Tudo bem, John"; ou, "Eu já fiz, John, "etc., etc. Para mim, é uma das coisas mais curiosas, nestas ocasiões, ouvir as conversas trocadas entre os próprios Espíritos, cada um com uma voz tão distinta que, após um breve contacto com eles, seria tão impossível confundi-los como as vozes dos nossos diferentes amigos. Tenho questionado John King tão particularmente quanto posso, sem monopolizar muito do seu tempo, quanto à maneira por que as formas materializadas são produzidas, e a resposta que me deu foi a seguinte:

"Quando os controles reúnem a matéria com que eu trabalho - alguma de todos no círculo, mas principalmente do cérebro do médium - eu moldo com ela uma máscara de plástico, um pouco como cera quente ao toque, mas tão transparente quanto gelatina, à semelhança rude de um rosto. Compreende que sempre há uma multidão de espíritos prontos aqui para se mostrarem aos seus amigos - muito mais do que podemos permitir que apareçam. Eles desenvolvem-se na sua forma espiritual, mas seriam completamente invisíveis para a maioria dos assistentes, a menos que envoltos na minha máscara transparente; sem ela, eles seriam igualmente incapazes de manter a sua forma ou aspeto, quando expostos ao ar exterior.

Eu coloco, pois, essa substância plástica sobre as características do espírito, e moldo-lha nela. Se os espíritos tiverem paciência para ficar parados, eu posso, em geral, fazer uma excelente semelhança do que eles eram na vida terrena, mas a maioria deles tem tanta pressa em se manifestar que eles tornam a minha tarefa muito difícil. É por isso que muitas vezes o espírito aparece aos amigos e eles não lhes conseguem reconhecer nenhuma semelhança. Ele não me deu tempo suficiente para moldar a máscara para os seus traços.

"Certa vez, um jovem saiu e os amigos reconheceram-no plenamente, o que o deixou tão satisfeito que voltou várias vezes para se lhes mostrar. Durante todo esse tempo, uma jovem ficou à espera da sua vez e, quando o jovem voltou ao gabinete, pela última vez, ela estava com tanta pressa de seguir o exemplo dele, que não parou para que eu moldasse a máscara no seu rosto, mas saiu a correr com metade do bigode do jovem pendurado no lábio, o que lhe dava uma aparência muito grotesca."

Encontrava-se um cavalheiro na companhia, no momento em que esta história foi contada, que recordou as circunstâncias, e confirmou. As sessões de gabinete sobre as quais estou a escrever agora eram bastante privadas e realizadas entre amigos, de modo que as formas que apareciam eram principalmente conhecidas dos participantes. A primeira a aparecer, pela qual tive algum interesse, foi a do duque de Clarence. Como não fazia parte da lista de

visitantes reais, não tive nenhum contacto pessoal com ele durante a sua vida, e fiquei intrigada, a princípio, a pensar por que ele deveria ter-me escolhido para prestar o cumprimento de uma visita. Mas eu tinha, em comum com o resto da nação, ficado profundamente triste com o anúncio da sua morte, e, conforme será visto a seguir, ele parece ter tido consciência disso.

Algum tempo antes de ele aparecer, nós ouvimo-lo a protestar, dentro do gabinete, e a dizer:

"Deixe-me em paz. Deixe-me em paz. Você não vê que estou doente? Deixe-me descansar."

Ele, evidentemente, acreditava que ainda estava deitado na sua cama em Sandringham. Não sabíamos quem estava a falar daquela maneira; mas, assim que o duque apareceu, eu o reconheci pelas suas fotos. Exclamei:

"Ora, é o duque de Clarence!" E ele respondeu: "Não, não me chame isso. Chame-me 'Eddy.'

"Lembrei-me então de uma história que ouvi segundo a qual, alguns meses antes da sua morte ele tinha ido visitar um clarividente, que lhe disse, entre outras coisas, que "Casamento, para ele, se soletrava Morte."

"Então, o clarividente estava certo, meu pobre rapaz," disse eu, "e casamento, para si, *com efeito* significou a morte." Ele empertigou-se, recuou alguns passos, e exclamou, em voz clara, de modo a ser ouvido por todos: "Não, senhorita Marryat, não a morte — Vida! Diga a todo mundo que se soletra — Vida!"

Esta foi a primeira vez que o duque apareceu; mas, depois disso, ele veio sempre que participamos. Por vezes, ele era notavelmente parecido com ele próprio; em outras, não. Geralmente, ele perguntava-me se ele tinha a aparência anterior. Um dia, eu disse-lhe, ele ficaria, na minha opinião, se a pele dele fosse um pouco mais clara. Ele retirou-se para o gabinete, mas voltou, um minuto depois, com uma tez muito mais clara, mas, também, um rosto muito mais curto. Eu ri. e disse: "Ah, vá embora; agora você não está nem um pouco como você próprio"; ao que ele sorriu também e desapareceu completamente.

A Lady G —, que conhecera bem o Príncipe durante a sua vida, ficou muito interessada em saber que eu o tinha visto e contactou-me, com o propósito expresso de perguntar como ele era e o que ele havia dito. "Ele era como ele próprio?" foi uma das perguntas que ela me fez. Hesitei: "Bem, nem sempre," respondi. "E percebi uma coisa nele, que parecia muito

diferente. Sabe o quão particular ele era com o cabelo. Estava trazia-o sempre tão bem arrumado, com o cacho sobre a testa. Bem, o cacho sumiu. O cabelo parece despenteado na testa, como se alguém o tivesse desarranjado com os dedos, de propósito."

"Você deu-me a melhor prova possível da identidade dele," disse Lady G.; e ela então contou-me que estava em Sandringham na época da lamentada morte do duque, e a mecha de cabelo que ele costumava usar foi cortada como uma lembrança, e o cabelo restante despenteado sobre a testa, tal como Eu descrevi como ele estava a usar. Se o relato de Lady G. era verdadeiro (e não tenho razão para duvidar da sua palavra), era uma prova excelente que eu lhe tinha dado, considerando que eu nunca tinha visto o duque de Clarence, exceto no aspeto das publicações. Claro que conversei com ele, nas muitas ocasiões em que o vi, sobre diversos assuntos; mas, do mesmo modo, é claro, dificilmente posso repetir as nossas conversas aqui. Quando perguntei por que ele veio com tanta perseverança a uma pessoa humilde como eu, que nunca teve nada a ver com a realeza na sua vida, ele disse:

"Porque você ter chorado por mim." "Mas metade da nação chorou por você," respondi eu. "Sim; talvez; mas você - você não é aquela que chora por todos," o que é bem verdade. Certa vez, quando acompanhei outro duque à casa do Sr. Husk, e o Príncipe Eddy apareceu, ele imediatamente se dirigiu ao recém-chegado com o seu título, e assim traiu o incógnito que desejava preservar, e do qual o Sr. Husk não tinha o menor suspeita.

Em outra ocasião, fui convidada a participar numa sessão espírita com o Sr. Husk, dada por diversos jovens da cidade. Aceitei, acreditando que eles fossem buscadores sinceros da verdade, em vez de um grupo de trocistas, que meramente se reuniam para zombar de tudo o que pudessem ver ou ouvir. Entre eles, entretanto, estava um cavalheiro que, segundo me disseram, era ou fora clérigo ou tutor em Sandringham e conhecido do duque de Clarence. De qualquer forma, assim que nos sentamos, o duque apareceu e foi direto até esse cavalheiro e falou com ele. O meu filho marinheiro estava por essa altura em terra e eu falei-lhe sobre as entrevistas anteriores.

Ele perguntou-me por que eu não deixei que aqueles que estavam profundamente interessados no reaparecimento do duque soubessem do que eu tinha visto. Eu ri e disse: "Não, obrigado, meu filho! Não quero trazer uma tempestade de pedras de granizo reais para os meus ouvidos." E, de facto, muita gente fica bastante ofendida se você lhe disser que viu os seus falecidos. Elas parecem pensar que é uma grande impertinência da nossa parte, ter experimentado aquilo por que não passaram, e esquecem que tais coisas estão além do seu controlo. Portanto, não agi de acordo com a sugestão do meu filho, e o assunto não foi aventado de novo entre nós. No entanto, na vez seguinte que visitei o Sr. Husk, e o Príncipe Eddy apareceu, ele ficou do lado de fora do gabinete e chamou-me para ir até junto dele. Quando me aproximei, ele sussurrou: "Não conte ainda aos meus. Senhorita Marryat."

Não me lembrei, a princípio, ao que ele estava a aludir; mas quando me lembrei, respondi: "Ah, você está a falar do que o meu filho me disse! Bem, se você o ouviu, também deve ter-me ouvido dizer que eu não tinha intenção de trazer uma tempestade de granizo real para os meus desafortunados ouvidos."

"Não é isso," disse ele; "mas é que eles ainda não estão prontos para esta fase do Espiritualismo! Você própria diz que nem sempre sou reconhecível. Por vezes sou como eu

próprio e outras vezes não, e se eles me vissem quando não me apresento parecido, isso os colocaria contra ele de imediato. A hora chegará, mas ainda não é o momento. Nunca me sentei com o Sr. Husk sem que esse espírito me aparecesse mim, e se, com as notícias que alcançaram os altos níveis, eu estiver condenada a ser levada a uma "execução instantânea," di-lo-ei até ao meu último folgo.

Com ele, muitas vezes vinha, mas nem sempre, o Príncipe Imperial, outra vida bela, jovem e preciosa interrompida lamentavelmente cedo. Agora, com relação a esta aparição, gostaria de mencionar o que chamo de *prova de identidade.* Eu não conhecia esse príncipe mais do que o outro, e só conseguia reconhecê-lo pelas suas fotos. Qualquer jovem de aparência distinta, com pele morena, olhos escuros e corpo esguio, poderia passar-se por Príncipe Imperial a um estranho. Mas era *o puro sotaque Parisiense* com que se dirigiu a mim que me convenceu da sua identidade.

Éramos todos homens e mulheres de cultura, como já disse; mas, atrevo-me a afirmar que nenhum de nós sabia falar Francês como o Príncipe Imperial me falou. Não há como confundir o sotaque Parisiense puro. É algo que muito poucos Ingleses adquirem, embora vivam em Paris; e, nos lábios desse espírito, era inegável. Não o tenho visto com tanta frequência como vi o duque de Clarence; mas, nas primeiras vezes, eles sempre vieram juntos, ou em sucessão imediata um ao outro; e o Príncipe Imperial invariavelmente falava com o mesmo sotaque.

Como estas sessões tiveram lugar no escuro, preciso explicar o meio pelo qual vimos e reconhecemos os espíritos. O Sr. Husk tem uma quantidade de folhas de cartão de encadernação, pintadas com tinta luminosa, e expostas durante o dia; e, ao saírem do gabinete as formas pegam em duas dessas folhas, e mantêm-nas, na forma de tenda, sobre as suas cabeças, meios esses pelos quais eles são inteiramente iluminados para a pessoa para quem eles vêm como se estivessem sob uma lâmpada. A única desvantagem desse plano é, na minha opinião, apenas os amigos que procuram poderem ver os rostos dos espíritos, por a pequena tenda proteger completamente as feições deles do resto dos presentes.

Tivemos uma experiência curiosa durante essas sessões, com o Capitão Fred Burnaby, que tinha sido amigo íntimo do Sr. Douglas M., um dos presentes. John King bradou do gabinete:

"Aqui está alguém para si, Sr. Douglas M., mas ninguém tinha a menor ideia de quem estava para vir. Na verdade, quem saiu a espreitar foi a figura alta do Capitão Fred Burnaby. Todos os que conheceram esse senhor, sabem o enorme peito e par de ombros que ele possuía, e a cabeça em forma de melão relativamente muito pequena. Ele saiu, segurando as duas placas iluminadas perto do rosto, enquanto John King o orientava. "À direita, por favor! O cavalheiro à direita."

O espírito caminhou até o lado do Sr. Douglas M., e então, com uma espécie de grito, largou as duas tábuas e ficou na escuridão. "Meu Deus! M.," exclamou ele, "Eu jamais esperaria vê-lo" e, então, ele correu de volta para o gabinete o mais rápido que pôde. O tom e exclamação foram exatamente o que se poderia esperar ouvir de um mortal que de repente encontrou um espírito. O Capitão Burnaby apareceu ao seu amigo diversas vezes depois disso, mas o medo inconfundível dele foi piada que pegou entre nós durante algum tempo. Logo depois dele, veio o querido, velho Frank Buckland, com os seus cabelos finos e grisalhos e barba, e uma vara de pescar sobre o ombro. Também ele veio para o Sr. Douglas M., e teve uma conversa um tanto longa com ele.

Estou a relatar tudo o que consigo lembrar dessas doze sessões, reunindo as suas experiências numa, por assim dizer, sem me demorar a identificar qual delas estou a aludir, já que os mesmos espíritos apareceram a quase todos. Foi aqui que encontrei John Powles novamente, a primeira vez desde que estive na América, e a primeira vez, em absoluto, na Inglaterra. John King dirigiu-se a mim de dentro do gabinete.

"Aqui está uma amiga sua, Florence, que não envergará vestes brancas. Ele diz que nunca usou lençóis e nunca os vai usar, mas que deve aparecer com roupas de tecido de lã."
"Quem é ele, John?", perguntei. Mas John nunca dará o nome de um espírito. Ele diz que se for demasiado débil para dar o seu próprio nome, ou muito diferente do seu eu terreno para ser reconhecível, é melhor esperar até que tenha mais poder. Assim, ele não me disse que se tratava do Powles.

"Por que quer que ele envergue vestes brancas?", perguntei eu em seguida; "o que há de bom nisso?"

"Elas preservam a forma material emprestada do espírito por mais tempo do que qualquer outra coisa," respondeu ele; "Eu sei que vocês mortais imaginam que os espíritos aparecem em branco como um símbolo da sua pureza, mas não é assim. Usamos vestes brancas em vez de qualquer cor, por descobrirmos, por experiência própria, que nos é mais útil. Mas, como o seu amigo deseja aparecer em trajes terrenos, ele pode fazê-lo; mas ele não será capaz de ficar tanto tempo, em consequência."

Um minuto depois, a cortina abriu-se e John Powles apareceu diante de mim. Ele estava vestido (aparentemente) com um cinza áspero, ou fato de lã fulvo, embora John King tivesse jogado um pedaço de veste branca sobre os seus ombros. Ele parecia exatamente com ele próprio e falava distintamente. Eu disse:

"Meu caro velho amigo, como fico feliz por o ver tão parecido com o seu antigo eu" e ele respondeu:

"Sempre, minha querida, na vida ou na morte." O cabelo e a barba dele eram da cor dourada avermelhada que eram em vida; os olhos azuis China, e a estatura e constituição exatamente como eu lembrava. Todos no círculo o viram tão claramente quanto eu, e o ouviram falar, e comentaram sobre o fato de lã que ele usava; o médium tinha entrado no gabinete com um fato preto. Powles apareceu com frequência desde então, por meio de Husk. Certa vez, quando estávamos sentados em volta da mesa, o rosto dele apareceu de repente diante de mim, mas, para minha surpresa, tinha o cabelo branco como a neve.

"Ora, qual é a piada agora?", exclamei eu; "o que você fez ao seu cabelo e barba?"

"Você sempre me chama de" garoto," respondeu ele, "e fala como se fosse muito mais velha do que eu. Assim, eu pensei em mostrar-lhe como eu deveria ser, se tivesse continuado nesta terra."

Na verdade, ele era vários anos mais velho do que eu e teria sido um homem velho a esta altura, na vida terrena, e fico feliz em pensar que ele tenha alcançado a Terra da Juventude Eterna. Ele, geralmente, diz algo doce para mim, como "Mais querida de todos" ou "A amiga mais querida que tenho," o que é, ouso dizer, muito verdadeiro agora, já que a

maior parte da sua própria família morreu e ele tem a companhia dela ali. E eu deverei procurar vê-lo entre os primeiros a dar-me as boas-vindas, quando eu passar.

A minha filha Florence era, é claro, o prato pé do dia nessas sessões, e todos os presentes tinham ânsia de a ver, após terem lido a sua história em *"There is no Death."*

Uma tarde (sempre fazíamos sessões à tarde), perguntei se ela poderia trazer um dos meus bebés, e comentei, à minha vizinha do lado:

"Acho que a materialização de um bebé é uma prova convincente e tanto de genuinidade," ao que ela aquiesceu. Florence disse que tentaria e, retirando-se para o gabinete, logo voltou, a acenar com a cabeça e a sorrir, na direção do braço esquerdo dela, enquanto carregava na mão direita uma placa de madeira iluminada. Eu olhei para o braço esquerdo. Sobre ela trazia uma criaturinha, não maior do que uma boneca de um centavo, mas ainda viva, como se podia ver claramente pelos seus bracinhos, que balançavam de um lado para o outro. Fiquei a olhar para ele com espanto, enquanto a Florence continuava a sorrir e a acenar com a cabeça.

"Este é um bebé meu!"

Eu exclamei, a rir. "Eu não me vou apossar dele. Vai-te embora, sua fraude, e arranja-me algo melhor."

Para minha surpresa, Florence concordou e, quase imediatamente voltou com uma criança de talvez nove ou dez meses de idade; um bebé grande, que conseguia sentar-se direito, que ficava a virar a cabeça para ver a companhia, tinha olhos azuis e uma cabeça com pequeninos cachos cor de linho. Florence não deu a volta no círculo nessa ocasião, de modo que todos os presentes não viram as duas crianças; mas a senhora ao meu lado viu-a, e distintamente, e expressou tanta surpresa quanto eu.

A minha tia, a Sra. Bury Palliser, fora uma mulher bem conhecida no mundo das letras e das artes. Ela tinha sido a irmã favorita do meu pai, o capitão Marryat, e sempre foi uma amiga boa e gentil para mim. Uma tarde, John King anunciou:

"Um espírito para si. Senhorita Marryat! Não sei quem ela é, nunca a tinha visto antes, mas é um parente seu, uma senhora idosa, e ela tem a mão direita erguida. Há sangue nela, como se tivesse sido rasgada. A ação é destinada como um guia, caso você não a reconheça." Mas não havia necessidade de guia; pois, assim que vi o espírito, reconheci a minha querida tia Fanny, com o rosto tão parecido com o meu, que muitas vezes as pessoas diziam que eu era parecida com ela, muito mais do que qualquer um dos seus próprios filhos. Eu também vi a mancha de sangue na mão, mas não entendi, até que tive tempo de pensar sobre o assunto e de me lembrar do que me disseram a respeito da sua última doença.

Ela morreu da doença de Bright, e a agonia que sofreu, no final, foi tão grande, que ela cravou os dentes nas costas da mão e mutilou a carne. Eu não estava presente na ocasião, mas fui informada disso depois da sua morte; a circunstância, portanto, não me veio imediatamente à mente, de modo que ninguém pode imaginar que tivesse havido algum conluio cerebral no caso.

Outro espírito, que vi pela primeira vez, quando estava nessas sessões, foi o do meu guia Persa. Já faz algum tempo que me disseram que o meu guia mais poderoso era um antigo Persa, mas, de forma alguma conseguira descobrir o nome dele. Uma tarde, porém, uma figura vestida de branco saiu do gabinete e saudou-me com um "salaamed" diante de mim. Perguntei quem ele era, mas não recebi resposta, apenas outro profundo “salaam,” como deveríamos ter chamado na Índia.

Era um homem de pele escura, olhos pretos e uma barba negra, toda entrançada em pequenos rabichos. Ele usava um turbante e uma longa túnica que lhe chegava aos pés, e envolvia a cintura com uma faixa branca do mesmo material. Perguntei a John King quem ele era, mas tudo que recebi foi que ele era o meu controlador mais potente. Desde então, eu vi-o diversas vezes, e ele deu-me o nome de Abdullah Ben-adad Pen-rudah Mahomet Abdullah, o que é um nome e tanto de se repetir se estivermos com pressa. Terei ocasião de mencionar o meu Abdullah a seguir.

Uma aparição muito interessante, que aconteceu durante essas sessões, não deve ser omitida. Havia, naquela época, uma certa casa, em Hammersmith, que havia sido mal-assombrada anos atrás; tão mal, na verdade, que a dona dela, uma senhora solteira, não conseguia persuadir nenhum criado a ficar com ela durante a noite, quando o espírito assombrado de um homem velho costumava entrar-lhe no quarto e sacudi-la na cama, exclamando:

"Saia da minha casa. Saia da minha casa!"

Ela deve ter sido uma senhora corajosa, pois costumava responder:

"A casa é minha, e não sua," e adormecia calmamente de novo. Entretanto, alguns do nosso círculo, tendo ouvido falar desse espírito e obtido permissão da dona da casa para realizar uma sessão lá com o Sr. Husk, haviam se reunido, na semana anterior, e entrevistado o fantasma, que havia abusado de todos eles redondamente, à vez.

Entretanto, tinham conseguido extrair dele a sua história e a razão do purgatório pelo qual ele estava a passar. Ele disse que, cento e cinquenta anos antes, ele ocupara a casa, com a sua única filha, uma filha; que essa filha se tinha perdido, e que quando ela se tornou mãe, ele ficou tão furioso que colocou o pobre bebé no fogo e o queimou até a morte, e a visão disso deixara a infeliz jovem mãe enlouquecida, tanto que ela correu escada acima e se atirou do telhado da casa, despedaçando-se nas pedras, em baixo.

Na quinta-feira após esta sessão ter sido realizada na casa mal-assombrada, em Hammersmith, John King informou-nos que esse simpático senhor tinha seguido o seu médium até à sua casa, e que ele tivera grande dificuldade em evitar ser incomodado por ele nesse ínterim; que o espírito do assassino estava no gabinete naquele momento, e muito ansioso por se manifestar; mas John não permitiria que ele fizesse isso, sem a permissão do círculo, visto que ele estava preso à terra e era baixo, e provavelmente não nos faria nenhum bem. Mas, por outro lado, se consentíssemos em entrevistá-lo, deveríamos ajudá-lo a elevar-se e a romper as correntes que o prendiam a este mundo.

Claro que todos nós demos um consentimento sincero; eu, pelo menos, estava muito ansiosa por ver como era o velho desgraçado. Em poucos minutos, pois, ele apareceu. Acho que nunca vi um semblante mais vil. Só posso compará-lo ao de um "Fagin"* decomposto. Os

olhos dele eram pequenos e encovados, sob as sobrancelhas peludas mais formidáveis que já vira. O nariz como o bico de uma águia; os lábios protuberantes, sensuais e de um tom azul; o cabelo, emaranhado e sujo; as unhas pareciam garras e as mãos viam-se cobertas de pelos. Ele mostrava-se deformado ou agachado enquanto caminhava lentamente ao redor do círculo, murmurando para si próprio, num tom de lamúria: "Senhor, quanto tempo, quanto tempo? Esta tortura nunca irá ter fim? Por que eu não posso morrer? Por que não posso eu morrer?"

** NT: Personagem antagónico do romance ficcional Oliver Twist, de Charles Dickens.*

Este foi um outro caso em que o espírito era tão humano que não conseguia perceber que havia saído do corpo. A maior parte do círculo afastou-se desse espírito terrível com aversão; e, de facto, ele parecia pronto para matar outra pessoa. Quando ele se aproximou do meu lado, esfregando as mãos peludas e murmurando consigo próprio, inclinei-me para a frente e disse com um dos meus sorrisos mais doces:

"Meu amigo — você não sabe que você passou desta vida? Você não está no corpo de momento. Você morreu há anos. "Ele voltou o rosto de lascivo, perverso na direção da minha, encarou-me por um instante, e então assobiou:' Maldito seja. Eu não passei'. Resposta cortês ao meu pedacinho civil de informação essa que me calou por completo.

Depois que esse Sir Charles Grandison* espiritual nos deixou, a filha materializou-se e falou igualmente connosco. Ela era uma garota de aparência agradável, de, talvez, vinte anos, vestida à moda do seu tempo, com uma touca de lã e um lenço preso ao peito, os cabelos castanhos encaracolados a cair-lhe de cada lado do rosto.

** NT: Personagem de uma novela epistolar da autoria do escritor Inglês, Samuel Richardson, de 1753*

Ela agradeceu-nos por termos permitido que ela e o pai tivessem estado entre nós. Foi a primeira vez, acrescentou ela, que eles deixaram a casa em Hammersmith desde que os seus crimes foram cometidos; mas ela esperava, agora, que eles nunca voltassem para lá de novo, mas começassem a ascender. Foi uma repetição, no que diz respeito à libertação dos seus laços terrenos, através da nossa intervenção, da "História do Monge," que apresento no meu livro anterior. Nunca mais os vi; mas foi uma experiência que me marcou profundamente.

Tive permissão para levar um jovem cavalheiro amigo a uma dessas sessões, por ser a primeira sessão de materialização a que ele comparecia. Eu sabia que este senhor tinha três irmãos vivos; mas sobre quantos bebés tinham morrido na sua família, eu nunca soube, e ele próprio quase se esquecera. Contudo, logo depois de nos sentarmos um ao lado do outro, um jovem saiu do gabinete directamente na direcção do meu amigo e olhou para ele com muita seriedade.

Eu perguntei-lhe se ele reconhecia o espírito como alguém pertencente a ele, e ele respondeu que "Não." Entretanto, o espírito surgiu diversas vezes até que instiguei o meu amigo a perguntar se ele poderia apresentar o nome e dizer que relação (se alguma) ele tinha consigo. Ele fez isso, e a resposta que recebeu foi "Irmão."

"Você perdeu algum irmão?"perguntei eu, e ele acenou com a cabeça em resposta, enquanto exigia do espírito:

"Qual irmão?" A resposta foi dada, sem hesitação, "Willy."

Examinei então a aparência do espírito e percebi que ele possuía os mesmos olhos do meu amigo, um par de olhos muito grandes, do azul mais escuro. Após a sessão, expressei surpresa por nunca ter ouvido que ele havia perdido um irmão, e ele disse:

"Bem, isso não é surpreendente, pois eu quase tinha esquecido; mas os dois bebés nascidos antes de mim, eram meninos, e ambos morreram quando bebés, um se chamando Frederico e o outro William, e isso é realmente tudo o que sei sobre o sucedido." Se o próprio Sr. Husk representa esses espíritos materializados, "inventando" (como o cético me sugeriu), de dentro do gabinete escuro, é notável que ele seja capaz de adivinhar os nomes e sexos dos bebés mortos, de que nem mesmo os parentes deles se lembram. O jovem, que nos apareceu, parecia ter cerca de vinte anos. Ao comentar isso, o meu amigo disse que teria vinte e dois anos, se tivesse vivido. O espírito respondeu: "Não, quatro e vinte!," o que se constatou ser correto.

Falei apenas das formas que apareceram nessas sessões, para mim e para os meus amigos imediatos; mas quase toda a gente no círculo recebia testes satisfatórios da presença dos seus próprios parentes. Naturalmente, porém, não se dá muita atenção ao advento de estranhos, a menos que eles se tenham tornado famosos, de uma forma ou de outra. Contudo, um exemplo disso se apresentou-se à minha perceção.

O cavalheiro que já mencionei como Sr. Douglas M., havia perdido uma irmã, chamada Mary, que era esposa de um oficial que havia servido na Índia, e a quem chamarei de Capitão O. "Maria, "que era um espírito de aparência muito doce, apareceu várias vezes ao Sr. M., e à sua esposa, e tanto convenceu os dois da sua identidade, que eles ficaram ansiosos por que o Capitão O. também a visse. O Sr. M., disse-me que o Capitão O., era um grande cético; mas ele pensou que se visse o espírito da esposa, ele acreditaria. Para tal fim, ele organizou uma sessão privada, à qual deveria trazer o Capitão O.; os únicos outros participantes eram a sua esposa, ele próprio e eu. Esse plano foi colocado em acção e, no dia marcado, nós quatro reunimo-nos na casa do Sr. Husk. A razão do nosso encontro ali não foi mantida em segredo em relação à médium.

Ele tivera muito tempo para fazer os seus preparativos; ele havia (como diriam os céticos) imitado com muito sucesso o espírito de Maria antes; o facto de o fazer de novo poderia ter trazido grandes vantagens para si próprio — onde estaria, pois, a dificuldade de chamá-la de volta? No entanto, como o evento provou, interveio algum obstáculo insuperável.

Tivemos uma sessão de muito sucesso; vários amigos dos participantes apareceram, mas não Mary. Devo dizer que o facto de o Sr. Douglas M. ter falado com o espírito da irmã foi cuidadosamente omitido do Capitão, pois eles estavam ansiosos para ver se ele reconhecia a esposa, tão prontamente como haviam feito. Eles esperavam confiadamente vê-la reaparecer, mas o tempo passou e não houve sinal dela. De repente, uma velha melodia Indiana, que eu bem recordava de ter ouvido muitas vezes tocada nos tambores nos bazares de Madras, soou no pequeno instrumento de cordas, que estava sobre a mesa, e que se intitula "The Fairy Bells. "Eu exclamei:

"Ora, essa é a velha melodia do bazar." 'Capitão O., reforçou a afirmação e, imediatamente, um rosto escuro de Índio apareceu na mesa e parou diante dele. Ele reconheceu esse rosto como pertencente a um antigo "kitmaghur" dele, que tinha exercido ao serviço dele, durante dezasseis anos na Índia, e dirigiu-se a ela em hindustani, ao qual respondeu de forma volúvel.

Eles mantiveram uma conversa por algum tempo, e o Capitão O., reconheceu estar perfeitamente convencido da identidade do espírito com quem havia conversado. Agora, há dois pontos a serem observados, quanto à genuinidade das manifestações do Sr. Husk, neste incidente. Em primeiro lugar, por saber que o Sr. M. desejava muito que o seu cunhado visse o espírito de "Maria," e ter organizado o encontro expressamente para esse fim, por que "Maria" não apareceu, e aumentar a sua própria reputação como médium? Em segundo lugar, uma vez que por uma razão ou outra, "Mary" não esteve disponível, e o Sr. Husk (presumivelmente) substituiu por um espírito Indiano "inventado" em seu lugar, como foi que ele poderia conversar, fluentemente, em Hindustani, com o seu cliente enganado?

O meu objetivo ao colocar essas e outras questões semelhantes preto no branco é levar as pessoas raciocinadoras a exercer as suas faculdades de forma a resolvê-las; não levar os tolos a exclamar: "Ah, não pode ser verdade, por nunca termos experimentado nada parecido." Capitão O., era um cético. Ele acompanhou o irmão e a cunhada à casa do Sr. Husk, esperando estar diante de alguma fraude; no entanto, ele viu e conversou com um criado Indiano, que conhecera há dezasseis anos, de modo que não era provável que se enganasse quanto à sua identidade; um servo que os parentes dele nunca tinham visto e que jamais tinham esperado ver.

Além disso, o Hindustani é, talvez a língua mais difícil de dominar no mundo. Muito poucos oficiais Indianos conseguem passar um exame, e ser capaz de falar como um nativo significa ser perfeito no seu uso. Se Cecil Husk personificou aquele chefe nativo, como conseguiu ele falar Hindustani, de modo que um oficial que havia vivido entre os nativos, não detetasse nenhum erro na sua fala ou pronúncia? É ridículo imaginar que ele pudesse ter falado pelo príncipe imperial, tal como pudesse ter pronunciado o Francês Parisiense. Mas "Mary" não apareceu durante aquela sessão, embora, suponho eu, a sua cortina branca e pigmentos para "maquilhagem" etc., estivessem prontos à sua espera, na mesa em frente ao médium.

Essa não foi uma sessão de gabinete, mas de mesa, ou seja, os assistentes sentaram-se em volta de uma mesa no escuro, pegando nas mãos uns dos outros, enquanto apenas os rostos e bustos dos espíritos apareciam diante deles. Essa é a maneira usual com que Husk faz as sessões, já que a produção da forma completa exige o dobro das suas forças. Recebi algumas das manifestações mais satisfatórias sob essas condições.

Vou-lhes contar como a minha querida e velha mãe veio ate mim lá; mas primeiro devo contar a história da sua morte, ocorrida em 13 de Fevereiro de 1883. Ela era uma senhora muito idosa e desaprovava o costume de empilhar flores em caixões, tão difundido hoje em dia. Ela tinha ido ver uma velha amiga, morta, pouco tempo antes da sua própria morte, e censurara fortemente o absurdo de ter encontrado seu cadáver mirrado coberto de lindas flores brancas, como se fosse uma menina.

"Flores não, lembrem-se!" foram praticamente as últimas palavras que ela repetiu, quando estava a morrer, e, de acordo com a vontade dela decidimos não colocar nenhuma no seu

caixão. Mas, no dia em que o caixão foi fechado, comprei um grande buquê de violetas profundas, roxas de cheiro doce, e dividi-o em cinco pequenos buquês, um para cada uma das suas filhas, e quando lhos coloquei no peito, eu disse:

"Você disse 'sem flores,' mãe, mas não vai se importar com estas violetas, só um ramo por cada uma das suas filhas."

Era o início da primavera daquele ano, e o perfume das violetas era tão forte que encheu a sala enquanto ali estiveram. A minha mãe esteve muito inquieta e delirante durante alguns dias antes da sua morte; mas, nas horas finais, ela recobrou a consciência e reconheceu-nos. Vendo-me inclinado sobre ela, ela sussurrou "Canta, Flo — canta 'Rock of Ages' o que eu, consequentemente, fiz, e logo ela faleceu.

Eu não tinha visto a minha mãe, nem ouvido falar dela, até que, uma noite, entrei na sala de sessões do Sr. Husk, na companhia de vinte ou mais estranhos e, ao fazê-lo, todos sentimos um forte cheiro de violetas, embora estivéssemos no mês de Agosto, em que não havia violetas a florescer. As senhoras viraram-se, a perguntar "Você tem algum perfume de violeta?"

Ou "Você tem algum pó de violeta?" Mas eu disse:

"Este cheiro não vem de nenhum cheiro nem pó. Você não consegue sentir o cheiro? É o cheiro de violetas frescas." Mas, ainda assim, não associei isso a nenhuma ideia da minha mãe. Quando a sessão avançou um pouco, as "Fairy Bells" tocaram "Rock of Ages." A Sra. Husk, que estava presente, perguntou-me:

"Isto é para si, Srta. Marryat? Não me lembro de ter ouvido essa música tocada aqui antes."

Então, a combinação das violetas e do hino trouxe minha mãe à mente, e eu disse: "Não tenho certeza; mas acho que o reconheço."

No mesmo momento, *um novo ramo de violetas, húmido de orvalho,* me foi enfiado sob o nariz, e eu mal tive tempo de exclamar, com espanto pela circunstância, antes que uma mão fosse posta no meu ombro por trás, e eu ouvi a voz da minha mãe sussurrar: "Sim, querida, sou eu! Foste muito desobediente ao colocares flores em mim quando eu disse para não o fazeres; mas estou feliz com isso agora, polo que sempre hei de vir até ti com meu dois símbolos, o hino e as violetas." Foi nessa ocasião que lhe perguntei:

"Você está muito feliz agora, querida mãe?" e ela respondeu:
"Sim! Muito feliz; mas Flo!, *é tudo muito diferente* do que eu imaginava."

Hão de ver, a partir disto, que o Sr. Husk se torna cada vez mais inteligente à medida que estas sessões prosseguem: pois ele agora descobriu não só (o que Nunca lhe contei, nem a ninguém) que havia posto violetas no caixão da minha mãe, contra a vontade expressa dela, mas ele aprendeu o segredo de produzi-las frescas, cheirosas e húmidas de orvalho, em meados de Agosto. Ele "devia fazer" uma fortuna.

Um dia, eu fui a uma sessão, por convite, com alguns céticos muito obstinados, que investigavam o Espiritualismo puramente do ponto de vista científico. Eram três advogados,

e dois deles sentados de cada lado do Sr. Husk, segurando as mãos dele firmemente entre as suas. Então, eu ouvi-os a especular sobre a possível identidade de um espírito que estava ante eles, mas de costas para a minha ponta da mesa.

"É um Americano," disse um dos cavalheiros; eles constantemente usam aquelas barbas pontiagudas." "Parece-me mais um estrangeiro," respondeu o outro, "ao estilo de Francisco I."

Logo, o espírito veio para o meu lado da mesa. Quando ele me avistou, todas as suas feições relaxaram num sorriso, e ele disse: "Ah! Florence, minha querida, eu andava à sua procura. Estou tão feliz por a encontrar de novo, minha querida — tão feliz!" Eu reconheci-o imediatamente como sendo o meu cunhado, Lynall Thomas, falecido no final de 1887. Ele era praticamente um Francês naturalizado e sempre usava uma barba rala e bigode pontiagudo à moda Francesa. Era um homem muito bonito, com delicadas feições aquilinas, dificilmente imitáveis, e tinha a aparência mais refinada. Você observará que os estranhos sentados comigo, que nunca o conheceram nesta vida, descreveram a sua aparência pessoal com precisão, e eu menciono essas, aparentemente, coisas triviais, a fim de provar que não é só a *minha* imaginação que transforma as imagens de cera, ou bonecas de pano, na aparência dos meus amigos perdidos.

Lynall Thomas veio ver-me diversas vezes desde então, e sempre fico feliz em acolher a sua aparição. O Sr. Husk costumava realizar o que chamava de sessão aberta, nas noites de Domingo, e eu testemunhei algumas reuniões comovedoras, enquanto participei nelas, entre os espíritos e os inteiramente estranhos que por acaso se sentavam ao meu lado. Houve um caso triste nos jornais, alguns anos depois, em que uma família inteira foi envenenada por comer salmão enlatado, e um menino, chamado Richard Parker, morreu dos efeitos.

Eu estava na casa do Sr. Husk na noite em que o pequeno Richard reapareceu ao pai, que era meu vizinho à mesa. Eu vi o espírito da criança; um menino de escola de cerca de dez ou doze anos, com o cabelo cortado rente, e eu ouvi-o falar com o pai sobre a sua casa, e mencionar todo mundo lá pelo nome, enumerar os brinquedos e livros que ele havia deixado para trás, e dizer a quem ele desejava que fossem dados, enviar afeto e beijos à mãe, e perguntar quando ela iria vê-lo lá. O pai ficou muito afetado com a entrevista; mas tivemos uma longa conversa depois, em que ele me contou muitos detalhes sobre o filho pequeno. Eu participei nas sessões com o Sr. Parker diversas vezes desde então.

Ele tem um outro filho mais velho no mundo espiritual, chamado George, e, numa ocasião, em que a Sra. Parker foi obrigada a ir para a Irlanda, a fim de providenciar a venda de algumas propriedades lá, "George" foi até o pai, e, na minha audiência, deu-lhe todas as informações a respeito da esposa que ele não teve tempo de receber pelo correio, até mesmo com respeito à venda da propriedade, e o quanto ela havia conseguido com ela, todas quantas se mostraram corretas. Tenho visto mães e pais nessas sessões, com lágrimas a escorrer pelo rosto enquanto falavam novamente com os filhos.

Algumas pessoas têm muita sorte em obter rapidamente provas de identidade espiritual; outros têm que esperar algum tempo; mas a minha convicção é que a única coisa necessária para garantir o sucesso final é a perseverança.

Uma senhora viera de Bruges, com uma apresentação da minha irmã, que mora lá, para me pedir que a levasse a ver alguns espíritos materializados — ela não queria saber *quais*

espíritos, contanto que pudesse vê-los. Ao investigar, descobri que ela só iria ficar em Londres de quinta a segunda-feira. Eu disse-lhe que era impossível investigar o Espiritualismo em uns poucos dias; que, se ela fosse a uma sessão pública, ficaria muito desapontada e eu preferia não ter nada a ver com isso. Mas ela implorou-me que eu a encaminhasse a um médium fiável, para que ela pudesse, pelo menos, ver *algo*, e por fim, mas com muita relutância, dei-lhe o endereço do Sr. Husk e uma apresentação, e ela participou na reunião dele de Domingo; ele não sabia mais sobre ela do que ela dele. O primeiro espírito que apareceu naquela noite, porém, foi o de uma freira, amiga íntima da senhora de Bruges, e que morrera pouco tempo antes.

"Irmã Catherine," acho que foi o ela lhe chamou, que foi seguida rapidamente pelos espíritos do seu irmão e enteado, a quem ela tinha estado muito ligada. Essa boa sorte, para a qual ela estava tão despreparada quanto eu, tornou a senhora imediatamente Espiritualista, mas nem todos podem contar com os mesmos resultados. Concluí que ela própria devia ter sido médium, sem o saber, mas não sei mais sobre ela do que já referi.

Alguns outros amigos — duas jovens senhoras — que enviei ao Sr. Husk, tiveram uma experiência muito curiosa. Eles, também, estavam hospedadas na cidade por um período muito curto, e tinham apenas uma noite de sobra para a sua busca pelo domínio do Espiritualismo. Elas participaram junto do Sr. Husk, mas não viram a pessoa que tinham em mente quando lá foram. Entretanto apareceu-lhes o espírito de um jovem, várias vezes, à irmã mais nova, insistindo que ela o conhecia, embora ela não conseguisse reconhecê-lo minimamente. Essas duas senhoras voltaram, pois, para casa não tão satisfeitas quanto a outra. Na noite seguinte, eles tinham lugares para o Liceu (Teatro) ao qual foram acompanhados por um oficial — um homem que ridicularizava qualquer ideia de Espiritualismo, fantasmas, ou qualquer coisa sobrenatural.

Eles haviam assistido à peça com toda a atenção; quando já estava na metade, os olhos da irmã mais nova foram direcionados para um camarote vazio junto ao palco, no lado oposto do teatro, quando, para seu espanto ela viu, sentado ali, sozinho, com a cobertura branca sobre a cabeça e os ombros, o mesmo espírito que viera tão obstinadamente ao seu encontro, na sessão, na noite anterior. Ela pensou que devia ser uma ilusão de ótica e esfregou os olhos para ver se estava a sonhar; mas, ainda assim, a aparição permaneceu imóvel no camarote. A jovem atraiu então a atenção da irmã para a cena, que a viu tão claramente quanto ela. Mas agora vem a parte notável da história.

Sendo incapazes de acreditar na evidência dos próprios sentidos, as senhoras, passado um tempo, pediram ao soldado nada sentimental e incrédulo, que estava sentado entre elas, que olhasse na direção do palco e lhes contasse o que via ali; e, para sua surpresa, ele descreveu o espírito exatamente como o tinham visto — com a cortina branca em torno da sua forma; com olhos grandes, escuros e tristes a olhar fixamente para a irmã mais nova. As duas irmãs podem ter-se iludido e pensado que viam o que não existia lá; mas e o oficial cético, que não se tinha preparado para tal evento? Na verdade, há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa vã filosofia.

Por vezes, quando sente que está entre amigos, John King dá os testes mais notáveis, nas sessões do Sr. Husk, do seu próprio poder e do do seu médium. Muitas vezes o vi sair do gabinete, inteiramente formado, e colocar uma placa iluminada acima da sua cabeça e outra sob os seus pés descalços, para mostrar a sua altura, que é consideravelmente mais de um metro e oitenta. Eu vi-o segurar uma lousa, de modo que ambas as mãos ficavam visíveis, e

depois deixar uma mão desmaterializar-se, até não ser maior que o de uma boneca, enquanto a outra permanecia no tamanho normal.

Ele tem pés muito pequenos e belamente formados, para um homem, facto de que, acho eu, ele é um pouco vaidoso, pois ele sempre parece satisfeito quando as pessoas percebem o facto. Ele toca extremamente bem no Fairy Bells, que é um pequeno instrumento rude, mais um brinquedo de criança do que qualquer outra coisa, e apenas amarrado com fios, sem bemóis ou agulhas. Não consigo imaginar como ele lida com aquilo; pois tentei produzi-lo de forma fortuita, sem sucesso.

Um dia, enquanto ele estava a pairar no ar, enquanto o tocava, ele disse-nos que nos faria uma descrição dele. Ele referiu a título de introdução que certa vez, quando andava a navegar com a sua bandeira negra pelas costas da Espanha, ele correra para a costa de uma pequena cidade, perto da hora da oração da noite, e, enquanto os habitantes estavam na igreja, ele saqueou a cidade e, em seguida, ateou-lhe o fogo. Ao ser dado o alarme, os sinos, que tocavam para chamar o povo à oração, foram, repentinamente, transformados no alarme de incêndio e soaram de modo desarmonioso. O efeito daquilo, disse ele, nunca foi um que jamais esquecera e que tentaria reproduzi-lo para nosso benefício.

Não esquecerei tão cedo a execução que se seguiu a essa descrição. Foi muito artística. Dava para ouvir a calma noite de verão e os sinos da igreja a tocar primeiro, e depois o ataque, a pressa, a urgência e o barulho; e então o ataque, o alarme, o fogo violento e os sinos a tocar, que transformaram a cena pacífica numa de medo e carnificina. É impossível descrever a cena, pois seria impossível imitá-la.

E, durante esse tempo todo, os Fairy Bells giravam descontroladamente pelo teto, enquanto eram tocados sem uma só nota falsa. John King leva os Fairy Bells até o teto, conforme descrevi, e os passa para a sala acima, onde podemos ouvi-los a tocar num tom mais suave; depois, no telhado da casa, onde soam como se estivessem distanciados. Ele até mesmo os trouxe de volta para *fora* da janela da sala de sessões, na minha presença, e os tocou lá, antes de trazê-los de volta para o círculo.

"Ebenezer" também os toca, só que não tão habilmente como o John King. Os controladores do Sr. Husk erguem a pesada caixa de música, que é um peso e tanto para qualquer homem carregar, da mesa para outra parte da sala; dão-lhe corda, quando necessário, tão vigorosamente na verdade, que eles a avariaram mais de que uma vez, e fazem todo o tipo de manifestações físicas. A sessão é geralmente aberta pelo espírito do Cardeal Newman, que, carregando uma cruz de fogo, percorre todo o círculo para abençoá-lo; e é encerrada pelo espírito de um sacerdote Arménio, que recita o Kyrie Eleison em Grego,* como uma bênção de despedida.

*NT: Oração da liturgia Cristã intitulada 'Senhor tende Piedade.'*

Essas são algumas das maravilhas que testemunhei sob a mediunidade de Cecil Husk, e de que posso dar testemunho, em meio a uma dezena de companheiros. Essas sessões não foram realizadas apenas para mim. Elas eram conduzidos numa multidão, que podia testemunhar a boa-fé do médium — e que, na sua maior parte, o testou, ano após ano, e sabe no que acredita. Será que tal homem sofrerá com as alegações de homens que se mostram francamente ignorantes para entender o que acontece, quando aqueles que fizeram do Espiritualismo o estudo da sua vida podem dar testemunho a seu Favor?

CAPÍTULO X

## ALGUMAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Ultimamente, tenho-me divertido imenso ao descobrir que algumas pessoas veem a Bessie Russell Davis e a mim como membros de uma espécie de Sociedade de Mútua Admiração, comprometidas a apoiar as opiniões uma da outra com base no princípio de "tu coças-me as costas e eu coço-te as tuas".

Além disso, dizem que, como eu editei o livro *"A Clarividência de Bessie Williams"*, fui eu que o escrevi inteiro, ou pelo menos a maior parte dele. Ambas as ideias estão completamente erradas. A Bessie e eu somos amigas íntimas há mais de quinze anos, e é praticamente impossível que qualquer uma de nós escreva sobre um assunto ao qual dedicámos grande parte das nossas vidas sem mencionar a outra. Vivemos perto uma da outra, encontramo-nos com frequência e, quase sempre que nos vemos, fazemos uma sessão. Portanto, evitar falar uma da outra, em qualquer coisa que escrevamos sobre Espiritualismo, só poderia ser feito de propósito.

Quanto ao livro da Bessie, a única parte em que contribuí foi ao tirar algumas notas ditadas pelos espíritos enquanto a médium estava em transe e ao escrever o pequeno prefácio que a apresentou ao público. Se, neste momento, me perguntassem quem é a melhor clarividente de Inglaterra, eu diria: a Sra. Russell Davis, porque não conheço ninguém melhor. Mas posso garantir aos meus leitores que esta recomendação não tem nada a ver com qualquer tentativa de beneficiar financeiramente à custa da minha amiga. Apenas quero ajudar as pessoas que me perguntam sobre isso. No entanto, a Bessie e eu passamos muitos momentos agradáveis juntas, sem nos preocuparmos minimamente com publicidade.

O dia 1 de janeiro de 1893 foi o aniversário da Dewdrop – pelo menos, foi o que ela disse. Não sei bem como é que ela faz essas contas, pois diz que está no mundo espiritual há quatrocentos anos, mas que só teve dezassete aniversários. De qualquer forma, durante várias semanas antes da chegada de 1893, ela prometeu vir jantar comigo no seu aniversário e trazer consigo a sua médium, o Sr. Davis e as crianças. Ela também pediu para escolher o jantar, que deveria incluir um peru assado e vários outros pratos.

Assim, no dia 1, chegaram todos a minha casa por volta das seis da tarde, com a Bessie já sob controlo espiritual desde o momento em que entrou pela porta. A primeira coisa que a Dewdrop me disse foi que estava muito triste por não ter trazido os presentes de aniversário para me mostrar, porque a sua "Medie" os tinha esquecido na pressa da partida. Os "papooses" (como ela chama à Mab, ao George e à Alona) tinham comprado para ela, com o seu próprio dinheiro, umas pulseiras de vidro colorido no Crystal Palace, e ela queria usá-las no seu jantar de aniversário.

Mas como tinham ficado para trás, teve de se contentar em contar-me como eram bonitas. Nada de especial aconteceu até ao momento do jantar, quando a Dewdrop e o Ned se manifestaram com toda a energia. A Dewdrop disse que queria fazer algo "mesmo incrível" – algo que a "Flo" pudesse contar às pessoas.

O Sr. Davis, eu e as crianças mais velhas sugerimos várias façanhas, mas nenhuma parecia agradá-la. Até que Alona, a mais pequena, gritou:

"Porque não vais a Norwood buscar as tuas pulseiras, Dewdrop?"

"Mas onde é que elas estão?", perguntou a Dewdrop, desconfiada.

"Eu sei", respondeu a Alona. "Estão no cesto de costura da mãe, no quarto dela."

"Então vou buscá-las!", exclamou a Dewdrop. "Baixa um pouco o gás, Flo, fiquem quietos e não se preocupem se a Medie parecer um pouco estranha. Já volto!"

Fizemos o que ela pediu e, passados cerca de cinco minutos, ouvimos o tilintar das pulseiras de vidro a chocarem umas contra as outras, perto do teto.

"Acendam o gás", disse Dewdrop.

Quando o fizemos, vimos a Bessie a dormir, com as mãos cruzadas sobre o peito, e três pulseiras em cada pulso. Quando a felicitámos pelo sucesso, ela respondeu:

"Teria trazido antes, mas aquela pestinha da 'Lona' disse que estavam no cesto de costura da Medie, e afinal estavam na prateleira da sala. Mas cá estão elas, e não são lindas?"

A Dewdrop não deu descanso à sua "Medie" nem depois desta proeza – manteve-a sob controlo durante todo o jantar. A mesa de jantar não era grande o suficiente para todos, então juntámos duas mesas, mas com toalhas separadas. No final da refeição, um amigo meu chegou e sentou-se à cabeceira da segunda mesa. Assim que ficou instalado, com um prato de peru à sua frente, a Dewdrop sussurrou-me:

"O que devo fazer pelo Bertie? Vou a Norwood buscar outra coisa da casa da Medie?"

Recusei essa ideia, com medo de que a Bessie ficasse demasiado fraca, e sugeri que fizesse algo mais simples.

"Muito bem", respondeu a Dewdrop.

No instante seguinte, as duas mesas afastaram-se sozinhas, empurrando o meu amigo contra a janela e a Bessie contra o aparador, deixando um espaço vazio no meio da sala, onde as crianças, o Sr. Davis e eu assistíamos à partida do resto do nosso jantar. Numa outra ocasião, a Bessie e eu íamos a um baile juntas e ficámos hospedadas num hotel. Enquanto jantávamos, começaram a ouvir-se pancadas debaixo da mesa, o que chamou a atenção dos outros clientes. Mas nós fingimos que não ouvíamos nada.

Parece que isso deixou a Dewdrop determinada a ser reconhecida, pois, no momento em que levei um copo de água à boca, este foi arrancado das minhas mãos e derramou-se sobre a toalha, fazendo-me parecer desajeitada e desastrada.

Enquanto nos vestíamos para o baile, ralhámos com a Dewdrop pelo seu comportamento, mas ela era incorrigível e disse que planeava fazer ainda pior. Ela adorou a música e a dança e, enquanto a Bessie e eu estávamos sentadas na sala de baile, esta conseguia ver a Dewdrop e o Ned a participar na festa.

A Dewdrop vestia-se com a sua roupa Sioux, cheia de penas e pinturas, com mocassins bordados nos pés, e Ned estava com uma roupa verde, parecida com a dos Foresters ou do Robin Hood. Ambos pareciam estar a divertir-se imenso a dançar. Quando anunciaram a Barn Dance, a Dewdrop aproximou-se de mim e sussurrou:

"Agora vou mostrar-te o que consigo fazer. Vês aquelas duas raparigas de azul e branco? Vou fazê-las levantar as pernas tão alto que toda a gente na sala vai olhar para elas."

Contei à Bessie o que ela tinha dito e ficámos a observar. As duas raparigas, ao lado das quais a Bessie podia ver a Dewdrop a saltar, começaram a ficar cada vez mais animadas com a dança. A certa altura, já estavam a levantar as pernas tão alto que pensei que os organizadores do evento iriam intervir. O rosto delas ficou vermelho, o cabelo despenteado, e, por fim, as suas acompanhantes decidiram intervir e a dança acabou. A Dewdrop apareceu imediatamente ao meu lado, radiante com o seu sucesso.

"Então, viste? Não levantaram as pernas até não conseguirem mais? Mas, se tivessem visto isto acontecer num palco, teriam tapado o rosto com os leques e dito: *Que coisa indecente!*"

Dewdrop tem um grande sentido para perceber a hipocrisia deste mundo.

Quando voltámos ao hotel, havia um segundo jantar preparado para nós, ao qual se sentaram, talvez, uma dúzia de pessoas. Consistia em coisas leves, como sanduíches, bolos, gelatinas, etc. Mal nos sentámos, tudo o que estava na mesa – gelatinas, sanduíches e o resto – começou a saltitar e a pular nos pratos, para espanto dos que nunca tinham visto nada do género. Quanto a mim e à Bessie, os saltos da comida e as expressões de choque das pessoas eram demasiado para conseguirmos aguentar e eu ri tanto que acabei a chorar. Mas quanto mais eu ria, mais as gelatinas dançavam, até que achei que ia entrar em histeria. Isto era a cara da Dewdrop. Está sempre a pregar alguma partida travessa, embora possa ser tão séria como um juiz, quando necessário.

Eu sabia, pelas experiências anteriores da Bessie, que ela devia ter poderes de materialização, mas nunca pensei que os seus guias espirituais a deixassem sentar-se para esse tipo de sessões, nem que tivesse força suficiente para isso. No entanto, ela sempre me disse que, quando nos sentávamos juntas no escuro para sessões de clarividência, conseguia ver a minha figura envolta numa nuvem alaranjada e dizia que eu devia ter poder físico, pois o laranja é a cor da aura de materialização. Pouco depois, a Dewdrop pediu-nos para nos sentarmos em privado para sessões de materialização – a Bess, o Bob (o Sr. Davis) e eu. Ela prometeu que, se perseverássemos e não deixássemos mais ninguém assistir às sessões até ela nos dar permissão, alcançaríamos grandes resultados. Tenho a certeza de que teria cumprido a sua palavra.

Na primeira noite em que nos reunimos na sala de estar da Bessie, não fazíamos ideia se conseguiríamos obter alguma coisa. Apagámos a luz, como nos foi pedido, e sentámo-nos à volta de uma pequena mesa, sem darmos as mãos, tendo antes colocado papel e lápis sobre ela. Passados alguns minutos, a Bessie entrou em transe, o que percebemos porque ela não respondia quando lhe falávamos. Logo a seguir, ouvimos uma cadeira a deslocar-se do outro lado da sala. "Bob", disse eu, "segura a minha mão. Estou a sentir arrepios." No momento seguinte, a cadeira chegou ao lado da dele e uma forma, sentada nela, pousou a cabeça no ombro dele. Ao fazer-lhe perguntas, Bob percebeu que se tratava do espírito (embora não

totalmente materializado) da sua guia espiritual, Alona, que deu o nome à sua filha mais nova.

Ainda não mencionei que o quarto era muito pequeno e que tínhamos trancado a porta cuidadosamente, pois estávamos a realizar a sessão em condições de teste, sem saber que resultados poderíamos alcançar a partir de um começo tão modesto. A Bessie é extremamente apaixonada por flores e cultiva um pequeno jardim em caixas no terraço da sua casa, dois andares acima de onde estávamos sentados. A próxima coisa que aconteceu foi a colocação de vários crisântemos – descobrimos depois que eram nove – no meu colo, por Florence.

"Oh, Florence", exclamei, "onde arranjaste estas flores? Espero que não sejam os crisântemos brancos da Medie." Eu sabia o quanto a Bessie estimava as suas mudas. "Sim, são", respondeu Florence, "todas brancas, lindas." "Mas a Medie vai ficar tão zangada por perdê-las." "Oh, não pode ficar. Como podemos demonstrar o nosso poder se não trouxermos nada para a sala?" "Bem, não apanhes mais nenhuma, está bem?" "Não, vamos tentar outra coisa."

Na sala ao lado, que era a sala de jantar, as três crianças estavam a brincar com os seus brinquedos, e sobre a lareira estavam dois pesados vasos de bronze. No momento seguinte, esses dois vasos foram colocados sobre a mesa à nossa frente, embora a sala ao lado estivesse iluminada a gás e as crianças não tivessem dado conta da sua remoção. Depois, ouvimos a voz direta de Júlio César, o espírito negro que me seguiu desde Boston e se afeiçoou à Bessie. Quem leu *There is No Death* talvez se lembre que, ao escrever sobre a mediunidade da Sra. Eva Hatch, mencionei ter visto os espíritos materializados de um negro e de uma negra e ter beijado a segunda. O primeiro era Júlio César, que agora se manifesta regularmente para nós. Ele é um espírito muito forte e a sua voz é alta e clara, soando como se estivesse mesmo atrás da médium.

Depois, outra voz direta, mas desta vez vinda do lado oposto da sala, dirigiu-se a nós: "Sou o espírito de Mesmer. Tomei conta deste círculo e não o deixarei até que a forma espiritual saia à plena luz e se sente ao lado da forma humana." Quando a sessão terminou, encontrei uma pequena nota na mesa, escrita por Florence para mim, e presa ao papel estava um botão de rosa cor-de-rosa, embora não tivéssemos conseguido descobrir de onde tinha vindo. A nota dizia:

"Querida, estamos todos aqui, prontos para te ajudar nas tuas sessões; e tudo acontecerá como a Dewdrop profetizou, mas tens de seguir todas as suas instruções. Boa noite."

Este foi um começo tão promissor que antecipámos grandes resultados; na verdade, não conseguíamos ver para onde a culminação de tais forças poderia não levar-nos – a Bess, o Bob e eu, não só éramos mediúnicos, mas também estávamos todos em sintonia uns com os outros. Mas, lamento dizer, as nossas expectativas não se concretizaram. Os compromissos da Bessie são tão numerosos que a deixam demasiado exausta para investigações privadas; além disso, ela não obedeceu às ordens da Dewdrop, mas convidou estranhos para testemunhar a sua mediunidade de materialização antes que estivesse pronta para inspeção, de modo que perdeu força em vez de a ganhar e, embora nos sentemos juntos frequentemente, fá-lo-emos de forma irregular e sujeitos a muitas interrupções. Parece que as duas fases da mediunidade, clarividência e materialização, não podem coexistir, ou melhor, que uma delas tem de perder como consequência, sendo a clarividência o poder

superior. Se a Bessie se dedicasse exclusivamente às manifestações físicas, obteria maravilhas, mas a questão é se a sua força aguentaria.

Noutra ocasião, quando os três nos sentámos juntos, tivemos formas materializadas a caminhar pela sala, a beijar-nos e a tocar-nos; a minha filha, Eva, em particular, deu provas da sua presença de uma maneira muito impressionante. Durante a sua vida terrena, era conhecida pelo comprimento e espessura do seu cabelo, que lhe caía muito abaixo da cintura, e, em cada ocasião em que se manifestou, além de falar com voz direta, lançou as suas grandes madeixas de cabelo sobre o rosto de Bob e o meu, de modo que podíamos agarrá-las com as mãos e sentir a sua textura. O facto de ela ter começado a manifestar-se tão livremente foi a minha maior fonte de pesar ao ter de abandonar estas sessões.

Enquanto outras manifestações aconteciam, Júlio César demonstrava o seu poder, abrindo as portas do armário e espalhando o seu conteúdo, sob a forma de cartas, jornais, etc., por todo o chão.

Uma noite, quando a Bessie admitiu um jovem conhecido meu a estas sessões – um homem que pesava onze stone (cerca de 70 kg), sentado numa cadeira perto da lareira – Júlio levantou-o, cadeira e tudo, até que uma das pernas repousou sobre a lareira e depois deixou-o cair tão rapidamente que quebrou as duas pernas da frente da cadeira, o que a Bessie não aprovou nada quando saiu do seu transe.

Noutra ocasião, quando estávamos sentados à volta da mesa com amigos, entre os quais estavam alguns cavalheiros, e a Bessie estava em estado normal, tinha calçado um par de velhas botas confortáveis, mas já muito gastas no calcanhar e deformadas, algo que nunca mostraria em público, sendo uma mulher elegante e orgulhosa dos seus pés e mãos. Ela não sentiu nada durante a sessão, mas, quando esta terminou e a luz do gás foi reacendida, apareceram dois objetos curiosos no meio da mesa. "O que é isso?" exclamaram vários membros do grupo, ao inclinarem-se ansiosos para desvendar o mistério. Para horror da Bessie, nada mais eram do que o seu velho par de botas, que Júlio conseguira tirar-lhe dos pés sem desatar os atacadores ou dar-lhe o menor indício do que estava a fazer. Ah, mas ela deu-lhe um sermão por isso, sem dúvida!

Certa vez, quando estávamos sentados à mesa – desta vez uma grande mesa de jantar – na companhia do meu primo, o Coronel Fitzroy Marryat, um som terrível ecoou sobre a madeira, exatamente como o galope de um cavalo. As patas trovejavam sobre a mesa. Todos nos entreolhámos, espantados, pois esta sessão ocorreu com luz, e perguntámos: "O que poderá ser?" A Bessie fez as perguntas: Quem estava ali e por quem tinha vindo? A resposta foi: "O meu nome é James Carey, vim pelo Coronel Marryat." James Carey, como se recordará, era o nome do covarde que fugiu a galope, deixando o jovem Príncipe Imperial encontrar sozinho a sua cruel morte e, ao investigarmos, descobrimos que o Coronel Marryat tinha uma leve relação com ele, embora eu não me lembre se sabia que ele já tinha falecido. No entanto, recusou-se completamente a ter qualquer contacto com ele, morto ou vivo – na verdade, todos ali presentes sentiram repulsa perante a ideia de proximidade com tal exemplo da coragem e bravura britânicas. Mas o som das patas do cavalo sobre a mesa era inconfundível.

No outono de 1892, tive uma jovem senhora hospedada comigo, a quem sou profundamente ligada. Numa noite de domingo, ela disse-me que o seu maior desejo era assistir a uma sessão espírita, nunca tendo estado presente numa. Propus imediatamente que fôssemos

visitar a Bessie e nos juntássemos à sua sessão de domingo à noite, que ela, por regra, reservava aos seus filhos; mas, sendo eu uma espécie de intrusa privilegiada na casa, atrevi-me a interromper o seu encontro familiar. No entanto, não aconselho os meus leitores a seguir o meu exemplo. Encontrámo-la em casa, como de costume, e apresentei-lhe a minha jovem amiga. Mal nos tínhamos acomodado à mesa quando a minha filha Florence se manifestou, aproximou-se da minha amiga Emmie, beijou-a e disse: "Estou tão feliz por estares para casar com o meu irmão e por te tornares minha irmã. Irás fazê-lo muito feliz e serás muito feliz também. Deus te abençoe." Para mim, isto era completamente inesperado, pois a Emmie nunca me tinha dito uma palavra sobre o assunto, e o meu filho encontrava-se então no mar. Olhei para o outro lado da mesa, com as sobrancelhas erguidas, e perguntei: "É verdade?" Recebi uma resposta afirmativa. Depois, disseram-me que a notícia do noivado só me tinha sido ocultada até ao regresso do meu filho do mar, para que ele próprio mo contasse, mas os espíritos anteciparam-se a ele. É impossível esconder-lhes algo. Eles sabem antes de nós próprios.

Vários dos meus conhecidos tiveram os olhos bastante abertos pelos guias espirituais da Bessie. É tão difícil convencê-los de antemão de que serão revirados do avesso, como uma luva velha, assim que se entregarem à mercê deles. É inútil dizer, quando me pedem para os acompanhar a uma entrevista com a Bessie: "Seria muito melhor irem sozinhos. A menos que a vossa vida passada seja como uma folha de papel em branco (e muito poucas vidas o são), não me irão agradecer por vos acompanhar à casa da Sra. Russell Davis. Aviso-vos de que ela verá através de vós como se fossem um vidro transparente e chamará 'os bois pelos nomes' ao falar convosco." Eles estão sempre tão certos de que as suas vidas passadas são páginas brancas e imaculadas, ou, melhor dizendo, não acreditam no que lhes digo e, em muitos casos, os resultados têm sido hilariantes.

Uma senhora insistiu para que eu a acompanhasse à sua primeira entrevista com a Sra. Russell Davis. Quando lhe apresentei a teoria da página em branco, ela respondeu: "Só quero consultá-la sobre alguns planos que o meu marido tem em mente. Tenho algumas perguntas às quais quero obter resposta. Como devo proceder?"

"Escreva as perguntas, ou melhor, deixe o seu marido escrevê-las," disse eu, "numa folha de papel, e sele-as dentro de um envelope em branco. Quando estiver com a Sra. Davis, não lhe diga nada sobre o seu marido ou sobre si mesma, nem lhe dê a menor pista sobre o que pretende, apenas entregue-lhe o envelope e ela responderá às perguntas da melhor forma possível."

A senhora começou a dizer-me que o seu marido tinha sido infeliz nos negócios, mas que tinha uma nova oportunidade, etc.

"Por favor, não me diga mais nada," interrompi, "ou pensará que há alguma conivência entre mim e a minha amiga." Por fim, ela calou-se.

No dia marcado, encontrei-me com ela na casa da Sra. Russell Davis e, depois de conversarmos sobre assuntos triviais durante algum tempo, passámos ao que interessava. A senhora trazia uma mala de mão, de onde retirou um envelope selado com três selos, o que me levou a concluir naturalmente que continha as perguntas relativas ao seu marido, as mesmas sobre as quais me dissera estar tão ansiosa por obter resposta.

A Bessie pegou no envelope, encostou-o à testa por alguns segundos e depois perguntou:

"O que deseja particularmente que eu lhe diga sobre a pessoa a quem se referem estas perguntas? Está preocupada com o seu exame, com a sua saúde ou com os seus sentimentos em relação a si?"

"Gostaria de ouvir tudo o que me puder dizer," respondeu a senhora, corando ligeiramente.

"Bem! Ele não passará no exame desta vez, de qualquer forma," respondeu a Bessie. "Ele tem sido demasiado despreocupado – demasiado confiante – pensa demasiado nas suas capacidades e não se esforça o suficiente. É a história da lebre e da tartaruga outra vez. Tem muita capacidade, mas é muito preguiçoso e, enquanto a lebre dormia, verá que várias tartarugas já o ultrapassaram."

"Mas ele passará eventualmente?" perguntou a senhora.

"Porque está tão ansiosa por saber? Imagina que este homem vai ficar consigo? Ele não é o seu marido, sabe; ele é (ou diz-se) seu amante, mas só se preocupa consigo enquanto conseguir tirar algum proveito. Não vale a pena pensar duas vezes nele, e quanto mais depressa se livrar dele, melhor."

A senhora pareceu desconfortável, e eu não resisti a sussurrar-lhe: "Então, esta é a página branca, imaculada?"

Ela então tirou um segundo envelope da mala e entregou-o a Bessie, dizendo: "O que me diz sobre este?"

A Sra. Davis repetiu o mesmo procedimento e respondeu:

"Aqui há quatro perguntas escritas: 'Foi-me oferecido um novo emprego, devo aceitá-lo?', 'O homem com quem estou a lidar é de confiança?', 'Deveria mudar-me para a Austrália?', e 'A que se deve a minha má saúde?' O novo emprego tem algo a ver com a gestão de uma cervejaria, e quem escreveu isto faria melhor em não aceitar. Ele não tem perfil para a gestão. Não é suficientemente homem de negócios. A pessoa com quem está a lidar é honesta, mas o investimento não será um sucesso.

Agora, sobre a Austrália, ele deve ir para lá imediatamente, se encontrar uma boa oportunidade. Ele não pode gerir uma cervejaria, mas sabe fabricar boa cerveja e, se for para a Austrália e abrir uma cervejaria de bom ale inglês, fará fortuna. Quanto à sua saúde, isso é fácil de responder. Você é o problema! Os nervos dele estão completamente abalados. Você é demasiado para ele em todos os aspetos, mental e fisicamente, e quanto mais depressa se separarem, melhor para ele."

Ora, esta senhora era-me completamente desconhecida antes de a levar a ver a Bessie, mas contou-nos depois que cada palavra dita pela médium (e houve muitos detalhes privados que omiti aqui, por não interessarem ao leitor) era essencialmente verdadeira. E este é apenas um exemplo entre centenas.

Já ouvi a Bessie dizer coisas que fizeram esposas e mães respeitáveis (?) fugirem da sala, horrorizadas por verem os seus erros secretos expostos à luz do dia; os seus guias espirituais são tão honestos quanto ela, e nunca fecham os olhos ao erro e ao engano. Na

verdade, não se pode enganá-la – mentirinhas brancas ou pequenas farsas, chame-se o que se quiser, são inúteis com ela, pois sabe que está a mentir assim que abre a boca. Ela disse-me que o seu dom extraordinário de clarividência a deixa, por vezes, muito triste, ao ver as farsas e enganos perversos que existem no mundo – homens que confiam cegamente em mulheres que são podres até ao âmago, e vice-versa – e pessoas de ambos os sexos que, aparentemente, estão de boa saúde e esperam viver longos anos, quando ela vê que lhes restam apenas alguns meses de vida.

Acontece que, embora a Bessie e eu sejamos conhecidas há muitos anos, ela nunca chegou a conhecer a minha filha Eva, que foi a primeira esposa de Victor Stevens, o ator e compositor. A minha filha viajava tanto pelas províncias com o marido, depois do casamento, que nunca conheceu a Bessie até depois da sua própria morte.

Naquela altura, os Russell Davis viviam numa localidade no campo, perto de Hendon, chamada Grays. Assim que a Bessie soube do enorme desgosto em que eu estava, por ter perdido a minha amada filha – que morreu ao dar à luz, em minha casa, em Londres –, implorou-me que fosse ficar com eles, para mudar de ambiente. Assim que foi possível, cerca de um mês depois, aceitei o convite.

A Bessie estava então à espera do nascimento da sua filha mais novo, Alona, dentro de algumas semanas, e, antes de estar na casa há três dias, os seus guias espirituais mandaram-me de volta para casa. Disseram que o espírito da minha filha estava tão ligado a mim que, se eu ficasse, a Bessie poderia sofrer no seu parto da mesma forma que Eva sofrera – com septicemia, que (como todos sabem) é altamente contagiosa, especialmente para mulheres na mesma condição.

O meu estado de saúde estava muito debilitado na altura, e eu sentia-me extremamente nervosa; lembro-me de como ficava acordada à noite, ouvindo a Bessie, no quarto ao lado – cuja porta insisti que ficasse aberta entre nós –, falando com Eva e implorando-lhe que dissesse o que queria ou o que podia fazer por ela.

Por fim, a tensão tornou-nos tão doentes a ambas, que os espíritos insistiram para que eu deixasse Grays. A Bessie muitas vezes via a minha querida menina antes de mim, e eu estava sempre ansiosa por saber como ela parecia e tudo com respeito a ela.

Numa tarde, no outono de 1892, Victor Stevens levou a sua burlesca, *Bonnie Boy Blue*, ao Crystal Palace, e a Bessie e eu fomos vê-la juntas. Enquanto a peça decorria, ela disse-me que a Eva, a Florence e a Dewdrop estavam a misturar-se com a multidão à nossa frente; a Dewdrop, como sempre, juntava-se a todas as danças, Florence vagueava pelo palco vestida de branco, e Eva encostava-se a uma parte do cenário, observando tudo atentamente. Achei isto muito estranho, pois a minha filha nunca tinha atuado em burlesco. No entanto, ela tinha sido de grande ajuda para o marido em todos os seus negócios, mantendo as contas, desenhando os figurinos e supervisionando a sua confeção, e, de forma geral, fazendo tudo o que uma mulher altamente educada podia fazer para promover os interesses dele.

"Mas o que pode Eva estar a fazer aqui?" perguntei a Bessie. "Eu teria pensado que este seria o último lugar onde ela gostaria de estar."

"Ela ainda tem de cuidar dos interesses do marido e, por causa dos filhos, está extremamente ansiosa para que tudo o que ele faça seja um sucesso. Ela observa

atentamente para perceber em que direção está o êxito, tal como fazia em vida, e influencia-o com novas ideias, ajudando-o a ver onde as coisas podem correr mal."

"Diz-me como ela parece," insisti, pois daria o mundo para conseguir ver espiritualmente como a Bessie. "Ela parece triste ou feliz? E como está vestida?"

"Ela parece séria," respondeu a Bessie, "mas não triste; o cabelo está solto e desce quase até aos joelhos; está vestida com um vestido de fazenda castanha, ou tweed, com quadrados de um tom mais claro. O corpete é cortado na diagonal à frente e abotoado com grandes botões de madeira castanha. Parece muito diferente de Florence, que está vestida com um tecido branco, leve e transparente."

"Porque não estaria Eva também vestida de branco?" perguntei, como um teste.

"Bem, imagino," disse a Bessie, "que Eva está simplesmente vestida com a imagem do tipo de roupa que usava quando estava envolvida no mesmo tipo de negócio em vida. Alguma vez teve um vestido como o que descrevi?"

Ora, o facto é que o vestido de tweed castanho, com os grandes botões na frente, foi um dos últimos vestidos que a minha pobre menina usou em vida, e reconheci imediatamente a descrição assim que a Bessie a mencionou.

As previsões que lhe surgem intuitivamente, e enquanto está em estado normal, são frequentemente as mais notáveis que faz. Ela diz sempre que, se não conseguir "ver" uma pessoa à primeira vista, nunca confia totalmente nas profecias que faz para essa pessoa posteriormente. E eu afirmo que, no seu estado normal, ela é uma profeta mais fiável do que qualquer um dos seus guias espirituais.

Enquanto estava sentada à minha mesa, um dia, fixou o olhar num cavalheiro sentado em frente dela e exclamou, sem qualquer introdução:
"Aquele jovem fará um nome para si próprio, mas não na profissão que tem agora. Ele vai deixá-la e escrever; sim, agora vejo claramente – fará o seu nome na literatura dramática."

Esta profecia fez todos os presentes, incluindo o próprio cavalheiro, rirem-se às gargalhadas, pois ele era ator e nunca lhe tinha passado pela cabeça que pudesse escrever. No entanto, dois anos depois, a profecia da Bessie concretizou-se parcialmente, pois ele descobriu que realmente sabia escrever e, desde então, tem-se saído tão bem que há grande probabilidade de que a segunda parte da profecia se cumpra, e ele abandone o palco por uma carreira superior nas artes.

Sou, como a maioria dos meus conhecidos sabe, uma grande amante de cães – até mesmo *Ouida* não me supera neste aspeto – e sou também dona de alguns bulldogs valiosos, dos quais sempre quis criar descendência. Criar bulldogs com sucesso, no entanto, é uma arte por si só, e uma que poucos homens conseguiram dominar. Por cada um que sobrevive, nove morrem; e, por cada um que vale alguma coisa, cinquenta não têm qualquer qualidade. Assim, já tinha sofrido muitas desilusões e começava a desesperar se algum dia conseguiria criar um bulldog que valesse o esforço e a ansiedade.

O "Ned" sabia das minhas frustrações, é claro, e simpatizava comigo. Certo dia, enquanto visitava, com a sua médium, alguns amigos dela na Irlanda, escreveu-me dizendo que tinha

encontrado exatamente o cão certo para mim e que, se eu concordasse, ele o compraria. Sabendo o preço exorbitante que os bons bulldogs podem atingir, hesitei em dar carta branca ao Ned nesta questão; mas ele estava determinado a que eu ficasse com aquele cão em particular, então deixei-o decidir.

Esse cão era "Killiney Shamrock", um animal bem conhecido no seu país, onde venceu em todas as exposições em que participou. Foi criado por Mr. Howard Waterhouse, de Killiney, que o adorava.

Ora, a Bessie tem um medo incontrolável dos meus bulldogs (na verdade, de todos os bulldogs), e sempre temos de os trancar quando ela me visita. A primeira vez que viu "Killiney Shamrock", na Irlanda, a seguir o seu dono e a aproximar-se da casa, correu para dentro do hall e bateu a porta atrás de si, para não o encontrar. Presumo, no entanto, que o Ned abriu novamente a porta, pois, da próxima vez que a Bessie voltou a si, estava sentada no chão do hall, com a enorme mandíbula de "Killiney Shamrock" aberta na sua mão, enquanto o Ned examinava os dentes do cão. Ela disse-me que quase morreu de susto.

A seguir, o Ned disse ao Sr. Waterhouse:

"Veja bem, Sr. Waterhouse, quero esse seu cão, o Shamrock."

"Para quê?" perguntou o Sr. Waterhouse, que estava bem habituado às excentricidades dos guias espirituais da Bessie. "Sabe que a sua médium não o aceitaria em casa. Tem demasiado medo dele."

"Não o quero para a minha médium," respondeu o Ned, com certo desprezo pelas qualidades pouco cinófilas da Bessie. "Quero-o para uma amiga minha em Londres, Florence Marryat, e vou levá-lo."

O Sr. Waterhouse recusou inicialmente, pois já tinha rejeitado uma oferta elevada pelo cão, mas os pedidos insistentes do Ned acabaram por convencê-lo. Sabendo que Shamrock teria um bom lar, aceitou vendê-lo por uma quantia relativamente modesta. Mais tarde, disse que tinha certeza de que, se recusasse, o Ned teria "desmaterializado" o animal de alguma forma, então achou melhor ceder de boa vontade.

O Ned estava convicto de que Shamrock traria sorte ao meu canil, e acredito que tenha razão, pois já gerou quinze crias de duas mães e venceu prémios em todas as exposições em que foi apresentado. Além disso, é um cão de maneiras perfeitas, com um temperamento doce e uma disposição extremamente afetuosa – e, como se pode imaginar, é um dos meus grandes favoritos.

Muitas vezes perguntam: Que benefício traz o Espiritualismo? Eu encontrei nele um benefício infinito para mim própria, deixando de lado todos os seus propósitos superiores, como a convicção na realidade da vida após a morte. Os meus amigos espirituais estão sempre prontos para me ajudar e aconselhar, mesmo em assuntos tão terrenos quanto bulldogs; e, em qualquer dificuldade, seguiria os seus conselhos em vez dos de qualquer mortal.

Não que os considere infalíveis, de forma alguma, mas, como Florence uma vez me disse, quando a chamei de meu anjo da guarda:

"Não sou um anjo, mãe; sou apenas a tua pequena estrela, que vai à frente para iluminar o caminho. Vejo um pouco mais longe do que tu, mas só um bocadinho."

Enquanto falo sobre as utilidades da clarividência, gostaria de mencionar o nome da Sra. Wilkins, da 368 Portobello Road, Londres, W. Muitos correspondentes escreveram-me a pedir o endereço do Sr. Towns, que passou para a vida superior há dois anos, e podem gostar de saber da Sra. Wilkins, que, com alguns participantes, tem dado provas maravilhosas do seu poder. Repito, com *alguns* participantes; pois parece difícil convencer os iniciantes de que os clarividentes não são igualmente bem-sucedidos com todos.

A Sra. Wilkins é esposa de um comerciante. Não tem oportunidade de conviver com as classes altas, nem de descobrir os seus segredos; e, se a sua clarividência fosse apenas adivinhação, certamente encontraria algo mais agradável para dizer ou prever, em vez de correr o risco de ofender os seus clientes. Uma das melhores provas da autenticidade da clarividência é a franqueza com que homens e mulheres, de uma classe inferior à nossa, expõem os nossos prazeres viciosos diante de nós.

Um jovem casal casado pediu-me, certa vez, que os acompanhasse à casa da Sra. Wilkins. Nenhum dos dois acreditava no Espiritualismo, sendo a jovem esposa particularmente inclinada a ridicularizar o assunto. A Sra. Wilkins não parecia ter muito a dizer-lhes enquanto estava em estado normal; mas, assim que passou sob controle, perguntou se tinham alguma pergunta a fazer-lhe. A jovem disse imediatamente:
"Diga-me se algum dia me casarei?"

Para surpresa de todos, a resposta foi: "Não."

O marido, impressionado com a resposta, perguntou, por sua vez:
"E eu, casarei?"

"Sim," disse a clarividente, decididamente, "mas não tão cedo. Casará quando for alguns anos mais velho, e casará com uma boa mulher, que o fará feliz. Será um casamento verdadeiro, de corpo e alma."

A esposa, que me olhava de soslaio, como se dissesse: "Então, esta é a sua grande clarividente," decidiu intervir, pensando que desacreditaria toda a situação.
"Bem, nós estamos casados; por isso, aí tem!" disse à Sra. Wilkins.

Esta declaração não pareceu perturbar, minimamente, o espírito que falava através da médium. Nem sequer alterou a expressão ao responder:
"Oh, quer dizer que estiveram juntos numa igreja. Sim, eu sei; mas isso não constitui um casamento. Não há um laço de amor entre os vossos corações. Muitos casais que me procuram e que nunca foram unidos por um padre estão muito mais casados, aos olhos de Deus, do que vocês estão."

A jovem esposa ficou algo ofendida com esta afirmação e disse, enquanto caminhávamos de volta para casa, que supunha que a Sra. Wilkins quisesse dizer que ela ia morrer, já que profetizou que o marido se casaria com outra pessoa. O resultado, no entanto, foi que, quatro anos depois, ele deixou o país e ela encontra-se no Tribunal de Divórcio.

Outra conhecida minha, desta vez uma senhora solteira, acompanhou-me à casa da Sra. Wilkins com um propósito semelhante. Era filha única de pais ricos e vestia-se sempre segundo as últimas tendências da moda. Era completamente desconhecida da clarividente, a quem nem sequer mencionei o seu nome. No entanto, assim que a Sra. Wilkins passou sob controle, disse-lhe:

"Você é filha única da sua mãe e herdeira do dinheiro dela e do seu marido. Mas você não é filha do marido da sua mãe; é filha do primo dela."

Agora, não estou aqui a defender que seja agradável ou aconselhável receber uma informação dessas, quando já é tarde demais para remediar o erro (embora, se as pessoas vão voluntariamente a um clarividente, devem estar preparadas para ouvir a verdade, por mais amarga que seja); mas cito este incidente para que os leitores decidam por si próprios se é provável que uma mulher da posição da Sra. Wilkins fizesse uma acusação tão grave a uma senhora de classe e prestígio, se não fosse compelida a fazê-lo por uma força superior à sua própria vontade.

Se a comunicação era verdadeira ou não, não é o ponto principal aqui. A questão é: alguém ousaria fazer uma afirmação dessas, sem nenhuma outra autoridade além da imaginação? Ora, eu, que conheço estas pessoas e que, supostamente, sei tanto dos seus assuntos quanto o público jamais saberá, não me atreveria a adivinhar tais segredos obscuros como aqueles que já ouvi serem revelados por clarividentes das classes mais humildes.

Ponha-se no lugar, digamos, apenas para fins argumentativos, de uma mulher como a Sra. Wilkins – supondo que ela fosse uma fraude – e pergunte-se se ousaria, mesmo estando cheia de suspeitas, acusar os seus amigos mais íntimos de adultério, frieza e engano, diretamente na cara deles. E como poderia um estranho, que nunca os viu antes e que se prejudica ao perder a clientela (pois aí está a verdadeira questão), arriscar a sua própria reputação de honestidade e credibilidade inventando uma mentira escandalosa, que só poderia enfurecê-los e expô-la ao ridículo?

Uma senhora casada foi uma vez visitar a Sra. Russell Davis, acompanhada por um jovem. A Bessie disse-lhe que tinha por hábito não realizar sessões para mais de uma pessoa de cada vez, pois não podia ser responsável pelo que os seus guias espirituais poderiam dizer.

A senhora, no entanto, insistiu que o seu amigo fosse admitido na sessão, pois ele sabia tudo sobre ela e não havia nada que pudesse ser revelado que ele já não soubesse. Foi-lhe então permitido que fizesse a sua vontade.

Quando a Bessie passou sob controle, disse:

"Há um jovem atrás da sua cadeira que pertencia a tal e tal profissão, que perdeu a vida de tal e tal maneira (estou a contar esta história de forma vaga, para que os envolvidos não sejam reconhecidos) e em tal e tal lugar. Você teve dois filhos – um ainda está no plano terrestre e o outro no mundo espiritual. O jovem que descrevi é o pai da sua criança no espírito. Ele está a segurá-la nos braços agora e quer que eu lhe diga que está grato por ambos, ele e a criança, terem saído da sua vida e não a incomodarem mais. O seu outro filho ainda está vivo. O cavalheiro sentado ao seu lado é o pai dessa criança."

Aqui temos, novamente, uma comunicação que a Bessie nunca poderia ter feito por sua própria conta, mesmo que tivesse conhecimento dela.

Poder-se-ia pensar que a destinatária de tal revelação chocante teria fugido da casa horrorizada e nunca mais teria aparecido lá. Mas, pelo contrário, a melhor prova da veracidade das suas comunicações é que os clientes da Bessie voltam a consultá-la repetidamente e, em muitos casos, tornam-se seus grandes amigos.

Eles observam os seus guias espirituais a agir e conhecem-nos bem; mas, ao mesmo tempo, estão convencidos de que é o espírito – e não a clarividente – que os "vira do avesso".

Mencionei, no meu trabalho anterior sobre este assunto, que o meu pai, o Capitão Marryat, nunca me apareceu e disse que nunca o faria, e que, ao longo das minhas experiências, só recebi uma mensagem dele duas vezes, e, em ambas as ocasiões, diziam respeito ao meu filho, Francis Frederick Marryat, e não a mim. Agora tenho mais um episódio para registar em que o meu pai comunicou comigo, e que também foi organizado para benefício do meu filho, em vez de mim própria.

O meu pai sempre demonstrou um grande interesse na carreira do meu filho mais velho, que é marinheiro e foi nomeado em sua homenagem e em homenagem aos meus dois irmãos, ambos falecidos na flor da idade. Este filho casou-se no ano passado e, em dezembro, nasceu-lhe um menino. O pai estava no mar quando o bebé nasceu, e a mãe decidiu chamá-lo "Francis", em homenagem ao marido. Pouco depois, a Dewdrop trouxe-me uma mensagem do meu pai, dizendo que estava desapontado porque a criança não ia ser chamada "Frederick", em sua honra, e que gostaria que isso fosse alterado, se possível.

Transmiti o seu desejo à minha nora, e ela mudou o nome do bebé para Frederick. Depois, o meu pai enviou-me outra mensagem, dizendo que, se a Emmie trouxesse o bebé à minha casa para encontrar a Bessie, ele próprio o batizaria. Este plano foi concretizado e, embora para estranhos a minha afirmação possa parecer difícil de acreditar, a cerimónia foi extremamente impressionante.

Quando o Capitão Marryat começou a falar através de Bessie – esquecemos que ela era uma mulher pequena e frágil, com menos de um metro e meio de altura – a sua voz tornou-se sonora, profunda e rica; a sua postura, quase solene; a sua atitude, imponente e digna. Toda a determinação do meu falecido pai, a sua profundidade de conhecimento e a sua grande compreensão estavam ali – não era uma mulher simples e frágil a falar, mas um homem sério, pensador profundo e eloquente – com todas as asperezas da vida terrena suavizadas por uma longa residência no mundo espiritual.

O bebé, que, como a maioria das crianças saudáveis, costuma chorar bastante, pareceu quase impressionado ao ser tomado nos braços pelo meu pai, fitando-lhe o rosto em completo silêncio enquanto ele falava. O discurso proferido foi, como todos os presentes concordaram, lindamente formulado e entregue. Ele falou do futuro do menino e da esperança de que fizesse o nome da família brilhar na sua geração. Nomeou-o "Frederick Ernest Marryat" para este mundo e "Hope" para o mundo vindouro, porque previu, disse ele, que a criança seria a esperança de ambas as famílias, das quais (se vivesse) se tornaria o chefe.

Outros espíritos sucederam ao meu pai – Florence, a Dewdrop e a Goodness – e todos fizeram discursos ou rezaram pelo bebé. Foi um momento que jamais esquecerei, pois sei que é um facto solene que o espírito do meu querido pai voltou a estar entre nós, talvez pela última vez, antes de nos reunirmos com ele no outro mundo.

Acho que, com mais uma experiência pessoal, devo encerrar este capítulo.

Recentemente, sentindo-me um pouco doente, aluguei uma casa no campo para mudar de ares. Era uma casa antiga, que esteve desocupada durante muitos anos, mas possuía um jardim encantador e parecia ser exatamente o que eu precisava. Mudei-me em outubro, com apenas uma criada e um cavalariço para organizar tudo para mim.

Na primeira noite que passei ali, não havia tapetes nem cortinas, e toda a casa estava num estado de desordem e desconforto. Mas eu estava exausta e, depois de trancar a porta do meu quarto, fui deitar-me, apagando o gás, pois nunca consigo dormir com luz no quarto.

Primeiro, acordei ao ouvir a porta do meu quarto abrir-se com estrondo. No meu estado de sonolência, esqueci-me de que a tinha trancado e, pensando que o vento a teria aberto, levantei-me, acendi a luz e fui fechá-la novamente. Mas, para minha surpresa, a porta ainda estava trancada. Achei muito estranho, mas, supondo que teria sonhado, apaguei a luz e voltei para a cama.

Mal o fiz, a porta abriu-se novamente com estrondo. Levantei-me outra vez e, como continuava trancada, concluí que alguns espíritos estavam a brincar comigo e, como não gosto de espíritos que não conheço, deixei a luz acesa enquanto me deitava.

A terceira vez que fui despertada, foi ao sentir uma mão e um braço deslizando, muito suavemente, sob a minha cintura, enquanto eu estava deitada de lado. Como ainda estava muito sonolenta, o meu primeiro pensamento foi que alguém tentava roubar o relógio que estava debaixo da minha almofada, então agarrei rapidamente a mão que estava por baixo dos lençóis e segurei-a com força.

A mão puxou e puxou contra mim, com uma força que teria sido notável num mortal, e, finalmente, conseguiu soltar-se da minha pega, mas não antes de eu ter sentido que era uma mão muito pequena e fina, com um pulso ossudo e dedos semelhantes a garras.

Assim que se libertou, tentei saltar da cama e agarrar a pessoa a quem pertencia, mas descobri que a minha cabeça e ombros estavam envoltos em alguma coisa pesada, que, ao inspecionar, revelou ser o meu cobertor de viagem, que antes estava numa cadeira ao lado da cama. Assim que me desatei, saltei para cima, mas o quarto continuava vazio e a porta ainda estava trancada.

Na noite seguinte, mantive a luz acesa, mas, apesar disso, adormeci profundamente. Deitei-me cedo, pois tinha trabalhado arduamente o dia todo, deixando os meus criados no andar de baixo.

Algum tempo depois, acordei subitamente ao som de gritos e gargalhadas na escada do lado de fora do meu quarto. Parecia que o cavalariço perseguia a criada pelas escadas, enquanto ela gritava e tentava escapar.

Sendo eu muito exigente com a disciplina na casa, fiquei indignada e revoltada com esta falta de respeito. "Como se atrevem," pensei, "a fazer tal barulho indecente nas escadas, sabendo que estou no meu quarto?"

Levantei-me imediatamente, determinada a repreender os responsáveis.

Ao abrir a porta, chamei "Ellen!" num tom autoritário, mas não havia criados à vista. Além disso, as lâmpadas a gás estavam apagadas, tanto no corredor superior como no inferior. Acendi a minha própria luz e olhei para o relógio.

Eram três horas da manhã. Evidentemente, os criados já estavam na cama, profundamente adormecidos no andar de cima.

No dia seguinte, consultei a Dewdrop sobre o ocorrido. Ela disse-me que, muitos anos antes, a casa onde eu morava tinha sido um asilo privado para doentes mentais; que o espírito que tentara puxar-me da cama era o de uma mulher que tinha morrido ali; que ela sempre fora extremamente difícil de levar para a cama, e que os gritos e gargalhadas histéricas que me tinham perturbado eram os sons que fazia quando o médico a perseguia todas as noites escada acima.

A Dewdrop acrescentou que o médico parecia estrangeiro; que era gordo e tinha um bigode preto encerado, e que não gostava dele.

"Mas eu também não gosto deles, Dewdrop," respondi. "Se vão acordar-me todas as noites desta forma, terei de deixar esta casa."

"Florence tratará disso," disse a Dewdrop. "Ela já disse ao espírito da mulher que não deve entrar mais no teu quarto, pois receia que, se a vires, possas assustar-te. Não que haja algo para temer – ela não te faria mal, só tem uma aparência estranha – é tão pequena e magra, e o seu cabelo é completamente branco e cai sobre o rosto. Florence disse-lhe que pode correr pelos corredores, mas que não deve atravessar o limiar do teu quarto novamente."

Senti-me grata por esta pequena misericórdia, mas teria preferido infinitamente que a senhora lunática fosse banida por completo. No entanto, depois disso, ela nunca mais me incomodou.

Curiosa para testar a veracidade do que ouvira, perguntei ao agente imobiliário da casa (que me visitou por razões comerciais pouco tempo depois) se a propriedade alguma vez tinha sido um asilo para doentes mentais.

Ele olhou-me surpreso:
"Nunca!" respondeu, enfaticamente. "O que lhe pôs essa ideia na cabeça?"

Respondi, de forma casual, que tinha ouvido um rumor nesse sentido. Ele disse-me que era um disparate; que a casa tinha estado desocupada durante sete anos antes de eu a alugar, devido à morte do proprietário; que ele tinha vivido ali durante vinte anos; e que, se a casa alguma vez tivesse sido usada como um asilo, o agente, que conhecia o proprietário há tanto tempo, certamente teria sabido. Assim, nada mais disse sobre o assunto.

Na próxima vez que o meu filho marinheiro esteve em casa, ele estava sentado na minha sala de estar, ao anoitecer, com uma senhora visitante e comigo, quando ela expressou o desejo de ver um certo livro, que estava numa estante no quarto que ele ocupava, no mesmo andar que o meu. Pedi-lhe que fosse buscar o livro para a nossa amiga, e ele levantou-se imediatamente para o fazer.

No entanto, um minuto depois, voltou, dizendo que estava tão escuro que não conseguia ver os títulos dos volumes e que precisava de luz. A senhora, no entanto, pediu-lhe que não se incomodasse mais e, pouco depois, despediu-se. Assim que ela saiu, o meu filho disse-me: "Não volto a subir essas escadas no escuro tão depressa. Esta casa é assombrada. Quando me aproximei da porta do meu quarto, que estava fechada, ela abriu-se, e uma mulher saiu de lá, entrou no quarto da Bertie e fechou a porta atrás de si."

"Tens a certeza?" perguntei. "Como era ela?"
"Uma mulher pequena e magra, com braços longos e finos, e muito cabelo branco caído sobre o rosto. Uma mulher de aparência horrível; não gostei nada."

Depois disso, queixou-se-me mais de uma vez de ter visto a aparição no seu quarto; e, quando voltou para casa com a esposa e ocupou o mesmo aposento, contou-me que acordou e encontrou o espírito da lunática pendurado sobre a sua cama, temendo que a esposa também acordasse e a visse.

Isto confirmava o relato da Dewdrop, mas não explicava a negação do agente imobiliário sobre a casa ter sido usada como um asilo.

À medida que o outono se aproximava, as árvores de fruto precisavam de mais cuidados do que o meu jardineiro sabia dar, e obtive o nome de um homem que era considerado especialista em poda. Era um homem muito idoso, de cabelos brancos e, um dia, enquanto conversávamos sobre jardinagem, disse-me que se lembrava do jardim quando tinha dois homens e um rapaz a cuidar dele, e que era "o pedaço de terra mais bonito do lugar".

"Esta casa foi construída há cem anos," continuou. "Lembro-me dela quando o meu pai trabalhava aqui, e eu era apenas um rapazinho. Ah, naquela altura, tinham uma quantidade incrível de frutas aqui; não havia fruta nem flores mais bonitas em toda a região."

"Refere-se ao tempo em que o Sr. B- vivia aqui, suponho," disse eu, mencionando o proprietário da casa.

"Oh, não, minha senhora," respondeu ele. "Estou a falar de muitos anos antes de o Sr. B- comprar o lugar, quando o médico morava aqui."

"O médico!" repeti, atenta. "Quer dizer o médico que costumava manter doentes mentais aqui?"

O velho jardineiro virou-se e olhou-me com uma expressão muito curiosa.

"Quem lhe disse que ele mantinha doentes mentais aqui, minha senhora?" perguntou, espreitando-me por baixo das sobrancelhas espessas.

"Não importa quem me disse," respondi. "O facto é que sei disso. Não era esse o caso?"

"Bem," disse o jardineiro, pensativo, "não consigo imaginar como descobriu isso, pois quase ninguém além de mim ainda está vivo para contar, e garanto-lhe que eu não contei. Tudo foi mantido em segredo absoluto, e ninguém na região sabia a verdade até que a lei veio atrás do médico um dia, e ele teve de se desfazer dos pacientes, da casa e de tudo o mais. Isso é a verdade, minha senhora. Descobriram que havia oito ou dez senhoras e cavalheiros loucos aqui, e o médico não tinha licença para os manter, e ouvi dizer que teve muitos problemas por causa disso. Mas quem poderia ter-lhe contado, agora?"

O velho jardineiro nunca ficou satisfeito com a resposta, mas eu fiquei convencida de que os meus amigos espirituais me tinham contado a verdadeira versão da história.

## CAPÍTULO XI
## UMA SESSÃO CASUAL COM UMA ESTRANHA

Fiz uma curta viagem pela província nesta primavera, para dar uma palestra que provou, com base no testemunho das Escrituras, que a prática do Espiritualismo era tanto certa como verdadeira. No decorrer das minhas andanças, cheguei à cidade de Nottingham, onde fui recebida pelo meu anfitrião, o Sr. James Fraser Hewes. Era uma tarde de sexta-feira e, como eu não daria palestras até sábado, o Sr. Hewes, com o objetivo de preencher o tempo, perguntou-me se eu gostaria de assistir a uma sessão de materialização naquela noite com a Sra. Davidson, de South Shields. Eu jamais tinha ouvido falar no nome dessa médium, porém, sei que há vários bons escondidos nas cidades de provincia, e perguntei ao Sr. Hewes como era a mediunidade dela.

Mas ele também nunca tivera o privilégio de participar nas sessões da Sra. Davidson antes, pelo que não me pode dar nenhuma informação a respeito. Ela havia sido convidada para ir a Nottingham por um cavalheiro chamado Bostock, que fazia sessões com ela e os amigos dele na sua residência particular. O Sr. e a Sra. Hewes tinham sido convidados para aquela noite; mas, quanto a mim, eu deveria estar em Walsall, que foi o último lugar em que dera palestras. Decidiu-se, então, que eu deveria acompanhar os meus anfitriões à reunião incógnita e, depois do chá, partimos para a casa do Sr. Bostock. Esse cavalheiro, embora, sem dúvida possuísse todas as virtudes existentes, não compreendia as condições adequadas para a obtenção de boas materializações.

Foi uma das poucas noites quentes que desfrutamos nesta primavera, e a sala de sessões dele estava insuportavelmente lotada com cerca de trinta cavalheiros e senhoras, se bem que, para escurecer o aposento, toda lufada de ar fresco fora cuidadosamente excluída. Senti, ao entrar, como se não conseguisse ficar nem um minuto ali. Era como a atmosfera de uma estufa. Por meio de uma passarela muito estreita, conseguimos chegar às cadeiras reservadas para nossa acomodação, que ficavam perto do gabinete, sendo a minha a sexta a partir dele. Esse gabinete, se assim se pode chamar, era composto por um pedaço de Silesia verde,* pregado num canto da sala, com espaço atrás apenas para acomodar uma cadeira.

** NT: Variedade de tecido de algodão ou linho.*

"Onde está a médium?" sussurrei ao Sr. Hewes.

"Na sala ao lado," respondeu ele. "Ela tem tanto medo de entrar no gabinete, que os espíritos são obrigados a trazê-la para a sala de sessão sob controle, ou não conseguiriam convencê-la a entrar." E depois acrescentou: "Quão surpreendidos não haveriam de ficar — significando os presentes — "se soubessem quem estava a participar com eles. Ninguém sabe que você estará na cidade até amanhã à noite.

Nesse momento, a Sra. Davidson entrou na sala. Ela é a esposa de um mineiro e vinha vestida de acordo com a sua classe; tem um rosto agradável, mas, nesse momento, parecia preocupada e ansiosa.

"Ah, este calor! este calor!" exclamou ela, olhando de forma desnorteada ao seu redor;" nunca conseguiremos nada neste calor."

Quando digo que *ela* disse isso, quero dizer o espírito que a estava a controlar, e que era um homem cujo nome não entendi. O Sr. Bostock imediatamente perguntou o que ele deveria fazer — se deveria abrir as janelas, etc.? Esta proposta foi apoiada e aceite; mas ainda assim a médium pareceu inquieta.

"Tantos; tantos!" murmurou ela; "não vamos conseguir nada, receio bem."

O Sr. Bostock então perguntou se alguns dos presentes deveriam ser mandados embora, mas o controlador achou que isso não seria justo. "Não devemos decepcioná-los assim," respondeu ele, "e quando eles chegaram tão longe. Daremos o nosso melhor, amigos, e ninguém pode fazer mais.

Assim, ver-se-á que não se esperavam grandes coisas da sessão da noite e, quanto a mim, simplesmente preparei-me para permanecer num banho quente até que a sessão terminasse, e concentrei a minha atenção apenas em permanecer o mais quieta e fresca possível ante a circunstância. E, aqui, não seria porventura despropositado fazer algumas observações sobre os erros perpetrados a esse respeito, por pessoas que organizaram muito mais sessões, talvez, do que o Sr. Bostock.

Uma sala de sessões nunca deve estar lotada, especialmente numa noite quente. A fim de se obter uma materialização, é essencial ter-se uma atmosfera moderada, nem muito quente, nem muito fria. Os participantes também devem ser selecionados com discrição, sendo, se possível, igualmente divididos entre os sexos, sem se admitir nenhum muito fraco ou doente entre eles. E se metade dos requerentes de ingressão tiver sido usada para participar em sessões, e a outra metade não, muito poucos destes últimos deviam ser admitidos de cada vez. Eles devem "introduzir-se furtivamente," por assim dizer, individualmente ou aos pares, até que a sua aura seja completamente absorvida pela dos participantes mais experientes. Tal sistema, se executado com cuidado, criaria às influências muito menos dificuldades a enfrentar e levaria a uma conclusão mais bem-sucedida.

Mas voltando à mediunidade da Sra. Davidson. Ficamos sentados durante algum tempo em "silêncio e lágrimas" (de suor), sem que nada ocorresse — então uma voz saiu de trás da cortina: "A senhora sentada na sexta cadeira do gabinete quererá trocar de lugar com a senhora que está sentada ao lado?"

Essa mudança colocou-me perto da cortina da Silesia, de modo que eu pude escutar o mais pequeno movimento que ocorria dentro dela. Contudo, não fiquei muito tempo ali sentada, antes que o interior do gabinete fosse iluminado por alguma misteriosa luz espiritual, de modo que pude ver a médium sentada na sua cadeira, com o vestido preto e o pequeno xale preso nos ombros, enquanto a cabeça afundava no peito. Uma senhora, que estava sentada logo atrás de mim, disse que também viu, ou seja, que percebeu a estranha iluminação, que lhe parecera como se ela estivesse diante de uma janela sem cortinas à luz do dia; mas ela não viu a figura da médium, como eu.

No entanto, embora eu percebesse isso claramente, não vi nenhum espírito a formar-se, como antes, nem nada além da médium. De repente, uma voz de criança — um, creio eu, dos controladores da médium — pediu ao círculo que cantasse alguma coisa, e juntamo-nos a cantar uma melodia muito conhecida. A cortina foi puxada para um lado, e uma garotinha, de cerca de nove ou dez anos, aparentemente, deu uma espiadela e desapareceu de novo.

"Que é aquela?" demandou o Sr. Bostock; " não pode nos dizer?"

"Aquela é a pequena Gertie," foi a resposta que deu, "vinda para a senhora sentada ao lado do gabinete. Cantem algo mais animado, se fazem favor; ela gosta de músicas animadas."

Os presentes então iniciaram um hino num compasso mais rápido, e a "Gertie" saiu de novo. Desta vez ela levantou um pouco as saias brancas e balançou de um lado para o outro numa espécie de dança lenta, a mostrar os pezinhos descalços. Eu pedi-lhe para falar comigo, ou me beijar, mas a cada pedido ela desaparecia de novo, por isso não insisti mais. Depois de ter se mostrado quatro ou cinco vezes, ela recuou, abrindo caminho para a minha filha Florence, cuja aparição não posso confundir — por ela ser tão esguia, jovem e de aparência virginal, e ter um ar tão santo ao redor dela, como se ela tivesse acabado de chegar do Céu. Sabendo que ela era um espírito tão forte — forte, quero dizer, em poder de se mostrar à vista mortal — pensei que a sua presença pudesse salvar a sessão e transformá-la num sucesso, pelo que exclamei: "Florence, estou tão feliz por teres vindo. Mostra-te mais claramente, se possível, pois receamos que não vamos ter grande sessão esta noite.

Mas Florence não pareceu disposta a entrar na sala; pelo contrário, quando me dirigi a ela, ela recuou e pôs o dedo no lábio dela. Reiterei o meu pedido e então ela inclinou a cabeça para a frente, até que pude ouvi-la sussurrar:

"Esta noite não, mãe! Alguém está a chegar."

Mas eu não tinha a menor ideia a quem ela se referia. Eu implorei-lhe para me dizer.

"Quem é que está a chegar, Florence?", disse eu. Ela inclinou a cabeça para a frente de novo e sussurrou num tom muito baixo:

"A Eva!"

O meu coração literalmente parou. Este é o nome da minha amada filha mais velha, que tive a infelicidade de perder no parto, há quase sete anos, e a quem tenho desejado e rezado para ver desde então, mas sem efeito. Comecei a tremer tão violentamente que mal conseguia ficar parada no assento e senti como se fosse sufocar. Achei o anúncio foi tão

inesperado. Aqui estava eu, que havia implorado ao Todo-Poderoso nos últimos sete anos para me dar um pequeno vislumbre deste bem mais querido da minha vida, condenada a encontrá-la pela primeira vez, desde que ela me fora arrancada dos braços, na companhia de estranhos, que nada sabiam da minha perda, nem podiam simpatizar com ela. Achei que deveria sair a correr da sala, para evitar fazer papel de tola — embora me intrigue por que alguém deveria ser considerado tolo por ceder a uma emoção natural.

Passados mais alguns minutos, a cortina foi erguida de novo, e a minha querida menina, com o seu bebé nos braços, postou-se diante de mim, mas bem dentro do abrigo do gabinete. Ela estendeu o bebé dela para mim, como se desse modo garantisse o reconhecimento. Mas eu não conseguia olhar para nenhum deles. A agonia do meu espírito tomou conta de mim e perdi todo o controlo de mim própria. Afundei de joelhos, como se tivesse o próprio Deus diante de mim e chorei como eu não havia feito nos últimos anos. Eu não esperava que ela viesse de novo.

Achei que a minha dor incontrolável a perturbaria e, talvez prejudicasse as condições; mas não o pude evitar. Avaliem, pois, a surpresa que não tive, quando a minha querida menina, após se livrar do bebé, saiu do armário novamente e, chegando ao meu lado, onde eu estava ajoelhada a chorar, inclinou-se sobre mim, pegou na minha cabeça e deitou-se no seu seio querido e enxugou as minhas lágrimas com o seu véu, enquanto me beijava e repetia: "Não chore, mãe; não chore."

Naquele instante, eu só pude encostar minha cabeça a ela e agradecer a Deus por Ele ter respondido à minha constante oração e me ter deixado ver a minha querida novamente; mas, olhando para trás na entrevista, posso recordar e descrever distintamente as características que mais me impressionaram nela. O véu dela, ao me enxugar o rosto molhado, pareceu-me uma rede de seda, só que muito fina e macia, e efectivamente secou-me as lágrimas, o que uma rede não teria conseguido; também era perfumado com algum incenso semelhante a perfume.

Eu podia sentir a suavidade dos seus lábios, enquanto ela me beijava, e o hálito quente dela a passar por eles; e todo o seu corpo parecia impregnado do mesmo perfume subtil, como se ela fosse um saquinho aromático (saché). O rosto era quente e muito macio, como a carne de um bebé recém-nascido, e aqueles que a olhavam mais mecanicamente do que eu eram capazes de o fazer, disseram-me mais tarde, que ela estava muito pálida, e tinha a cabeça e o rosto muito envolvidos no seu volumoso véu.

Depois que Eva saiu, Florence informou-nos que pretendia entrar, e teria saido para o círculo comigo, se a minha emoção não a perturbasse, de modo que ela perdeu o poder de o fazer. Isso, com excepção de algumas observações de dentro do gabinete, da parte dos controladores da Sra. Davidson, concluiu a sessão. Apenas três espíritos apareceram, que foram as minhas três filhas. Lamentei muito pelos outros assistentes, mas não foi culpa minha. No entanto, eu senti-me terrivelmente culpada, como se eu — a única estranho entre eles — tivesse monopolizado toda a noite. O único consolo que tive foi saber que, se eu não estivesse lá, eles não teriam obtido nenhum resultado.

A médium ficou tão abatida com o calor que, assim que foi levada para outra sala, desfaleceu. Antes de sairmos de casa, alguém lhe disse quem eu era e ela perguntou se eu poderia falar com ela. Quando eu a vi na sua condição normal, e disse-lhe que mimo ela me havia dado, e como eu estava grato para com ela por isso, e ela disse-me que sabia que eu ia

dar uma palestra em North Shields antes que a minha turnê terminasse, e se eu prometia, quando fosse lá, ir e ter outra sessão com ela na própria casa dela? Prometi, com muita alegria, fazê-lo e, menos de quinze dias depois, estava a caminho da casa dela. A Sra. Davidson e os amigos receberam-me com muita hospitalidade, e eu senti-me imediatamente em casa na sua companhia.

A casa era modesta, nos subúrbios de South Shields, e a cozinha da frente, ou sala, em que nos sentávamos, tinha um piso de tijoleira. O círculo consistia de alguns residentes da vizinhança e alguns amigos da própria Sra. Davidson, que cantaram com tanto entusiasmo e de tal modo em uníssono durante os procedimentos que foram um exemplo para a maioria dos Espiritualistas. Eles estavam, evidentemente, acostumados a cantar juntos e deram-se ao trabalho de praticar os eus hinos e cânticos. Descobri que o Sr. Davidson também era médium e estava sob controlo a maior parte do tempo, embora se sentasse no círculo com o resto de nós.

Quando começamos os procedimentos, a médium solicitou particularmente que minha cadeira fosse colocada próxima à cortina de Silésia e nos tocassemos, para que ela pudesse captar toda a nossa influência. Isso foi feito, pois, de modo que, durante toda a noite, os nossos braços ficaram próximos uns dos outros, assim como os nossos joelhos. Suponho que, se uma médium quisesse trapacear, e estivesse consciente disso, esse seria o pedido mais insensato que ela poderia ter feito, pois o menor movimento da minha parte teria descoberto qualquer trapaça da sua parte.

O primeiro espírito que apareceu, nessa ocasião, foi, igualmente, "Gertie," que saiu directa do gabinete, falou e tocou vários dos assistentes. Tive muitas oportunidades nessa noite de lhe observar o vestido, que era de uma maneira curiosa. Ela parecia usar um vestido de baixo, que se ajustava bem ao corpo, sobre o qual pendia um manto solto, que ia do pescoço aos pés, feito de algum material diáfano, de modo que os braços e pescoço nus pudessem ser claramente visto através dele; e, quando ela se balançava ao ritmo do compasso de dança e levantava os bracinhos, foi de baixo do manto superior que os vi, e eles mostravam-se cobertos por esse manto, enquanto ela os estendia.

Ela estava muito mais forte, no entanto, do que na primeira ocasião e, aparentemente, bastante destemida. Ela apoiou os seus dois bracinhos nos meus joelhos e pulou, como fazem as crianças, pressionando todo o seu peso sobre mim ao fazê-lo. Atravessou a sala e apertou a mão a uma senhora sentada à minha frente, dizendo, em resposta à pergunta quem ela era: "Sou a pequena Gertie da mamãe." Ela apareceu várias vezes e, ao sair pela última vez, desmaterializou-se à nossa vista, desaparecendo através do chão de tijoleira.

Isso é o que raramente tenho visto desde que deixei a América, embora me lembre de um incidente ocorrido por meio da mediunidade do Sr. Cecil Husk, que deixei de relatar ao escrever sobre as sessões que tive com ele. Estando em termos de conversa e confidencialidade com todos os seus controladores, muitas vezes fiz “troça” do Tio, porque ele não nos mostrar o rosto, e o sobrinho dele, Christopher, ter declarado dever-se a estar muito envergonhado disso. Incitado por essa acusação difamatória, o Tio, finalmente, anunciou que estava a sair do armário, totalmente materializado.

Ficamos todos muito interessados ao ouvir isso, pois é agradável encontrar um amigo que conhecemos por meio de conversa mútua há tanto tempo, cara a cara; então estávamos na ponta dos pés na expectativa de conhecer pessoalmente o Tio. Logo, depois de várias

tentativas ineficazes, que foram anunciadas por risadas desdenhosas do seu sobrinho indisciplinado, o pobre Tio saiu do gabinete.

Mas, ou ele havia calculado mal as suas forças físicas ou não conhecia as dificuldades de materialização; pois, em primeiro lugar, ele não tinha metade do tamanho que deveria ter e, em segundo lugar, começou a cair em pedaços assim que se deparou com o olhar mortal fixo nele. Ele conseguiu coxear ao redor da metade do círculo, a segurando as vestes, como se fossem muito longas e ele pudesse tropeçar nelas, quando, ao chegar ao meio da sala — triste de relatar — o pobre Tio caiu no chão no chão e começou a desvanecer-se. Ele ter-se-ia desmaterializado completamente diante de nós, se o John King não tivesse tirado a mão do armário e agarrado os restos mortais do tio, puxando-os para fora de vista. Jamais esquecerei o efeito do Tio a ser puxado para fora do círculo, como uma trouxa de trapos, nem as gargalhadas com que os seus esforços foram recompensados.

Até hoje, ele não gosta que mencionemos essa tentativa de materialização e, como ele fez isso simplesmente em face do nosso repetido pedido, parece bastante cruel ridicularizar o seu fracasso.

Mas isto é um longo desvio do tema da minha pequena Gertie. Assim que ela nos deixou, Eva apareceu novamente, desta vez sem o seu bebé e, evidentemente, com muito mais força do que em Nottingham. O meu cunhado, Edward Church, a quem menciono em *There is no Death*, tinha-me dado um anel de ouro, com as letras A. E. I. esmaltadas em azul-escuro. Após a sua morte, ofereci esse anel à minha filha Eva, em sua memória. Um mês antes da sua própria morte, fui visitá-la onde estava hospedada, em Southend, e encontrei esse anel no seu cesto de costura.

"Se não te importas com este anel do pobre Ted", disse-lhe eu, "vou levá-lo de volta, porque não gosto de vê-lo assim abandonado. Talvez não devesse ter-me separado dele, pois era uma recordação."

Ela respondeu que, geralmente, o usava; que apenas o tinha tirado por um momento; mas que, se eu quisesse tê-lo de volta, podia levá-lo sem problema. Assim, coloquei o anel no meu próprio dedo e dei-lhe uma pequena lembrança em troca. Desde que a perdi, apenas um mês depois, tenho usado o anel dia e noite, mais em memória dela do que do meu cunhado. É um anel bastante discreto e quase oculto entre os outros que uso.

Na noite de que falo, a primeira coisa que Eva fez ao sair do gabinete foi colocar o dedo sobre esse pequeno anel e dizer: "O meu anel, mãe!" e girou-o repetidamente no meu dedo com a sua própria mão.

Parecia exatamente como na primeira vez que a vi após a sua morte, sendo a única diferença percetível em relação à sua aparência em vida o facto de que o seu cabelo abundante estava escondido pelo véu enrolado à volta da cabeça, e o seu rosto parecia mais pequeno do que antes – mais semelhante ao que vi quando estava no caixão, com a aparência de uma rapariga de catorze anos. Durante a sua doença, também lhe tinham cortado o cabelo, e já tinha notado antes que os espíritos, na sua primeira reaparição após a morte, geralmente surgem como estavam no momento em que deixaram a Terra, e não como viveram nela.

Estava presente uma senhora, estranha para mim (como, aliás, eram todos naquela noite, exceto a Sra. Davidson), chamada Sra. Elliot, e Eva atravessou a sala até onde essa senhora estava sentada. Pegou na sua mão, colocou-a na minha e fechou a sua própria sobre ambas. Ainda não desvendei o significado deste gesto, embora a Sra. Elliot me tenha dito depois que era médium e que imaginava que a minha filha queria indicar que poderia, ou gostaria de, manifestar-se através dela. No entanto, esse mistério ainda não foi resolvido. O gesto despertou a minha curiosidade, pois Eva nunca fora muito afetuosa com estranhos, e parecia pouco próprio dela demonstrar tanta simpatia por alguém à primeira vista.

Durante essa sessão, Eva saiu do gabinete cinco vezes; em três dessas ocasiões, afastou a cortina e mostrou-nos a médium sentada na sua cadeira de Windsor, com o vestido preto visivelmente distinto das vestes brancas do espírito.

Posteriormente, um artigo sobre esta sessão foi escrito pelo Sr. Elliot e publicado nos jornais, assinado por todos os presentes, que testemunharam a aparição da minha filha e a facilidade com que falava e se movia. Assim, não poderia ter sido apenas fruto da minha imaginação vívida.

O espírito que sucedeu Eva foi o meu guia persa, Abdullah Ben-adad Pen-rudah Mahomet Abdullah, a quem já mencionei nestas páginas. Estava vestido exatamente como aparecera através do médium Sr. Husk, e a sua barba negra estava entrançada de forma peculiar. Dirigiu-se apenas a mim, mas, como só fala a sua própria língua, fiquei tão esclarecida como os outros. Abdullah espera, um dia, poder falar inglês ou ensinar-me persa, para que possamos conversar. No momento, contudo, conseguimos entender-nos surpreendentemente bem. Como um soldado inglês que casou com uma rapariga tâmil na Índia me disse uma vez, quando lhe perguntei como se comunicava com a esposa – já que nenhum dos dois falava a língua do outro: "Bem, minha senhora, o amor tem apenas uma língua em todo o mundo, sabe!" Assim, o meu guia persa consegue fazer-me entender um pouco do que quer dizer, mesmo sem podermos falar diretamente.

Nesta ocasião, ele aproximou-se de mim, inclinou-se, beijou primeiro os meus pés e, depois, ao erguer-se, beijou a minha testa, mantendo a mão sobre a minha cabeça. Soube exatamente o que ele queria transmitir com essas ações: que estava ao meu serviço, que se preocupava comigo e que influenciava a minha mente. Depois, dirigiu-me um longo discurso, presumivelmente em persa, ao qual respondi em inglês, dizendo que não tinha entendido uma única palavra do que dissera, mas que lhe agradecia por cuidar de mim e me influenciar. O Abdullah sorriu docemente e retirou-se para dentro do gabinete novamente.

Foi então sucedido por um chefe indígena americano, um guia espiritual do Sr. Davidson, cujas características eram tão marcadamente diferentes das do persa de olhar e voz suaves que todos os presentes notaram o contraste. O chefe indígena literalmente "irrompeu" pelo círculo, correndo à sua volta numa posição meio agachada e fazendo gestos bruscos em direção aos participantes, como se fosse atacá-los, rindo alto e de forma um pouco áspera sempre que alguém sobressaltava ou recuava. Também tinha cabelo negro, mas longo e liso, sem barba ou bigode, e uma tez acobreada. Os seus braços estavam nus. Uivou uma ou duas vezes ao percorrer a sala, mas ninguém respondeu com grande entusiasmo, pelo que a sua visita foi breve.

A seguir, apareceu uma jovem para um senhor idoso que estava presente. Como ele estava sentado em frente a mim, não vi o seu rosto. No entanto, ele disse-me que a reconheceu

perfeitamente e que era o espírito de uma médium que, em tempos, participara em sessões com a Sra. Mellon, anteriormente conhecida como Miss Fairlamb.

Logo depois, surgiu uma senhora mais velha, que também foi reconhecida pelos seus amigos, tornando-se a sexta aparição daquela noite.

Por fim, surgiu uma aparição muito interessante: uma mulher muito envolta em panos, que saiu do gabinete e permaneceu à sua entrada, virando a cabeça repetidamente à volta do círculo, como se procurasse alguém. Como estava sentada ao seu lado, perguntei-lhe:
"Está à procura de alguém? Quem é que deseja encontrar?"

A figura voltou-se para mim e apontou com o dedo para um jovem que estava sentado num sofá ao fundo da pequena sala, acompanhado por duas ou três mulheres.

"Quem é?" perguntei-lhe novamente. "O seu irmão?"

Ela abanou a cabeça e sussurrou, quase inaudível: "Meu filho, meu filho."

Então, disse em voz alta ao jovem (que, naturalmente, era totalmente desconhecido para mim, até de nome):

"Este espírito diz que é sua mãe. Ela quer que vá falar com ela."

Mas ele abanou a cabeça e virou o rosto para o outro lado, como se quisesse escondê-lo. O espírito pareceu profundamente magoado. Deu alguns passos em direção à sala e estendeu os braços, suplicante, para o filho.

O Sr. Elliot, que estava sentado ao meu lado, disse-lhe: "Dê-lhe tempo. Ele está demasiado emocionado para perceber que é mesmo a senhora." Ele usava um botão de lírios-do-vale na lapela, retirou-o e colocou-o na mão dela. Ela estendeu as flores para que o filho as aceitasse. Ainda assim, o jovem não fez qualquer gesto em direção a ela. Senti-me um tanto indignada. Parecia-me que ele simplesmente não se importava; mas mais tarde disseram-me que, na verdade, ele estava demasiado nervoso para enfrentar o espírito.

Falei-lhe novamente; disse-lhe: "Compreende que este é o espírito da sua mãe? Não a reconhece?"

Ele respondeu: "Oh, sim, eu sei que é a minha mãe! Não duvido disso; mas não quero vê-la, nem falar com ela."

Isto pareceu-me tão incompreensível que disse ao espírito: "Talvez ele não consiga acreditar que é mesmo a senhora. Deixa-me ver o seu rosto, para que eu o possa descrever a ele?"

Imediatamente, ela virou-se para mim e, ansiosamente, retirou as faixas brancas do rosto, tornando os seus traços perfeitamente visíveis. Se tivesse sido a Sra. Davidson a fingir ser a mãe do jovem, teria sido uma atitude muito imprudente. Mas ela fê-lo sem hesitação, como se estivesse ansiosa por me deixar vê-la com clareza. Quando olhei para o seu rosto, disse: "Este espírito tem olhos escuros, relativamente pequenos; um nariz longo, queixo pontiagudo e traços algo afilados. Isso parece-se com a sua mãe?"

"Sim! Sim!" respondeu o jovem. "É ela. Sei perfeitamente. Mas não consigo falar com ela." E voltou a virar a cabeça para o lado, como se quisesse esconder-se atrás da jovem que estava ao seu lado.

O espírito parecia estranhamente agitado. Se houve algum desentendimento grave entre ela e o filho, claro que não posso saber; mas nunca antes tinha visto um espírito agir daquela forma. Ela ajoelhou-se no chão de tijoleira, escondeu o rosto nas mãos e soluçou audivelmente. Inclinei-me sobre ela e murmurei algumas palavras de consolo, dizendo-lhe que o filho lhe falaria numa próxima vez, que naquela noite estava demasiado emocionado, e assim por diante. De repente, ela ergueu-se de um salto, lançou os braços à volta do meu pescoço e beijou-me várias vezes. Senti que o seu rosto estava molhado e, quando voltou para o gabinete, deixou as suas lágrimas na minha face.

Esta foi uma das raríssimas vezes em que vi um espírito materializado chorar. O círculo que se reuniu com a Sra. Davidson e comigo, em Nottingham, disse, mais tarde, que quando a minha querida filha limpou as lágrimas do meu rosto, puderam ouvi-la soluçar em uníssono comigo; mas eu estava demasiado emocionada para me aperceber disso. No entanto, trata-se de um acontecimento raro, e, quando acontece, podemos ter a certeza de que choram por nós, e não por eles próprios.

A aparição deste espírito esgotou as energias da médium naquela noite e, pouco depois de ela nos deixar, uma voz vinda do gabinete anunciou o fim da sessão. Mal esta voz se calou, a Sra. Davidson saiu de trás da sua frágil cortina e voltou para o nosso convívio, animada e faladora, como no início, sem qualquer aparência de sonolência ou cansaço.

Agora, realizámos duas sessões com uma médium que nunca me tinha visto, nem a nenhum dos meus familiares ou amigos íntimos, que nunca ouvira falar de mim, exceto através das minhas publicações, e que estava numa posição em que era altamente improvável que tivesse adquirido qualquer conhecimento sobre a minha vida privada — as suas alegrias ou tristezas. E, no entanto, a partir de um chão de tijolo, conseguiu produzir a réplica das minhas duas filhas e do meu guia espiritual persa. De onde vieram elas? O que eram? Como conseguiu fazê-lo?

A teoria de que a esposa de um mineiro teria sido capaz de se disfarçar, pintar o rosto e assumir diferentes personagens atrás de alguns metros de tecido silesia, e com a sua cadeira encostada à minha, sem que eu percebesse qualquer movimento ou ruído, é demasiado absurda para ser levada a sério — mesmo que ela fosse talentosa o suficiente para se transformar como um artista de "quick-change" ou que valesse a pena o esforço, considerando que não recebia nada pelo trabalho.

Além disso, as formas que se manifestam através dela reconhecem os seus entes queridos, bem como são reconhecidas por eles, e falam sobre assuntos familiares. Quem, além de mim, presente naquela sala, sabia que o pequeno anel fino de ouro, quase escondido entre outros, pertencia à minha filha falecida? Ou, se a velha senhora que veio em busca do filho fosse apenas uma ilusão, como poderia eu, uma completa estranha para ambos, descrever os seus traços ao jovem de forma tão exata que ele os reconheceu?

Não, é evidente que os cientistas, filósofos, céticos e ateus terão de encontrar outra explicação para estes fenómenos que não seja fraude ou auto-ilusão. Uma pessoa pode ser

iludida ou insana, mas ninguém acreditaria que uma dúzia de pessoas se deixaria enganar ao mesmo tempo. E, tomem nota das minhas palavras, o dia chegará — e não está longe — em que os loucos serão aqueles que não acreditam, e não os que acreditam. Os mortos regressam. Isto é uma verdade inegável. Se não são aqueles que dizem ser, cabe aos céticos prová-lo.

Dado que tem havido tanta suspeita sobre a impossibilidade de permitir muita luz numa sessão de materialização, não posso encerrar este capítulo sem descrever a iluminação usada pela Sra. Davidson, que foi a mais intensa que vi desde que deixei a América.

A sala, como já mencionei, era muito pequena, e uma luz fraca teria sido suficiente para iluminá-la. No entanto, a Sra. Davidson usou um candeeiro a óleo com um refletor fino atrás, colocado sobre a lareira, diretamente em frente ao gabinete. Diante da chaminé, colocou uma folha de papel de seda cor de laranja, ligeiramente amarfanhada, que suavizava o brilho sem obscurecer a luz. Posso atestar que, passados apenas cinco minutos, conseguia ver tudo na sala com a mesma clareza como se o candeeiro estivesse sem qualquer filtro.

Nunca assisti a uma sessão com menos preparativos e considero que as manifestações que tive o privilégio de presenciar, através da mediunidade da Sra. Davidson, foram tão puras e genuínas quanto qualquer outra que já testemunhei.

## CAPÍTULO XII
## **UMA SESSÃO COM O SR. RITA**

A convite de alguns velhos amigos meus, o Dr. e a Sra. A-, fui certa noite participar numa sessão espírita em sua casa, com o Sr. Rita. Há muito tempo que ambicionava sentar-me com este médium, que é um cavalheiro particular, praticando o Espiritualismo apenas para seu próprio prazer e o dos seus amigos. É muito raro que o Sr. Rita possa ser persuadido a realizar uma sessão – e, quando o faz, é apenas em círculos privados e entre pessoas que conhece. Presumo que tenha sido forçado a estabelecer essa regra, pois, de outro modo, seria inundado de pedidos de sessões, o que prejudicaria a sua saúde e a sua ocupação. O facto de ser difícil conseguir uma sessão com ele foi a principal razão pela qual eu estava tão ansiosa por conhecer o Sr. Rita pessoalmente e testemunhar os seus poderes extraordinários, que me tinham sido descritos.

Reunimo-nos na casa do Dr. e da Sra. A-, às seis da tarde, e, depois de jantarmos juntos, entrámos na sala da sessão.

Há duas características altamente desejáveis e, ao mesmo tempo, notáveis na mediunidade do Sr. Rita – ele nunca usa um gabinete e nunca entra em transe, o que lhe permite desfrutar da sessão tanto quanto qualquer outra pessoa. Ele simplesmente toma o seu lugar à mesa, com o círculo, no escuro, e os seus espíritos trazem as suas próprias luzes, à semelhança do espírito John King. O Sr. Rita mantém uma conversa constante durante toda a sessão, dirigindo-se aos espíritos, tal como faz com os seus amigos presentes, de modo que pudemos desfrutar da novidade de nos comunicarmos simultaneamente com o médium e com os seus guias espirituais.

Antes de nos acomodarmos para a noite, uma conhecida médica americana, a Dra. M. K., juntou-se ao grupo. Embora fosse dos Estados Unidos, nunca tinha assistido a uma sessão de materialização em toda a sua vida e estava muito curiosa sobre o assunto. Também tinha

jantado fora, mas com outros amigos, aos quais pediu desculpa por se ausentar por uma hora após o jantar, para comparecer à sessão. Entrou, portanto, vestida com a sua roupa de jantar e um manto de noite, visivelmente entusiasmada com a perspetiva do que estava por vir.

Eu já ouvira falar do seu nome, mas nunca tivera o prazer de a conhecer antes. Era muito bela, com os traços delicados típicos das suas compatriotas, e estava magnificamente vestida. Não dava a ideia de uma médica estudiosa das doenças humanas; no entanto, era um facto que tinha alcançado grande renome na sua profissão e possuía uma vasta clientela de pacientes. Este facto, por si só, demonstrava que a Dra. M. K. era uma mulher inteligente e altamente qualificada – alguém cuja palavra seria levada a sério em qualquer assunto científico e que dificilmente se deixaria levar pela imaginação ou pelo medo.

Conversou comigo sobre Espiritualismo antes do início da sessão, e percebi que não estava de todo predisposta a acreditar, nem mesmo a ser facilmente convencida da sua veracidade. Disse-me que estava muito curiosa para descobrir se aquilo que os seus amigos lhe haviam contado sobre o assunto era credível; mas, ao mesmo tempo, falava com total imparcialidade e reservava completamente a sua opinião. Se me tivessem perguntado, teria dito que a Dra. M. K. era exatamente o tipo de pessoa ideal para investigar esta ciência, pois podíamos estar certos de um julgamento imparcial da sua parte.

Por esta altura, já estávamos todos sentados à volta da mesa, com o Dr. e a Sra. A. sentados um de cada lado do médium, e a Dra. M. K. e eu sentadas em frente a eles, enquanto os restantes lugares eram ocupados por estranhos para mim. Mantivemos uma conversa animada, debatendo vários temas de interesse, com o Sr. Rita sendo o mais espirituoso de todos.

Quase assim que as luzes foram apagadas, um rosto espiritual ergueu-se tão repentinamente diante de mim e da Dra. M. K., e tão perto dos nossos, que ela soltou uma exclamação de surpresa. Era claramente o rosto de um indiano oriental, com traços finos e aquilinos e olhos escuros e melancólicos. A cabeça estava coberta com um *puggree* branco, uma faixa de musselina torcida na forma de um turbante, com uma joia cintilante pendurada à frente.

Esta cabeça reapareceu várias vezes para se mostrar e, por fim, foi acompanhada por outra, da mesma nacionalidade. O médium não sabia quem eram, mas disse que geralmente eram os primeiros a manifestar-se nas suas sessões.

Enquanto isso, um dos seus guias espirituais familiares, chamado "Charlie", mantinha uma conversa animada com ele e com o grupo em geral. Charlie parecia muito interessado na Dra. M. K. e dirigia a maior parte do seu discurso a ela.

A mim, dirigiu-se pelo título de "Lady Sem Morte", piada essa que parecia divertir-lhe imensamente.

Pouco depois, a cabeça de um homem apareceu totalmente iluminada diante de mim e da Dra. M. K. Eu nunca tinha visto esta senhora antes, como já mencionei, mas não havia como negar a semelhança entre ela e o espírito que agora se manifestava diante de nós.

Era um homem idoso, talvez com sessenta anos, com cabelos prateados, bigode e barba – mas com os mesmos traços delicados da Dra. M. K., os mesmos olhos, boca e rosto oval. Era como se ela própria tivesse posto uma peruca grisalha e uma barba.

A cabeça aproximou-se dela e murmurou: "Deus te abençoe!"

A Dra. M. K. exclamou: "Meu pai!" e ficou profundamente emocionada. Não havia dúvida para nenhum dos presentes de que a sua dor e comoção eram genuínas. Ela chorou copiosamente enquanto falava com o espírito com imensa ternura e lhe assegurava como o reconhecia plenamente e como desejava ver também a sua mãe.

A este pedido, o espírito do pai retirou-se para dar lugar à mãe, a quem ela reconheceu tão plenamente quanto ao pai. Continuou a suplicar aos espíritos que voltassem "só mais uma vez", até que comecei a pensar que não teríamos mais nenhuma manifestação naquela noite – pois a energia estava a ser demasiado utilizada.

Por fim, ela deixou-os partir, mas demorou algum tempo a recuperar-se da sua agitação. Pude ouvi-la soluçar baixinho, no escuro, ao meu lado, e considerei o seu testemunho sobre a autenticidade da mediunidade do Sr. Rita como um dos mais valiosos que o Espiritualismo poderia ter recebido.

É o testemunho de mentes como a da Dra. M. K. que precisamos – não o entusiasmo dos tolos, que adorariam uma abóbora esculpida com uma vela dentro, se lhes dissessem que era o espírito do seu amigo mais querido.

A Dra. M. K. veio a essa sessão como uma mulher completamente isenta de preconceitos, mas, ao mesmo tempo, perfeitamente calma e racional – tão disposta a expor fraudes e truques quanto a reconhecer os rostos que viu como os dos seus pais. Para mim, foi uma prova valiosa, porque os rostos estavam tão próximos de mim quanto dela, e, por não estar tão emocionada com a sua aparição, pude examinar melhor os seus traços e perceber a semelhança inconfundível entre eles e a minha nova conhecida.

"Charlie" envolveu-se agora numa pequena brincadeira amigável comigo, porque, ao ouvir como falava alto em voz direta, perguntei-lhe se tinha materializado um tórax e esôfago completos.

Ele respondeu que sim.

"E tens língua, dentes e tudo o que pertence à boca e à garganta, Charlie?" continuei.

"Estica o teu indicador o máximo que puderes, Lady Sem Morte," respondeu ele, "e eu mostro-te se tenho."

Fiz o que ele pediu, e uma mão encontrou o meu dedo no escuro e guiou-o até uma boca. Era uma boca enorme – uma verdadeira caverna de Adulão, onde se poderiam esconder setenta profetas.

"Isso não é uma boca?" perguntou Charlie. "E uma boca muito bonita, por sinal?"

Concordei com a sua avaliação.

"Bem, coloca o dedo dentro dela," continuou ele. "Não tenhas medo, não te morderei, e diz-lhes o que sentes."

Coloquei o dedo na boca e examinei cuidadosamente o seu interior. Era húmido e macio, como a boca de qualquer mortal. Pude sentir o palato e a língua, que parecia também muito grande; depois fiz um exame às gengivas, que me pareceram inchadas, como as de um bebé a romper os dentes – mas não havia dentes.

Relatei ao grupo exatamente o que senti, acrescentando:
"Deves ser muito jovem, Charlie, já que ainda não rompeste os dentes."

"Sim," respondeu ele. "Já está na hora de os cortar, não achas?"

E, com o meu dedo ainda dentro da boca dele, todos os dentes apareceram de repente, tanto na arcada superior como na inferior, e Charlie deu-me uma mordida tão forte que gritei e retirei o dedo.

A seguir, apareceu uma magnífica aparição no centro da mesa – um príncipe indiano, muito corpulento e muito moreno, vestido com roupas brancas, com correntes de ouro e joias penduradas ao redor do pescoço e repousando sobre o seu amplo peito, e um turbante na cabeça, cintilando com esmeraldas, rubis e diamantes.

A sua tez era muito escura – quase negra – para um indiano oriental, e os seus traços eram grossos e pouco atraentes.

Assim que ele apareceu, a Sra. A exclamou: "Oh, aqui está o Marajá!"

Para explicar por que motivo um potentado tão majestoso visitou o nosso pequeno círculo, devo primeiro mencionar que a Sra. A tinha sido casada anteriormente com o Capitão N-, um oficial do exército indiano e que, quando era uma jovem noiva, ela e o marido, acompanhados por outros europeus, foram convidados para um jantar de Estado com o Marajá de (esqueci o nome do seu domínio).

Como a Sra. N era muito jovem e muito bela, e a única mulher presente, o Marajá, que também era bastante jovem na altura, mostrou-lhe grande atenção.

Quando o jantar terminou, pediu permissão para a conduzir à presença da sua mãe, a Rani, que residia no palácio, mas que, segundo os costumes orientais, não podia comparecer ao banquete.

O Capitão N concordou de imediato com o pedido, mas a pobre jovem noiva ficou apavorada com a ideia de ter de ir sozinha com o Marajá e recusou-se veementemente.

A expressão do Marajá escureceu com a sua recusa, e o marido, receando que a sua obstinação pudesse causar algum problema com o anfitrião, insistiu para que ela o acompanhasse, a fim de ser apresentada à Rani.

A Sra. A descreveu-me o seu estado de absoluto terror ao ser levada pelo Marajá pela mão e conduzida até aos aposentos das mulheres do palácio.

Teve de subir escadas escuras e atravessar corredores sombrios, imaginando, na sua ingenuidade juvenil, que talvez nunca mais visse o marido, que poderia ser mantida lá para sempre, ou mesmo assassinada pelos indianos de pele escura que tanto temia.

No entanto, nada pior lhe aconteceu além de ser apresentada a uma senhora idosa e enrugada, que parecia mais um macaco do que uma mulher, enquanto estava encolhida sobre uma pilha de almofadas – e que era a figura feminina principal do palácio, sendo mãe do soberano reinante.

A Rani olhou para ela com curiosidade e fez várias perguntas ao filho, na sua própria língua – tudo aquilo era incompreensível para a visitante tremendo de medo. Mas então, a provação terminou, e a noiva foi conduzida em segurança de volta aos braços do seu protetor natural.

No entanto, a Sra. A, apesar de muitos anos terem se passado desde essa época, e de ser agora mãe de filhos adultos, nunca esqueceu os seus sentimentos em relação a esse episódio. Disse-me que o reaparecimento do Marajá, mesmo como espírito, fez com que os revivesse intensamente.

Ela não sabia que ele tinha falecido até que ele apareceu através do Sr. Rita, mas afirmou que o reconheceu perfeitamente.

Esta esplêndida aparição permaneceu tempo suficiente para que todos pudessem vê-lo claramente e examinar as magníficas joias que usava.

Ele foi sucedido pelo espírito do Capitão N, que visita frequentemente a sua esposa.

A Sra. A contou-me um facto curioso sobre estas visitas. Tanto ela como o Dr. A haviam sido casados anteriormente, e os seus primeiros cônjuges estão entre os visitantes mais frequentes da sala de sessões.

Porém, embora o Capitão N mantenha uma excelente relação com o Dr. A, chamando-o de "meu querido amigo" e escrevendo-lhe longas cartas de agradecimento pelo cuidado e bondade para com a sua esposa, nunca se refere ao Dr. A como marido da Sra. A, mas sempre como seu "companheiro".

Diz ao médico: "Que Deus o abençoe pelo seu carinho para com a minha querida esposa"; e à Sra. A: "Diz ao teu companheiro o quanto lhe agradeço a sua bondade para contigo."

Assim, mesmo na morte, embora nos digam que no outro mundo não há casamento nem entrega em casamento, os espíritos que verdadeiramente amaram nesta terra mantêm os seus direitos sobre aquilo que um dia foi verdadeiramente deles.

Lembro-me de um caso semelhante, envolvendo um casal que costumava comparecer às minhas sessões. A senhora tinha sido casada antes, e o primeiro marido vinha falar-lhe sobre o seu novo casamento exatamente como teria feito se ainda estivesse vivo, como se ela tivesse cometido bigamia.

A primeira esposa e a filha do Dr. A estão constantemente com ele, e as mulheres das duas famílias mantêm uma relação muito cordial e amigável – como, de facto, não haveria razão para que não tivessem.

Nunca consegui compreender o ciúme dos mortos e penso que isso só pode provir de mentes mesquinhas e indignas. O verdadeiro amor desejaria que aqueles que ficam fizessem o melhor possível com a vida que lhes resta – sabendo como ela é curta e repleta de dificuldades.

Mas voltando à sessão...

O espírito do Capitão N apareceu em uniforme completo do seu regimento, assim como o meu amigo John Powles fez na América. Menciono este facto (assim como todos os outros detalhes que possam parecer triviais) para mostrar como seria difícil manter uma fraude em tais circunstâncias. Sem dúvida, essa é a razão pela qual alguns espíritos são autorizados a aparecer com as roupas que usavam em vida – para evitar que a suspeita de engano surja na mente dos participantes.

O que vi (nunca tendo conhecido o Capitão N em vida) foi um jovem magro, de olhos e cabelos escuros e traços bem definidos, vestido com um uniforme escarlate, com dragonas; mas não consigo descrever os detalhes do uniforme, pois o espírito permaneceu o tempo todo em frente à Sra. A, estando, portanto, de costas para mim. Ele apareceu duas ou três vezes e, em cada ocasião, falou com a esposa em voz direta.

Por esta altura, comecei a pensar que não veria Florence naquela noite – embora, se isso acontecesse, o Sr. Rita seria o primeiro médium através do qual ela não se manifestaria para mim.

No entanto, um pouco depois, senti um toque no ombro vindo de trás e, ao virar-me, vi Florence, completamente formada, de pé atrás da minha cadeira. Ela tinha-se materializado ali ou caminhado até mim vinda do lado do Sr. Rita. Perguntei-lhe se ele a tinha percebido, e ele respondeu que vira uma figura feminina erguer-se ao seu lado, mas não sabia a quem pertencia.

Perguntei a Florence por que não tinha falado com o seu médium, e ela respondeu:
"Eu queria ver-te primeiro, mãe."

A Sra. A estava ansiosa por ver a minha filha mais claramente, pois a luz que carregava era um pouco fraca, o que ela explicou pelo facto de ter se afastado tanto do médium.

"Mas vou torná-la um pouco mais brilhante para a amiga da mãe", acrescentou Florence. Então, abaixando-se no chão como uma criança pequena, e segurando a luz entre as mãos, Florence soprou e soprou sobre ela, até que a chama subiu em espiral, como uma cobra, e a envolveu da cabeça aos pés. Parecia contorcê-la, como se a fosse incendiar; mas, como é óbvio, ela sorriu serenamente por trás da luz, em total segurança, até que esta voltou a diminuir e se apagou no chão.

Florence estava vestida, como sempre, de branco, mas com um tecido mais grosso do que aquele que normalmente a vejo usar – algo mais parecido com caxemira branca do que com musselina, cobrindo-lhe a cabeça e o pescoço.

Fora isso, era exatamente como sempre, beijou-me e acariciou o rosto da Sra. A com a mão antes de voltar para o lado do Sr. Rita.

Houve mais três ou quatro espíritos que apareceram naquela sessão para outros participantes; mas, como eram estranhos para mim, não tomei notas sobre a sua aparição. Registei apenas o que dizia respeito a mim, e creio que isso é suficiente para provar os poderes extraordinários do Sr. Rita.

## CAPÍTULO XIII
## SOBRE MÉDIUNS E SOCIEDADES ESPIRITUALISAS

Fui questionada mais de uma vez sobre quais seriam, na minha opinião, as regras e regulamentos necessários para a criação de uma Sociedade Espírita. Não tendo experiência direta das dificuldades envolvidas na formação de tal sociedade, não sei se a minha opinião terá grande valor – mas, ao mesmo tempo, observei muitas vezes o fracasso de tais empreendimentos e, partindo do princípio de que "o observador vê melhor o jogo", posso pelo menos apontar o que considero ser a causa.

Se eu estivesse prestes a fundar uma sociedade desse tipo, a minha primeira ação seria reunir um número suficiente de subscritores para garantir o sucesso financeiro. É muito bonito dizer que, numa causa tão elevada, o dinheiro deveria ser uma preocupação secundária e que nenhuma ideia mercenária deveria interferir numa questão espiritual. Mas digam-me: os cristãos não pagam pela manutenção e pela propagação da sua religião em cada igreja, da mais humilde à mais grandiosa?

Podem entrar em qualquer templo para rezar ou ouvir um sermão sem que lhes seja estendida uma sacola de coleta para receber as suas contribuições? Podem entrar ou sair de uma igreja sem serem confrontados com um prato cheio de moedas, esperando que adicionem a sua parte? Os pastores convidam as suas congregações a "comer mel e beber leite, sem dinheiro e sem preço" – mas quando é que essas congregações realmente os recebem gratuitamente?

Não há pedintes mais constantes do que o clero da Igreja Anglicana, e justificam os seus pedidos com a passagem bíblica que diz: *"O trabalhador é digno do seu salário."* Não nego essa afirmação, mas sustento que o Espiritualista não deveria esperar desfrutar dos privilégios da sua religião gratuitamente mais do que o cristão.

Vivemos numa época de ganância e de grandes despesas. No ano do Senhor de 1894, nada se consegue sem dinheiro, e os dias em que as congregações se reuniam sob a copa das árvores para realizar as suas reuniões de oração e louvor já passaram. Uma sociedade espírita precisa de uma sala para se reunir e de pregadores para conduzir os serviços, tal como os cristãos – e esses luxos devem ser pagos.

Muitas pessoas que sentem curiosidade pelo Espiritualismo disseram-me mais de uma vez: "Gostaria que não houvesse dinheiro envolvido nisso. Parece-me que seria muito mais fácil acreditar se não houvesse nada a pagar. Dinheiro e Espiritualismo não deveriam estar ligados. Assim que a questão do dinheiro entra em jogo, surge a suspeita de fraude."

Mas porquê?

Será que há, necessariamente, fraude na Igreja, só porque as rendas dos bancos são altas e as subscrições são incessantes? Serão os ministros desonestos só porque recebem os seus estipêndios trimestralmente e trocam alegremente uma paróquia pobre por uma rica, porque lhes paga melhor? E por que razão os médiuns, que gastam muito mais da sua energia na prática da sua profissão do que qualquer membro do clero, deveriam ser privados da recompensa devida ao seu grande trabalho?

A minha resposta a essas objeções costuma ser:

"Não tenho a menor dúvida de que gostariam mais se não houvesse dinheiro envolvido; que prefeririam receber tudo gratuitamente, tirar tudo o que pudessem e nada dar em troca – e depois voltariam para casa a dizer que o médium os enganou só para ganhar notoriedade. Mas o que diriam se eu vos pedisse que caminhassem daqui até Londres e voltassem, para me trazerem um livro que me convencesse de uma verdade vital? A vossa resposta seria que não podem gastar nem tempo nem energia nessa tarefa, e que, se fosse absolutamente necessário eu ter o livro, então deveria pagar a alguém para o obter para mim.

Se querem investigar a verdade de uma doutrina que pode oferecer a certeza da vida após a morte, devem pagar ao médium, cujas forças vitais são severamente enfraquecidas pelo uso dos dons que vos convencerão. Mas, assim que surge a questão do pagamento, a maioria das pessoas recua." Tenho ficado indignada com a mesquinhez demonstrada por dezenas de conhecidos meus nesse aspeto.

Até mesmo completos estranhos enviam-me mechas de cabelo e perguntas escritas, exigindo respostas sobre algum mistério através dos meus amigos clarividentes – sem nunca considerarem que, se obtiverem a resposta que procuram, será o equivalente a pedir a um comerciante que lhes ofereça alguns metros de fita ou um par de luvas, simplesmente pelo prazer de os servir. A primeira coisa que eu garantiria na formação de uma sociedade espírita seria, portanto, os fundos.

Testaria a sinceridade daqueles que expressassem interesse em colaborar no projeto, estabelecendo uma anuidade a ser paga antecipadamente. Se os membros fossem de boa posição, deveria também haver uma taxa de inscrição de uma guinéu, e a anuidade deveria ser do mesmo valor. Não deve haver limite para o número de membros da sociedade. Se o número exceder vinte, as reuniões para o propósito de realização de sessões devem ser divididas entre eles, ou seja, os primeiros vinte da lista terão admissão à primeira sessão profissional, os próximos vinte à segunda, e assim por diante.

Tendo garantido este grande desiderato, o meu próximo passo seria alugar uma sala adequada para realizar as reuniões. Isto, naturalmente, deve variar conforme os meios e a generosidade dos membros; mas eu não assumiria a responsabilidade de formar uma sociedade sem conseguir garantir o aluguer de duas salas de tamanho razoável, ou uma grande, que fosse dedicada exclusivamente às sessões e que não fosse utilizada para outros fins nos intervalos das reuniões – a chave sendo deixada, durante esses períodos, sob os cuidados do secretário.

Já descrevi, no capítulo intitulado "Como investigar o Espiritualismo", como deve ser uma sala de sessões. Não deve ter carpete e as paredes devem ser lisas. O mobiliário deve

consistir numa mesa simples, sem pintura, e tantas cadeiras de assento de palhinha quanto necessário. A janela deve ser equipada com uma cortina espessa de lã escura, que deve ser puxada durante as sessões. Quando a sessão terminar, a cortina deve ser retirada e a janela aberta para permitir a entrada de ar fresco até à próxima utilização da sala; a mesa e as cadeiras devem ser lavadas com sabão e água – sem esquecer o chão – tantas vezes quanto necessário.

A iluminação a ser utilizada exige uma consideração cuidadosa. A lâmpada que vi na casa da Sra. Davidson pareceu-me muito apropriada – o papel de seda laranja amassado, colocado como proteção, sendo favorável à materialização. Mas as luzes usadas nas sessões americanas eram ainda melhores; e, se alguém realmente quiser fazer uma investigação séria, algumas libras gastas no início valerão muito a pena no final.

As lâmpadas americanas eram muito simples – tinham quatro lados de vidro, com uma luz a óleo no centro. Um dos vidros era vermelho, outro azul, outro laranja e outro branco. A lâmpada girava, e os espíritos escolhiam qual a cor que desejavam usar, de acordo com a atmosfera, os participantes presentes ou outras condições conhecidas apenas por eles. Se a luz dos vidros não utilizados fosse demasiado forte, uma folha amassada de papel de seda resolvia rapidamente o problema.

Para uma sala de sessões pública, também, deve haver, sem dúvida, um gabinete. Agora, eu sou totalmente contra todos os testes para médiuns, como amarrá-los, marcá-los, ou costurá-los em sacos, etc. Mas, ao mesmo tempo, considero que um gabinete adequado para materializações é uma necessidade absoluta, não apenas para a satisfação dos participantes, mas para a segurança do médium.

Quantas e quantas pessoas já se sentaram com médiuns confiáveis e acreditaram, na altura, que tudo era legítimo (como, de facto, era), mas depois, ao voltarem para casa, começaram a duvidar do que viram e, por fim, declararam que tudo não passava de uma fraude.

Se o médium tivesse estado sentado num gabinete como o que estou prestes a descrever, tal contradição teria sido evitada. Este gabinete pertencia à Sociedade de Espiritualistas Britânicos e era utilizado nas suas instalações, na Great Russell Street, por William Eglinton. Consistia, tanto quanto posso recordar, num armário simples de madeira, com dois lados, um topo e um fundo, deixando a frente aberta.

Creio que este armário teria cerca de um metro e oitenta de altura, um metro e vinte de largura e pouco mais de dois metros de comprimento. Exatamente no meio dele, havia uma divisória de malha de arame galvanizado, e num dos lados dessa divisória havia uma porta de grade de arame. Onde essa porta se abria, havia uma dúzia de fechos para cadeados; qualquer pessoa podia trazer o seu próprio cadeado, prendê-lo num dos fechos e manter a chave consigo.

Atrás da porta ficava uma poltrona confortável, na qual o médium se sentava, ficando assim encerrado dentro de uma área cercada por malha de arame, deixando um espaço vazio ao seu lado, de igual tamanho. Uma cortina grossa e escura era puxada à frente, ocultando tanto o médium quanto o espaço vazio. Assim, para que os espíritos aparecessem, tinham de atravessar a malha de arame que rodeava o médium e depois passar pela cortina que cobria a abertura.

Desta forma, nunca houve qualquer sombra de suspeita entre os participantes de que o médium pudesse estar a personificar os espíritos que apareciam, enquanto ele, sentindo-se seguro e confortável, conseguia produzir manifestações muito superiores às que obteria de outra forma. Aqui, faço a observação de que não se pode tornar o médium demasiado confortável – muito do poder depende do seu conforto.

Se eu tivesse a organização de um gabinete deste tipo, adicionaria ainda uma divisória de malha de arame colocada a cerca de dois metros da abertura, para que os espíritos se sentissem seguros de não serem agarrados, o que poderia ser prejudicial e perigoso para o médium.

Depois de preparar a minha sala de sessões, o próximo passo seria nomear não apenas um secretário para cuidar dos fundos, mas também um mestre de cerimónias, ou "condutor da sessão", como é chamado na América, para supervisionar o círculo.

Tal árbitro e autoridade é imensamente útil, e gostei do método que vi nos Estados Unidos, onde o condutor falava algumas palavras antes de cada sessão, explicando aos participantes o que se esperava deles e porque estavam ali reunidos.

A presença de um "condutor" frequentemente evita discussões sobre os lugares ou reclamações sobre ter de trocá-los; além disso, serve como um controle contra qualquer tentativa de fraude, seja por parte do médium ou dos participantes. Se os fundos estiverem disponíveis, é muito desejável ter um pequeno harmónio na sala de sessões, bem como alguém que saiba tocá-lo. Os tons solenes do harmónio parecem mais apropriados para um encontro espiritual do que qualquer outro instrumento e combinam perfeitamente com as vozes humanas.

Como a sala estará à disposição da sociedade, aqueles entre o grupo que sabem cantar devem marcar uma noite por semana para praticar canções adequadas para as sessões. Isso não precisa de consistir em hinos de *Moody e Sankey*, nem, de facto, de qualquer hino religioso. Existem inúmeras melodias suaves e melancólicas que são perfeitamente adequadas para tal ocasião. Acima de tudo, deve-se evitar os cânticos antigos que já foram repetidos tantas vezes em todas as salas de sessões que até os próprios espíritos, provavelmente, já estão fartos de ouvi-los.

Porque é que, assim que se pede uma canção numa sala de sessões, a única coisa que se canta é *The Sweet By-and-By* ou *Footsteps of Angels*? Ouvi uma história engraçada sobre esta questão no outro dia, mas não posso garantir a sua veracidade. Um círculo, ao ser solicitado a "afinar a voz", começou a cantar a imortal e interminável *"Shall We Gather at the River?"*

Assim que terminaram, uma influência manifestou-se, desconhecida de todos os presentes.

Ao ser questionado sobre quem era, respondeu:

*"Sou o infeliz compositor de 'Shall We Gather at the River?'. Se a minha vida tivesse sido duas vezes mais pecaminosa do que foi, teria expiado tudo pelo purgatório que sofri ao ouvir essa melodia cantada tantas vezes, e tão mal, nas vossas diversas reuniões. Não podem encontrar algo diferente para cantar? Estou farto dela até à morte."*

E, de facto, é bem provável que esteja.

Certamente, já que se considera que vale a pena organizar coros para ensaiar ao serviço das igrejas, poderíamos fazer algo semelhante para as nossas salas de sessões. Os horríveis guinchos que normalmente passam por melodia são suficientes não para ressuscitar os mortos, mas para os assustar de volta para as suas esferas. Quando eu organizar a minha sociedade espiritualista, o coro terá de se reunir tão regularmente como se fossem os habitantes da Terra a ouvir os seus esforços, em vez dos habitantes do Céu.

Tendo garantido os meus membros, as quotas anuais e as taxas de admissão, a minha sala de sessões e o meu coro treinado, o próximo passo seria decidir os dias das reuniões. Naturalmente, isso dependerá muito das ocupações e disponibilidades dos participantes, pelo que não se podem estabelecer regras fixas, exceto esta: ninguém deve ser admitido como membro se não puder comparecer regularmente. Se as reuniões forem apenas uma vez por semana, o domingo à noite parece ser o melhor dia, pois as pessoas que trabalham arduamente durante a semana estarão, provavelmente, mais descansadas nessa altura.

E devem lembrar-se de que é impossível obter boas manifestações de corpos cansados e debilitados. Mas talvez prefiram reservar os domingos para ouvir palestras de médiuns em transe, como o Sr. Morse, ou para realizar sessões com médiuns experientes, como a Sra. Davidson. O vosso coro treinado poderá então liderar os cânticos nessas ocasiões, tornando-as ainda mais agradáveis, e as reuniões da sociedade poderão ser realizadas durante a semana.

Estas são, na minha opinião, as regras e regulamentos que devem formar o núcleo de uma sociedade espiritualista; mas, naturalmente, há inúmeras vantagens que podem ser acrescentadas à medida que os membros aumentam e os fundos se tornam mais abundantes. Uma biblioteca de obras sobre o assunto seria de valor inestimável, e, onde a sociedade incluir muitos membros das classes mais baixas, algumas noites poderiam ser dedicadas a leituras de autores e poetas reconhecidos, que tenham partilhado as suas experiências sobre este grande tema com o mundo.

Os livros sobre Espiritualismo não são, geralmente, fáceis de encontrar. São, na sua maioria, caros para comprar, e poucos livreiros os mantêm em stock – sem mencionar que não se encontram em bibliotecas.

Os membros mais ricos de uma sociedade poderiam, portanto, contribuir com alguns exemplares para a formação de uma biblioteca, à qual aqueles que não têm outra forma de os aceder possam recorrer. À medida que a sociedade cresce e se torna mais próspera, poderão contratar médiuns para realizar demonstrações das suas capacidades; convidar pregadores e palestrantes para participar nas reuniões de domingo; organizar encontros agradáveis para os membros, onde possam conhecer-se pessoalmente e promover o espírito de harmonia, que é tão essencial para o sucesso da causa.

Não posso dizer que goste de bailes espiritualistas. Sei que não há mal nenhum na dança – por tudo o que sei, podemos até desfrutá-la no outro mundo, e espero que sim. Mas ainda não estamos lá; ainda não nos libertámos do nosso fardo de pecado e sofrimento. E não gosto da ideia de alegria excessiva associada a algo tão solene quanto o contato com aqueles cuja perda nos fez derramar lágrimas tão amargas. Não invejo o espiritualista que

deixou de encarar a sua crença com uma certa dose de reverência e solenidade. Já ouvi pessoas dizerem-me, depois de falarmos sobre este assunto:

*"Nunca conheci uma mulher como tu. Pareces encarar os espíritos com a mesma naturalidade com que encaras os vivos."*

E respondi:

*"Com licença, mas encaro-os com muito mais respeito. O facto de ter perdido o medo deles não significa que tenha perdido a reverência. Contemplo-os com a mais profunda veneração, e sempre o farei, independentemente da esfera de onde venham. Na minha opinião, só se pode sentir respeito ao contemplar o futuro estado da existência – algo que, por mais que sejamos convencidos da sua realidade, nunca poderemos verdadeiramente compreender até que o adentremos."*

Se convidarem médiuns em transe, médiuns materializadores ou clarividentes para comparecer às vossas reuniões, é possível que permaneçam algumas noites convosco, e um dos membros poderá oferecer-se para os hospedar.

Se for esse o caso, a visita deles deve ser um período de completo descanso, exceto durante as sessões da sociedade. Há muito a dizer sobre a forma como os médiuns devem ser tratados, pois, nesta época, não parece que compreendamos esse assunto. O termo *"sensitivo"* é o mais adequado para essas pessoas dotadas, pois são extremamente sensíveis e, geralmente, frágeis fisicamente.

Tratá-los como pessoas comuns significa exauri-los desnecessariamente; levá-los a eventos sociais animados torna-os incapazes de desempenhar as suas funções mais sérias; arrastá-los para ambientes onde estranhos os bombardearão com perguntas, apenas por curiosidade, submete-os a influências diversas, que podem prejudicar consideravelmente o sucesso das vossas sessões.

Os antigos não tratavam assim os seus médiuns.

Os oráculos de Delfos, as virgens dos templos budistas, as vestais que lidavam com as tábuas divinatórias dos egípcios, os curandeiros das tribos indígenas – todos eram cuidadosamente protegidos da contaminação de influências externas e mantidos sob a salvaguarda dos seus templos ou tribos. Os antigos sabiam que os seus dons espirituais eram de natureza tão delicada e a sua constituição física tão frágil, que, para permanecerem puros e fiáveis, tinham de ser protegidos do mundo exterior.

Mas o que fazemos com os nossos médiuns?

Contratamo-los para as nossas sessões; transformamo-los em objetos de curiosidade para os ignorantes nos intervalos; tentamos obter fenómenos espirituais deles a toda a hora; alimentamo-los, alojamo-los e cansamo-los, como se fossem pessoas comuns.

Muitos médiuns altamente dotados foram acusados (e, infelizmente, com razão) de se renderem ao hábito pernicioso da bebida. Ficarão surpreendidos ao saber que esse hábito, na maioria dos casos, foi induzido pelo tratamento que receberam das mesmas pessoas que mais admiravam os seus dons mediúnicos?

Exaurem-lhes demasiado as forças; nunca os deixam em paz; falam com eles e seguem-nos incessantemente, dia e noite, enquanto estão sob o vosso teto, até que, por fim, ficam tão completamente esgotados que se sentem agradecidos por qualquer estimulante que alivie a sensação de fraqueza, vazio e exaustão absoluta, causada pela vossa hospitalidade bem-intencionada, mas imprudente. Lembrem-se do significado da palavra "médium" – um canal através do qual as águas espirituais são conduzidas até os vossos lábios.

O espírito, ou ego, do médium é forçado a abandonar o seu corpo, enquanto os espíritos dos falecidos passam para ele, utilizando os seus órgãos de pensamento e fala, para vos instruir. Acham que este processo não afeta as forças físicas do médium? Que ele não regressa ao seu corpo exausto, tanto no espírito como na carne?

Observem um médium físico na próxima vez que estiverem com um e vejam como ele arrasta as pernas com dificuldade ao sair da sala de sessões, quando esta termina; olhem para os seus olhos cansados, para o suor que enxuga da testa, para a voz fraca com que responde às vossas perguntas ansiosas, para o sorriso indiferente com que recebe os vossos agradecimentos por uma sessão bem-sucedida.

O homem está completamente esgotado, em corpo e alma; o que ele precisa agora é de uma cama ou um sofá, onde possa deitar-se e descansar durante algumas horas, e de completo silêncio ao seu redor enquanto o faz.

Uma chávena de chá realmente bom – infelizmente, uma raridade nestes dias de baratas imitações – e algum lanche ligeiro, como sanduíches ou um pedaço delicado de pão com manteiga, é o melhor que um médium pode ingerir logo após uma sessão; depois, um bom descanso, seguido de uma refeição substancial, que lhe restaure as energias gastas.

Mas, a menos que em circunstâncias excecionais, nunca ofereçam estimulantes a um médium. A menos que ele esteja prestes a desmaiar ou realmente doente, os seus guias espirituais nunca os recomendarão, e muitos médiuns já me disseram que rastrearam o seu declínio para o vício da bebida até à suposta hospitalidade daqueles que os recebiam. Um bom chá, com uma pitada de *orange pekoe*, é o melhor estimulante para eles; e conheço um médium famoso que nunca ingere outra coisa depois de uma sessão.

Aqui está um exemplo claro de como não protegemos os nossos médiuns suficientemente. As virgens vestais do templo, assim como os sacerdotes antigos, vocês devem lembrar-se, não podiam tocar em bebidas alcoólicas desde o nascimento, pois isso os tornaria inadequados para o serviço religioso.

E também deveríamos proteger a digestão dos nossos médiuns. A digestão tem muito a ver com boas manifestações – de facto, todo o funcionamento interno do corpo influencia os resultados. Lembro-me de como "Joey" ficava irritado quando Willy Eglinton permitia que a sua má alimentação lhe causasse uma dor de cabeça antes de uma sessão, e podíamos ouvi-lo repreendê-lo dentro do gabinete por ter sido tão descuidado.

Naturalmente, enquanto continuarmos a ser tão indiferentes ao Espiritualismo ao ponto de permitir que os nossos médiuns trabalhem para sustentar-se durante o dia, enquanto exercem os seus dons espirituais à noite, nunca poderemos desfrutar das manifestações em perfeição. Um homem que precisa de pensar e trabalhar todo o dia para sustentar a sua família dificilmente estará em boas condições para enfrentar uma experiência tão

desgastante como uma sessão de materialização à noite; e, quando consideramos que ele pode estar a sentar-se até às onze ou meia-noite e, depois, precisa de acordar cedo de novo, não é de admirar que, por vezes, não consiga obter manifestações ou que recorra a estimulantes para manter a sua força.

Um bom médium deveria ser embalado em algodão, lã e lavanda. Quantos são tratados assim? Sabemos que alguns membros do clero da Igreja Anglicana recebem salários miseráveis; mas que remuneração concedemos aos nossos médiuns? Muitos trabalham gratuitamente; muitos são forçados, pela necessidade de sobreviver, a aceitar uma compensação completamente inadequada pelos seus serviços inestimáveis à humanidade; e todos aqueles que o fazem são obrigados a manter isso em segredo, por causa da infame lei que ainda existe nos nossos estatutos sobre bruxaria e videntes.

Quando é que os espiritualistas vão unir-se e organizar uma petição para abolir essa antiga lei retrógrada? Quando a Família Real Britânica segue o Espiritualismo, e inúmeras personalidades de renome já testemunharam a sua veracidade – não está na altura de remover das mãos dos magistrados o poder de enviar médiuns para a prisão como "patifes e vagabundos"?

Os mesmos estatutos determinam que um ator, ao morrer, deveria ser enterrado num cruzamento de estradas, com uma estaca atravessada no coração. O que diriam os amigos do Sr. Irving ou do Sr. Toole se as autoridades legais insistissem em tratar os seus corpos dessa maneira após a morte? No entanto, isso seria tão razoável e legal quanto tratar os médiuns como se fossem todos charlatães a enganar pessoas por dinheiro.

É impossível que, enquanto viverem sob a ameaça da lei e com medo de serem perseguidos a qualquer momento, os médiuns possam demonstrar os seus dons na sua plenitude. Para mim, esta liberdade de preocupações é a razão pela qual as manifestações espirituais são tão superiores na América em comparação com a Inglaterra.

Lá, as pessoas não são tratadas como crianças ou tolas. A lei reconhece que devem ser agentes livres em todas as questões de consciência e não se arroga o direito de lhes ditar as suas opiniões privadas. E por que razão a Inglaterra permite que *Shakers*, *Salvationists* e *Peculiar People* existam e pratiquem as suas religiões em paz (embora, no caso do Exército da Salvação, ninguém mais possa desfrutar de paz), e, no entanto, tenha prazer em perseguir os espiritualistas?

Isso seria um mistério, se eu e muitos outros não soubéssemos que a culpa é dos próprios espiritualistas. Quando é que nos levantamos para proteger os nossos médiuns quando são falsamente acusados? Na América, se um médium fosse acusado de fraude, mil seguidores surgiriam imediatamente para defendê-lo e testemunhar a sua honestidade. Na Inglaterra, o que acontece?

Os jornais dedicados à causa publicam imediatamente todos os detalhes da acusação, garantindo que cheguem aos olhos e ouvidos de quem ainda não ouviu falar deles. Não enviam repórteres especiais para investigar os factos e determinar a veracidade da acusação (que, invariavelmente, vem de um estranho); pelo contrário, transformam-na num artigo sensacionalista para aumentar o interesse do jornal e fazer os céticos dizerem:

*"Ora, até o próprio jornal deles o condena!"*

Ao ler os jornais espiritualistas, poderia pensar-se que foram criados para expor o Espiritualismo em vez de protegê-lo.

Não incluo nesta crítica o *Light*, nem as publicações do Sr. Stead. No entanto, recebi relatos estranhos sobre a falta de informação disponível nos escritórios de alguns jornais espiritualistas. Para que servem esses escritórios?

Qual é o propósito dos secretários e funcionários que os administram, se não for para responder às perguntas daqueles que desejam investigar o Espiritualismo e orientá-los sobre onde ir e a quem recorrer para ajudá-los na sua pesquisa? No entanto, senhoras e senhores já se queixaram a mim de que, ao visitarem esses escritórios para pedir um determinado livro ou o endereço de um certo médium, foram recebidos com pouca cortesia e ainda menos informação.

Os funcionários não tinham o livro; não sabiam se era popular ou não; não conheciam o endereço do médium – nem sabiam nada sobre ele ou ela; não tinham conhecimento de médiuns confiáveis na cidade. Agora, esta é uma bela maneira de promover uma causa ou de persuadir estranhos a aderirem a ela!

Se eu estivesse à frente desse escritório, o funcionário que ousasse dar essas respostas teria sido despedido no sábado seguinte. Por que os secretários desses escritórios não fazem parte do seu dever encontrar os médiuns residentes por toda a Inglaterra, conhecer as suas capacidades e endereços, bem como os seus honorários, caso existam?

Por que não realizam sessões com eles, para poderem dar uma opinião pessoal sobre os seus méritos? E se um certo livro espiritualista não está disponível na sua biblioteca de empréstimo, por que não o encomendam para os seus clientes?

Considerando que, em comparação com outros tipos de literatura, os livros sobre Espiritualismo são escassos, é uma vergonha para a causa que qualquer biblioteca esteja em falta de qualquer um deles – e ainda mais vergonhoso que a pessoa responsável por tal local não tenha pelo menos se familiarizado com o conteúdo e o estilo geral de cada volume escrito sobre o assunto. Se eu tivesse tempo, criaria uma Biblioteca e um Escritório de Pesquisa Espiritualista em Londres que faria todos os outros parecerem insignificantes.

Qual é o sentido de gastar dinheiro para manter tais locais, que deveriam, na atual era de crescente curiosidade sobre o Espiritualismo, estar a atrair milhares de pessoas para a causa, mas que, em vez disso, apenas afastam as pessoas devido à sua indiferença demonstrada?

Quando penso no número de estranhos que me escreveram ou vieram procurar informações desde a publicação de *There is No Death*, sei que, se os jornais espiritualistas fossem como deveriam ser e os seus escritórios tivessem as informações adequadas para fornecer ao público – em vez de descortesia e desatenção; se os próprios espiritualistas demonstrassem mais energia e interesse na sua religião, apoiassem melhor os seus médiuns e fizessem um pouco mais de esforço em geral – o número de adeptos do Espiritualismo já teria duplicado.

O interesse pelo Espiritualismo é muito maior no interior do país do que em Londres. Em várias cidades provinciais, os espiritualistas possuem grandes salas ou templos de reunião,

onde se encontram regularmente para estudar as verdades em que acreditam. Mas, na capital, muitas pessoas vieram ter comigo repetidamente com a mesma queixa:

*"Tenho grande interesse em aprofundar a doutrina, mas não consigo descobrir onde ir nem a quem recorrer."*

Quando é que esta situação será resolvida? Quando teremos um órgão adequado para a divulgação da nossa crença? Quando teremos um templo apropriado para praticá-la? Quando teremos um local de reunião reconhecido, uma biblioteca pública, um escritório onde todas as perguntas sobre o assunto sejam respondidas com cortesia e toda a informação possível seja fornecida?

Até que esse tempo chegue – até que os espiritualistas se unam, aprendam a tratar os seus médiuns corretamente e deixem de acreditar em todas as falsidades que ouvem sobre eles – receio que continuemos como estamos agora: um povo não reconhecido, perseguido, ridicularizado e, presumivelmente, à margem da lei.